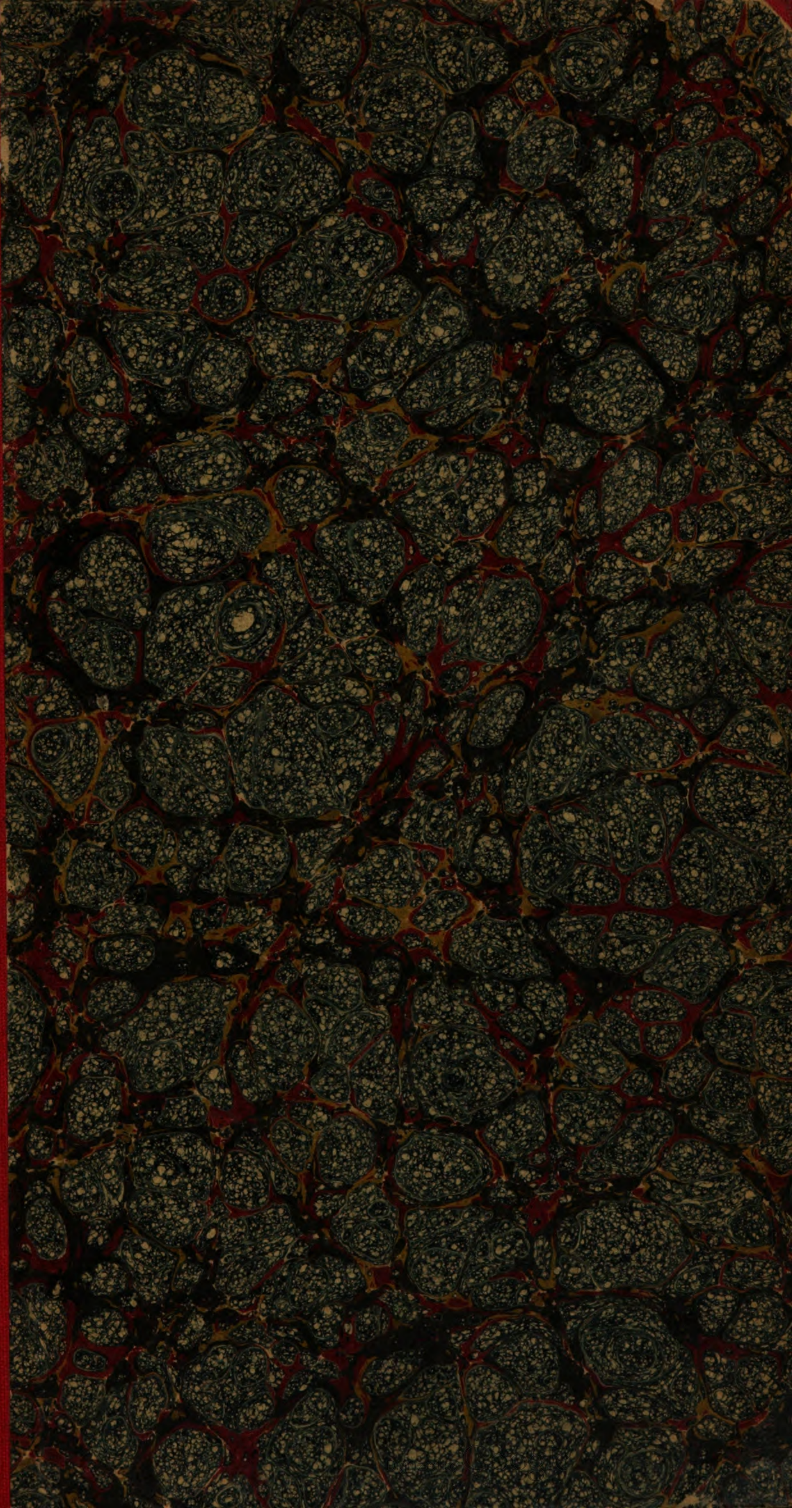


Date Due

NOV 1 1954 S			

APONTAMENTOS

PARA A HISTÓRIA

DOS

JESUITAS

NO

BRASIL

PELO

Dr. Antonio Henriques Leal



Á VENDA NO MARANHÃO

LIVRARIA POPULAR DE MAGALHÃES & C.ª

EDITORES-PROPRIETARIOS

23 LARGO DO PALACIO 23

1874

93.

Herbert H. Smith
Rio. Oct. 1878

APONTAMENTOS

PARA A

HISTÓRIA DOS JESUITAS

NO

BRASIL

APONTAMENTOS

PARA A

HISTÓRIA DOS JESUITAS

NO

BRASIL

PELO

Dr. Antonio Henriques Leal

TOMO I

Á VENDA NO MARANHÃO

LIVRARIA POPULAR DE MAGALHÃES & C.ª

EDITORES-PROPRIETARIOS

23 LARGO DO PALACIO 23

1874

Os exemplares que não tiverem a rubrica dos editores serão julgados contrafeitos, e quem os expozer á venda incorrerá nas penas da lei.

Magalhães & C.ª

IMPRESSO EM LISBOA

TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO

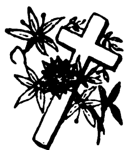
31 RUA DA CRUZ DE PAU 31

Á SAUDOSISSIMA MEMÓRIA

DO MEU AMIGO

O

CONSELHEIRO FRANCISCO JOSÉ FURTADO



PREFAÇÃO

Escrever a história dos jesuitas no Brasil é escrever a do nosso imperio desde o descobrimento até 1724.

As missões e a catechese, as luctas com os indios e com os colonos, as intrigas nos palacios do govêrno, nos senados das camaras, nos collegios dos jesuitas, nos conventos e nos paços episcopaes, são quadros que, traçados por mão de mestre, illuminariam a nossa galeria histórica, dando vida, movimento, côr e o verdadeiro sombreado á mór parte dos acontecimentos e aos factos principaes da nossa história dos tempos coloniaes.

Gonçalves Dias trazia ha annos esse trabalho entre mãos, e se chegou a concluil-o, submergiu-se nas aguas do Maranhão com o seu cadaver, assim como os *Tymbiras* e outras preciosidades, ou param em Alcantara, onde alguns de seus escriptos foram subtrahidos pela vaidosa estupidez de desastrada gralha!...

Com excepção da *História do Brasil* por Southey, outra não conheço até hoje que reuna á belleza do estylo, profundeza de vistas, verdade dos factos e crítica segura e despreoccupada. Entre os escriptores brasileiros hodiernos, quem tinha pulso para isso, em que pese ao sr. Var-

naghen, [1] era, sem contestação, o illustre prosador João Francisco Lisboa, que a uma crítica sagaz alliava um espirito esclarecido e estylo vigoroso e arrebatador.

Dia virá, porém, em que se apresente escriptor que possua todos os predicamentos para realisar tão seductor emprehendimento, e esse achará aqui compilados e resumidos os factos, se bem que por uma só de suas feições, pela mais descórada e imperfeita de certo; mas que lhe proporcionará não só a leitura de obras de difficil acquisição, como poupar-lhe-ha o tempo que consumiria em compulsar outras mui volumosas, para applical-o com mais proveito na investigação das chronicas seculares e das de outras ordens religiosas, das informações dos governadores, das devassas janeirinhas e d'outros documentos, para que consubstancie tudo isto, e d'est'arte complete e forme então a nossa história.

Estes padres, que desde o comêço do seu Instituto foram o alvo dos mais exaggerados encarecimentos e das mais implacaveis accusações, tiveram o singular privilegio

[1] Quando appareceu pela primeira vez este trabalho na segunda parte do tomo XXXIV da *Revista trimensal do Instituto Historico*, acompanhava-o a seguinte nota:

«Vid. a diatribe escripta pelo sr. Varnaghen com o titulo — *Os indios bravos* — impressa em Lima em 1867, tres annos depois de morto este vulto litterario. Foi similhante libello, ao que parece, motivado pelos reparos da nota *E* do volume do *Jornal de Timon*, publicado em Lisboa em 1858, e tanto se temeu de tão robusto adversario, que deixou passar annos e só empoz a morte de Lisboa é que veiu a campo!...»

Enfureceu-se o ex.^m' sr. barão de Porto-Seguro, não tanto com esta nota, como com as verdades a que ella serve de commentario, procurando negar o filho; mas o estylo, e até a orthographia, o denuciam, como bem pondera o nosso talentoso e elegante Joaquim Serra, em um folhetim, publicado na *Reforma* a proposito dos *Selvagens* do ex.mo sr. Couto de Magalhães, e que foi transcripto no n.º 146 do *Paiz* (do Maranhão) de 10 de dezembro (1873). Outras provas tambem possuo, que o legitimam, affirmando-lhe a verdadeira paternidade. Se fosse motivada essa recusa por sincero arrependimento de tão reprovado e descommunal proceder, ninguem mais fallaria em tal, acceitando a desculpa e louvando o acto;

de conservar, depois de extincta a corporação, o louvor e a censura quasi no mesmo grau de effervescencia dos tempos florescentes da Ordem.

Pondo de parte o esmerilhar as causas de tal facto em outras regiões, de que me não tenho por agora de occupar, no Brasil erguia-se uma unica voz e essa de louvores. Conservou-se tradicionalmente no povo por motivo de religião, enraizou-se nos mais illustrados com a licção da *supposta nossa história*, e n'esta crença as medidas do grande ministro portuguez e as publicações que se fizeram no seu tempo passaram desapercebidas ou foram tidas sem discussão como artimanhas politicas que dão pretexto á história sem justificar o resultado do acontecimento.

Tenho ultimamente ouvido alguns, que tomam-se de colera e verberam sem piedade todos quantos não consideram os jesuitas como os dignos, os grandes, os unicos bemfeitores da nossa patria, e defendem-n'os sem treguas, a todo transe, e com tal calor e vehemencia, que, só parece, lhes cobre a roupeta se não o corpo, coração, que por

mas ao passo que o nobre barão dirigia um officio ao Instituto Historico, fazia sair escondida, como de envergonhada, entre os *a pedidos* do *Jornal do Recife* e do *Diario do Maranhão* (n.º 5 de 6 de agosto de 1873) uma correspondencia anonyma, deixando conhecer pelo *dedo* o *gigante*, e n'ella annuncia responder-me energicamente, dissecando os meus *Apontamentos*. Se com effeito o fizer e indicar no meu trabalho erros, creia que ficar-lhe-hei por isso muito agradecido. Mas se vier de novo macular as cinzas de João Francisco Lisboa, calumniando seu impolluto e honestissimo caracter «tanto na sua vida particular como na pública», conforme promette; como brasileiro e como comprovinciano e amigo, que fui, da victima, constituo-me na obrigação de desaggravar sua memória, que o requintado odio da mais pueril e ridicula enfatuação procura tisnar. Se o ex.mo sr. barão de Porto-Seguro acha admiradores da ordem d'aquelles de que reza a satyra de Boileau, e com os quaes fórma a sua parceria de *elogio mutuo*, encontra muita gente de bom senso que reprova altamente que venha elle reproduzir a fabula do *Leão moribundo* em grau mais censuravel, dando em um morto. Deploro tambem que não polisse a linguagem do ex.mo sr. barão de Porto-Seguro o titulo que hoje o nobilita, e seja sempre... peão! como já o tem attestado em outras polemicas.

sem dúvida, pertence á Ordem, sendo para elles essa capa tão sagrada e veneranda como a tunica de Christo posta á mercê de um lanço de dados tirado pelos soldados do Pretorio, ou em summa, como que se d'ahi lhes proviesse grave perigo para a salvação da alma, quando menos risco para a ordem pública!

Quando se conhecem os adeptos do jesuitismo fracos, e vêem rebattidos todos os argumentos que produzem em defeza e louvor dos padres na sua passagem pelo nosso territorio, entrincheiram-se por fim nas preconisadas obras e propagação do ensino público, exaggerando tudo isto, [1] como que se as casas e templos que construiram não foram para si, para seus commodos e regalos e para prover sua necessidade, no que não fizeram mais do que os carmelitas, franciscanos, mercenarios e benedictinos. Quanto á creação das escholas e propagação das lettras, não ha n'isso a menor virtude; porque era ella o instrumento do seu predominio, o meio mais poderoso e efficaz de proselytismo e de trazer agrilhoado o povo, tanto que empregava todos os seus esforços por monopolisal-as.

Quanto a mim, não prova tudo isso senão que vae calando nos espiritos a necessidade de se reconsiderar o que obraram os jesuitas no Brasil, e a conveniencia de se ler com reflecção e criterios a sua história, de que aliás são elles os proprios escriptores, e, por consequencia, não isenta de grande somma de parcialidade e inverosimilhança, e bem assim as queixas dos governadores, dos senados das camaras e dos procuradores de diversas capitanías, que adoecem

[1] Já até houve um anonymo — C. C. — que teve o arrojo de asseverar no *Paiz* (jornal do Maranhão) que o nosso quartel do Campo de Ourique foi construido pelos jesuitas! Admira tanto despejo, quando não ha quem ignore que esse edificio foi feito no tempo de D. Maria I por ordem régia e por conta do erario! É a mentira um dos achaques da gente de roupeta e de seus sectarios, assim não ha que admirar esta *esperteza*.

da mesma pecha. Eis o principal motivo que me levou a emprehender tão improbo quanto inglorio trabalho de compilar uma parte do que existe escripto sobre o assumpto.

Como o escriptor latino, longe do odio ou do favor para com uma instituição que, quaesquer que sejam os esforços de alguns espiritos retrogrados e hypocritas, pertence ao passado, contentar-me-hei com a exposição dos factos que extrahi dos seus proprios livros, copiando-lhes trechos textual e fielmente, e deixando ao leitor a deducção dos corolarios; porque o que levo só em mira é poupar aos curiosos e desvelados pelas nossas coisas antigas o enfado de lerem volumosas chronicas e outras obras, escriptas em estylo diffuso, pesado e sêcco, e que amiudeam, explanam e se demoram tanto em descrever os factos, tornando-se por isso soporiferas, semsaboronas, sobre serem a mór parte d'ellas raras e de difficil accesso á leitura. Quiz ao mesmo tempo proporcionar-lhes meios de examinar n'este fiel resumo o que ha de melhor e mais importante com respeito aos jesuitas no Brasil, e que eu não poderia nunca effeituar, se, vindo a Lisboa, não fosse ahi privado, por causa de temerosa enfermidade, de entregar-me a trabalhos que demandassem grande attenção e esfôrço de imaginação. Ha, todavia, um facto que desejo fique bem patente, e é que os jesuitas, sem renunciarem a nenhum de seus principios, mas empregando os mesmos meios de que usaram sempre, poderam no nosso paiz prestar alguns serviços; mas isto só emquanto não obtiveram os mesmos resultados de outras partes, cujas circumstancias differiam das do Brasil primitivo.

Se não é êrro crêl-o, é seguramente crime ensinal-o e tel-o como doutrina. Póde a politica, como se tem visto por muitas vezes, sacrificar a moral ás suas conveniencias; mas um instituto religioso, um ministro da verdade e sacerdote de Deus, não deve esquecer nunca Aquelle em

nome de quem falla; o mal não o póde impôr nem aconselhar em nome de Deus — embora d'elle advenham todos os bens imaginaveis; porque entre o acto e suas consequencias hade medear um instante, um millionesimo de instante. Na vida de um povo isso é nada, se quizerem a todo o custo desculpar a politica; porém n'esse espaço infinitamente breve (note-se que reflexiono eu que não sou sacerdote, antes secular, e secular taxado por alguns hypocritas de racionalista e não sei de que mais peccados) póde elle ser chamado á presença do Altissimo com o crime nas mãos, e, na sua cegueira, ufano de o haver commettido. Demais, só a Deus é dado saber o mal ou o bem que hade necessariamente resultar de um facto.

Como o semeador de abrolhos, de que falla o Evangelho, tiveram os jesuitas larga mésse de espinhos, e na sua condemnação se revelou tremenda a vindicta dos ceus, tornando mais uma vez exacto o *gladio feriet*....

Isto quanto aos meios; porque quanto ao fim parece que se propunham a liberdade dos indios. Mas Deus, que d'elles se servia segundo as vistas da sua alta providencia, tinha disposto que elles, que se declaravam protectores dos indigenas, não fossem senão o instrumento da sua aniquilação, para que os portuguezes podessem na America estabelecer e consolidar seu dominio.

Feito isto, veiu um homem superior, o marquez de Pombal, que rejeitou o instrumento já bastante gasto e usado, e que se tornára inutil depois de completa a obra para que era destinado. Se, conforme dizem os adherentes da Companhia, não houve n'isso justiça, certo que houve logica, e a expulsão, que em parte se baseou em uma accusação calumniosa, mostrou mais uma vez a inexorabilidade da justiça sobrehumana, quando fez reverter contra os jesuitas o princípio subversivo de toda a moral, de que — *os fins justificam os meios!*

Refiro-me aqui ao passado; pois que o Instituto, supprimido a 21 de julho de 1773 por Clemente XIV, que pagou com a vida esse acto, foi restabelecido em toda a christandade pela bulla de 7 de agosto de 1814, como garantia do contracto lavrado tacitamente entre a curia romana e a *Sancta Alliança*. A Companhia de Jesus, que em todo esse periodo tivera casa na Russia, nação heretica á protecção de cujo chefe se acolhêra, acudiu pressurosa ao reclamo do Sancto Padre. O jesuitismo, Protheu que muda de côres e reveste mil fórmas — que com o despotismo mostra-se absolutista, com o povo democrata, e nas revoluções brande o facho dos incendios — abaixando-se, espalmando-se, recurvando-se, diluindo-se e pulverisando-se, por assim dizer, embebe-se e infiltra-se por toda a parte, e está presente ás convulsões da humanidade onde quer que ellas se manifestam, e se lhe offerece ensejo de desacreditar a liberdade — nos delirios da communa de Paris com os petroleiros, na internacional, especulando com a miseria e a ignorancia, nos levantamentos carlistas e cantonaes, onde quer que possa, emfim, inflammar paixões para tornar a liberdade odiosa aos meticulosos, aos timidos, aos proprietarios, aos ricos, aos remediados, aos que teem, em summa, alguma coisa que perder ou familia que zelar. Incançavel e perseverante na sua obra de seculos, sonda todos os terrenos, e onde quer que o encontre azado a recebel-o, implanta-se-lhe, alastra-se por onde ha sombras, aprofunda como a toupeira, enraiza-se no corpo social, encrosta-se nas instituições livres para prival-as do ar e da luz, enlaça-as, sorve-lhes a seiva até exhauril-as e tornal-as inuteis, se não antagonas, ao povo, que d'antes as considerava arvores de vida. Occulto e protegido pelas communidades religiosas de que se apoderou, e illudindo a vigilancia dos povos livres, entra sorrateiramente com as irmans da caridade, transfigurado em lazaristas, com as confrarias de S. Pedro,

da Propagação da Fé, de S. Francisco Xavier, de S. Francisco Regis, das mulheres educadoras, da *obra* dos advogados das familias, das irmans de Maria, etc., e á sombra d'essa milicia clerical, confundindo e baralhando tudo pela intriga, pela calúmnia, pela astucia, pela excitação das paixões, pelo incitamento e lisonja dos vicios, pelo crime [1], pela superstição, enriquecendo-se por todos os meios que a cubiça e a avareza suggerem-lhe, comtanto que se torne poderosa a Ordem, temida e arbitra de todas as situações e dos destinos do mundo.

As revoluções teem-n'o atravessado e a humanidade caminhado; no meio de tanto movimento, conservando immutaveis os seus principios, é o que era desde o seu comêço — a morte voluntaria da consciencia, a demissão de si proprio, a consequencia inevitavel e rigorosa da doutrina de submissão e obediencia cega dos membros a seus superiores — *per inde ac cadaver* ou *limam in manibus fabri*. Para que se ajuize d'essa nefasta corporação basta attentar nos preceitos da *Monita secreta* [2], que dizem bem alto o que é ella, a inimiga irreconciliavel do livre arbitrio, levando a desordem ao lar domestico, a espionagem e delação entre esposos, paes, filhos e amos; a perturbação nas consciencias, abattendo e rebaixando a natureza humana, e isto onde quer que ella predomina.

Restar-me-hia, por derradeiro, ventilar uma grave questão, qual a de saber se na actualidade conviria ao Brasil tal corporação; mas além de julgal-a ociosa, longe me

[1] Se quizerem pôr em dúvida que fosse obra dos jesuitas a tentativa do attentado contra a vida de D. José I de Portugal, não poderão negar os regicidios practicados em França pelos jesuitas Jacques Clement, João Chutel e Ravaillac contra Henrique III e Henrique IV.

[2] Vid. a nota *A*, onde vem transcripto esse corpo de delicto do que é e do que pretende a Companhia de Jesus.

arrastariam considerações de toda a monta, dizendo sempre de passagem que devem ser attendidas outras causas, visto que as nossas circumstancias felizmente mudaram: em vez de colonia está constituido um imperio; em vez de tutelados somos brasileiros; em vez de govêrno absoluto e despotico rege-nos uma constituição livre com o systema representativo; e em vez de subditos somos cidadãos. E o que foram os jesuitas? Um estado no estado, e ao mesmo tempo a egreja na egreja. E ainda hoje qual o seu ideal? A theocracia, o predominio da curia romana nos négocios das nações — a submissão do temporal ao espiritual, da politica ao ecclesiastico — a realisação das doutrinas de um dos seus doutores, de Bellarmino, que proclamava: — *Clericos a jurisdictione seculari exemplos non tantum in spiritualibus ad etiam in temporalibus* (*De potest. sum. pontif.*, *cap.* XXXIV § 273, 281, 283). Tracta-se, pois, de saber se convem para o nosso paiz uma instituição que dominava os reis nos conselhos, o povo no pulpito, as familias no confissionario e as crianças nas escholas.

Senhores por esta fórma do estado, que dirigiam, das consciencias, que governavam, das indoles, que preparavam, do mundo, por onde se derramavam, do presente, que com todos estes elementos era seu, e até do futuro, pela educação, cuja direcção era sua, pelas histórias que escreviam e que faziam ler e decorar nas aulas, impunham-se d'est'arte á posteridade! Tal corporação sería, por sem dúvida, um disparate, uma anomalia, uma excrescencia repulsiva no seculo XIX, e demais, sem raizes no povo, poderia apenas contar com as sypathias de governantes de pensar retrospectivo, que se contentassem mais com as apparencias do que com a effectividade do mando.

Reduz-se por fim a questão a saber-se se nas circumstancias actuaes podiam prestar-se á catechese dos indigenas, como nos primeiros annos do seu estabelecimento

no Brasil, ou se procurariam a ruina da liberdade com a vassallagem ultramontana; para não acceitar a segunda hypothese importava primeiro expungir da história a experiencia e subtrahir da intelligencia humana o infinito cabedal de conhecimentos n'ella encelleirado pelas maravilhas e conquistas do nosso seculo, o mais assombroso nos annaes da humanidade, apesar de seus erros.

Por minha parte, desassombrado d'este receio, como estou, e podêmos estar na America livre, torna-se-me facil a imparcialidade para desentranhar das chronicas escriptas em portuguez, em latim, em italiano e hespanhol pelos proprios jesuitas, partes interessadas, o que ha n'esses escriptos de substancial e de interessante para a nossa história patria, e tenho que o consegui; e se n'este trabalho ha pela ventura algum merecimento é unicamente esse, e tambem é o que prevalece nos d'esta natureza.



INTRODUCÇÃO

Foi a Sociedade de Jesus instituida pela bulla pontificia que começa: *Para regimen da egreja militante, etc. (Regimini militantis ecclesiæ, etc.)*, e que traz a dacta de 27 de setembro de 1540. Contava ainda poucos operarios; esses, porém, moços e vigorosos, enthusiastas, cheios de sciencia e de uma espantosa actividade. Começavam de apparecer em toda a parte e em toda a parte tinham a arte de attrahir sobre si os olhos do povo, e a boa fortuna de prender a attenção pública.

A novidade da ordem, o desregramento em que vivia o clero na propria Italia, e até mesmo dentro dos muros de Roma, a crise da reforma que abalava e ameaçava invadir e assenhorear o mundo com a eloquencia audaz e fogosa de Luthero, de Mélanchton e de Calvino, foi tudo aproveitado pela diplomacia de Loyola, e na tormenta que se desfechára contra a nau de S. Pedro julgou o pontifice, e acreditaram os fieis, que a Providencia havia suscitado aquelles obreiros para sustentaculos da egreja, que, nunca d'antes assim conbalida, ameaçava desabar com deploravel ruina.

1551

Loyola, eleito geral da Companhia de Jesus, acceitou o cargo a 17 de abril de 1551. A maioria de seus companheiros estava ausente, em missão da Ordem ou do pontifice. S. Francisco Xavier e Rodrigues em Lisboa; Lefèvre, chamado de Parma, vae assistir á conferencia de Worms; Bobadilla recebe ordem de não abandonar o seu posto da ilha de Ischia, de fórma que foi preciso recolher os votos dos ausentes para a eleição do geral, ou *general*, como melhor e com mais propriedade escreviam os padres em latim; porque, adoptando a linguagem do povo mais conquistador e mais fortemente organisado, e tomando aquelle titulo de accôrdo com a significação da palavra na baixa latinidade, como a adoptaram em francez, e com o sentido da bulla da sua instituição—*para regimen da egreja militante*—ainda n'isto mostrou o Instituto sua profunda sagacidade. Era, por certo, o termo bem cabido a uma associação tão severamente constituida, que deixava atraz de si, e muito longe, todas as corporações e regulamentos d'aquelles tempos.

Os paizes mais cubiçados pelo novo instituto eram:—a Italia, como centro do orbe catholico, e d'onde a protecção decidida do herdeiro de S. Pedro lhe franqueava e aplanava todos os caminhos, e a Peninsula Iberica, patria de Loyola, conhecida pela dedicação á egreja romana e obediencia ás ordens emanadas da séde apostolica, e que tinha as chaves das portas do Oriente, do Novo-Mundo, da Africa, dos Paizes-Baixos e dos demais dominios da Hespanha na Europa. No mundo, na Peninsula, foi, porém, Portugal quem se mostrou sofrego em chamar, hospedar e enriquecer os membros d'aquella Sociedade, antes mesmo da bulla de sua confirmação, como se mais que ne-

nhuma outra nação devesse temer o contágio das idéas da reforma, quando ellas, pelo contrário, não podiam crear raizes n'este paiz pelo espirito religioso do povo, e, mais ainda, pelo odio que aqui se manifestava a tudo quanto tinha resaibos de estrangeirismo; porque com sobrada razão se ufanava de não ter carecido de modelos para chegar ao fastigio de prosperidade a que tinha attingido.

Como quer que fosse, D. Pedro de Mascarenhas, embaixador portuguez juncto á pessoa do Sancto Padre, tomou sob sua protecção os companheiros de Loyola, e apoiado no seu empenho, com a informação favoravel do dr. Diogo de Teive, os recommendou ao seu piedoso monarcha como homens mui proprios para missionarios da India Oriental.

O rei, que então era D. João III, e a rainha D. Catharina, depois regente do reino por sua morte d'elle, acceitaram agradecidos e alvoroçados a proposta, e foi assim que se passaram a Portugal os padres Simão Rodrigues e Francisco Xavier. O último dos dois, varão verdadeiramente apostolico, e que não enxergára no seu Instituto outro fim que não fosse a prégação do Evangelho aos povos ainda privados da luz da revelação, e de uma fé tão viva e inquebrantavel, quanto era o amor que tinha ao proximo, partiu para a India, onde passou trabalhos excessivos, soffreu crueis martyrios e morreu gloriosamente, deixando um nome respeitado pelos barbaros, admirado pelo mundo, pouco depois sanctificado pela nossa egreja, e adorado pelos fieis.[1]

Se é certo haver Loyola apressado a missão do padre

[1] Vid. *Historia da vida do padre Francisco Xavier* por João de Lucena —obra estimada por classica e pela belleza do estylo. Ha d'ella tres edições portuguezas e ultimamente foi reimpressa, fazendo parte da *Livraria Classica* de que é editor o sr. Garnier. Precede-a um estudo do sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro.

Francisco Xavier por ciumes de que se tomou, como asseveram algumas authoridades respeitaveis, e sem que este tivesse conhecimento das leis organicas do Instituto, que só foram bem sabidas muito depois, por occasião do célebre processo de Lully Tolendal, ao menos aquelle sancto varão, pio e modesto como era, acceitou o encargo tão isento de suspeita, com tanta humildade, com quanto esfôrço e constancia varonil se portou ao executal-o!

No entretanto havia sua canonisação de concorrer tão poderosamente para o lustre, engrandecimento e glória do Instituto, que não ha mal em suppôr que para logo todas as baterias jesuiticas convergiram para esse ponto, e que por fins, que se podiam ter por menos temporaes, menos mundanos, se conseguiu isso dentro em um praso admiravelmente curto, se bem que houvesse no acto inteira justiça.

Tomou, comtudo, Simão Rodrigues outro rumo. Portugal se lhe antolhava como uma região muito accommodada á plantação da sua ceára, e antevia que, se assim prestava menos serviço á causa da religião, era de muita utilidade á sua Ordem. Como para isso lhe não faltassem pretextos, deixou Xavier seguir seu destino, e ficou-se em Lisboa para levar a bom caminho seus projectos.

Começando por furtar-se á hospitalidade que o rei lhe mandára preparar benignamente, aposentou-se em um hospicio, d'onde saía a esmolar, visitando tambem cadeias e hospitaes, e exercendo obras de grande piedade e misericordia. Calculava que ao mesmo tempo que captivasse, d'este geito, o espirito do povo, ganharia largas na vontade do rei, a ponto de dominal-o. Surtiu, como sempre, o desejado effeito este expediente, tanto que alguns annos depois achava-se a Companhia em pé tão florescente no reino, que seus membros se haviam espalhado por todo elle, com casas em Evora, em Lisboa, em Coimbra e no Porto, e

isto mau grado a opposição que por toda a parte encontravam os jesuitas; opposição não disfarçada, mas ás claras, mas implacavel e tenaz. Em Lisboa, lastimava o povo que se gastasse tão mal o dinheiro que sería melhor empregado na fortificação e reparo das praças de Africa, com os benemeritos e com as urgencias do estado; e em Coimbra, a universidade, que se via esbulhada de alguns dos seus estabelecimentos e privilegios, procurava reagir. No Porto, já resentido da quebra das condições com que os padres se tinham alli introduzido, declarou o senado da camara em accordam que nenhum morador fosse ousado a mandar seus filhos ás escholas dos padres, sob pena de ser riscado do livro dos cidadãos, no caso de nobreza, e lançado fóra da cidade, com as penas que aprouvesse ao mesmo senado, se fosse peão o delinquente. Em Evora se lhes oppunha o infante D. Henrique, irmão do rei, arcebispo e cardeal, e que, como inquisidor-mór do sancto officio, mandou devassar sobre a doutrina dos padres.

Luctaram contra todos e venceram, graças á protecção do rei, que, onde quer que se achasse, assignava as provisões, cartas e portarias, escriptas por qualquer d'esses religiosos, e nas quaes mandava sentenciar a duras penas os authores de alguns folhetos que por esse tempo se publicaram contra a Companhia, como *se não quizesse*, diz ingenuamente um historiador jesuita, *conhecer por seus vassalos os que estavam julgados por inimigos nossos.*

N'este comenos iam tomando corpo certos acontecimentos, alguns dos quaes, postoque não fossem sem antecedente no Brasil, eram assaz graves para solicitarem a attenção da côrte portugueza. Orellana tinha descido o Amazonas e Ayolas fundado Buenos-Ayres. Os hespanhoes atacavam, pois, o Brasil pelas nossas extremas do norte e do sul, e o proprio centro fôra já por mais de uma vez visitado por aquelles hospedes, cujas vistas não eram nada

caroaveis, nem extremes de perigo. Os portos da Bahia, do Rio de Janeiro e de S. Vicente lhes eram conhecidos, assim como outros pontos da costa do Brasil.

Nem eram estes os unicos contrarios de quem devessem arreceiar-se. Os francezes, desde os primeiros tempos do descobrimento, começaram de lançar olhos cubiçosos sobre o Brasil, cujos mares os atrevidos aventureiros normandos devassavam com tanta frequencia, que era raro aportarem os portuguezes onde quer que fosse, que não encontrassem francezes, ou, pelo menos, ouvissem novas d'elles. É certo que o govêrno d'aquella nação não favorecia taes entreprezas; mas fechava os olhos e tacitamente consentia no commércio de seus subditos, ou, revelando mais a descoberto o seu pensamento, cerrava os ouvidos ás iterativas reclamações do embaixador portuguez em França.

Bem que taes tentativas se fizessem sem nexo e sem continuidade, com os poucos meios de que podiam dispôr particulares, está tambem fóra de dúvida que elles não perderiam ensejo de se estabelecerem no Brasil, se por ventura tomassem pé, como a revezes o tentaram sem frúcto. Se não conseguiram consolidar sua conquista, porque com a sua indole impetuosa e sofrega o francez é apto para os mais grandiosos commettimentos; a persistencia, porém, na resolução, a constancia nos trabalhos longos, penosos e inglorios, dado que uteis, são dotes que lhe negára a natureza, se bem que indispensaveis ao colono.

Para obviar, portanto, os damnos occorrentes da posse hespanhola ou do estabelecimento de uma colonia franceza, Portugal dividíra o Brasil em capitanías, mais por ciume de guardar a conquista do que por convencido da sua futura importancia.

O systema para isso adoptado e que se julgou o mais economico e proveitoso fallava por si, visto ter já sido ante-

riormente levado á práctica na colonisação da ilha da Madeira; porém os seus maus resultados n'aquella vastidão de terras foram tão rapidos como fataes. As capitanías, demasiadamente extensas para serem povoadas pelos esforços dos particulares, estavam muito afastadas da metropole e umas das outras para serem soccorridas; de maneira que assim se viram impossibilitadas de mutuarem-se auxílio, incapazes de resistir aos indigenas e expostas ao mesmo tempo ás tentativas dos aventureiros estranhos, que alli se quizeram estabelecer ainda com meios, por sua mesquinhez, mui desproporcionados á empreza.

Outro mal, e de maior monta, provinha dos mesmos colonos que de ordinario vinham para o Brasil. Para acudir aos seus vastos planos de conquista, Portugal se viu obrigado a trasladar para as suas colonias homens que a vindicta pública stygmatisava por crimes graves, sendo a penalidade dos mais enormes o destêrro temporario ou perpétuo para o Brasil [1] ou para a costa d'Africa, como até agora ainda se practíca para com esta colonia portugueza.

Hoje em dia, quando por uma infeliz experiencia sabemos quão difficil é conter-se na ordem os penitenciarios da Europa, poucos em relação da massa da população, e em tempos em que se respeitam muito mais a lei, e ha excellente policiamento, bem se póde calcular como procederiam esses homens no meio de selvagens e de brenhas impervias, elles que eram muito superiores em número aos seus compatriotas de bons costumes!

Consubstancía Robert Southey n'estas palavras o effeito da politica portugueza: «Suas relações com os selvagens só produziram males, tornando-se todos peiores do que

[1] No foral de João de Barros, que ajunctei na nota *A* de minhas *Locubrações* vem assaz patente esse modo de povoar nossas terras.

d'antes: os anthropophagos adquiriram novos meios de destruição, e os europeus novas prácticas barbaras. Perderam estes esse pavor que sentiam pelos banquetes sanguinarios, apesar da perversidade d'elles, e aquelles o respeito e veneração de uma raça grosseira, no entanto que taes sentimentos poderiam ser aproveitados em beneficio de todos.» [1]

São tambem unisonos n'estas queixas Balthasar Telles, Simão de Vasconcellos e outros chronistas; [2] mas é das palavras de Duarte da Costa, donatario de Pernambuco, d'onde ellas resaltam com mais energia, como de homem virtuoso, magoado e cheio de louvavel indignação. Em todos estes documentos vê-se a improficuidade e insufficiencia dos castigos para a repressão de tantos e tão incessantes crimes. Eis como o donatario se exprimia, segundo leio na excellente memória historica — *O Brasil e a Oceania* — do nosso confrade Gonçalves Dias: «.....certifico a V. A. que *nenhum fruyto nem bem* fazem na terra, mas *muito mal e damno*, e por sua causa se fazem cada dia malles, e o termos perdido *o credito que até aqui tinhamos com os indios*.... e não são para nenhum trabalho, vêm proves e nus e não podem deixar de usar de suas manhas, etc.....» [3]

Eram grandes, por certo, aquelles males; eram porém ainda maiores do que isso, como dá d'elles testimunho o

[1] *History of Brazil*, vol. I, chap. I, in fine, pag. 48 da traducção de que é editor Garnier.

[2] Vid. a *Chronica da Companhia de Jesus*, quer a escripta por Balthasar Telles, hoje mui rara, ou a de S. de Vasconcellos, não menos rara na primeira edição; mas de que ha modernamente segunda. Resumo ambas no corpo d'esta obra.

[3] Vid. *Brasil e Oceania*, memória apresentada no Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil por A. Gonçalves Dias, impressa no vol. VI, de suas *Obras Posthumas*, de pag. 264 a 266, ou no tom. XXX da *Revista Trimensal* do Instituto Historico e Geographico, a pag. 276.

regimento de Thomé de Sousa, cujo registo official escapou por casualidade ao terremoto de Lisboa. D'elle se evidencía que eram as vistas da metropole contrariadas no modo por que eram tractados os selvagens. N'esse documento se prohibia, sob graves penas, a communicação dos portuguezes com os indigenas, a construcção de bergantins com que iam salteal-os para os prear e vender, e isto em tamanho excesso, que Solorzano cita o facto de irem os portuguezes do Brasil ás Indias de Castella para venderem alli escravos. [1]

Por toda a parte se tinham rebellado os indigenas, reduzindo a mór parte das capitanías a ruinas, e os seus donatarios á extrema miseria. Mais audazes com o triumpho anterior, mais fortes com o adjutorio de alguns estrangeiros, mais numerosos pelo descimento e juncção de outros até alli seus adversarios, importava para os chamar á concordia o emprêgo de meios até então não conhecidos. Appareceram, pois, a proposito os jesuitas.

Repitto: não tenho a intenção de abocanhar nem amesquinhar os serviços que alli prestaram os primeiros missionarios. Deus terá acolhido a infinidade de almas de innocentes e convertidos que todos os dias mandavam aos ceus; mas a missão dos jesuitas, segundo hoje nos diz a história, se a lemos sem prevenção, não foi outra senão conter os indigenas, assegurando com a extincção e reducção d'elles o dominio portuguez no Brasil.

Era d'isso que se tractava n'essa epocha. Um rei fradesco e fanatico, qual foi D. João III, a quem Portugal deveu a inquisição e os jusuitas, que tantos sacrificios fez para que Roma os confirmasse, e que tanto se desvelou para os attrahir e estabelecer nos seus dominios, como se

[1] Vid. obras citadas, quanto á primeira na pag. 218, e a esta na pag. 174, 3.° trimestre.

d'ahi dependesse a sua salvação na outra vida como catholico, tal rei não podia pensar em melhoramentos sem lhes associar as *religiões*, assim chamadas no plural para dar a entender que a religião do Crucificado é uma e felizmente independente das ordens religiosas, que estão sujeitas á variedade dos tempos, das pessoas de que se compoem, e das cabeças por que se dirigem.

Por esse tempo já estavam os jesuitas bem entrados no ánimo do rei e com a estrada franca para a Africa e para a Asia, e pouco depois para o Brasil, o que era consequencia de seus progressos anteriores, assim como um effeito das dadivas e outhorgas reaes, e da fôrça expansiva da Sociedade.

Foi o Brasil elevado á categoria de govêrno, e como o seu primeiro donatario tinha levado á India o primeiro jesuita, tambem succedeu que o primeiro governador do Brasil trouxesse os primeiros á Bahia.

Primeiros jesuitas — seus nomes

Partiu Thomé de Sousa de Lisboa a 2 de fevereiro de 1549, e na sua companhia vieram os padres João Aspilcueta, Antonio Peres, Leornardo Nunes, e os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome. Menciono-lhes por extenso os nomes por serem os primeiros jesuitas que pisaram essas terras do Brasil, parecendo-me por isso conveniente assim fazel-o por ser este trabalho a elles consagrado.

Faltava entre elles o superior de todos, o padre Manuel da Nobrega, que, retardado em Coimbra por alguns padecimentos, embarcou-se dias depois no navio em que vinha o provedor da fazenda, André Cardoso de Barros. Alto

mar reuniu-se á conserva do comboi e se passou á nau do governador, onde se achavam seus companheiros.

Nobrega, descendente de familia illustre, era filho de um desembargador e sobrinho do chanceller, empregos ambos n'aquellas eras de muito maior importancia do que a que hoje se lhes dá. Demais, era seu tio, o chanceller, privado do monarcha.

Moço distincto, já formado em canones, sciencia mixta de theologia e de direito, e promettendo de si um brilhante futuro, tanto pelos merecimentos proprios, como pela posição e valimento dos seus, Nobrega parecia destinado a carreira muito diversa d'aquella que depois abraçou e onde se illustrou.

Profissão de Manuel da Nobrega (1544)

Foi despeito o motivo da sua entrada para a Ordem. Tendo vagado uma collegiatura no mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra, oppoz-se elle á cadeira em concurso com outro canonista; mas apesar de sobrepujar ao adversario no exame, foi-lhe este preferido e provido no lugar. Estomagado pelo mallògro de suas bem fundadas esperanças, enfadado com o mundo, e com o desalento proprio do verdor dos annos, não experimentados nem curtidos pelos soffrimentos e desillusões, resolveu-se a buscar consólo na religião, e no anno de 1544 entrou em Coimbra as portas do collegio dos jesuitas, que não eram extranhos ao acontecido, empregando, como é sabido, estes e outros meios occultos e tortuosos para chamarem ao seu aprisco pastores d'aquelle conceito.

De então por diante voltou-se Nobrega para a Ordem que

professára, e com louvavel abnegação de si proprio e esquecimento de quanto o mundo lhe offerecia, entregou-se áquellas obras sanctas de quotidianos sacrificios, em que o amor de Deus e do proximo se amalgama, antes se identifica de um modo admiravel. Começou em Coimbra com exercicios de grandissima piedade. Logo depois entrou em missão por outras provincias de Portugal e de Hespanha, chegando a Sant'Iago e a Salamanca nas suas jornadas, que foram feitas constantemente a pé, sem embargo das distancias, e sempre prompto no termo d'ellas a fazer prégações onde quer que se lhe deparasse opportunidade para isso, sem que lhe servisse de estôrvo o ser gago.

Foi d'este modo ganhando tamanha nomeada, que, apesar de contar tão sómente cinco annos de estada na Ordem, o provincial Simão Rodrigues o achou digno de o substituir n'esta missão, que a principio, segundo se conta, elle ambicionára para si. Novo mallôgro d'este pobre Simão Rodrigues, que, andando sempre em cata de missões remotas, nunca achou léu para sair de Portugal, onde sua Companhia lhe talhava tarefa com que não poderia carregar hombros menos robustos que os do mestre!

Navegava a frota com vento próspero e de feição, empregando os missionarios durante a viagem suas horas em fazer prácticas espirituaes, ouvir de confissão e exercer outras obras de piedade, com o que, é provavel, careassem a vontade e sympathias dos navegantes, como costumavam os da Companhia a exemplo de S. Francisco Xavier, quando em navios portuguezes faziam viagens de longo curso [1]. Com o governador importava, porém, que as obras fossem outras para que maiores fructos produzissem.

Tinha Thomé de Sousa por devoção não comer cabeça de peixe nem de outro qualquer animal, por honra de

[1] Vid. no fim a nota *B*.

S. João Baptista; reprehendeu-lhe Nobrega este costume supersticioso, aconselhando-o a cuidar de outras devoções, e, para melhor o convencer, fez lançar ao mar uma sedella, vindo incontinente e com geral espanto uma cabeça de peixe sem o resto do corpo, que, segundo os chronistas, tinham os anjos cortado e apparelhado para este milagre [1].

Estes e outros similhantes factos, de que estão inçadas as chronicas dos jesuitas, terei occasião de mencionar muitas vezes no decurso d'este trabalho, deixando ao criterio do leitor decidir á luz da simples razão que conceito é licito formar da veracidade d'elles. Quanto a mim são tantos, tão maravilhosos, occorrem com tanta frequencia, a proposito de circumstancias tão minimas e por meio de todos, ainda dos meninos da mais somenos congregação de Jesus, que a sua narração se me afigura não como originada de pura credulidade, senão filha do desejo de abrilhantar e encarecer os merecimentos d'esses servos de Deus e a sanctidade do Instituto, por intervenção de cujos filhos Deus se servia de practicar coisas tão extraordinarias, estupendas e incriveis. Mas n'isso mesmo se funda meu reparo: que se ha milagres, como diz a religião e eu piamente creio, não me parece por outro lado que Deus haja de derogar a todo o momento as leis eternas da natureza para fins talvez, ou antes quasi sempre, inferiores aos meios empregados. Um milagre que bastaria para a conversão do universo á fé christan, tenho por mal cabido quando d'elle não resulta mais que a canonisação de um sancto: e assim tambem quando os anjos descessem dos ceus teriam mais que fazer na terra do que cortar a cabeça a um peixe, só para que os compa-

[1] **Vid., tambem no fim, a nota *C*. Na compilação da *Chronica* de S. de Vasconcellos reproduzo o facto com mais individuação.**

nheiros de Nobrega tivessem mais ascendencia no espirito do governador do Brasil! Estou que Nobrega nenhuma parte teria na propalação d'este facto, que se diz referido pelo proprio governador, e que só foi publicado pelos chronistas da Ordem um seculo depois de acontecido.

Chegada do governador e dos jesuitas á Bahia (29 de março de 1549)

A frota de Thomé de Sousa, que se compunha de cinco navios, com seicentos voluntarios e quatrocentos degradados, entre elles alguns casaes, aportou á Bahia no dia 29 de março seguinte. Desembarcaram na Villa-Velha, povoação em que vivêra Diogo Alvares *(Caramurú)* e residencia do primeiro donatario; mas que já tinha sido entrada dos selvagens no tempo de Francisco Pereira.

Este acontecimento, e, por ventura, outras informações, persuadiram o rei a mandar inserir nos artigos do regimento do governador o exame do lugar em que estava assentada a povoação de S. Salvador, e ver se era accommodado para a fundação de uma cidade, que se devia constituir em séde dos dominios portuguezes na America, e não lhe parecendo tal, escolhesse outro. Assim pareceu, de feito, a Thomé de Sousa, e a povoação que se achava no sítio onde hoje se vêem as egrejas da Victória e da Graça, na cidade da Bahia, foi transferida a meia legua mais para o norte a começar da freguezia da Sé. Deu-se princípio ás edificações com a missa votiva do Espirito-Sancto, celebrada em um altar portatil pelo padre Nobrega, que servia tambem de parocho, e proseguiu-se n'ellas com tanto ardor e constancia, urgidos os recem-chegados pela necessidade e movidos os indigenas de curiosidade, que no fim

de quatro mezes achavam-se erguidos o palacio do governador, casa da camara e contos, baterias para a defeza da cidade, sobre o mar e para o lado de terra, além de outras fortificações, como muros de taipa, e mais de cem fogos para os moradores; sendo para notar que, se não tinham solidez e segurança, suppriam temporariamente as necessidades mais cogentes.

Emquanto se occupava Thomé de Sousa com estas obras, não se esqueciam nem elle, nem os padres da egreja principal, da invocação de *Nossa Senhora da Ajuda*, onde, depois de prompta, os jesuitas celebravam missa, faziam prégação, doutrinavam e administravam os sacramentos, para o que tinham provisão do Sancto Padre, afim de exercerem os officios de curas d'almas. Mas como isto era contra os estatutos da Ordem e só para o caso de faltarem religiosos regulares, *apenas estes chegaram, elles se viram desapressados* de similhante encargo e entregaram a egreja a quem cumpria, para que servisse de matriz. Então arranjaram o seu hospicio no monte chamado do *Calvario*, no meio dos gentios domesticados que povoavam as fraldas e o cume d'essa montanha, para se entregarem exclusivamente, como apregoavam, ao cuidado da conversão e civilisação dos selvagens.

Importa por derradeiro não louvar só as excellencias do systema de catechese e de aldeiamento dos jesuitas, escurecendo o que ha n'elle de pernicioso e incompleto. Se se proclamavam estrenuos defensores da liberdade dos indios, se lastimavam as crueldades de que estes eram victimas, não foi por amor e dó dos infelizes indigenas, senão como meio de opposição ás outras ordens religiosas e aos colonos, seus competidores no commércio e lavoira, bem como de contrariar os governadores, bispos e todos quantos não pactuavam com a Companhia. Houve, é certo, conversões pela prédica, pela persuasão, pelos meios brandos; a mór parte

d'ellas, porém, pela coação e viva fôrça, de que foram conselheiros e instigadores até os primeiros missionarios e mais sanctos e apostolicos membros da Sociedade. O padre Nobrega, escrevendo ao primeiro governador do Brasil, Thomé de Sousa, expressava-se a esse respeito do seguinte modo: «em mentes o gentio não for senhoreado por *guerra e sujeito como o fazem os castelhanos* nas suas terras que conquistam, não se faz nada com elle.» O padre Joseph d'Anchieta insistia por sua parte: «sobre estes indios já temos sabido que *por temor se hãode converter mais que por amor.*» Notava tambem, depois d'elle, o padre Ruy Pereira: «ajudou grandemente a esta conversão (dos indigenas) cair o governador na conta e assentar que *sem temor não póde haver fruyto.*» Vamos agora ao padre Antonio Vieira, que tanto se esforçava a favor dos indios, e que, todavia, aconselhava a fôrça para os domesticar, comparando-os á murta, que, para d'ella affeiçoarem nos jardins estatuas e outros ornatos, cumpre *talhal-a á tesoira!* Em vez de conversos e attrahidos ao gremio da civilisação e do christianismo, moviam-lhes os padres crua guerra, organisando *bandeiras* ou *descidas*, verdadeiros corpos militares, feitos afim de os caçar como feras, preal-os e conduzil-os manietados para as missões, onde, reduzidos ao mais duro captiveiro, eram empregados em todo o genero de misteres braçaes e castigados rigorosamente quando se esquivavam ao trabalho. Em vez de os civilisar, coandolhes nos entenebrecidos e rudes espiritos a luz purissima e suave do Evangelho, substituiam-se os jesuitas aos *pagés* ou feiticeiros, e á *tupan*, á *anhangá*, aos *manitòs*, e a esse esbôço de religião idólatra um Deus vingativo e cruel, e as mais extravagantes prácticas de uma grosseira e infantil superstição. Quanto á leitura e á doutrina limitavam-se a ensinar-lhes orações; e no tendente ás artes ou officios, áquelles de que se utilisavam na agricultura. Fazendeiros e se-

nhores de engenhos de assucar, só cubiçavam os jesuitas os lucros enormes que provinham do monopolio na permuta dos generos, com detrimento das populações e das rendas do estado. Não declamo, reproduzo em breves e rapidos traços aquillo que se encontra nos documentos e é o resultado de estudos desprevenidos e imparciaes. Para aquelles que desejam mais larga noticia, remetto-os para o que a este respeito escreveu o sr. conselheiro Mendes Leal e appenso aqui em nota [1].



[1] Vid. a nota *D* no fim d'este tomo.

APONTAMENTOS

CHRONICA DA COMPANHIA DE JESUS

PELO PADRE-MESTRE BALTHASAR TELLES[1]

(Tomo I—Livro III)

Espalhadas as missões pela Europa, Asia e Africa, o padre-mestre Simão não limitou o seu grande espirito a um só hemispherio. Em 1549 levou a effeito a primeira missão que a Companhia mandou ao Novo-Mundo.

Balthasar Telles pretende que não havia no Brasil quem désse aos indios as boas novas do sagrado Evangelho, e que o primeiro prégador fôra o padre fr. Henrique, da religião seraphica, depois bispo de Ceuta, quem prégou nas praias da capitanía de Porto-Seguro, e celebrou missa durante as quatro semanas, ou pouco mais, que a armada de Pedro Alvares alli esteve ancorada. Não sabía que viessem ou-

[1] Á obsequiosidade do sr. Innocencio Francisco da Silva devo o ter consultado de meu vagar tanto esta obra, que é hoje mui rara, como a primeira edição da *Chronica da Companhia* do padre Simão de Vasconcellos, egualmente rara. Por esse favor e pela presteza com que acudiu ao meu empenho cabe-me aqui reiterar-lhe os meus cordeaes agradecimentos.

tros religiosos ou prégadores ao Brasil a não serem tres ou quatro da mesma ordem, «que tambem acudiram á capitanía de Porto-Seguro, aonde ainda hoje se mostram as ruinas das pobres casinhas, aonde sanctamente habitavam.» Um d'elles morreu afogado, e d'ahi vem o nome do *rio do Frade*, sendo os outros mortos pelos indios.

Diz que el-rei D. João III mandára chamar o padre-mestre Simão, e ordenou-lhe que escolhesse religiosos de grandes espiritos para com a doutrina evangelica trazerem ao aprisco de Christo aquellas feras que viviam sem lei.

O padre Simão, que não podéra acompanhar S. Francisco ás Indias, houve que Deus lhe offerecia a missão do Brasil; era, comtudo, mestre do principe, e conta Balthasar Telles que, apesar d'isso, o rei lhe dera tal permissão limitada por tres annos, e que estava tudo preparado para esta empreza, havendo elle já tirado e obtido a licença de Loyola. Ia com dez companheiros e fazia de conta partir no comêço de 1549. Esperava sómente que chegasse de Roma o padre Martinho de Sancta Cruz, que tinha ido áquella sancta cidade sobre materias de grande importancia para a provincia de Portugal, e em especial para o collegio de Coimbra.

O padre Sancta Cruz morreu quando era esperado, e sobrevieram, além d'isso, tantos negocios graves occasionados de tão gravissimos impedimentos, que o padre Simão não pôde ir.

Inhibido de sua pessoa, escolheu seis religiosos para darem princípio a tão gloriosa empreza, cujos nomes são (Balthasar Telles, *loc. cit.*, cap. II, n.º 7):

O padre Manuel da Nobrega, superior e provincial d'aquella provincia; o padre João de Aspilcueta, o padre Antonio Peres, o padre Leonardo Nunes e os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome.

Partiram com o primeiro governador Thomé de Sousa,

que veiu a ser veador da fazenda d'el-rei D. João III e da rainha D. Catharina.

Partida dos padres com Thomé de Sousa

Partiu Thomé de Sousa em principio de fevereiro de 1549, levando comsigo os padres [1]. Com viagem próspera e monção tendente chegaram á bahia de Todos os Sanctos e desembarcaram na Villa-Velha, onde armaram uma cruz em campo raso, á sombra da qual se alojaram, permanecendo ahi obra de um mez, emquanto tractavam de ganhar as vontades dos barbaros e escolhiam sítio para a nova cidade que queriam fundar. Receioso dos selvagens, o governador trazia a sua gente em ordenança de guerra; comtudo «os indios, esquecidos da sua natural fereza, se vieram metter entre os portuguezes, fiando-se d'elles e admittindo o commércio e resgate que entre si faziam, como se de muito tempo se conheceram. Vendo, pois, o governador que não impediam, antes ajudavam a fundação da cidade, repartiu entre elles certos lugares e sitios para que edificassem as suas casas, etc.» (cap. V).

O author diz que o governador levára do reino a planta da nova cidade, o que me não parece crivel, attentando em que não conhecia a topographia do terreno onde havia de assental-a.

Andavam todos occupados com suas casas, e já com os muros da cidade, conforme a repartição que tinham. Os padres eram *sós* para a obra da egreja, servindo de carpinteiros e pedreiros, etc. Sem alimentos, porque até en-

[1] O padre Nobrega passou-se para a nau do governador já em viagem, por ter partido pouco depois.

tão não tinham ordenado de obrigação, e não querendo ser molestos ao governador, pediam de porta em porta; mas quando os portuguezes mal se precataram a egreja estava capaz de missa, e n'ella prégavam e administravam os padres os sacramentos, fazendo de curas d'almas, visto como então não havia sacerdotes.

Chamou-se a egreja de *Nossa Senhora da Ajuda*. «Porém, como o intento dos padres jesuitas só era acudir aos portuguezes n'esta falta, tanto que do reino foi pessoa sufficiente para curar d'aquellas almas, lhe largaram o sítio e a egreja, que com tanto trabalho tinham edificado, indo-se morar entre os gentios, com grande edificação dos portuguezes.»

Pozeram a sua residencia fóra dos muros, em um monte chamado do *Calvario*. N'aquelle tempo era o monte povoado pelas fraldas e encostas de gentios que viviam nas suas pobres choças e choupanas.

As difficuldades da conversão eram grandes, além da rudeza natural; e «cegos só obravam pela natureza depravada pelo peccado.»

«Por outra parte tambem a vida pouco exemplar de alguma gente portugueza (que n'aquelles tempos obrigada por justiça a ir povoar o Brasil), sua cubiça, seus enganos e sua devassidão nos costumes faziam entre aquelles gentios odioso o nome christão.»

Os poucos padres, ignorantes da lingua, começaram a aprendel-a, e entanto soccorriam-se aos portuguezes que lhes podiam servir de interpretes, e d'esta sorte doutrinavam os gentios que viviam por aquellas montanhas.

Cobrando os indios grande respeito e amor aos padres, vinham buscal-os, como se de muitos annos os conhecessem: já os não estranham, já se fiam d'elles, pedem-lhes remedio nas suas enfermidades, baptismo, etc.

Os padres, então mais confiados, já os reprehendiam de

seus vicios; mas nem por isso produziam effeito suas censuras quanto á golodice da carne humana.

Um dia em que os indios da baixa do monte sacrificavam um prisioneiro, ouvem os padres os gritos e arruido das ceremonias para similhante acto; acodem e acham a victima já estirada por terra; reprehendem-n'os das suas infames iguarias e tiram o cadaver das garras d'aquelles leões carniceiros. Os homens, attonitos, consentem; mas as mulheres, e principalmente as velhas, vendo-se frustradas, soltam gritos espantosos, amotinam os mais gentios afim de virem exigir a preza dos padres, que já a tinham enterrada. Vindo aquelles, revolvem a terra, sacam o cadaver e cortam-lhe um braço. Os padres instam com elles, que se aquietam e voltam atraz. As velhas, porém, vendo-os chegar sem o corpo, improperam-lhes a cobardia. Arrependidos de seus feitos, volvem então armados; porém já ahi não encontram os padres, que, avisados, se recolhem á cidade por mandado do governador.

Pouco faltou que os indios não entrassem os muros d'ella.

No sitio a que os padres se recolheram, na Bahia, fundou-se pelo tempo adiante o seu collegio.

Ao passo que o governador fazia os indios afastaremse da proximidade da cidade por meio das armas de fogo, os affagavam e attrahiam os colonos, julgando as coisas «mais por paixões humanas que por rezões divinas»; diziam que os padres foram causa d'aquelle motim com seus imprudentes fervores e zêlo indiscreto, pondo a risco a cidade toda e seus moradores, tirando o commércio e resgate com os indios, o que tanto lhes importava.

«O governador acudiu a isto com a sua prudéncia e christandade — que os padres o fizeram com bom intento, e que por seu meio e sancto zêlo lhes havia Deus de fazer muitas mercês.»

Passada aquella primeira colera e appetite desordenado, vieram os indios mui arrependidos pedir perdão aos padres e paz aos portuguezes. Disseram então que havia outros muitos similhantes prisioneiros, retidos por outras povoações, no intuito de os cevarem para os comerem. Já que lhes não podiam os padres salvar o corpo, entenderam com as almas. Foram lá e deram-lhes doutrina e baptismo; mas os gentios que tinham para si que a carne humana, depois do baptismo, perdia muito do sabor que d'antes tinha, não consentiram que d'alli por diante tractassem os padres com seus prisioneiros.

Não é crivel o que diz o author — «que os padres iam a estas festas como folgando de assistir a ellas — viam e ouviam tudo, e quando os tinham descuidados, um se chegava ao padecente, instruia-o na fé e dava-lhe o baptismo com a agua de um lenço.»

Tanto se esforçaram os padres, que por fim conseguiram que os barbaros d'aquelle sítio cessassem de comer carne humana e se fizessem ovelhas de Christo.

O padre Manuel da Nobrega

Volvamos agora por um pouco a nossa attenção para este pio varão, segundo o que d'elle referem os chronistas. Diz o padre Balthasar Telles que elle entrou para a Companhia no anno de 1544 (*loc. cit.*, cap. VI, n.º 2).

Era bacharel formado em canones e conhecidamente o melhor do seu curso; «com boas esperanças de grandes despachos, assim por suas partes, como pela muita valia que tinha. O pae, desembargador, um tio «chançarel-mór» e mui valído d'el-rei.» (*loc. cit.*, n.º 3, e S. de Vasconcellos, *Chron. da Comp.*, liv. II).

No fim de seus estudos vagou uma collegiatura; oppoz-se Manuel da Nobrega com outro que lhe era inferior, mesmo a juizo do seu mestre o dr. Martim de Aspilcueta Navarro. O que sabía menos foi o preferido. Entrou para o collegio, d'onde saía a fazer doutrinação pelas cidades e lugares visinhos — muitas missões pelo reino, todas a pé e pedindo esmolas, e fóra do reino, a Salamanca e Sanct'Iago, como fica relatado na *Introducção* d'esta obra.

Desenganado o padre Simão de que não podia ir ao Brasil, resolveu mandar em seu lugar o padre Manuel da Nobrega, então em Coimbra. O padre veiu a pé; mas por mais pressa que se deu, já era partido o governador quando chegou a Lisboa. Embarcou-se, pois, com Antonio Cardoso de Barros [1], sem companheiro algum, até que se encontrou com a frota, e ahi passou-se para a nau do governador, onde iam seus companheiros.

No navio empregou-se em prácticas espirituaes, confissões e outros officios de piedade, e o governador lhe tomou por tudo isso muita affeição.

«Houve um caso, pelo qual quiz Deus indicar qual era a virtude d'esse milagroso varão, e quanta estima queria que d'elle tomasse o governador pera ao diante o favorecer nas conquistas espirituaes, que no Brasil havia de emprehender.»

O governador não comia cabeça de peixe, em commemoração da degolação de S. João Baptista. Foi isto práctica da mesa.

Nobrega o reprehende! Vendo o padre que o não podia persuadir com palavras, que deixasse aquella imaginada devoção, com uma certeza prophetica do que havia de succeder, disse ao governador que mandasse lançar uma li-

[1] Vem por inadvertencia na *Introducção* — André — em vez de — Antonio — por isso apresso me em ractificar esse engano.

93.

Herbert H. Smith
Rio. Oct. 1878

APONTAMENTOS
PARA A
HISTÓRIA DOS JESUITAS
NO
BRASIL

APONTAMENTOS

PARA A

HISTÓRIA DOS JESUITAS

NO

BRASIL

PELO

Dr. Antonio Henriques Leal

TOMO I

Á VENDA NO MARANHÃO

LIVRARIA POPULAR DE MAGALHÃES & C.ª

EDITORES-PROPRIETARIOS

23 LARGO DO PALACIO 23

1874

Os exemplares que não tiverem a rubrica dos editores serão julgados contrafeitos, e quem os expozer á venda incorrerá nas penas da lei.

Magalhães & C.ª

IMPRESSO EM LISBOA
TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO
31 RUA DA CRUZ DE PAU 31

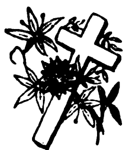


Á SAUDOSISSIMA MEMÓRIA

DO MEU AMIGO

O

CONSELHEIRO FRANCISCO JOSÉ FURTADO



PREFAÇÃO

Escrever a história dos jesuitas no Brasil é escrever a do nosso imperio desde o descobrimento até 1724.

As missões e a catechese, as luctas com os indios e com os colonos, as intrigas nos palacios do govêrno, nos senados das camaras, nos collegios dos jesuitas, nos conventos e nos paços episcopaes, são quadros que, traçados por mão de mestre, illuminariam a nossa galeria histórica, dando vida, movimento, côr e o verdadeiro sombreado á mór parte dos acontecimentos e aos factos principaes da nossa história dos tempos coloniaes.

Gonçalves Dias trazia ha annos esse trabalho entre mãos, e se chegou a concluil-o, submergiu-se nas aguas do Maranhão com o seu cadaver, assim como os *Tymbiras* e outras preciosidades, ou param em Alcantara, onde alguns de seus escriptos foram subtrahidos pela vaidosa estupidez de desastrada gralha!...

Com excepção da *História do Brasil* por Southey, outra não conheço até hoje que reuna á belleza do estylo, profundeza de vistas, verdade dos factos e crítica segura e despreoccupada. Entre os escriptores brasileiros hodiernos, quem tinha pulso para isso, em que pese ao sr. Var-

naghen, [1] era, sem contestação, o illustre prosador João Francisco Lisboa, que a uma crítica sagaz alliava um espirito esclarecido e estylo vigoroso e arrebatador.

Dia virá, porém, em que se apresente escriptor que possua todos os predicamentos para realisar tão seductor emprehendimento, e esse achará aqui compilados e resumidos os factos, se bem que por uma só de suas feições, pela mais descórada e imperfeita de certo; mas que lhe proporcionará não só a leitura de obras de difficil acquisição, como poupar-lhe-ha o tempo que consumiria em compulsar outras mui volumosas, para applical-o com mais proveito na investigação das chronicas seculares e das de outras ordens religiosas, das informações dos governadores, das devassas janeirinhas e d'outros documentos, para que consubstancie tudo isto, e d'est'arte complete e forme então a nossa história.

Estes padres, que desde o comêço do seu Instituto foram o alvo dos mais exaggerados encarecimentos e das mais implacaveis accusações, tiveram o singular privilegio

[1] Quando appareceu pela primeira vez este trabalho na segunda parte do tomo XXXIV da *Revista trimensal do Instituto Historico*, acompanhava-o a seguinte nota:

«Vid. a diatribe escripta pelo sr. Varnaghen com o titulo — *Os indios bravos* — impressa em Lima em 1867, tres annos depois de morto este vulto litterario. Foi similhante libello, ao que parece, motivado pelos reparos da nota *E* do volume do *Jornal de Timon*, publicado em Lisboa em 1858, e tanto se temeu de tão robusto adversario, que deixou passar annos e só empoz a morte de Lisboa é que veiu a campo!...»

Enfureceu-se o ex.[mo] sr. barão de Porto-Seguro, não tanto com esta nota, como com as verdades a que ella serve de commentario, procurando negar o filho; mas o estylo, e até a orthographia, o denunciam, como bem pondera o nosso talentoso e elegante Joaquim Serra, em um folhetim, publicado na *Reforma* a proposito dos *Selvagens* do ex.[mo] sr. Couto de Magalhães, e que foi transcripto no n.º 146 do *Paiz* (do Maranhão) de 10 de dezembro (1873). Outras provas tambem possuo, que o legitimam, affirmando-lhe a verdadeira paternidade. Se fosse motivada essa recusa por sincero arrependimento de tão reprovado e descommunal proceder, ninguem mais fallaria em tal, acceitando a desculpa e louvando o acto;

de conservar, depois de extincta a corporação, o louvor e a censura quasi no mesmo grau de effervescencia dos tempos florescentes da Ordem.

Pondo de parte o esmerilhar as causas de tal facto em outras regiões, de que me não tenho por agora de occupar, no Brasil erguia-se uma unica voz e essa de louvores. Conservou-se tradicionalmente no povo por motivo de religião, enraizou-se nos mais illustrados com a licção da *supposta nossa história*, e n'esta crença as medidas do grande ministro portuguez e as publicações que se fizeram no seu tempo passaram desapercebidas ou foram tidas sem discussão como artimanhas politicas que dão pretexto á história sem justificar o resultado do acontecimento.

Tenho ultimamente ouvido alguns, que tomam-se de colera e verberam sem piedade todos quantos não consideram os jesuitas como os dignos, os grandes, os unicos bemfeitores da nossa patria, e defendem-n'os sem treguas, a todo transe, e com tal calor e vehemencia, que, só parece, lhes cobre a roupeta se não o corpo, coração, que por

mas ao passo que o nobre barão dirigia um officio ao Instituto Historico, fazia sair escondida, como de envergonhada, entre os *a pedidos* do *Jornal do Recife* e do *Diario do Maranhão* (n.º 5 de 6 de agosto de 1873) uma correspondencia anonyma, deixando conhecer pelo *dedo* o *gigante*, e n'ella annuncia responder-me energicamente, dissecando os meus *Apontamentos*. Se com effeito o fizer e indicar no meu trabalho erros, creia que ficar-lhe-hei por isso muito agradecido. Mas se vier de novo macular as cinzas de João Francisco Lisboa, calumniando seu impolluto e honestissimo caracter «tanto na sua vida particular como na pública», conforme promette; como brasileiro e como comprovinciano e amigo, que fui, da víctima, constituo-me na obrigação de desaggravar sua memória, que o requintado odio da mais pueril e ridicula enfatuação procura tisnar. Se o ex.mo sr. barão de Porto-Seguro acha admiradores da ordem d'aquelles de que reza a satyra de Boileau, e com os quaes fórma a sua parceria de *elogio mutuo*, encontra muita gente de bom senso que reprova altamente que venha elle reproduzir a fabula do *Leão moribundo* em grau mais censuravel, dando em um morto. Deploro tambem que não polisse a linguagem do ex.mo sr. barão de Porto-Seguro o titulo que hoje o nobilita, e seja sempre... peão! como já o tem attestado em outras polemicas.

sem dúvida, pertence á Ordem, sendo para elles essa capa tão sagrada e veneranda como a tunica de Christo posta á mercê de um lanço de dados tirado pelos soldados do Pretorio, ou em summa, como que se d'ahi lhes proviesse grave perigo para a salvação da alma, quando menos risco para a ordem pública!

Quando se conhecem os adeptos do jesuitismo fracos, e vêem rebattidos todos os argumentos que produzem em defeza e louvor dos padres na sua passagem pelo nosso territorio, entrincheiram-se por fim nas preconisadas obras e propagação do ensino público, exaggerando tudo isto, [1] como que se as casas e templos que construiram não foram para si, para seus commodos e regalos e para prover sua necessidade, no que não fizeram mais do que os carmelitas, franciscanos, mercenarios e benedictinos. Quanto á creação das escholas e propagação das lettras, não ha n'isso a menor virtude; porque era ella o instrumento do seu predominio, o meio mais poderoso e efficaz de proselytismo e de trazer agrilhoado o povo, tanto que empregava todos os seus esforços por monopolisal-as.

Quanto a mim, não prova tudo isso senão que vae calando nos espiritos a necessidade de se reconsiderar o que obraram os jesuitas no Brasil, e a conveniencia de se ler com reflecção e criterios a sua história, de que aliás são elles os proprios escriptores, e, por consequencia, não isenta de grande somma de parcialidade e inverosimilhança, e bem assim as queixas dos governadores, dos senados das camaras e dos procuradores de diversas capitanías, que adoecem

[1] Já até houve um anonymo — C. C. — que teve o arrojo de asseverar no *Paiz* (jornal do Maranhão) que o nosso quartel do Campo de Ourique foi construido pelos jesuitas! Admira tanto despejo, quando não ha quem ignore que esse edificio foi feito no tempo de D. Maria I por ordem régia e por conta do erario! É a mentira um dos achaques da gente de roupeta e de seus sectarios, assim não ha que admirar esta *esperteza*.

da mesma pecha. Eis o principal motivo que me levou a emprehender tão improbo quanto inglorio trabalho de compilar uma parte do que existe escripto sobre o assumpto.

Como o escriptor latino, longe do odio ou do favor para com uma instituição que, quaesquer que sejam os esforços de alguns espiritos retrogrados e hypocritas, pertence ao passado, contentar-me-hei com a exposição dos factos que extrahi dos seus proprios livros, copiando-lhes trechos textual e fielmente, e deixando ao leitor a deducção dos corolarios; porque o que levo só em mira é poupar aos curiosos e desvelados pelas nossas coisas antigas o enfado de lerem volumosas chronicas e outras obras, escriptas em estylo diffuso, pesado e sêcco, e que amiudeam, explanam e se demoram tanto em descrever os factos, tornando-se por isso soporiferas, semsaboronas, sobre serem a mór parte d'ellas raras e de difficil accesso á leitura. Quiz ao mesmo tempo proporcionar-lhes meios de examinar n'este fiel resumo o que ha de melhor e mais importante com respeito aos jesuitas no Brasil, e que eu não poderia nunca effeituar, se, vindo a Lisboa, não fosse ahi privado, por causa de temerosa enfermidade, de entregar-me a trabalhos que demandassem grande attenção e esfôrço de imaginação. Ha, todavia, um facto que desejo fique bem patente, e é que os jesuitas, sem renunciarem a nenhum de seus principios, mas empregando os mesmos meios de que usaram sempre, poderam no nosso paiz prestar alguns serviços; mas isto só emquanto não obtiveram os mesmos resultados de outras partes, cujas circumstancias differiam das do Brasil primitivo.

Se não é êrro crêl-o, é seguramente crime ensinal-o e tel-o como doutrina. Póde a politica, como se tem visto por muitas vezes, sacrificar a moral ás suas conveniencias; mas um instituto religioso, um ministro da verdade e sacerdote de Deus, não deve esquecer nunca Aquelle em

nome de quem falla; o mal não o póde impôr nem aconselhar em nome de Deus — embora d'elle advenham todos os bens imaginaveis; porque entre o acto e suas consequencias hade medear um instante, um millionesimo de instante. Na vida de um povo isso é nada, se quizerem a todo o custo desculpar a politica; porém n'esse espaço infinitamente breve (note-se que reflexiono eu que não sou sacerdote, antes secular, e secular taxado por alguns hypocritas de racionalista e não sei de que mais peccados) póde elle ser chamado á presença do Altissimo com o crime nas mãos, e, na sua cegueira, ufano de o haver commettido. Demais, só a Deus é dado saber o mal ou o bem que hade necessariamente resultar de um facto.

Como o semeador de abrolhos, de que falla o Evangelho, tiveram os jesuitas larga mésse de espinhos, e na sua condemnação se revelou tremenda a vindicta dos ceus, tornando mais uma vez exacto o *gladio feriet....*

Isto quanto aos meios; porque quanto ao fim parece que se propunham a liberdade dos indios. Mas Deus, que d'elles se servia segundo as vistas da sua alta providencia, tinha disposto que elles, que se declaravam protectores dos indigenas, não fossem senão o instrumento da sua aniquilação, para que os portuguezes podessem na America estabelecer e consolidar seu dominio.

Feito isto, veiu um homem superior, o marquez de Pombal, que rejeitou o instrumento já bastante gasto e usado, e que se tornára inutil depois de completa a obra para que era destinado. Se, conforme dizem os adherentes da Companhia, não houve n'isso justiça, certo que houve logica, e a expulsão, que em parte se baseou em uma accusação calumniosa, mostrou mais uma vez a inexorabilidade da justiça sobrehumana, quando fez reverter contra os jesuitas o princípio subversivo de toda a moral, de que — *os fins justificam os meios!*

Refiro-me aqui ao passado; pois que o Instituto, supprimido a 21 de julho de 1773 por Clemente xiv, que pagou com a vida esse acto, foi restabelecido em toda a christandade pela bulla de 7 de agosto de 1814, como garantia do contracto lavrado tacitamente entre a curia romana e a *Sancta Alliança*. A Companhia de Jesus, que em todo esse periodo tivera casa na Russia, nação heretica á protecção de cujo chefe se acolhêra, acudiu pressurosa ao reclamo do Sancto Padre. O jesuitismo, Protheu que muda de côres e reveste mil fórmas — que com o despotismo mostra-se absolutista, com o povo democrata, e nas revoluções brande o facho dos incendios — abaixando-se, espalmando-se, recurvando-se, diluindo-se e pulverisando-se, por assim dizer, embebe-se e infiltra-se por toda a parte, e está presente ás convulsões da humanidade onde quer que ellas se manifestam, e se lhe offerece ensejo de desacreditar a liberdade — nos delirios da communa de Paris com os petroleiros, na internacional, especulando com a miseria e a ignorancia, nos levantamentos carlistas e cantonaes, onde quer que possa, emfim, inflammar paixões para tornar a liberdade odiosa aos meticulosos, aos timidos, aos proprietarios, aos ricos, aos remediados, aos que teem, em summa, alguma coisa que perder ou familia que zelar. Incançavel e perseverante na sua obra de seculos, sonda todos os terrenos, e onde quer que o encontre azado a recebel-o, implanta-se-lhe, alastra-se por onde ha sombras, aprofunda como a toupeira, enraiza-se no corpo social, encrosta-se nas instituições livres para prival-as do ar e da luz, enlaça-as, sorve-lhes a seiva até exhauril-as e tornal-as inuteis, se não antagonas, ao povo, que d'antes as considerava arvores de vida. Occulto e protegido pelas communidades religiosas de que se apoderou, e illudindo a vigilancia dos povos livres, entra sorrateiramente com as irmans da caridade, transfigurado em lazaristas, com as confrarias de S. Pedro,

da Propagação da Fé, de S. Francisco Xavier, de S. Francisco Regis, das mulheres educadoras, da *obra* dos advogados das familias, das irmans de Maria, etc., e á sombra d'essa milicia clerical, confundindo e baralhando tudo pela intriga, pela calúmnia, pela astucia, pela excitação das paixões, pelo incitamento e lisonja dos vicios, pelo crime [1], pela superstição, enriquecendo-se por todos os meios que a cubiça e a avareza suggerem-lhe, comtanto que se torne poderosa a Ordem, temida e arbitra de todas as situações e dos destinos do mundo.

As revoluções teem-n'o atravessado e a humanidade caminhado; no meio de tanto movimento, conservando immutaveis os seus principios, é o que era desde o seu comêço — a morte voluntaria da consciencia, a demissão de si proprio, a consequencia inevitavel e rigorosa da doutrina de submissão e obediencia cega dos membros a seus superiores — *per inde ac cadaver* ou *limam in manibus fabri*. Para que se ajuize d'essa nefasta corporação basta attentar nos preceitos da *Monita secreta* [2], que dizem bem alto o que é ella, a inimiga irreconciliavel do livre arbitrio, levando a desordem ao lar domestico, a espionagem e delação entre esposos, paes, filhos e amos; a perturbação nas consciencias, abattendo e rebaixando a natureza humana, e isto onde quer que ella predomina.

Restar-me-hia, por derradeiro, ventilar uma grave questão, qual a de saber se na actualidade conviria ao Brasil tal corporação; mas além de julgal-a ociosa, longe me

[1] Se quizerem pôr em dúvida que fosse obra dos jesuitas a tentativa do attentado contra a vida de D. José I de Portugal, não poderão negar os regicidios practicados em França pelos jesuitas Jacques Clement, João Chutel e Ravaillac contra Henrique III e Henrique IV.

[2] Vid. a nota *A*, onde vem transcripto esse corpo de delicto do que é e do que pretende a Companhia de Jesus.

arrastariam considerações de toda a monta, dizendo sempre de passagem que devem ser attendidas outras causas, visto que as nossas circumstancias felizmente mudaram: em vez de colonia está constituido um imperio; em vez de tutelados somos brasileiros; em vez de govêrno absoluto e despotico rege-nos uma constituição livre com o systema representativo; e em vez de subditos somos cidadãos. E o que foram os jesuitas? Um estado no estado, e ao mesmo tempo a egreja na egreja. E ainda hoje qual o seu ideal? A theocracia, o predominio da curia romana nos nėgocios das nações — a submissão do temporal ao espiritual, da politica ao ecclesiastico — a realisação das doutrinas de um dos seus doutores, de Bellarmino, que proclamava: — *Clericos a jurisdictione seculari exemplos non tantum in spiritualibus ad etiam in temporalibus* (*De potest. sum. pontif.*, *cap.* XXXIV § 273, 281, 283). Tracta-se, pois, de saber se convem para o nosso paiz uma instituição que dominava os reis nos conselhos, o povo no pulpito, as familias no confissionario e as crianças nas escholas.

Senhores por esta fórma do estado, que dirigiam, das consciencias, que governavam, das indoles, que preparavam, do mundo, por onde se derramavam, do presente, que com todos estes elementos era seu, e até do futuro, pela educação, cuja direcção era sua, pelas histórias que escreviam e que faziam ler e decorar nas aulas, impunham-se d'est'arte á posteridade! Tal corporação sería, por sem dúvida, um disparate, uma anomalia, uma excrescencia repulsiva no seculo XIX, e demais, sem raizes no povo, poderia apenas contar com as sypathias de governantes de pensar retrospectivo, que se contentassem mais com as apparencias do que com a effectividade do mando.

Reduz-se por fim a questão a saber-se se nas circumstancias actuaes podiam prestar-se á catechese dos indigenas, como nos primeiros annos do seu estabelecimento

no Brasil, ou se procurariam a ruina da liberdade com a vassallagem ultramontana; para não acceitar a segunda hypothese importava primeiro expungir da história a experiencia e subtrahir da intelligencia humana o infinito cabedal de conhecimentos n'ella encelleirado pelas maravilhas e conquistas do nosso seculo, o mais assombroso nos annaes da humanidade, apesar de seus erros.

Por minha parte, desassombrado d'este receio, como estou, e podêmos estar na America livre, torna-se-me facil a imparcialidade para desentranhar das chronicas escriptas em portuguez, em latim, em italiano e hespanhol pelos proprios jesuitas, partes interessadas, o que ha n'esses escriptos de substancial e de interessante para a nossa história patria, e tenho que o consegui; e se n'este trabalho ha pela ventura algum merecimento é unicamente esse, e tambem é o que prevalece nos d'esta natureza.



INTRODUCÇÃO

Foi a Sociedade de Jesus instituida pela bulla pontificia que começa: *Para regimen da egreja militante, etc. (Regimini militantis ecclesiæ, etc.)*, e que traz a dacta de 27 de setembro de 1540. Contava ainda poucos operarios; esses, porém, moços e vigorosos, enthusiastas, cheios de sciencia e de uma espantosa actividade. Começavam de apparecer em toda a parte e em toda a parte tinham a arte de attrahir sobre si os olhos do povo, e a boa fortuna de prender a attenção pública.

A novidade da ordem, o desregramento em que vivia o clero na propria Italia, e até mesmo dentro dos muros de Roma, a crise da reforma que abalava e ameaçava invadir e assenhorear o mundo com a eloquencia audaz e fogosa de Luthero, de Mélanchton e de Calvino, foi tudo aproveitado pela diplomacia de Loyola, e na tormenta que se desfechára contra a nau de S. Pedro julgou o pontifice, e acreditaram os fieis, que a Providencia havia suscitado aquelles obreiros para sustentaculos da egreja, que, nunca d'antes assim conbalida, ameaçava desabar com deploravel ruina.

1551

Loyola, eleito geral da Companhia de Jesus, acceitou o cargo a 17 de abril de 1551. A maioria de seus companheiros estava ausente, em missão da Ordem ou do pontifice. S. Francisco Xavier e Rodrigues em Lisboa; Lefèvre, chamado de Parma, vae assistir á conferencia de Worms; Bobadilla recebe ordem de não abandonar o seu posto da ilha de Ischia, de fórma que foi preciso recolher os votos dos ausentes para a eleição do geral, ou *general*, como melhor e com mais propriedade escreviam os padres em latim; porque, adoptando a linguagem do povo mais conquistador e mais fortemente organisado, e tomando aquelle titulo de accôrdo com a significação da palavra na baixa latinidade, como a adoptaram em francez, e com o sentido da bulla da sua instituição—*para regimen da egreja militante*—ainda n'isto mostrou o Instituto sua profunda sagacidade. Era, por certo, o termo bem cabido a uma associação tão severamente constituida, que deixava atraz de si, e muito longe, todas as corporações e regulamentos d'aquelles tempos.

Os paizes mais cubiçados pelo novo instituto eram:—a Italia, como centro do orbe catholico, e d'onde a protecção decidida do herdeiro de S. Pedro lhe franqueava e aplanava todos os caminhos, e a Peninsula Iberica, patria de Loyola, conhecida pela dedicação á egreja romana e obediencia ás ordens emanadas da séde apostolica, e que tinha as chaves das portas do Oriente, do Novo-Mundo, da Africa, dos Paizes-Baixos e dos demais dominios da Hespanha na Europa. No mundo, na Peninsula, foi, porém, Portugal quem se mostrou sofrego em chamar, hospedar e enriquecer os membros d'aquella Sociedade, antes mesmo da bulla de sua confirmação, como se mais que ne-

nhuma outra nação devesse temer o contágio das idéas da reforma, quando ellas, pelo contrário, não podiam crear raizes n'este paiz pelo espirito religioso do povo, e, mais ainda, pelo odio que aqui se manifestava a tudo quanto tinha resaibos de estrangeirismo; porque com sobrada razão se ufanava de não ter carecido de modelos para chegar ao fastigio de prosperidade a que tinha attingido.

Como quer que fosse, D. Pedro de Mascarenhas, embaixador portuguez juncto á pessoa do Sancto Padre, tomou sob sua protecção os companheiros de Loyola, e apoiado no seu empenho, com a informação favoravel do dr. Diogo de Teive, os recommendou ao seu piedoso monarcha como homens mui proprios para missionarios da India Oriental.

O rei, que então era D. João III, e a rainha D. Catharina, depois regente do reino por sua morte d'elle, acceitaram agradecidos e alvoroçados a proposta, e foi assim que se passaram a Portugal os padres Simão Rodrigues e Francisco Xavier. O último dos dois, varão verdadeiramente apostolico, e que não enxergára no seu Instituto outro fim que não fosse a prégação do Evangelho aos povos ainda privados da luz da revelação, e de uma fé tão viva e inquebrantavel, quanto era o amor que tinha ao proximo, partiu para a India, onde passou trabalhos excessivos, soffreu crueis martyrios e morreu gloriosamente, deixando um nome respeitado pelos barbaros, admirado pelo mundo, pouco depois sanctificado pela nossa egreja, e adorado pelos fieis.[1]

Se é certo haver Loyola apressado a missão do padre

[1] Vid. *Historia da vida do padre Francisco Xavier* por João de Lucena —obra estimada por classica e pela belleza do estylo. Ha d'ella tres edições portuguezas e ultimamente foi reimpressa, fazendo parte da *Livraria Classica* de que é editor o sr. Garnier. Precede-a um estudo do sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro.

Francisco Xavier por ciumes de que se tomou, como asseveram algumas authoridades respeitaveis, e sem que este tivesse conhecimento das leis organicas do Instituto, que só foram bem sabidas muito depois, por occasião do célebre processo de Lully Tolendal, ao menos aquelle sancto varão, pio e modesto como era, acceitou o encargo tão isento de suspeita, com tanta humildade, com quanto esfôrço e constancia varonil se portou ao executal-o!

No entretanto havia sua canonisação de concorrer tão poderosamente para o lustre, engrandecimento e glória do Instituto, que não ha mal em suppôr que para logo todas as baterias jesuiticas convergiram para esse ponto, e que por fins, que se podiam ter por menos temporaes, menos mundanos, se conseguiu isso dentro em um praso admiravelmente curto, se bem que houvesse no acto inteira justiça.

Tomou, comtudo, Simão Rodrigues outro rumo. Portugal se lhe antolhava como uma região muito accommodada á plantação da sua ceára, e antevia que, se assim prestava menos serviço á causa da religião, era de muita utilidade á sua Ordem. Como para isso lhe não faltassem pretextos, deixou Xavier seguir seu destino, e ficou-se em Lisboa para levar a bom caminho seus projectos.

Começando por furtar-se á hospitalidade que o rei lhe mandára preparar benignamente, aposentou-se em um hospicio, d'onde saía a esmolar, visitando tambem cadeias e hospitaes, e exercendo obras de grande piedade e misericordia. Calculava que ao mesmo tempo que captivasse, d'este geito, o espirito do povo, ganharia largas na vontade do rei, a ponto de dominal-o. Surtiu, como sempre, o desejado effeito este expediente, tanto que alguns annos depois achava-se a Companhia em pé tão florescente no reino, que seus membros se haviam espalhado por todo elle, com casas em Evora, em Lisboa, em Coimbra e no Porto, e

isto mau grado a opposição que por toda a parte encontravam os jesuitas; opposição não disfarçada, mas ás claras, mas implacavel e tenaz. Em Lisboa, lastimava o povo que se gastasse tão mal o dinheiro que sería melhor empregado na fortificação e reparo das praças de Africa, com os benemeritos e com as urgencias do estado; e em Coimbra, a universidade, que se via esbulhada de alguns dos seus estabelecimentos e privilegios, procurava reagir. No Porto, já resentido da quebra das condições com que os padres se tinham alli introduzido, declarou o senado da camara em accordam que nenhum morador fosse ousado a mandar seus filhos ás escholas dos padres, sob pena de ser riscado do livro dos cidadãos, no caso de nobreza, e lançado fóra da cidade, com as penas que aprouvesse ao mesmo senado, se fosse peão o delinquente. Em Evora se lhes oppunha o infante D. Henrique, irmão do rei, arcebispo e cardeal, e que, como inquisidor-mór do sancto officio, mandou devassar sobre a doutrina dos padres.

Luctaram contra todos e venceram, graças á protecção do rei, que, onde quer que se achasse, assignava as provisões, cartas e portarias, escriptas por qualquer d'esses religiosos, e nas quaes mandava sentenciar a duras penas os authores de alguns folhetos que por esse tempo se publicaram contra a Companhia, como *se não quizesse*, diz ingenuamente um historiador jesuita, *conhecer por seus vassalos os que estavam julgados por inimigos nossos.*

N'este comenos iam tomando corpo certos acontecimentos, alguns dos quaes, postoque não fossem sem antecedente no Brasil, eram assaz graves para solicitarem a attenção da côrte portugueza. Orellana tinha descido o Amazonas e Ayolas fundado Buenos-Ayres. Os hespanhoes atacavam, pois, o Brasil pelas nossas extremas do norte e do sul, e o proprio centro fôra já por mais de uma vez visitado por aquelles hospedes, cujas vistas não eram nada

caroaveis, nem extremes de perigo. Os portos da Bahia, do Rio de Janeiro e de S. Vicente lhes eram conhecidos, assim como outros pontos da costa do Brasil.

Nem eram estes os unicos contrarios de quem devessem arreceiar-se. Os francezes, desde os primeiros tempos do descobrimento, começaram de lançar olhos cubiçosos sobre o Brasil, cujos mares os atrevidos aventureiros normandos devassavam com tanta frequencia, que era raro aportarem os portuguezes onde quer que fosse, que não encontrassem francezes, ou, pelo menos, ouvissem novas d'elles. É certo que o govêrno d'aquella nação não favorecia taes entreprezas; mas fechava os olhos e tacitamente consentia no commércio de seus subditos, ou, revelando mais a descoberto o seu pensamento, cerrava os ouvidos ás iterativas reclamações do embaixador portuguez em França.

Bem que taes tentativas se fizessem sem nexo e sem continuidade, com os poucos meios de que podiam dispôr particulares, está tambem fóra de dúvida que elles não perderiam ensejo de se estabelecerem no Brasil, se por ventura tomassem pé, como a revezes o tentaram sem fructo. Se não conseguiram consolidar sua conquista, porque com a sua indole impetuosa e sofrega o francez é apto para os mais grandiosos commettimentos; a persistencia, porém, na resolução, a constancia nos trabalhos longos, penosos e inglorios, dado que uteis, são dotes que lhe negára a natureza, se bem que indispensaveis ao colono.

Para obviar, portanto, os damnos occorrentes da posse hespanhola ou do estabelecimento de uma colonia franceza, Portugal dividíra o Brasil em capitanías, mais por ciume de guardar a conquista do que por convencido da sua futura importancia.

O systema para isso adoptado e que se julgou o mais economico e proveitoso fallava por si, visto ter já sido ante-

riormente levado á práctica na colonisação da ilha da Madeira; porém os seus maus resultados n'aquella vastidão de terras foram tão rapidos como fataes. As capitanías, demasiadamente extensas para serem povoadas pelos esforços dos particulares, estavam muito afastadas da metropole e umas das outras para serem soccorridas; de maneira que assim se viram impossibilitadas de mutuarem-se auxílio, incapazes de resistir aos indigenas e expostas ao mesmo tempo ás tentativas dos aventureiros estranhos, que alli se quizeram estabelecer ainda com meios, por sua mesquinhez, mui desproporcionados á empreza.

Outro mal, e de maior monta, provinha dos mesmos colonos que de ordinario vinham para o Brasil. Para acudir aos seus vastos planos de conquista, Portugal se viu obrigado a trasladar para as suas colonias homens que a vindicta pública stygmatisava por crimes graves, sendo a penalidade dos mais enormes o destêrro temporario ou perpétuo para o Brasil [1] ou para a costa d'Africa, como até agora ainda se practíca para com esta colonia portugueza.

Hoje em dia, quando por uma infeliz experiencia sabemos quão difficil é conter-se na ordem os penitenciarios da Europa, poucos em relação da massa da população, e em tempos em que se respeitam muito mais a lei, e ha excellente policiamento, bem se póde calcular como procederiam esses homens no meio de selvagens e de brenhas impervias, elles que eram muito superiores em número aos seus compatriotas de bons costumes!

Consubstancía Robert Southey n'estas palavras o effeito da politica portugueza: «Suas relações com os selvagens só produziram males, tornando-se todos peiores do que

[1] No foral de João de Barros, que ajunctei na nota *A* de minhas *Locubrações* vem assas patente esse modo de povoar nossas terras.

d'antes: os anthropophagos adquiriram novos meios de destruição, e os europeus novas prácticas barbaras. Perderam estes esse pavor que sentiam pelos banquetes sanguinarios, apesar da perversidade d'elles, e aquelles o respeito e veneração de uma raça grosseira, no entanto que taes sentimentos poderiam ser aproveitados em beneficio de todos.» [1]

São tambem unisonos n'estas queixas Balthasar Telles, Simão de Vasconcellos e outros chronistas; [2] mas é das palavras de Duarte da Costa, donatario de Pernambuco, d'onde ellas resaltam com mais energia, como de homem virtuoso, magoado e cheio de louvavel indignação. Em todos estes documentos vê-se a improficuidade e insufficiencia dos castigos para a repressão de tantos e tão incessantes crimes. Eis como o donatario se exprimia, segundo leio na excellente memória historica — *O Brasil e a Oceania* — do nosso confrade Gonçalves Dias: «.....certifico a V. A. que *nenhum fruyto nem bem* fazem na terra, mas *muito mal e damno*, e por sua causa se fazem cada dia malles, e o termos perdido *o credito que até aqui tinhamos com os indios*.... e não são para nenhum trabalho, vêm proves e nus e não podem deixar de usar de suas manhas, etc.....» [3]

Eram grandes, por certo, aquelles males; eram porém ainda maiores do que isso, como dá d'elles testimunho o

[1] *History of Brazil*, vol. I, chap. I, in fine, pag. 48 da traducção de que é editor Garnier.

[2] Vid. a *Chronica da Companhia de Jesus*, quer a escripta por Balthasar Telles, hoje mui rara, ou a de S. de Vasconcellos, não menos rara na primeira edição; mas de que ha modernamente segunda. Resumo ambas no corpo d'esta obra.

[3] Vid. *Brasil e Oceania*, memória apresentada no Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil por A. Gonçalves Dias, impressa no vol. VI, de suas *Obras Posthumas*, de pag. 264 a 266, ou no tom. XXX da *Revista Trimensal* do Instituto Historico e Geographico, a pag. 276.

regimento de Thomé de Sousa, cujo registo official escapou por casualidade ao terremoto de Lisboa. D'elle se evidencía que eram as vistas da metropole contrariadas no modo por que eram tractados os selvagens. N'esse documento se prohibia, sob graves penas, a communicação dos portuguezes com os indigenas, a construcção de bergantins com que iam salteal-os para os prear e vender, e isto em tamanho excesso, que Solorzano cita o facto de irem os portuguezes do Brasil ás Indias de Castella para venderem alli escravos. [1]

Por toda a parte se tinham rebellado os indigenas, reduzindo a mór parte das capitanías a ruinas, e os seus donatarios á extrema miseria. Mais audazes com o triumpho anterior, mais fortes com o adjutorio de alguns estrangeiros, mais numerosos pelo descimento e juncção de outros até alli seus adversarios, importava para os chamar á concordia o emprêgo de meios até então não conhecidos. Appareceram, pois, a proposito os jesuitas.

Repitto: não tenho a intenção de abocanhar nem amesquinhar os serviços que alli prestaram os primeiros missionarios. Deus terá acolhido a infinidade de almas de innocentes e convertidos que todos os dias mandavam aos ceus; mas a missão dos jesuitas, segundo hoje nos diz a história, se a lemos sem prevenção, não foi outra senão conter os indigenas, assegurando com a extincção e reducção d'elles o dominio portuguez no Brasil.

Era d'isso que se tractava n'essa epocha. Um rei fradesco e fanatico, qual foi D. João III, a quem Portugal deveu a inquisição e os jusuitas, que tantos sacrificios fez para que Roma os confirmasse, e que tanto se desvelou para os attrahir e estabelecer nos seus dominios, como se

[1] Vid. obras citadas, quanto á primeira na pag. 218, e a esta na pag. 174, 3.° trimestre.

d'ahi dependesse a sua salvação na outra vida como catholico, tal rei não podia pensar em melhoramentos sem lhes associar as *religiões*, assim chamadas no plural para dar a entender que a religião do Crucificado é uma e felizmente independente das ordens religiosas, que estão sujeitas á variedade dos tempos, das pessoas de que se compoem, e das cabeças por que se dirigem.

Por esse tempo já estavam os jesuitas bem entrados no ánimo do rei e com a estrada franca para a Africa e para a Asia, e pouco depois para o Brasil, o que era consequencia de seus progressos anteriores, assim como um effeito das dadivas e outhorgas reaes, e da fôrça expansiva da Sociedade.

Foi o Brasil elevado á categoria de govêrno, e como o seu primeiro donatario tinha levado á India o primeiro jesuita, tambem succedeu que o primeiro governador do Brasil trouxesse os primeiros á Bahia.

Primeiros jesuitas — seus nomes

Partiu Thomé de Sousa de Lisboa a 2 de fevereiro de 1549, e na sua companhia vieram os padres João Aspilcueta, Antonio Peres, Leornardo Nunes, e os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome. Menciono-lhes por extenso os nomes por serem os primeiros jesuitas que pisaram essas terras do Brasil, parecendo-me por isso conveniente assim fazel-o por ser este trabalho a elles consagrado.

Faltava entre elles o superior de todos, o padre Manuel da Nobrega, que, retardado em Coimbra por alguns padecimentos, embarcou-se dias depois no navio em que vinha o provedor da fazenda, André Cardoso de Barros. Alto

mar reuniu-se á conserva do comboi e se passou á nau do governador, onde se achavam seus companheiros.

Nobrega, descendente de familia illustre, era filho de um desembargador e sobrinho do chanceller, empregos ambos n'aquellas eras de muito maior importancia do que a que hoje se lhes dá. Demais, era seu tio, o chanceller, privado do monarcha.

Moço distincto, já formado em canones, sciencia mixta de theologia e de direito, e promettendo de si um brilhante futuro, tanto pelos merecimentos proprios, como pela posição e valimento dos seus, Nobrega parecia destinado a carreira muito diversa d'aquella que depois abraçou e onde se illustrou.

Profissão de Manuel da Nobrega (1544)

Foi despeito o motivo da sua entrada para a Ordem. Tendo vagado uma collegiatura no mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra, oppoz-se elle á cadeira em concurso com outro canonista; mas apesar de sobrepujar ao adversario no exame, foi-lhe este preferido e provido no lugar. Estomagado pelo mallôgro de suas bem fundadas esperanças, enfadado com o mundo, e com o desalento proprio do verdor dos annos, não experimentados nem curtidos pelos soffrimentos e desillusões, resolveu-se a buscar consôlo na religião, e no anno de 1544 entrou em Coimbra as portas do collegio dos jesuitas, que não eram extranhos ao acontecido, empregando, como é sabido, estes e outros meios occultos e tortuosos para chamarem ao seu aprisco pastores d'aquelle conceito.

De então por diante voltou-se Nobrega para a Ordem que

professára, e com louvavel abnegação de si proprio e esquecimento de quanto o mundo lhe offerecia, entregou-se áquellas obras sanctas de quotidianos sacrificios, em que o amor de Deus e do proximo se amalgama, antes se identifica de um modo admiravel. Começou em Coimbra com exercicios de grandissima piedade. Logo depois entrou em missão por outras provincias de Portugal e de Hespanha, chegando a Sant'Iago e a Salamanca nas suas jornadas, que foram feitas constantemente a pé, sem embargo das distancias, e sempre prompto no termo d'ellas a fazer prégações onde quer que se lhe deparasse opportunidade para isso, sem que lhe servisse de estôrvo o ser gago.

Foi d'este modo ganhando tamanha nomeada, que, apesar de contar tão sómente cinco annos de estada na Ordem, o provincial Simão Rodrigues o achou digno de o substituir n'esta missão, que a princípio, segundo se conta, elle ambicionára para si. Novo mallôgro d'este pobre Simão Rodrigues, que, andando sempre em cata de missões remotas, nunca achou léu para sair de Portugal, onde sua Companhia lhe talhava tarefa com que não poderia carregar hombros menos robustos que os do mestre!

Navegava a frota com vento próspero e de feição, empregando os missionarios durante a viagem suas horas em fazer prácticas espirituaes, ouvir de confissão e exercer outras obras de piedade, com o que, é provavel, careassem a vontade e sympathias dos navegantes, como costumavam os da Companhia a exemplo de S. Francisco Xavier, quando em navios portuguezes faziam viagens de longo curso [1]. Com o governador importava, porém, que as obras fossem outras para que maiores fructos produzissem.

Tinha Thomé de Sousa por devoção não comer cabeça de peixe nem de outro qualquer animal, por honra de

[1] Vid. no fim a nota *B*.

S. João Baptista; reprehendeu-lhe Nobrega este costume supersticioso, aconselhando-o a cuidar de outras devoções, e, para melhor o convencer, fez lançar ao mar uma sedella, vindo incontinente e com geral espanto uma cabeça de peixe sem o resto do corpo, que, segundo os chronistas, tinham os anjos cortado e apparelhado para este milagre [1].

Estes e outros similhantes factos, de que estão inçadas as chronicas dos jesuitas, terei occasião de mencionar muitas vezes no decurso d'este trabalho, deixando ao criterio do leitor decidir á luz da simples razão que conceito é licito formar da veracidade d'elles. Quanto a mim são tantos, tão maravilhosos, occorrem com tanta frequencia, a proposito de circumstancias tão minimas e por meio de todos, ainda dos meninos da mais somenos congregação de Jesus, que a sua narração se me afigura não como originada de pura credulidade, senão filha do desejo de abrilhantar e encarecer os merecimentos d'esses servos de Deus e a sanctidade do Instituto, por intervenção de cujos filhos Deus se servia de practicar coisas tão extraordinarias, estupendas e incriveis. Mas n'isso mesmo se funda meu reparo: que se ha milagres, como diz a religião e eu piamente creio, não me parece por outro lado que Deus haja de derogar a todo o momento as leis eternas da natureza para fins talvez, ou antes quasi sempre, inferiores aos meios empregados. Um milagre que bastaria para a conversão do universo á fé christan, tenho por mal cabido quando d'elle não resulta mais que a canonisação de um sancto: e assim tambem quando os anjos descessem dos ceus teriam mais que fazer na terra do que cortar a cabeça a um peixe, só para que os compa-

[1] Vid., tambem no fim, a nota *C*. Na compilação da *Chronica* de S. de Vasconcellos reproduzo o facto com mais individuação.

nheiros de Nobrega tivessem mais ascendencia no espirito do governador do Brasil! Estou que Nobrega nenhuma parte teria na propalação d'este facto, que se diz referido pelo proprio governador, e que só foi publicado pelos chronistas da Ordem um seculo depois de acontecido.

Chegada do governador e dos jesuitas á Bahia (29 de março de 1549)

A frota de Thomé de Sousa, que se compunha de cinco navios, com seicentos voluntarios e quatrocentos degradados, entre elles alguns casaes, aportou á Bahia no dia 29 de março seguinte. Desembarcaram na Villa-Velha, povoação em que vivêra Diogo Alvares (*Caramurú*) e residencia do primeiro donatario; mas que já tinha sido entrada dos selvagens no tempo de Francisco Pereira.

Este acontecimento, e, por ventura, outras informações, persuadiram o rei a mandar inserir nos artigos do regimento do governador o exame do lugar em que estava assentada a povoação de S. Salvador, e ver se era accommodado para a fundação de uma cidade, que se devia constituir em séde dos dominios portuguezes na America, e não lhe parecendo tal, escolhesse outro. Assim pareceu, de feito, a Thomé de Sousa, e a povoação que se achava no sitio onde hoje se vêem as egrejas da Victória e da Graça, na cidade da Bahia, foi transferida a meia legua mais para o norte a começar da freguezia da Sé. Deu-se princípio ás edificações com a missa votiva do Espirito-Sancto, celebrada em um altar portatil pelo padre Nobrega, que servia tambem de parocho, e proseguiu-se n'ellas com tanto ardor e constancia, urgidos os recem-chegados pela necessidade e movidos os indigenas de curiosidade, que no fim

de quatro mezes achavam-se erguidos o palacio do governador, casa da camara e contos, baterias para a defeza da cidade, sobre o mar e para o lado de terra, além de outras fortificações, como muros de taipa, e mais de cem fogos para os moradores; sendo para notar que, se não tinham solidez e segurança, suppriam temporariamente as necessidades mais cogentes.

Emquanto se occupava Thomé de Sousa com estas obras, não se esqueciam nem elle, nem os padres da egreja principal, da invocação de *Nossa Senhora da Ajuda*, onde, depois de prompta, os jesuitas celebravam missa, faziam prégação, doutrinavam e administravam os sacramentos, para o que tinham provisão do Sancto Padre, afim de exercerem os officios de curas d'almas. Mas como isto era contra os estatutos da Ordem e só para o caso de faltarem religiosos regulares, *apenas estes chegaram, elles se viram desapressados* de similhante encargo e entregaram a egreja a quem cumpria, para que servisse de matriz. Então arranjaram o seu hospicio no monte chamado do *Calvario*, no meio dos gentios domesticados que povoavam as fraldas e o cume d'essa montanha, para se entregarem exclusivamente, como apregoavam, ao cuidado da conversão e civilisação dos selvagens.

Importa por derradeiro não louvar só as excellencias do systema de catechese e de aldeiamento dos jesuitas, escurecendo o que ha n'elle de pernicioso e incompleto. Se se proclamavam estrenuos defensores da liberdade dos indios, se lastimavam as crueldades de que estes eram víctimas, não foi por amor e dó dos infelizes indigenas, senão como meio de opposição ás outras ordens religiosas e aos colonos, seus competidores no commércio e lavoira, bem como de contrariar os governadores, bispos e todos quantos não pactuavam com a Companhia. Houve, é certo, conversões pela prédica, pela persuasão, pelos meios brandos; a mór parte

d'ellas, porém, pela coação e viva fôrça, de que foram conselheiros e instigadores até os primeiros missionarios e mais sanctos e apostolicos membros da Sociedade. O padre Nobrega, escrevendo ao primeiro governador do Brasil, Thomé de Sousa, expressava-se a esse respeito do seguinte modo: «em mentes o gentio não for senhoreado por *guerra e sujeito como o fazem os castelhanos* nas suas terras que conquistam, não se faz nada com elle.» O padre Joseph d'Anchieta insistia por sua parte: «sobre estes indios já temos sabido que *por temor se hãode converter mais que por amor.*» Notava tambem, depois d'elle, o padre Ruy Pereira: «ajudou grandemente a esta conversão (dos indigenas) cair o governador na conta e assentar que *sem temor não póde haver fruyto.*» Vamos agora ao padre Antonio Vieira, que tanto se esforçava a favor dos indios, e que, todavia, aconselhava a fôrça para os domesticar, comparando-os á murta, que, para d'ella affeiçoarem nos jardins estatuas e outros ornatos, cumpre *talhal-a á tesoira!* Em vez de conversos e attrahidos ao gremio da civilisação e do christianismo, moviam-lhes os padres crua guerra, organisando *bandeiras* ou *descidas*, verdadeiros corpos militares, feitos afim de os caçar como feras, preal-os e conduzil-os manietados para as missões, onde, reduzidos ao mais duro captiveiro, eram empregados em todo o genero de misteres braçaes e castigados rigorosamente quando se esquivavam ao trabalho. Em vez de os civilisar, coandolhes nos entenebrecidos e rudes espiritos a luz purissima e suave do Evangelho, substituiam-se os jesuitas aos *pagés* ou feiticeiros, e á *tupan*, á *anhangá*, aos *manitòs*, e a esse esbôço de religião idólatra um Deus vingativo e cruel, e as mais extravagantes prácticas de uma grosseira e infantil superstição. Quanto á leitura e á doutrina limitavam-se a ensinar-lhes orações; e no tendente ás artes ou officios, áquelles de que se utilisavam na agricultura. Fazendeiros e se-

nhores de engenhos de assucar, só cubiçavam os jesuitas os lucros enormes que provinham do monopolio na permuta dos generos, com detrimento das populações e das rendas do estado. Não declamo, reproduzo em breves e rapidos traços aquillo que se encontra nos documentos e é o resultado de estudos desprevenidos e imparciaes. Para aquelles que desejam mais larga noticia, remetto-os para o que a este respeito escreveu o sr. conselheiro Mendes Leal e appenso aqui em nota [1].



[1] Vid. a nota *D* no fim d'este tomo.

APONTAMENTOS

CHRONICA DA COMPANHIA DE JESUS

PELO PADRE-MESTRE BALTHASAR TELLES[1]

(Tomo I — Livro III)

Espalhadas as missões pela Europa, Asia e Africa, o padre-mestre Simão não limitou o seu grande espirito a um só hemispherio. Em 1549 levou a effeito a primeira missão que a Companhia mandou ao Novo-Mundo.

Balthasar Telles pretende que não havia no Brasil quem désse aos indios as boas novas do sagrado Evangelho, e que o primeiro prégador fôra o padre fr. Henrique, da religião seraphica, depois bispo de Ceuta, quem prégou nas praias da capitanía de Porto-Seguro, e celebrou missa durante as quatro semanas, ou pouco mais, que a armada de Pedro Alvares alli esteve ancorada. Não sabía que viessem ou-

[1] Á obsequiosidade do sr. Innocencio Francisco da Silva devo o ter consultado de meu vagar tanto esta obra, que é hoje mui rara, como a primeira edição da *Chronica da Companhia* do padre Simão de Vasconcellos, egualmente rara. Por esse favor e pela presteza com que acudiu ao meu empenho cabe-me aqui reiterar-lhe os meus cordeaes agradecimentos.

tros religiosos ou prégadores ao Brasil a não serem tres ou quatro da mesma ordem, «que tambem acudiram á capitanía de Porto-Seguro, aonde ainda hoje se mostram as ruinas das pobres casinhas, aonde sanctamente habitavam.» Um d'elles morreu afogado, e d'ahi vem o nome do *rio do Frade*, sendo os outros mortos pelos indios.

Diz que el-rei D. João III mandára chamar o padre-mestre Simão, e ordenou-lhe que escolhesse religiosos de grandes espiritos para com a doutrina evangelica trazerem ao aprisco de Christo aquellas feras que viviam sem lei.

O padre Simão, que não podéra acompanhar S. Francisco ás Indias, houve que Deus lhe offerecia a missão do Brasil; era, comtudo, mestre do principe, e conta Balthasar Telles que, apesar d'isso, o rei lhe dera tal permissão limitada por tres annos, e que estava tudo preparado para esta empreza, havendo elle já tirado e obtido a licença de Loyola. Ia com dez companheiros e fazia de conta partir no comêço de 1549. Esperava sómente que chegasse de Roma o padre Martinho de Sancta Cruz, que tinha ido áquella sancta cidade sobre materias de grande importancia para a provincia de Portugal, e em especial para o collegio de Coimbra.

O padre Sancta Cruz morreu quando era esperado, e sobrevieram, além d'isso, tantos negocios graves occasionados de tão gravissimos impedimentos, que o padre Simão não pôde ir.

Inhibido de sua pessoa, escolheu seis religiosos para darem princípio a tão gloriosa empreza, cujos nomes são (Balthasar Telles, *loc. cit.*, cap. II, n.º 7):

O padre Manuel da Nobrega, superior e provincial d'aquella provincia; o padre João de Aspilcueta, o padre Antonio Peres, o padre Leonardo Nunes e os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome.

Partiram com o primeiro governador Thomé de Sousa,

que veiu a ser veador da fazenda d'el-rei D. João III e da rainha D. Catharina.

Partida dos padres com Thomé de Sousa

Partiu Thomé de Sousa em principio de fevereiro de 1549, levando comsigo os padres [1]. Com viagem próspera e monção tendente chegaram á bahia de Todos os Sanctos e desembarcaram na Villa-Velha, onde armaram uma cruz em campo raso, á sombra da qual se alojaram, permanecendo ahi obra de um mez, emquanto tractavam de ganhar as vontades dos barbaros e escolhiam sítio para a nova cidade que queriam fundar. Receioso dos selvagens, o governador trazia a sua gente em ordenança de guerra; comtudo «os indios, esquecidos da sua natural fereza, se vieram metter entre os portuguezes, fiando-se d'elles e admittindo o commércio e resgate que entre si faziam, como se de muito tempo se conheceram. Vendo, pois, o governador que não impediam, antes ajudavam a fundação da cidade, repartiu entre elles certos lugares e sitios para que edificassem as suas casas, etc.» (cap. V).

O author diz que o governador levára do reino a planta da nova cidade, o que me não parece crivel, attentando em que não conhecia a topographia do terreno onde havia de assental-a.

Andavam todos occupados com suas casas, e já com os muros da cidade, conforme a repartição que tinham. Os padres eram *sós* para a obra da egreja, servindo de carpinteiros e pedreiros, etc. Sem alimentos, porque até en-

[1] O padre Nobrega passou-se para a nau do governador já em viagem, por ter partido pouco depois.

tão não tinham ordenado de obrigação, e não querendo ser molestos ao governador, pediam de porta em porta; mas quando os portuguezes mal se precataram a egreja estava capaz de missa, e n'ella prégavam e administravam os padres os sacramentos, fazendo de curas d'almas, visto como então não havia sacerdotes.

Chamou-se a egreja de *Nossa Senhora da Ajuda*. «Porém, como o intento dos padres jesuitas só era acudir aos portuguezes n'esta falta, tanto que do reino foi pessoa sufficiente para curar d'aquellas almas, lhe largaram o sítio e a egreja, que com tanto trabalho tinham edificado, indo-se morar entre os gentios, com grande edificação dos portuguezes.»

Pozeram a sua residencia fóra dos muros, em um monte chamado do *Calvario*. N'aquelle tempo era o monte povoado pelas fraldas e encostas de gentios que viviam nas suas pobres choças e choupanas.

As difficuldades da conversão eram grandes, além da rudeza natural; e «cegos só obravam pela natureza depravada pelo peccado.»

«Por outra parte tambem a vida pouco exemplar de alguma gente portugueza (que n'aquelles tempos obrigada por justiça a ir povoar o Brasil), sua cubiça, seus enganos e sua devassidão nos costumes faziam entre aquelles gentios odioso o nome christão.»

Os poucos padres, ignorantes da lingua, começaram a aprendel-a, e entanto soccorriam-se aos portuguezes que lhes podiam servir de interpretes, e d'esta sorte doutrinavam os gentios que viviam por aquellas montanhas.

Cobrando os indios grande respeito e amor aos padres, vinham buscal-os, como se de muitos annos os conhecessem: já os não estranham, já se fiam d'elles, pedem-lhes remedio nas suas enfermidades, baptismo, etc.

Os padres, então mais confiados, já os reprehendiam de

seus vicios; mas nem por isso produziam effeito suas censuras quanto á golodice da carne humana.

Um dia em que os indios da baixa do monte sacrificavam um prisioneiro, ouvem os padres os gritos e arruido das ceremonias para similhante acto; acodem e acham a víctima já estirada por terra; reprehendem-n'os das suas infames iguarias e tiram o cadaver das garras d'aquelles leões carniceiros. Os homens, attonitos, consentem; mas as mulheres, e principalmente as velhas, vendo-se frustradas, soltam gritos espantosos, amotinam os mais gentios afim de virem exigir a preza dos padres, que já a tinham enterrada. Vindo aquelles, revolvem a terra, sacam o cadaver e cortam-lhe um braço. Os padres instam com elles, que se aquietam e voltam atraz. As velhas, porém, vendo-os chegar sem o corpo, improperam-lhes a cobardia. Arrependidos de seus feitos, volvem então armados; porém já ahi não encontram os padres, que, avisados, se recolhem á cidade por mandado do governador.

Pouco faltou que os indios não entrassem os muros d'ella.

No sítio a que os padres se recolheram, na Bahia, fundou-se pelo tempo adiante o seu collegio.

Ao passo que o governador fazia os indios afastarem-se da proximidade da cidade por meio das armas de fogo, os affagavam e attrahiam os colonos, julgando as coisas «mais por paixões humanas que por rezões divinas»; diziam que os padres foram causa d'aquelle motim com seus imprudentes fervores e zêlo indiscreto, pondo a risco a cidade toda e seus moradores, tirando o commércio e resgate com os indios, o que tanto lhes importava.

«O governador acudiu a isto com a sua prudência e christandade — que os padres o fizeram com bom intento, e que por seu meio e sancto zêlo lhes havia Deus de fazer muitas mercês.»

Passada aquella primeira colera e appetite desordenado, vieram os indios mui arrependidos pedir perdão aos padres e paz aos portuguezes. Disseram então que havia outros muitos similhantes prisioneiros, retidos por outras povoações, no intuito de os cevarem para os comerem. Já que lhes não podiam os padres salvar o corpo, entenderam com as almas. Foram lá e deram-lhes doutrina e baptismo; mas os gentios que tinham para si que a carne humana, depois do baptismo, perdia muito do sabor que d'antes tinha, não consentiram que d'alli por diante tractassem os padres com seus prisioneiros.

Não é crivel o que diz o author — «que os padres iam a estas festas como folgando de assistir a ellas — viam e ouviam tudo, e quando os tinham descuidados, um se chegava ao padecente, instruia-o na fé e dava-lhe o baptismo com a agua de um lenço.»

Tanto se esforçaram os padres, que por fim conseguiram que os barbaros d'aquelle sítio cessassem de comer carne humana e se fizessem ovelhas de Christo.

O padre Manuel da Nobrega

Volvamos agora por um pouco a nossa attenção para este pio varão, segundo o que d'elle referem os chronistas. Diz o padre Balthasar Telles que elle entrou para a Companhia no anno de 1544 (*loc. cit.*, cap. VI, n.º 2).

Era bacharel formado em canones e conhecidamente o melhor do seu curso; «com boas esperanças de grandes despachos, assim por suas partes, como pela muita valia que tinha. O pae, desembargador, um tio «chançarel-mór» e mui valído d'el-rei.» (*loc. cit.*, n.º 3, e S. de Vasconcellos, *Chron. da Comp.*, liv. II).

No fim de seus estudos vagou uma collegiatura; oppoz-se Manuel da Nobrega com outro que lhe era inferior, mesmo a juizo do seu mestre o dr. Martim de Aspilcueta Navarro. O que sabía menos foi o preferido. Entrou para o collegio, d'onde saía a fazer doutrinação pelas cidades e lugares visinhos — muitas missões pelo reino, todas a pé e pedindo esmolas, e fóra do reino, a Salamanca e Sanct'Iago, como fica relatado na *Introducção* d'esta obra.

Desenganado o padre Simão de que não podia ir ao Brasil, resolveu mandar em seu lugar o padre Manuel da Nobrega, então em Coimbra. O padre veiu a pé; mas por mais pressa que se deu, já era partido o governador quando chegou a Lisboa. Embarcou-se, pois, com Antonio Cardoso de Barros [1], sem companheiro algum, até que se encontrou com a frota, e ahi passou-se para a nau do governador, onde iam seus companheiros.

No navio empregou-se em prácticas espirituaes, confissões e outros officios de piedade, e o governador lhe tomou por tudo isso muita affeição.

«Houve um caso, pelo qual quiz Deus indicar qual era a virtude d'esse milagroso varão, e quanta estima queria que d'elle tomasse o governador pera ao diante o favorecer nas conquistas espirituaes, que no Brasil havia de emprehender.»

O governador não comia cabeça de peixe, em commemoração da degolação de S. João Baptista. Foi isto práctica da mesa.

Nobrega o reprehende! Vendo o padre que o não podia persuadir com palavras, que deixasse aquella imaginada devoção, com uma certeza prophetica do que havia de succeder, disse ao governador que mandasse lançar uma li-

[1] Vem por inadvertencia na *Introducção* — André — em vez de — Antonio — por isso apresso me em ractificar esse engano.

nha ao mar, e que conforme o que tirassem veriam qual era a vontade divina n'aquelle particular. «Lançou-se a sedela, e veiu no anzol uma cabeça de peixe — que os anjos, sem dúvida, alli tinham cortada e apparelhada pera cumprimento da doutrina e verdade da religião.» O governador mandou logo cozinhar a cabeça e comeu-a com summo gôsto e alegria, e repartiu d'ella pelos circumstantes.

Grande foi a opinião que por este caso e outros similhantes cobrou o governador da sanctidade do padre Manuel da Nobrega.

«Era elle um pae mui amoroso pera os pobres, e unico remedio pera os desemparados, assim portuguezes, como indios; elle foi o principal que amançou e domesticou aquella gente, mais féras que as mesmas féras, elle os ajunctou em aldeias, elle lhes dava leis, elle os ensinava e doutrinava, e lhe tinham tão grande obediencia, que o que não podia acabar o governador por fôrça de armas e violencia da polvora e pellouro, acabava o padre Manuel da Nobrega só com a sua presença e poucas palavras.» (Liv. III, cap. VII, n.º 5).

Feiticeiros — Teve modo para fazer vir diante de si e de todo aquelle povo um famoso e celebrado feiticeiro de tanto nome e authoridade pelas respostas que dava e mésinhas que fingia, que era venerado entre os indios...

Chegado este authorisado feiticeiro a um grande terreiro no meio de infinito povo, que tinha concorrido e descido d'aquellas montanhas, «uns pera buscarem remedio de suas enfermidades n'este seu Esculapio, outros pera verem o successo do desafio que havia de ter com o padre Manuel da Nobrega.»

«A este pois saíu o padre ao encontro, e por princípio do desafio lhe pergunta com grande imperio e liberdade

em virtude de quem fazia as obras, que d'elle se contavam, se em nome de Deus creador do ceu e da terra, se em nome do demonio, inimigo da geração humana: respondeu o barbaro com mais diabolica soberba que se podia esperar de nenhum ministro de satanaz—que elle era o mesmo Deus, e filho do que reinava no ceu, do qual era muito amado, e que muitas vezes se lhe tinha mostrado nas nuvens resplandecentes e entre temerosos trovões.»

Nobrega troveja-lhe como se o ceu estivesse para cair, intimida-o e o pobre diabo pede em joelhos que o faça christão.

Ensino—Applicou-se o padre ao ensino com todas as véras, como quem bem entendia quanto monta a boa educação em tenras edades. «Não se ouviam pelos mattos senão cantigas ao divino, e rezas e doutrinas.»

Theor de vida — «Visitava o bom padre todas as aldeias, andando sempre a pé, e ainda depois de velho e mui doente, e talvez com os pés cheios de chagas, acudia a todas as partes com um bordão na mão, subindo pouco a pouco pelas ladeiras mais ingrimes d'aquellas montanhas, e ainda que o espirito do seu zêlo o animava, comtudo a fraqueza do corpo o retardava de tal maneira que talvez parava sem poder dar passo adiante, necessitando da ajuda do companheiro, que umas vezes o sustentava, e outras ia diante d'elle tirando-o pelo bordão.

«Não vestia nunca coisa nova, nem usava de manteu, andando sempre em corpo, como os mais irmãos, por causa da muita pobreza em que viviam, e por andarem mais desempedidos nas grandes caminhadas que faziam: nenhum perigo, nem trabalho recusou nunca pelo bem e

salvação dos naturaes da terra, por cuja liberdade se punha em campo contra a avareza dos portuguezes, que os queriam captivar, soffrendo com muita paciencia e com notavel longanimidade os grandes odios e perseguições que por esta causa se lhe originaram.»

A regra na Companhia, assim como costume, é que a missa se diga em meia hora. O padre buscava dispensação para levar n'ella uma hora com muitas lagrimas, das quaes Deus lhe tinha concedido especial dom.

Guardador da castidade—Confessa de público em uma tormenta, em que todos se davam por perdidos, que o que mais o consolava era ter conservado a sua pureza.

Excitados os *tamoyos* da capitanía de S. Vicente pelas crueldades e tyrannias dos portuguezes, levantam-se, assolam tudo, e estes fogem e querem despovoar o sítio; mas Nobrega mette-se no meio d'elles, negocia a paz e fica mais o companheiro em refens de dez indios, que foram ter com os colonos.

Na capitanía de Porto-Seguro fez-se muito milagrosa a casa de Nossa Senhora da Ajuda. Era ella fundada na corôa de um outeiro, tendo em volta canaviaes que a separavam da baixa onde havia agua, tanto para gasto como para as obras. Um irmão, vendo o tronco de uma arvore mui proxima á ermida, pediu á Senhora o milagre de lhe dar agua n'aquelle lugar, ao que Nobrega diz-lhe que muito e mais podia a Sancta Virgem.

«Vão-se logo d'alli todos a dizer missa, e no meio do sancto sacrificio arrebenta de subito um grande tôrno de agua no lugar assignalado no tronco da arvore, juncto ao altar da Senhora.» Préga-se o milagre, concorrem todos a vêl-o, e o dono dos canaviaes é o primeiro qne a elle se rende e se torna mui devoto da Companhia.

«Cresce a opinião da virtude do padre Manuel da Nobrega, a cuja intercessão attribuiam o milagre da agua, que ainda hoje corre.»

Passou o padre no Rio de Janeiro os ultimos tres annos da sua vida. «Deus lhe declarou que era chegado o ditoso fim de seus dias.» Saíu a despedir-se por toda a cidade dos amigos e devotos da Companhia, dava-lhes as graças pelas caridades recebidas, exhortava-os á piedade e á virtude, etc., com o que se fez n'aquella praia um grande pranto.

Recolheu-se depois ao collegio, e recebidos os sacramentos, expirou a 18 de outubro—dia do glorioso evangelista S. Lucas.

«Em dia similhante *nascêra*, entrára em outro tal para a Companhia, e, emfim, n'ella *morrêra.*» (*Ob. cit.*, liv. III, cap. VIII, n.° 9).

Foi o primeiro religioso da Companhia que desembarcou e pôz pé em terra do Brasil, saindo da nau com sua grande cruz ás costas, até que a arvorou no lugar onde se abrigaram todos com o governador.

Foi tambem o primeiro e principal da Companhia n'aquella provincia, continuando por espaço de trinta annos n'aquella nova e inculta vinha do Senhor, soffrendo com rara paciencia os costumes e barbarias d'aquelles indios, a variedade dos climas que mudava, e a pobreza que n'aquelles primeiros tempos foi mui apertada. De entre os lances de sua vida trabalhada ha que citar o naufragio em S. Vicente, e de que escapou sem saber nadar.

Fundou o collegio da Bahia, começou o de Piratininga, e d'alli passou-se para o do Rio de Janeiro. Fez a casa de S. Vicente e a de Porto-Seguro, com a sua ermida milagrosa de Nossa Senhora da Ajuda.

O padre provincial do Brasil, postoque nos primeiros *dez annos* só era *superior* sem o titulo de provincial, que

cabia ao de Portugal, gosava, no entanto, das mesmas regalias.

O padre João de Aspilcueta

Era o padre João de Aspilcueta dos companheiros de Nobrega, e natural do reino de Navarra, sobrinho do célebre dr. Martim de Aspilcueta Navarro, cathedratico de prima da faculdade de canones, e entrou na Companhia em 1544 (*Ob.* e *loc. cit.*, cap. IX, n.º 1).

Foi escolhido para esta missão pelo padre Simão, por ser pessoa de grande exemplo e conhecido fervor.

«Havia por aquelle tempo no Brasil muitos malfeitores degradados de Portugal (que sempre esta praga perseguiu ao Brasil e as mais conquistas d'este reino).»

Sobresaía entre elles Barbosa, com grande fama de valente, temerario e atrevido, e que tendo sido um dia perseguido no reino pela justiça, acolheu-se á Sé, fez-se forte na torre dos sinos, defendeu-se, depois saltou d'ella e veiu rodando pelas muralhas a baixo, sem nenhuma lesão consideravel. Empoz larga prisão carregado de ferros, foi desterrado para o Brasil. Era o mesmo no destêrro que tinha sido em Portugal (que assim costuma succeder, reflexiona o author). É accommettido de longa enfermidade, desamparado nos braços da miseria e longe dos demais portuguezes. Vae-se a elle o padre João, tracta-o, limpa-o e serve-lhe de enfermeiro. A nada o bruto se move, que antes irrita-se contra o padre, maltracta-o de palavras, e o accusa de desageitado e descuidado. O padre com umas disciplinas entrou a flagellar-se diante da imagem de Christo, ao que vendo o malvado, lança-se-lhe aos pés todo pranto, mudando desde então de vida. Era pasmo vêr-se como seguia elle os padres e quantas carolices fazia!

Não se contentando o padre João de Aspilcueta das aldeias que tinha juncto das capitanías, metteu-se, diz o padre Balthasar Telles (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 8), por mais de duzentas leguas pelo sertão a dentro, a pé, por mattos incultos e charnecas bravias, rios e lagôas, de que não sabía o vau, e deu com muitos gentios, aos quaes ia buscar, e trouxe-os para as aldeias. Voltou tão desbaratado no vestido, tão ferido e escalavrado pelo corpo, tão maltractado na saude, que em breves dias, depois de tornado, deu a alma ao Creador.

O padre Antonio Peres

O padre Antonio Peres, outro companheiro de Nobrega (*Ob.* e *loc. cit.*, cap. x, n.º 1) edificou muitas egrejas, trabalhando por suas proprias mãos em o officio de pedreiro, e começou o collegio de Pernambuco.

«Recolhendo-se das aldeias dos indios pera o collegio da Bahia, do qual era superior, com grande fraqueza e enfermidade que ganhou, visitando aquelles sertões e descorrendo por aquelles mattos, veiu a morrer como verdadeiro servo de Deus.»

O padre Leonardo Nunes

O padre Leonardo Nunes foi tambem com Nobrega (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 2).

Pouco depois da sua chegada foi mandado pelo padre Nobrega á capitanía de S. Vicente «na qual havia alguns cinco lugares de portuguezes que necessitavam muito da boa doutrina de tal missionario, porque os maus costu-

mes e escandalosos peccados d'estes colonos, em parte peiores que os mesmos *brasis*, [1] não tinham quasi mais que o nome de christãos.» Reformam-se em parte, se bem que com difficuldade.

Edificam estes povos casa e egreja, com tanto fervor e tão especial vontade, que os principaes da terra traziam ás costas a madeira do matto, contribuindo todos com suas esmolas — muitos que quasi nunca se confessavam nem commungavam, entraram a frequentar d'ahi em diante estes sacramentos com notavel devoção.

Acudia o padre com remedio e doutrina ao mesmo tempo a muitas paragens e por modo tão incrivel que os indios, apesar de bons caminheiros, o chamavam o *Padre Voador*, sendo para notar que esse appellido não o deram só a este padre.

Entrou mais de cem leguas pelo sertão, tirou das garras dos *tamoyos* muitos portuguezes e castelhanos, baptizou milhares de indios com grande trabalho, mas tambem com muito proveito.

Veiu a morrer por obediencia, porque, mandado chamar a Roma pelo fundador para tractar com elle das coisas da provincia, acabou a vida com quasi todos que vinham na viagem em um lastimoso naufragio, do qual escaparam poucos, os quaes deram larga notícia de como o padre trabalhou para ajudar os companheiros n'aquelle último perigo.

Foram mais n'esta missão dois irmãos, que no Brasil se ordenaram de missa, dos quaes Vicente Rodrigues, correu toda a costa convertendo gentios e prégando aos portuguezes, e alli morreu [2].

[1] Denominação que davam os chronistas e colonos aos nossos indigenas.
2 Vid. Orlandini, liv. VIII, n.º 81.

O segundo, que tambem no Brasil se ordenou de missa, foi o irmão Diogo Jacome (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 6).

Em chegando este ao Brasil, foi logo enviado á capitania de S. Vicente com o padre Leonardo, e d'alli se passou sem detença á do Espirito-Sancto, acudindo sem cessar ás aldeias que alli havia.

Torneava contas para as dar aos indios, officio que aprendeu comsigo por caridade, «tanto ella é engenhosa.»

«Foi este bom padre o primeiro que no Brasil deu motivo pera entre os nossos se renovar o que antigamente faziam aquelles sanctos do ermo, procurando saber algum officio mechanico, servindo-lhes esta occupação pera evitarem a ociosidade nos tempos que lhes sobejavam, e pera ajudarem sua sustentação com o trabalho de suas mãos e com o suor de seu rosto; e assim sabemos que tivemos no Brasil, n'este tempo, insignes officiaes—pedreiros, carpinteiros, sapateiros, ferreiros, e de outros similhantes officios, usando d'estas traças pera acudir áquelles pobres *brasis.*»

«D'esta maneira o bom padre com o officio mechanico deu exemplo a muitos nossos que os exercitavam no Brasil com grande edificação dos religiosos.»

Mandado acudir a uma christandade, não se quiz escusar com a enfermidade que já padecia, e assim morreu em caminho, como já disse.

1550

Recebidas as primeiras cartas do padre Nobrega (*Ob. cit.*, cap. XIII) e de seus companheiros no collegio de Coimbra, todos se alvoroçaram, mostrando desejos de o irem acompanhar na sua missão.

Foi por isso facil a escolha, partindo n'este anno quatro [1] — os padres Salvador Rodrigues, Francisco Pires, Manuel de Paiva e Affonso Braz.

O padre Salvador Rodrigues

Era o padre Salvador Rodrigues homem de maravilhosa simplicidade e admiravel obediencia; de sorte que não fazia coisa alguma sem particular ordem e direcção do superior. Andando elle já muito doente e consumido em fôrças, e estando na Bahia, acertou de partir o padre Nobrega para S. Vicente, dizendo-lhe á despedida: «Animae-vos, não morraes até que eu torne a esta cidade.» «Tomou isto o bom do padre tanto devéras e com tanta singeleza de obediencia que, crescendo a molestia, elle sentia de não poder morrer por falta de licença, pois que o padre Nobrega não voltaria senão d'ahi a muitos mezes.»

A morte respeitou simplicidade tão sancta e obediencia tão perfeita (cap. já cit., n.° 4). Chegou n'esse tempo o padre Luiz da Gram, que vinha por collateral do provincial do Brasil, e sabendo d'isto, e achando o padre no extremo da fraqueza e com ardentissimos desejos de ir em paz de Deus, lhe tirou o escrupulo, dizendo-lhe que podia morrer quietamente, porque o desobrigava da obediencia, pelos poderes de superior e commissão que tinha do padre-mestre Simão.

Consolou-se o padre; pois que desejava morrer em dia

[1] O padre A. Franco diz na *Synopsis* que aos quatro se ajunctaram mais sete do seminario dos orphãos para ensinar a fé no Brasil (anno de 1550). Que estes, com seu superior, o padre Domingos, fundador do tal seminario foram com os mais meninos e com grande commoção e novidade do povo até o lugar do embarque, em Belem.

da Assumpção, de que era particularmente devoto: «recebeu os sacramentos e esteve em seu perfeito juizo até ser meia-noite da vespera d'aquelle dia, no qual ponto entrou em passamento e deu o espirito nas primeiras luzes d'aquelle dia.»

O padre Francisco Pires

O segundo foi o padre Francisco Pires (*Ob. cit.*, cap. XIII, n.º 5.), varão verdadeiramente dos escolhidos de Deus, por seu grande exemplo e extremada virtude—não podendo tomar a lingua da terra, se aproveitava de interpretes, por meio dos quaes fez grandes serviços a Deus.

Pouco depois da sua chegada, foi mandado pelo padre Nobrega com alguns de seus companheiros para a capitanía de Porto-Seguro, para alli dar princípio á residencia da Companhia. Assim o fez, edificando (como diz o chronista) «uma casinha pera os nossos se recolherem, e ajudando a fazer a ermida de Nossa Senhora d'Ajuda, tão célebre hoje, e tão frequentada em rezão da fonte milagrosa.»

O padre Francisco Píres teve muita parte n'este milagre, por ser quem officiára a missa quando elle se deu, e é de crer que fosse o ageitador d'essa artimanha, preparada para embair o povo ingenuo.

Foi superior em muitas residencias d'aquella costa, e reitor do collegio da Bahia; e depois de muitos trabalhos e caminhos até chegar de puro cansaço a lançar sangue pela bocca, veiu a acabar ethico no mesmo collegio da Bahia.

O padre Manuel de Paiva

O terceiro foi o padre Manuel de Paiva, (*Ob.* e cap. cit., n.º 6.) que entrára no collegio de Coimbra, sendo já sa-

cerdote e cura d'almas; homem de muita paz e assento, de grande lhaneza em seu tracto e sinceridade em sua conversação, não havia n'elle engano nem malicia

Logo que entrou para a Companhia, succedeu que estando occupado e recolhido nos exercicios espirituaes, o noviço se esqueceu d'elle, e lhe não levou de comer, e assim passaram-se dois dias. Persuadiu-se a princípio o padre que era isso modo de provar a sua paciencia, caindo depois na conta de que sería pobreza da casa, e que por falta de meios lhe não davam alimento. Vae-se a um par de luvas velhas, que lhe tinham ficado do tempo de suas grandezas, e pede ao irmão que por ellas lhe houvesse de comprar alguma coisa de comer: o noviço então caíu em si e referiu o caso ao superior, que estimou muito a paz e soffrimento do bom sacerdote.

Refere mais o chronista este outro caso de obediencia do mesmo jesuita: — chegando ao Brasil e conhecendo os apertos que todos passavam, e a falta de meios que havia para se acudir aos pobres, aos doentes, e, principalmente, aos indios, novamente convertidos, lembrou-lhe o exemplo de S. Paulino, bispo de Nola, o qual se fez captivo dos vandalos para resgatar o filho de uma pobre viuva da sua diocese. Desejou com muita caridade que tambem o vendessem para acudir aos padres e remediar as faltas que havia nas egrejas e entre os christãos que de novo se baptisassem.

Quiz o padre Nobrega deixar n'este servo tão raro exemplo de caridade, e agradeceu-lhe muito aquella boa vontade com que mostrava-se contente que o vendessem. Entrega-o n'essa intenção a um corretor de escravos, que o trouxe muitos dias pelas ruas e praças com pregão público, até que um sujeito (que não devia de ser dos mais maliciosos) offereceu por elle cento e vinte mil cruzados, para o ter por capellão em sua fazenda. O padre entrou

ás rebatinhas com o lançador, rogando-lhe que désse mais alguma coisa por estarem os padres muito pobres, e que elle o serviria valentemente, offerecendo-se para todo o serviço da casa.

Soube Nobrega quanto se subia no preço d'este leilão e quão devéras tractava o padre Paiva da sua venda. Mandou-o vir para casa, declarando aos lançadores que o que pretendêra com esta almoeda não era vender o padre, que estimava em preço infinito, mas que só queria dar mostras ao mundo da grande caridade e humildade d'este virtuoso servo de Deus.

«Não se póde dizer em poucas palavras o muito que este bom padre serviu a Deus Nosso Senhor nas partes do Brasil, ajudando aos portuguezes, e indo sempre adiante nos seus exercitos contra os barbaros e gentios *tamoyos*. por mar e por terra, visitando todas as capitanías, collegios, residencias e aldeias por onde os nossos religiosos andaram espalhados, cultivando aquella tão estendida e trabalhosa vinha.» (*Obr. cit.*, cap. XIII, n.º 9).

Homem robusto e de grandes fôrças, a nenhum trabalho e perigo se negava. Foi por intervenção e ajuda d'elle que alcançaram os portuguezes gloriosas victórias d'aquelles crueis inimigos. Refere d'elle o chronista que succedeu algumas vezes que, despedindo os barbaros innumeraveis frechas contra o padre, e sendo tão certeiros no atirar, não permittiu Deus que nenhuma o tocasse, não sem grande espanto dos mesmos *tamoyos*, que depois perguntaram quem era aquelle de uma roupa comprida, que andava com uma cruz na mão, diante de todos, e ao qual nenhum de seus grandes tiradores podia frechar?! Com o mesmo cuidado solicitava o bem dos indios, que se convertiam, dos quaes era um pae commum. «Finalmente, n'estes e outros sanctos exercicios gastou a vida o bom velho Manuel de Paiva, até Nosso Senhor o chamar pera

si, com uma doença prolongada, que passou na capitania do Espirito-Sancto, sem com ella dar trabalho, nem molestia a alguem, até acabar sanctamente, carregado de dias e cheio de merecimentos.» (*loc. cit.*, n.º 9).

O padre Affonso Braz

O quarto foi o padre Affonso Braz, superior dos mais, homem de grande virtude e mui digno do cargo que lhe confiou o padre-mestre Simão Rodrigues; pois como superior sempre foi diante dos companheiros no exemplo e no zêlo das almas (*loc. cit.*, n.º 10).

«Foram, segundo pretendo, diz o chronista, os ultimos que o padre Simão d'estes reinos mandou pera o Brasil.»

(Tomo II—Livro IV e V)

O padre Ignacio de Azevedo

«Não é a menor glória entre as grandes prerogativas do collegio de Sancto Antão (de Lisboa), a do primeiro reytor que teve depois de ser em fórma, o qual foi o padre Ignacio de Azevedo. Foi em tudo primeiro reytor; primeiro na oraçam e na mortificaçam; primeiro no illustre sangue que herdou de seus avós, e muito mais illustre pelo sangue que derramou pela fé catholica.» (*Ob. cit.*, part. 2.ª, cap. VI, n.º 1).

Por morte de Loyola foi a Roma o padre Ignacio de

Azevedo e assistiu alli á primeira congregação geral, em que foi eleito preposito-geral da Companhia o padre-mestre Diogo Laynes.

Tendo morrido este segundo geral em janeiro de 1565 (*Ob.* e *loc. cit.*, n.° 7), ajunctaram-se os padres portuguezes em congregação provincial para nomearem quem havia de ir a Roma á creação do preposito-geral, que saíu o beato Francisco de Borja (Borgia). Foi a isto o padre Ignacio de Azevedo por procurador da India e do Brasil, e ahi fez todas as instancias possiveis para que o enviassem a essas regiões; e de feito o nomeou o novo geral em 1566 por visitador do Brasil «que d'esta maneira, já de longe o chamava Deus pera a glória do martyrio.» (*Ob.* e *loc. cit.*, cap. VII, n.° 1).

Embarcou-se na primeira occasião que se lhe offereceu, partindo de Lisboa com mais oito religiosos da Companhia.

«Entrou no Brasil, e com sua chegada tomaram melhores alentos, e conceberam novos espiritos, assim os da Companhia, a quem muito consolou, como tambem os novos christãos, cujo bem por todas as vias procurou, apesar de innumeraveis trabalhos e de grandes perigos que passou.» (*Ob.* e *loc. cit.*, *n.*° 2).

Visitou todos os collegios, residencias e aldeias por onde andavam espalhados os padres.

«Tal era o zêlo e tão cordial o affecto que o padre Ignacio de Azevedo mostrava da salvação d'aquellas almas, que quando via vir das aldeias os padres e os irmãos, que os instruiam nas coisas da fé, descalços, cheios de lama, magoados ou feridos dos mattos e charnecas por onde atravessavam, lançava-se de joelhos, e por devoção lhes beijava os pés, reverenciando n'elles assim escalavrados, a graça e a fermosura que o propheta Isaias achava nos pés dos prégadores que caminhavam pelas montanhas, annunciando a paz e a lei divina.» — *Quam pulchri super montes pedes annunciantis prædicantis pacem* (Isaias, cap. LII, v. 7).

Concluida a visita, continúa o padre Ignacio de Azevedo com o cargo de provincial do Brasil, tendo no entretanto n'esse comenos obtido licença do geral para vir a Portugal, o que de feito realisou, não para deixar o Brasil, como para buscar mais gente e chamar outros pescadores que o ajudassem a tirar as redes que deixava lançadas nos mares vastissimos d'aquella grande gentilidade, não menos barbara nos costumes que desamparada de mestres.

Assim que chegou a Lisboa, partiu immediatamente para Almerim a se encontrar com el-rei D. Sebastião, a quem fez seus requerimentos.

O rei tractou de o favorecer, e nomeou para governador dó Brasil D. Luiz de Vasconcellos de Menezes, fidalgo de muito valor, commendador da Vallada da ordem de Christo, e filho de D. Fernando de Menezes.

«Ao padre Ignacio de Azevedo mandou fazer, com toda a liberalidade, os gastos pera sua pessoa, e pera quantos religiosos fossem com elle.»

D'aqui se passou a Roma a requerer do Sancto Padre outros favores espirituaes; alcançando d'elle grandes graças, muitas indulgencias e reliquias de grande preço. Trouxe então a cópia do quadro da Virgem Maria, tirado pelo Evangelista S. Lucas, Nossa Senhora do *Populo*, como lhe chama o padre Telles, ou Sancta Maria Maior, como se lê na emenda á margem do exemplar da Academia Real das Sciencias de Lisboa, d'onde fiz este extracto. Trouxe o padre Ignacio, além d'isso, sacerdotes da Italia e de Hespanha.

«Chegou o padre com este exercito de anjos a Lisboa, deixando na cidade do Porto fretada a metade de uma nau, chamada Sanct'Iago, pera que os viesse tomar a Lisboa, e se partissem logo, sem querer esperar pela armada e pelo governador do Brasil, D. Luiz de Vasconcellos, que ainda estava de vagar, porque estas coisas de armadas reaes e

jornadas de similhantes personagens, vão sempre com grandes detenças, ou por negligencia dos ministros, que são vagarosos em despachar, ou por culpa das partes, que são importunas em requerer.» (*Ob. cit.*, cap. VII, n.º 9).

No anno de 1570, quando ainda se achava em Lisboa, aconteceu haver ahi rebate de peste n'aquelle verão, por cujo motivo retirou-se com os companheiros para uma quinta ou vinha do collegio de Sancto Antão, chamada de Val-de-rosal, da banda de além, termo de Almada, limite de Caparica, freguezia de Nossa Senhora do Monte, distante de Cacilhas uma legua. «Fica esta quinta no meio de uma grande e estendida charneca, é o lugar todo á roda mui tosco, sêcco e esteril, cheio de silvados incultos, continuado de mattos maninhos e de areiaes escalvados, escondido em valles, cercado de brenhas, coberto de pinheiraes bravios, de zimbros, de tójos e outros frutices silvestres: mui frequentado de corças e veados, infestado de lobos e de outros similhantes animaes montezes.»

Por outra parte é o lugar um sancto retiro; mui solitario, se bem que tenha estradas e caminhos mui livres e saidas mui alegres. A meia legua para o poente o mar — «pera o qual se desce por umas quebradas, entre algumas barrócas, que o tempo e a corrente das aguas teem abertas. Do alto d'estas quebradas se sobe pera algumas assomadas, que teem vistas mui aprazíveis, mui largas e mui fermosas. por que se descobre todo este grande valle, que começa quasi ao pé da montanha de Palmella e se vae estendendo até Nossa Senhora do Cabo, e d'ahi volta pera Caparica, e vem a fazer em roda coisa de doze ou treze leguas; além d'isto se descobre d'alli muita parte da cidade de Lisboa, e se vêem montes mui fermosos, como é o de S. Luiz e a serra da Arrabida, que ficam pera a parte do sueste, e tambem se alcança pera o noroéste a fermosa serra de Cintra, e tem outras vistas de longes mui saudosos.»

D'estas assomadas se descortinam mui largamente as estendidas campinas do Occeano, e seis leguas de praia desde a ponta da Trafaria, juncto a Caparica, até o cabo Espichel. Á vista de tão explendidos e vastos horisontes, as larguezas d'aquellas immensas aguas, o contínuo crescer e baixar das marés, o rôlo do mar, a ressaca das ondas, todo esse conjuncto harmonico dá grande occasião para se pensar no Creador.

N'esta quinta ajunctaram-se com o padre Ignacio de Azevedo mais de sessenta companheiros seus, além de outros que já alli se alojavam, esperando monção, afim de irem para as ilhas Terceira e da Madeira, no intento de promoverem alli as fundações de collegios. D'entre todos elles era o padre Diogo de Andrade o mais antigo, depois do padre Ignacio de Azevedo.

Cinco mezes aqui se deteve o padre Ignacio de Azevedo com os seus ditosos companheiros, até que, chegado o tempo da navegação, se passou com o seu esquadrão de martyres para a casa de S. Roque.

Embarcou-se na nau, conservando ahi com pontualidade todos os exercicios religiosos. No discorrer da rota, abicou á Madeira, d'onde a nau Sanct'Iago velejou para a ilha de Palma, uma das Canarias, no intuito de tomar carga. Corriam notícias de corsarios, pelo que deu licença para ficarem os que d'elles se temessem. Ficaram quatro, que depois foram despedidos da Companhia, por outras faltas. «Faltou a virtude pera morrer religiosos, aos que lhes faltou o ânimo pera morrerem martyres», reflexiona o padre Balthasar Telles.

A duas leguas do porto de Palma se levantou um temporal, que obrigou a nau a vir tomar um surgidoiro, que está atraz da ilha, chamado Terçacorte, afim de esperar melhor tempo para ferrar o porto de Palma. Desembarcou alli o padre e hospedou-se em casa de um flamengo, fi-

dalgo, que o quiz persuadir a ir-se por terra, por serem aquelles mares muito infestados.

O padre Azevedo hesita a princípio; mas depois resolve-se a continuar por mar, e parte n'um sabbado do surgidoiro de Terçacorte fazendo um grande rodeio pela Gomeria, e n'outro sabbado pela manhan, ao romper d'alva, achava-se a nau a tres leguas do porto de Palma.

Andava alli um famoso corsario da Rochella, Jaques Soria, em um possante galeão, e com mais quatro vasos accommette a nau portugueza, que resiste. Tirando Ignacio de Azevedo n'essa extremidade a imagem de Nossa Senhora, pintada por S. Lucas, apresenta-a aos seus e os exhorta.

Rende-se, afinal, a nau Sanct'Iago. Soria os condemna á morte «pera que não fossem ao Brasil semear a sua *falsa doutrina.*» Ou fosse a resistencia offerecida pelos padres, ou a causa que allega o chronista, o certo é que são lançados ao mar, acutilados préviamente os que tinham corôa aberta. Azevedo assim tambem, ferido gravemente na cabeça, acaba seus dias a 15 de julho de 1570, trespassado o peito de tres lançadas. Foram, ao que parece, perdoados os que não eram ordenados de missa.

No anno de 1628, tractando-se de promover a sua canonisação, «allegou-se que os hereges nunca lhe poderam sacar a imagem da Virgem, e que lançado ao mar ficou suspenso nas ondas até que d'ahi se afastaram os piratas.»

Em 1553 veiu de Roma, com o titulo de commissario da Hespanha, o padre-mestre Jeronymo Nadal (*Ob.* e *loc. cit.*, cap. XIV, n.º 1), que era da ilha de Malhorca, e pessoa mui authorisada na Companhia em virtudes e lettras «pera se haverem de publicar as constituições.» Eram superiores em Portugal Diogo Miram e Miguel de Torres, seu collateral. N'esse mesmo anno enviou o padre S. Ignacio de Loyola á provincia a carta de obediencia, na qual

pintou com vivas côres um singular retrato do verdadeiro obediente. D'ella transcrevo os seguintes trechos mais notaveis, segundo se lê no tom. II, part. 2.ª, cap. XV, n.ºs 1 a 7 d'esta chronica:

«Poderemos soffrer que as outras religiões nos levem vantagens em jejuns, vigilias e outras asperezas, que cada uma d'ellas, segundo o seu instituto, sanctamente guarda; comtudo, na pureza e perfeição da obediencia com a verdadeira resignação de nossas vontades, e abnegação de nossos juizos, muito desejo, irmãos carissimos, que se assignalem os que n'esta Companhia servem a Deus Nosso Senhor, e que n'isto se conheçam os filhos vardadeiros d'ella, nunca olhando pera a pessoa a quem se obedece, senão n'ella a Christo, nosso Redemptor, por quem se obedece.»

«Assim que todos vós, queria, exercitasseis em reconhecer em qualquer superior a Christo Nosso Senhor, e reverenciar e obedecer n'elle a sua Divina Magestade com toda a devaçam.»

«D'aqui podereis inferir quando um religioso toma a um, não sómente por superior, mas expressamente em lugar de Christo Nosso Senhor, pera que o guie, e governe em seu divino serviço, em que grau o deve ter em sua alma.»

«Tambem desejo que se assente muito em vossas almas, que é mui baixo o primeiro grau da obediencia, que consiste na execução do que se manda; nem merece o nome, por não chegar ao valor d'esta virtude, se não se sobe ao segundo de fazer sua a vontade do superior; de maneira que não sómente haja execuçam no effeito, mas tambem conformidade no affecto, com um mesmo querer, e não querer. Por isso diz a Escriptura [1] que: *Melior est obedientia quam victimæ*, porque, segundo S. Gregorio [2]: *Per vi-*

[1] Reg. cap. XV, n.º 22.
[2] Greg., liv. 35. Moral cap. XIII.

ctimas aliena caro, per obedientiam verò voluntas propria mactatur.»

O padre Luiz da Gram tinha sido o quarto reitor do collegio de Coimbra (*Ob.* e *loc. cit.*, liv. v, cap. vi, n.º 1), o qual sendo uma das principaes pessoas da provincia, pediu com tão grandes instancias esta missão, que houveram os superiores de lhe deferir, e o successo pelo tempo adiante mostrou bem quão acertada foi similhante eleição, e quanto bem acceitos foram a Deus os ditosos trabalhos d'este seu grande servo.

Foi elle provincial e collateral do padre Manuel da Nobrega, e por quasi cincoenta annos se occupou em acudir ao bem das almas, sem nunca largar mão d'esta espiritual conquista até o último remate da sua vida, «que Deus lhe concedeu mui comprida, apesar dos muitos achaques que o molestavam, tanto que obrigaram os superiores a lhe mandar ordem a se voltar pera Portugal; porém elle escolheu antes, como capitão esforçado, morrer no campo do Brasil, pelejando, que vir á sua patria por tão pouco ganho, como era buscar em breve saude, quando era já velho, e pera elle maior o interesse por ganhar as almas dos gentios no Brasil, embora com a perda da sua vida.»

Partida do padre Luiz da Gram

A 8 de maio de 1553 partiu de Lisboa o padre Luiz da Gram com seis companheiros e na mesma nau em que iá D. Duarte da Costa, successor de Thomé de Sousa.

Era D. Duarte, filho de D. Alvaro da Costa, embaixador de D. Manuel juncto a Carlos v, e de D. Brites de Paiva. Estimou muito aos padres no mar e na terra. Logo que lançaram ferro na Bahia a 13 de julho, foram recebidos

do padre Manuel da Nobrega e mui festejados do bispo D. Pedro Leitão, homem de muitos merecimentos e que tinha sido provisor na India.

Os companheiros do padre Luiz da Gram, segundo Maffei[1], que n'isto falla mais ao certo, foram os padres Braz Lourenço, Gregorio Serrão, João Gonçalves, Antonio Braz Castelhano e o irmão Joseph d'Anchieta, que era o menor na edade.

«Este é aquelle tão celebrado Joseph d'Anchieta, tão afamado no mundo, tão respeitado de todos, sancto na vida, prudente no govêrno, prodigioso nas obras, zelador das almas e verdadeiro apostolo do Brasil, cheio de obras tão milagrosas com que assombrou o mundo todo, e de successos tão inauditos que com rezão é chamado o segundo *Thaumaturgo.*»

Passemos, portanto, a occupar-nos agora d'este pio varão, segundo o que reza esta chronica.

Joseph d'Anchieta

Nascimento — «Nasceu em Tanarife, uma das ilhas Canarias, no anno de 1533.»

«Deus o quiz tirar de uma ilha pera o trazer por muitos mares, e pera o levar por muitas terras.» Estudou na universidade de Coimbra. Em 1551 (havia poucos annos da entrada da Companhia em Coimbra) pediu ser admittido n'ella, sendo elle de quasi dezesete annos de edade. Mostrou desde logo muita vocação, ajudando a oito missas por dia, todas em joelhos; com isto e com as mais peni-

[1] Balthasar Telles, tom. II, liv. V, cap. VI, n.º 2. — Maffei, *Historia Indiorum*, cap. I, n.º 16 — Joseph d'Anchieta (sua vida).

tencias veiu a adoecer gravemente e a render pelas costas, ficando com achaque de velho ainda em edade de moço. No fim de tres annos aconselharam os medicos a mudança de ar. Em consequencia d'isto partiu para o Brasil em 1553.

O padre, que ensinou latim, no Brasil, ao mesmo tempo que aprendia a lingua geral, dentro em seis mezes saíu mestre tão perito d'ella, que era o melhor interprete do padre provincial Nobrega, verteu o catechismo e compoz uma grammatica d'essa lingua brasilica ou geral [1].

N'este tempo era mui cruel a guerra que os *tamoyos* moviam aos portuguezes, e para aquietal-os foi uma embaixada composta do padre Nobrega, levando comsigo Anchieta, que era seu fiel interprete e inseparavel companheiro (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 7).

«Pera melhor estabelecimento dos concertos, quizeram os barbaros reter lá os padres, e foi necessario ficar Anchieta entre os *tamoqos* (*Ob.* e *loc. cit.*). Tres mezes se deteve n'este captiveiro, e alli, pera se conservar puro, compoz em latim a vida da Virgem Sanctissima em cinco mil e setecentos versos, repetidos não ao som das citharas, nem das harpas, mas ao som dos arcos e frechas dos *tamoyos*.»

No fim d'esse prazo, negociada a paz, recolheu-se Anchieta a continuar os seus estudos de theologia. Tomou na Bahia ordens de missa, que lhe deu o bispo D. Pedro Leitão, e desde esse momento trabalhou n'aquella vinha de gentilidade por espaço de quarenta e quatro annos, sendo em muitos d'elles superior e provincial da Companhia n'aquellas terras.

[1] **Hojo são raras essas obras. Adiante, n'este trabalho, tórno a occupar-me com os padres Ignacio de Azèvedo e Joseph d'Anchieta, no resumo de outras chronicas e escriptos dos jesuitas; mas quem quizer ter mais ampla noticia d'este missionario encontral-a-ha no tomo I dos *Varões illustres*, do ex.mo sr. dr. J. M. Pereira do Silva.**

«Quem poderá contar as terras que correu, os mares que passou, os golphams que atravessou, os baptismos que fez, os perigos de que escapou, as prophecias que disse, as virtúdes que exercitou, os prodigios e milagres que obrou?»

Caridade — «Devoção constante nos cubiculos e egrejas entre os sanctos, nos mattos e caminhos entre os infieis.» Conservar a devoção nos mattos, nas charnecas, nas aldeias entre os *aymurés* e *tapuyas*, entre gentios brutaes, entre féras humanas e indios deshumanos, entre uns tumultos e confusões de gente sem rei e sem lei; exercel-a, como se estivesse no maior retiro da mais remontada cóva da Thebaida, isto é, por sem dúvida, um dos maiores milagres d'este milagroso varão!

Mortificação — «Jejuns mui ordinarios (*loc. cit.*, n.º 4), disciplinas mui constantes. Não admittia lençoes nem cobertores, e só por enfermidade é que se deitava em cama; que pera estar prestes a todas as horas servia-lhe de brando colchão uma taboa, onde passava as noites, e mettendo um sapato no outro, d'elles fazia almofada — que tão pouco basta para sustentar a natureza.»

Emquanto esteve no collegio de S. Vicente dormiu sempre no chão, encostando a cabeça em um mólho de varas cheias de espinhos, observando o chronista que — o Senhor na cruz, para tomar o somno da morte, reclinou a cabeça sobre agudos espinhos.

Consoante os regalos da cama, eram as delicias da mesa — jejum contínuo — com qualquer coisa passava o dia, e o seu comer ordinario, o que a occasião lhe preparava, bastante para fugir da morte e não para ganhar saude.

Pobreza—Em seu cubiculo não havia nem escriptorio, nem arca, nem canastra, nem gaveta (que quem não tem que guardar escusa todos estes impedimentos), nem pennas tinha, e quando d'ellas necessitava para escrever as prácticas, prégações e obras insignes de poesia latina que compoz sendo mancebo, e o mais que fazia, recitava aos outros e logo o dava, e algum papel que lhe era necessario tinha depositado na mão do superior, para ficar de todo sem outro cuidado mais que em Deus.

A mesma pobreza exercitava por fóra. Sendo muitas as caminhadas que fez, mui largas as peregrinações, «muitas as entradas por aquelles sertões, ou a converter indios, sendo prégador, ou a visitar os nossos, sendo provincial, sempre andou a pé; e saindo calçado da cidade, logo fóra do povoado tirava os sapatos.»

«D'esta sorte andava com tanta pressa pelas costas do mar, pelas montanhas fragosas, pelas brenhas e mattos incultos, que os mesmos *brasis*, curtidos por aquellas charnecas, acostumados a mattejar e a saltar por aquelles montes como gamos ligeiros, o não podiam alcançar.»

Sabendo de algum indio enfermo, acudia com tanta pressa que deixava de correr, antes parecia que voava, só para applicar, quando o caso o pedia, medicamentos, e exercer assim a profissão de medico e de cirurgião.

Com muito maior cuidado acudia á cura de suas almas, e para alcançar este fim nenhuma difficuldade se lhe punha diante, por mais aspera e indomavel que se ella offerecesse.

Casos milagrosos—Da villa de S. Vicente para o sul corre uma costa brava e praia mui aspera, e mui esteril, por espaço de nove leguas, a que o padre chamava o seu *Peró*, pelos muitos portuguezes que alli acudiam com suas

familias e indios de serviço, todos necessitados de soccorro espiritual.

Um dia, por inspiração divina, e como se o levassem pela mão, entrou sem destino pelo matto, e veiu a encontrar com um indio muito velho, que estava assentado na terra e encostado a uma arvore, o qual, fallando primeiro com o padre, lhe dizia com grandes brados: «Vinde depressa, que muito tempo ha que vos espero aqui.»

O padre, pelos signaes que o homem lhe deu, ficou entendendo que não pertencia a nenhuma d'aquellas terras que estão sujeitas aos portuguezes, «e que era de alguma outra muito mais remontada, pertencente, porém, ao Brasil (porque a lingua era brasilica), e que por braço superior fôra alli trazido da outra banda da costa do Brasil da parte do oéste.»

Baptisou-o, poz-lhe o nome de Adão, servindo-se para a ceremonia de agua da chuva, «que até o ceu quiz concorrer pera esse milagre.» E logo depois expirou o velho.

O padre Telles accrescenta (*loc. cit.*, cap. VIII, n.º 3): «Se não queremos errar, não o queiramos pesquisar: são segredos altissimos, escondidos no incomprehensivel thesoiro, e investigaveis juizos de Deus, dos quaes só nos ficam rezões pera os reverenciar com temor, mas não temos fundamento pera os inquirir com curiosidade.»

«Vejamos o caminho por onde Deus, por meio do mesmo padre, salvou outro que ainda não era baptisado, e cuidava que era christão. Morreu na villa dos Santos um *brasil* por nome Diogo; amortalharam-n'o e abriram-lhe a sepultura. Tractando-se de o levar a enterrar, advertiu a dona da casa, chamada Gracia Rodrigues, que o defunto visivelmente se movia, e com ánimo varonil chegou a vêr se se enganava; porém o indio, pouco antes cadaver frio, distinctamente lhe fallou, pedindo-lhe que o tirassem d'aquella mortalha, e lhe chamassem o padre

Joseph. Attonitos ficaram os presentes com tão extranho successo; e dizendo-se-lhe que o padre se tinha ido a S. Vicente, que é d'ahi a duas leguas, replicou o resuscitado, que já o padre era vindo, e que ambos vieram junctos até um riacho, que corre proximo ao lugar, e que d'alli o tinha o padre mandado adiante a que se tornasse a vestir de seu corpo. Foram logo chamar o padre, e tanto que chegou, lhe perguntou o indio pelo reliquario, que no caminho lhe mostrára; tirou-o o padre do peito, e o indio com sua vista muito se alegrou; e logo o padre lhe disse que contasse a elle e aos circumstantes o successo de sua morte e de sua nova vida; elle o fez, dizendo que em saindo d'esta vida encontrára com quem lhe disséra que não caminhava pela estrada real pera o céu, porque não estava baptisado, e elle confessou que assim fôra, e que nunca havia caídô n'aquelle êrro, contentando-se com o nome de Diogo, cuidando que bastava ter o nome de christão.» (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 4).

Baptisou-o então o padre, e elle expirou:

Non soli, quia cum ceciderit, non haaet sublevantem se. (Ecl. c. IV, v. 10).

Se é o mesmo indio do milagre antecedente, segue-se que foi baptisado duas vezes!

Andou vinte quatro leguas n'um dia para acudir a um irmão que no collegio de S. Vicente era por seu superior castigado menos justamente.

«Revelou-lhe o ceu a pequena falta do irmão.»

«D'outra vez estava outro irmão muito melancolico e afflicto em lugar como n'uma ilha. O padre veiu pera o consolar, e depois de o ter composto em boa paz, desappareceu como tinha vindo, não se sabe nem como, nem como não.»

«Caminhava elle uma vez de S. Vicente a Piratininga, acompanhado de seu ordinario companheiro, o padre Vi-

cente Rodrigues, e de outros sacerdotes, e depois de andarem sete leguas, chegaram a uma ermida pera dizerem missa; porém o trabalho foi que faltava o missal, postoque havia todo o mais apparelho: a desconsolação dos padres era grande; porque além de terem subidas algumas serras pera chegar á ermida, era o dia de guarda, e sentiam muito ficar sem missa: tomou o padre Joseph á sua conta fazer vir o missal da casa de S. Vicente, acceitaram os padres a offerta, uns porque o tinham já por milagroso, outros porque queriam experimentar se o era.»

«A resolução do caso foi que, dentro em meia hora, chegou o padre Anchieta, trazendo debaixo do braço o missal, que sendo o mesmo da casa de S. Vicente, nem o padre Joseph lá appareceu, nem o missal de lá desappareceu.»

No n.º 2 do cap. v, da parte 2.ª da *Chronica da Companhia* diz o padre Balthasar Telles que prophetisára o padre Joseph d'Anchieta a perda d'el-rei D. Sebastião na célebre e mallograda batalha de Alcacerquibir, declarando ao mesmo tempo que D. Sebastião não morreria no conflicto, e que quanto á sua apparição «reservava isso pera Deus.»

Milagre do mar Vermelho—Referindo Balthasar Telles um dos milagres do padre Joseph d'Anchieta, diz que a maré enchendo, para não tocar n'elle, que estava em oração na praia, se fez como um muro todo em roda, deixando um esteiro por onde elle podesse sair (*Ob. cit.*, part. 2.ª, liv. v, cap. xii, n.º 2). Omittimos, para não cançar o leitor, outros casos milagrosos do padre Anchieta, que veem narrados nos cap. x, xi e xii do tom. ii da *Chronica* do padre Balthasar Telles.

Em 1551 chegou ao Rio a armada hespanhola, de que era general Diogo Flores Baldez, que ia assegurar a entrada do estreito de Magalhães.

Vinha alli um carpinteiro mui perito e de nome Francisco Escalante, que desembarcou e procurou logo o collegio; porque pedia a Companhia. Entrou tambem na Bahia para a Ordem João Fernandes, pedreiro e bom homem, mas já velho. A notícia que teve da morte da mulher em Portugal é que occasionou essa sua resolução; porém pouco durou, morrendo dentro de sete dias. Parece que foi quem poz os sinos na egreja do novo collegio.

Morte do padre Joseph d'Anchieta

Passou este evangelico missionario a vida toda com grandes achaques e contínuas enfermidades, que todas tiveram a primeira origem n'aquelle mal de costas, que se lhe desencaixaram.

Ajunctaram-se depois com a edade outras várias incommodidades, de fomes, caminhos longos e outras fadigas quasi quotidianas.

Accrescente-se a todos estes cansaços, que navegando uma vez se afundou a canôa em que ia, e saindo todos a nado, só elle ficou debaixo d'agua por espaço de meia hora; mas como saíu todo molhado, e lhe foi necessario caminhar logo por praias, de noite e com muita chuva, e mattejar por aquéllas charnecas, se lhe aggravaram esses achaques em seu corpo, velho, fraco e debilitado; e que demais a mais soffria perpétua falta de somno.

Crescendo a molestia, licenciou-se de governar a outros, «como quem já não podia reger sua propria fraqueza.» (*Ob.* e *loc. cit.*)

Com licença do visitador, o padre Christovam de Gouvêa o jubilou do govêrno da provincia, e entregou-o ao padre Marçal Belliarte, havendo sete annos que era provincial. Foi isto em 1585, e ainda viveu doze annos.

Continuou sempre em seus exercicios, doutrinando e acudindo aos indios, até que de todo caíu de cama.

Estava elle então na casa do Espirito-Sancto, d'onde o passaram a uma aldeia de indios (*Reritigba*), quatorze leguas distante, a ver se melhorava com a mudança de clima.

Quiz morrer entre os indios; tomou a Extrema-Uncção, e logo entrou em artigo de morte, que lhe durou meia hora, e expirou entre cinco padres da Companhia (*Ob. cit.*, cap. XIII, n.º 4).

Morreu a 9 de junho de 1597, com sessenta e quatro annos de edade, dos quaes viveu na Companhia quarenta e sete, tres em Portugal e quarenta e quatro no Brasil.

«Divulgada sua morte, foi grandissimo o sentimento em todos os estados de pessoas, chorando todos a perda de um pae commum. Seu corpo foi mettido em um caixão, sem cal nem defensivo algum que o presevrasse da corrupção e mau cheiro, e em hombros de indios foi levado á nossa casa do Espirito-Sancto, com pompa funeral, dois dias depois da sua ditosa morte. Ia o padre João Fernandes, da Companhia, revestido de alva e estola, e com grande multidão de gente, que lhe iam cantando, ou, pera melhor dizer, chorando nas exequias.»

«Chegando o corpo á porta da villa, o sairam a receber todos quantos havia na terra, assim seculares como religiosos, e com todas as honras funebres possiveis o levaram a enterrar ao nosso collegio.»

«Prégou nas exequias o administrador, que alli tem as vezes de bispo, e se appellidava Bertholameu Simões, chamando-o de *Apostolo do Brasil*. Houve grande abalo nos ouvintes com grande cópia de lagrimas, porque todos, vivo, o respeitavam com extranho amor, e morto, o choravam com notavel tristeza.»

Foi sepultado na egreja da Companhia, em uma capella

dedicada a Sanct'Iago, ficando seu tumulo pegado logo ao do padre Gregorio Serrão.

D'ahi a algum tempo, pela fama de suas obras, o geral Claudio Aquaviva mandou que fossem trasladados seus ossos para o collegio da Bahia, ficando alli sua sepultura juncto ao altar-mór, «e seus ossos buscados e estimados em Portugal, pelos milagres que faziam nos enfermos de maleitas.»

«Era homem de pequena estatura, e ainda parecia menor por causa das costas que tinha desencaixadas e proeminentes pera fóra; era muito magro por suas muitas penitencias e grandes achaques: as côres morenas e requeimadas do sol, que de dia muitas vezes soffria, e do sereno, que de noite levava. Todas estas propriedades assim junctas faziam ao padre Joseph no exterior mui desprezivel; porém, quem o via e tractava logo reconhecia n'elle alguma coisa superior.» (*Ob.* e *loc. cit.*, n.° 7).

Aquelle general da armada de Hespanha, D. Diogo Flores Baldez, que tomára porto no Rio de Janeiro, lhe tinha grandissimo respeito e fazia quanto o padre lhe pedia; confessára, todavia, que a primeira vez que o víra nunca se lhe representára coisa mais contentivel; porém que depois tractando-o, nunca em presença de alguma magestade se sentíra mais apoucado.

«Foi Anchieta homem de grandes talentos, raro engenho, memória fecundissima, teve um ánimo capacissimo, que a nenhum perigo se sujeitava; e ainda que as fôrças do corpo, por causa de suas indisposições, eram poucas, comtudo foi grande trabalhador e soffredor de trabalho; apesar de tão enfermo, parece que era de ferro — com ser tão aspero pera comsigo, parecia de cera pera com seus subditos: tractava de os persuadir com brandura, não de os domar com aspereza.» (*Ob.* e *loc. cit.*, n.° 8).

Pelos annos de 1640 se estava tractando da sua cano-

nisação, e ao que parece os autos pendentes da congregação da Rota.

Morte do padre Francisco Pinto

N'este anno de 1608 morreu o padre Francisco Pinto, que foi companheiro d'Anchieta desde o anno de 1582. Depois de muitos gloriosos trabalhos, depois de baptisar muitos milhares de almas, pereceu ás mãos dos indios do Ceará, em uma de suas entradas ao sertão, quando procurava descobrir o Maranhão.

Morte de Pero Corrêa e de João de Sousa irmãos da Companhia — anno de 1554

O irmão Pero Corrêa, antes de entrar na Companhia, residia já no Brasil, empregando o esfôrço do seu braço (pelo qual era conhecido e temido) em fazer injusta guerra áquelles gentios, salteando a uns e captivando a outros, conforme o damnoso costume de muitos portuguezes n'aquelle tempo. Pediu com instancia á Companhia, e foi n'ella recebido pelo padre Leonardo Nunes, na capitanía de S. Vicente, desejando satisfazer com boas obras o mal que tinha feito aos *brasis* (*Ob. cit.*, cap. XII, n.os 1 e 2).

«Como era mui corrente e o melhor exercitado na lingua da terra, discorria por uma e outra parte, rompendo mattos, atravessando rios, vadeando alagôas com grandes trabalhos, com excessivas fomes e intoleravais calmas, com tão abrazada caridade, que de todos aquelles indios era mui amado e estimado, e por lhe terem grande respeito, acabava com elles coisas mui difficultosas, prégando-lhes de dia nas egrejas das aldeias, aonde os ajunctava, e de

noite pelas choupanas, aonde os buscava, entoando (conforme o costume dos *brasis*) em altas vozes o mysterio que lhes queria intimar; e continuava o fervoroso irmão o exercicio d'estes seus brados pelas portas das choupanas com tanto fervor, que muitas vezes lhe acontecia continuar da meia-noite até o romper da alva e nascer o sol; acceitando aquelles barbaros tão alegres alvoradas com tal gôsto, que tanto que uma vez ouviam a sua voz, que já mui bem conheciam, não queriam mais dormir, pondo-se todos em vigia, e ouvindo com grande applicação e silencio os mysterios da nossa sancta fé.»

Certos hespanhoes, vindo por aquelle tempo do Rio da Prata, foram captivados pelos indios. Não duvidou o padre Manuel da Nobrega de o mandar só, confiando que elle acabaria espurio a obra do sancto serviço de Deus (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 3).

Chegando o irmão Pero Corrêa e entrando muito pelo sertão dentro, foi dar com os pobres captivos, e insinuando-se pelo seu modo no ánimo dos indios, ora com prácticas familiares, ora com prégações, facilmente acabou com elles o que queria.

«Teria notícia n'este tempo o padre Manuel da Nobrega de uma nação de gentios, que está além dos *carijós*, que em sua lingua se chamam *hirajáras* (bilreiros dos portuguezes), dos quaes dizem ser algum tanto mais domesticos e disciplinaveis que os indios da costa do Brasil, e postoque diffiram alguma coisa na lingua, o irmão Pero Corrêa com o seu grande zêlo tinha já alcançado o conhecimento de seus vocabulos e modos de fallar por via de um indio que muito tempo captivára entre elles.»

A esta missão foi o irmão Corrêa com mais dois companheiros, accrescentando-se «a este principal intento uma obra de caridade, qual era levar em sua companhia certos castelhanos nobres, que com suas familias tornavam

pera o Rio da Prata, e que só com a presença d'esse irmão se davam por seguros dos indios *tupys*, que por serem contrarios aos indios *carijós* (com quem os castelhanos tinham amizade), se temiam estes que n'elles fizessem preza.»

«Postos em salvos os dois castelhanos, começou o bemaventurado irmão a prégar a lei de Christo por todas aquellas terras, persuadindo aos *tupys* a paz com os *carijós*, seus fronteiros, pera d'esta maneira mais facilmente cultivar a uns e outros com a prégação do Evangelho. Tão boas rezões lhe deu o irmão, que os persuadiu á paz e a fazerem de novo uma grande povoação pera todos junctamente aprenderem as coisas da sancta fé; logo, contra seu barbaro costume, lhe entregaram dois *tamoyos*, gentios, seus contrarios, que já tinham em cordas presos, e bem cevados pera os levarem ao matadoiro.» Deram mais um hespanhol tambem prisioneiro, mas este tão enfermo e maltractado que, por compaixão, deixou ahi para cuidar d'elle a um dos dois religiosos que comsigo levava.»

«Proseguiu seu caminho com o outro irmão, chamado João de Sousa, entrando pelo sertão a dentro, prégando entre aquelles barbaros a fé de Christo.»

Havia n'aquellas terras um castelhano que servia de lingua, ao qual um padre da Companhia, por nome Manuel de Chaves, tinha dado a liberdade e a vida, alliviando-o das mãos dos barbaros *tupys*, que n'elle queriam fazer preza.

Estava junctamente captiva uma india, com a qual o castelhano, antes de detido pelos barbaros, vivia em peccado.

O padre livrou tambem a esta, casando-a com outro da sua egualha d'ella. O castelhano fez extremos para tornar a haver a sua india, e, cego de ira e ciume, resolveu perseguir a ferro e fogo o padre e seus companheiros. Já era então partido o padre Manuel de Chaves.

Sabendo que, pois, tinha chegado áquella aldeia dois religiosos, junctou os barbaros, mettendo-lhes em cabeça que aquelles vinham como espias dos *tupys*, e que convinha matal-os, por que os não enganassem.

«Eil-os subitamente amotinados! bradam, assobiam, convocam as tribus, tomam seus arcos e frechas, poem-se todos em som de guerra, e logo com impeto diabolico e furia infernal lhes tomam o caminho aos dois prégadores do Evangelho, cercam-n'os, dão vozes e alaridos.»

«Vinha o irmão João de Sousa com um cestinho de pinhões nas mãos, que era o viatico e provisão pera o caminho aos *hirajáras*: apenas teve tempo de se pôr em joelhos e com as mãos postas, e assim expirou atravessado de frechas.»

Este, antes de entrar para a Companhia, fôra criado de Thomé de Sousa, e o padre Manuel da Nobrega quem n'ella o recebeu.

Emquanto o irmão João de Sousa de joelhos recebia a morte, o irmão Pero Corrêa fallava aos barbaros — que advertissem que não mereciam a morte. Não o attenderam nem se abrandaram. Descarregaram as frechas tambem sobre este, que só teve tempo de largar o bordão para mais facilmente levantar as mãos ao ceu, e assim em pouco tambem acabou a vida.

1555

O padre dr. Martim de Olhavo tractava de introduzir a Companhia em França. Henrique II remette as bullas e lettras pontificias á Sorbona para que as examine (*Ob.* e *loc. cit.*, cap. XVI, n.º 4).

«Em resolução na universidade de Paris, a faculdade dos theologos sorbonicos saiu com um decreto mui pesado

e offensivo contra a nossa religião; porque n'elle entre outros cargos que nos punham, nos chamavam perturbadores da paz commũa, semeadores de discordias, homens prejudiciaes a toda a egreja de Deus, desobedientes aos prelados, suspeitos á fé catholica, e que recebiamos entre nós gente aviltada e infame; e que, finalmente, mais tinhamos vindo ao mundo pera destruição, que pera edificação.» (*Ob. e loc. cit.*, n.º 5).

Loyola tractou de haver um testimunho público dos mais reinos da christandade onde já estava a Companhia, e D. João III deu-se pressa em attender a esse appéllo, esescrevendo n'esse mesmo anno de 1555 ao bispo conde D. João Soares pelo seguinte theor:

«Reverendo bispo.—Eu tenho muita affeição aos padres da Companhia de Jesus pelo grande louvor que se segue a Deus Nosso Senhor, proveito espiritual ás almas, e a mim muito serviço, e a todos meus reinos e senhorios grande consolação no religioso exemplo, virtuosa vida, conversão, doutrina, indústria e zélo do amor de Deus e das almas, que os padres e pessoas da Companhia teem mostrado e mostram cada dia em meu reino, desde o tempo que ha que n'elles edificam collegios da Companhia, com que teem feito e fazem muito fruyto, de que eu tenho recebido e recebo muito contentamento e serviço, e lhe sou por isso em muita obrigação, pelo que vos encommendo muito que por isso assim ser, como sabeis, queiraes dar d'isso vossa fé e testimunho por escripto, e de como sabeis de quanta qualidade e exemplo são as pessoas que em a dita Companhia se recebem, etc.» (*Ob. e loc. cit.*, cap. XV, n.º 1).

Foi o padre Diogo Miram provincial tres annos, succedendo-lhe em 1555 no cargo o padre dr. Miguel de Torres. (*Ob. e loc. cit.*, cap. XXI, n.º 1).

Nos annos em que foi geral o padre S. Francisco de

Borja, exerceu Diogo Miram em Roma o de assistente de Portugal, e das provincias da India e do Brasil.

Chega o padre Balthasar Telles com a sua *Chronica da Companhia* até aqui, isto é, até 1556 ou a dezesete annos da Companhia de Jesus, occupando-se dos jesuitas no Brasil até o cap. LII, do liv. V, n.º 13, pag. 506 do tom. II, isto é, até 1554 [1].



[1] Ha d'estes anachronismos nos chronistas, que narrando os factos por annos seguidos, ás vezes dão saltos passando a cital-os de dactas posteriores. Dando Balthasar Telles por concluida a sua *Chronica* em 1557, falla, comtudo, da entrada da frota de Baldez, em 1581, da morte d'Anchieta, em 1597, e da do padre Francisco Pinto, em 1608!

CHRONICA DA COMPANHIA DE JESUS

DO

ESTADO DO BRASIL

PELO PADRE SIMÃO DE VASCONCELLOS [1]

Principio a compilação d'esta *Chronica* por dar a summa do que diz o chronista a respeito do padre Manuel da Nobrega, no que não discrepa, como verá o leitor, do padre Balthasar Telles.

Nasceu Nobrega de paes nobres: passou a Coimbra, onde estudou humanidades. D'ahi a Salamanca, onde principiou os seus canones (a que sempre foi inclinado). Voltando a Coimbra, tomou o grau de bacharel formado na referida faculdade (*Chr. da Comp.*, liv. I, n.º 8, pag. 8).

«Vagára uma collegiatura na universidade: era costume levar-se esta por opposição: oppôz-se a ella o padre Manuel da Nobrega, já então sacerdote de missa, e suposto levasse ao seu oppositor conhecidas vantagens, a juizo

[1] **Extracto da 1.ª edição de 1663. Seu author, o padre Simão de Vasconcellos, vestiu roupeta na Bahia, e foi lente de theologia e provincial da Ordem no Brasil, e segundo o bem informado e monumental *Diccionario-Bibliographico Portuguez*, nasceu o padre na cidade do Porto em 1597 e morreu na do Rio de Janeiro a 22 de setembro de 1671. Além da *Chronica da Companhia* escreveu outras obras, como se verá á pag. 286 do 7.º volume do citado *Diccionario Bibliographico*.**

dos melhores, ficou comtudo aquelle victorioso e Nobrega rejeitado.» (*Ob.* e *loc. cit.*, n.° 9).

«Determinou despicar-se com o mundo, affrontal-o e repudial-o, como o mundo o fizéra com elle.» Entrou no collegio de Coimbra em 1544, e entrou n'elle com toda a alma e zêlo pelos pobres. Depois de tér d'ahi partido, por muito tempo ainda se fallou no *padre gago*, que assim o chamavam por ter alguma coisa de impedimento no fallar.

«Não cabia em um só collegio, em uma só cidade zêlo tão grande. Saía com licença dos superiores a desafogar em missões por diversas partes do reino, e ainda dos de Galliza e Castella.» Partiu de Coimbra com um bordão na mão e o breviario pendurado do braço, sem mais outro viatico, caminhando a pé, e o vestido mui roto e desprezivel.

A este escolheu o padre-mestre Simão Rodrigues para o substituir na empreza do Brasil. Mandaram-n'o chamar das contínuas missões em que andava, mas por mais pressa que se deu, já o governador tinha partido com os seus companheiros quando elle chegou a Lisboa. Eram estes companheiros:

O padre Leonardo Nunes, o padre João de Aspilcueta Navarro, o padre Antonio Peres, e os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome.

Embarcou-se na formosa nau de Antonio Cardoso, que ficára esperando por elle, até que se encontrou com a frota, onde passou-se para a nau do governador (*Ob.* e *loc. cit.*, n.° 24, pag. 26).

Thomé de Sousa, «mui experimentado nas guerras da Africa e da India, nas quaes partes se tinha portado valoroso cavalleiro, mereceu fiar d'elle el-rei empreza tão grande.» Partiu de Lisboa em 1.° de fevereiro de 1549.

Na frota, prégando, practicando, fazendo procissões, pro-

hibindo jogos e juramentos, chamando aos sacramentos, etc., em breve reformou Nobrega a frota [1].

Narrando o padre Simão de Vasconcellos o caso da cabeça de peixe (*loc. cit.*), funda-se para isso na *Chronica* do padre Balthasar Telles, e conclue: «Conciliou o caso assi pera com o governador, como pera com toda a nau, conceito de sancto a Nobrega; e á volta d'esta opinião obrava em bem de suas almas grandes coisas [2].»

Como se vê, segue o padre Simão de Vasconcellos até aqui *par* e *passum* a *Chronica* do padre Balthasar Telles.

Em fins de março, ou, como querem outros, em principios de abril, avistaram signaes de terra. Segundo Orlandini chegaram á Bahia com sessenta e seis dias de viagem.

Descripção da Bahia

Tem um golpho de trinta e seis leguas de circumferencia: «é estancia fiel pera navios, abrigada dos ventos e tempestades do Oceano. Dentro de uma barra real de mais de duas leguas de largura (limpa, funda, navegavel), entrada segura pera galeões e naus da India, sufficiente pera todas as armadas do mundo, entresachada de aprazíveis ilhas, tantas em número, que se assevera passam de cento.» Do sertão veem pagar-lhe tributo os grandes rios Pirajá, Matuim, Parnámerim, Seregipe, Paraguaçú, Jagoaripe.

«Vêem-se hoje todas estas bahias e margens de rios cercadas de rica lavoira de cana de assucar, quasi innumeraveis — fazendas á beira dos rios, commércio em todas estas lavoiras — todas com porto e saída em alegre confusão.» (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 28).

[1] Veja-se no fim a nota *A*, já citada.
[2] Veja-se a nota *R*, *in fine*, citada na *Introducção*.

Quando escrevia o padre Simão de Vasconcellos, contavam-se sessenta e nove engenhos, que representavam outras tantas villas para onde iam-se em barcos, escusando carros e cavalgaduras.

«Os moradores, naturaes da terra, são por natureza liberaes, engenhosos, magnanimos e dadivosos.»

Refere que o primeiro descobridor da Bahia, Christovam Jaques, quando alli chegou, encontrou duas naus de francezes a regatearem com os indios, e porque não quizessem largar o porto, metteu-as no fundo, com gente e fazenda (*Ob.* e *loc. cit.* n.° 33, pag. 34).

O primeiro governador, Francisco Pereira Coutinho, destro nas guerras da India, despeja a terra, depois de oito annos de guerra com os *tupinambás*. Voltando dos Ilhéos, aonde se tinha acolhido de um naufragio, é tomado e morto pelos selvagens (*Ob.* e *loc. cit.*, n.° 34).

D'aqui veiu tomar o rei para si a capitanía, assim como a Bahia, que por doação posterior ficára pertencendo ao mesmo povoador Coutinho.

Caramurú—«Assentou suas casas n'aquelle raso, que hoje se vê em Villa-Velha, além de Nossa Senhora da Victória—cujas ruinas *ainda agora* dão signaes.»

Pedro Fernandes Sardinha, despachado vigario geral para a India, veiu depois por primeiro bispo do Brasil.

Uns castelhanos, navegando para o Rio da Prata, foram dar á costa em Boipeba, depois chamada a *Ponta dos Castelhanos*. Caramurú salvou-os; e elles, voltando á Hespanha, foram causa de Carlos V escrever a Caramurú uma carta de muitos favores.

D'este *naufragio* ou *encalhe* salvou um indio uma imagem (painel) de Nossa Senhora. Caramurú fez-lhe casa sob a invocação de *Nossa Senhora da Graça*.

Por este tempo Martim Affonso de Sousa, indo para a India, arribou a este porto. Vinham com elle alguns religiosos, que baptisaram os filhos de Caramurú. Então, e na mesma occasião, uma das filhas casou com Affonso Rodrigues, de Obidos, e a outra com Paulo Dias Adorno, fidalgo genovez, que tinha vindo de S. Vicente por causa de um homicidio.

Thomé de Sousa, desembarcando, demandou o lugar chamado Villa-Velha, sítio aprazivel e d'onde se descobre a formosura de toda a Bahia. Veiu marchando em som de guerra, armados os seus em ordem de peleja, já por se não confiar dos indios, já para mostrar o poder com que vinha.

Alli se demorou um mez, emquanto se demarcava o sítio para a nova cidade.

Trazia mil homens, seiscentos soldados e quatrocentos degradados. Eram ouvidor geral Pero Borges, e provedor-mór do estado Antonio Cardoso de Barros.

Desembarcaram tambem os jesuitas, alojaram-se juncto do arraial e ahi, com a maior solemnidade que poderam, celebraram o primeiro sacrificio, em acção de graças, erigindo depois a cruz.

Diz o author que o padre Nobrega «levantando os olhos do alto d'aquella eminencia por todo o grande contôrno da Bahia, alcançou que tudo eram estancias de indios barbaros, e que com a mesma frequencia habitavam pelo interior do sertão, em tanta quantidade, que podia duvidar-se quaes eram mais, se elles ou as folhas das arvores.»

Eram impedimentos para a conversão: primeiro, não haver sacerdotes, más a pedido do governador e de todos começaram os padres da Companhia a prégar, confessar, desobrigar e os mais officios de parocho; segundo, não saberem a lingua, nem terem interpretes; terceiro, anda-

rem os indios em guerra entre si, e muitos d'elles com os portuguezes, sendo as causas d'esta, como diz o chronista:

«A raiz d'ellas sabe-se que foi antiga, desde os primeiros fundadores das capitanías... porque foram notando os naturaes da terra em nossos portuguezes outra intenção mui differente da com que aportaram a ella em Porto-Seguro. Então tractavam com elles como hospedes, mostravam alegrar-se com sua presença e enchiam-n'os de favores e mimos; porém agora haviam-se como inimigos, pretendiam desterral-os de suas patrias, fazerem-se senhores d'ellas e inda de suas liberdades. Pera remedio d'estes males e defensão sua natural, passaram palavra por toda a costa do Brasil, e confederaram-se as nações, suspendendo os arcos que maneavam uns contra os outros, passando a fôrça d'elles contra os portuguezes, inimigo commum.»

Entraram depois em concertos de paz com os portuguezes; sendo os primeiros os *tabayaras* e *tupinambás* da Bahia, os *tabayaras* de Pernambuco e os *tamoyos* do Rio, receiosos tambem dos *potyguáras* e *tapuyas*, que lhes ficavam sobre as costas e de cuja amizade jamais se fiavam. Estes ultimos ficaram por isso exasperados, mas vieram por fim a imitar os outros.

«Duraram estas pazes emquanto durou a paciencia nos indios; porque a gente portugueza, não contente com senhorear a terra, passava a senhorear as pessoas, e como em caso da liberdade natural todo o homem, por mais tosco que seja, acuda por si, houveram de tomar a rompimento muitas d'estas nações.»

«A primeira traça com que sairam os padres foi fazerem familiares (ainda á custa de dadivas e mimos) os meninos, filhos dos indios, porque estes, por menos divertidos e por mais habeis que os grandes, em todas as nações do Bra-

sil, são mais faceis de doutrinar, e, doutrinados os filhos, por elles se começariam a doutrinar os paes.»

Á volta de ensinar os meninos, iam tambem os padres aprendendo a lingua do paiz..

Fizeram ou fizeram-se taes quaes pazes. «No entanto não era o seu trabalho sem fruyto, salvando as almas de muitos innocentes, e de velhos e enfermos que baptisavam *in extremis.*»

Passado o mez de abril, mudou-se o governador para o sitio onde demarcára a nova cidade (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 46). Esforçavam-se todos em fazer suas casas, e os edificios publicos, e fortificações, visto que se não confiavam muito dos indios. Transferiram tambem os padres sua residencia para o lugar onde fizeram a egreja, depois reconstruida, de Nossa Senhora da Ajuda. Elles, como todos, iam ao matto, cortavam madeiras, acarretavam-n'as, e eram os mestres da taipa; porém o que mais os molestava era a grande falta de alimento corporal, de modo que andavam esmolando e colhiam pouco, porque a necessidade chegava a todos. Iam tambem á fonte para agua e ao matto para lenha, etc.

«Depois, chegando sacerdote do reino, entregaram-lhe a casa, egreja e vigararia, e passaram-se para fóra da cidade, ao monte chamado *Calvario*, onde depois se edificou o mosteiro do Carmo.»

Confirmando o dizer de Balthazar Telles, refere o padre Simão de Vasconcellos que «n'aquelle tempo era este sitio o principal assento das aldeias dos indios, por seus bons ares, visinhança do mar e outras melhorias que n'elle conheciam.»

As difficuldades com que luctavam os padres eram impedir que os indios comessem carne humana, tivessem muitas mulheres, e conservassem odios entre si, vivendo em guerras, amigos de feiticerias e de excessos de vinhos,

sem que os missionarios soubessem a lingua para lhes fazerem comprehender seu êrro. O padre João de Aspilcueta Navarro «saíu em breve tempo sufficiente pera prégar n'ella, e foi o primeiro que poz na lingua geral algumas orações e dialogos da nossa sancta fé.»

Viam a cada passo diante de seus olhos aquella carneceria nefanda, ouviam as solemnidades das festas com que retalhavam e distribuiam, como em açougue, a carne de seus inimigos.

Gostavam d'ella os indigenas: primeiro, porque suppunham-n'a o manjar mais saboroso e vital que havia no mundo; segundo, por vingança; terceiro, por acreditarem que a maior glória que póde ter um homem n'esta vida é captivar um contrário seu, ceval-o, chamal-o a terreiro, e matal-o ao som de vivas, applausos e danças, para depois o comer.

«Contava um padre de nossa Companhia, grande lingua brasilica, que penetrando uma vez o sertão, chegando em certa aldeia, que achou uma india velhissima no último da vida, catechisou-a n'aquelle extremo, ensinou-lhe as coisas da fé e fez compridamente seu officio. Depois de haver-se cansado em coisas de tanta importancia, attendendo á sua fraqueza e fastio, lhe disse, fallando á moda da terra: «Minha avó (assim chamam as que são muito velhas), se eu vos dera agora um pequeno torrão de assucar ou outro bocado de confôrto de lá de nossas partes do mar, não o comerieis?» Respondeu a velha já catechisada «Meu neto, nenhuma coisa da vida desejo, tudo já me aborreceu; só uma coisa me poderá abrir agora o fastio. Se eu tivera uma mãozinha de um rapaz tapuya de pouca edade, tenrinho, lhe chupava aquelles ossinhos, e então me parece tomára algum alento; porém eu (coitada de mim) não tenho quem me vá frechar um d'estes.»

Tiram os padres um dia um morto do poder das velhas, ellas gritam, instigam os homens, acoimando-os de covardes e fracos. Em vista d'isto tomam armas, e veem contra os padres; mas estes já se tinham recolhido a umas pobres casas de barro, onde hoje é o collegio. Accommettem então a cidade: o governador acode com o presidio e os faz recuar com as armas de fogo (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 51), como atraz fica dito, na *Chronica* do padre Balthasar Telles.

Os portuguezes incriminam os padres de que o *resgate* dos indios era o remedio dos homens (isto parece, quanto a mim, queixa posterior); porque nas guerras estava a salvação de todos, e o commércio e a alimentação d'elles.

Esta aldeia pede paz, e os padres conseguem das outras que deixem baptisar os captivos, mas os indios acceitam-n'o com grande constrangimento, porque acreditam que o baptismo tira o gôsto á carne, e por isso rescindem por fim o contracto.

Vão então os padres ás aldeias a pretexto de assistirem ás suas festas, e os baptisam á surrelfa!

Aqui repete o author o caso, já narrado pelo padre Balthasar Telles, do feiticeiro com o padre Manuel da Nobrega (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 55). Appareceu por esse tempo uma epidemia, que naturalmente havia de atacar com mais fôrça os indios que andavam com os portuguezes, em razão da mudança de habitos e alimentos (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 57).

Crêem elles, todavia, que provinha o mal do baptismo; mas o padre Nobrega conseguiu debellal-o com applicação de sangrias.

Correu a noticia que na capitania de S. Vicente havia grande desamparo da doutrina de Christo; porque os portuguezes, que já alli estavam e começavam a povoar aquelle lugar, viviam a modo de gentios, e os gentios, a

exemplo d'estes, iam fazendo maus conceitos dos christãos, em especial d'aquelles portuguezes que estavam immersos em um tracto vilissimo, salteando os pobres indigenas, ou nos caminhos, ou em suas proprias terras, sendo muitos d'estes — christãos baptisados por certos religiosos de S. Francisco, castelhanos, que por successo de viagem tinham estado com elles algum tempo na paragem a que chamam dos *Patos* (Sancta Catharina) (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 58).

O padre Nobrega mandou acudirem a isso o padre Leonardo Nunes e o irmão Diogo Jacome, que partiram da Bahia em 1.º de novembro de 1549, com provisões efficazes do governador Thomé de Sousa. (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 61).

Fizeram escala pela capitanía do Espirito-Sancto, que já então era principiada, e receberam ahi por noviço o irmão Matheus Nogueira, ferreiro de profissão

Eis como descreve o padre Simão de Vasconcellos a capitanía de S. Vicente (*Ob. e loc. cit.*, n.º 62): — «Terreno fertil, abundantes searas de trigo e fecundas vinhas. Esta capitanía era a fartura de carnes e trigo pera abastecer todo o estado — tem todo o genero de metaes, principalmente oiro, e *d'este se bate hoje moeda.*»

Quando Martim Affonso andava, em uma armada á sua custa, sondando até o Rio da Prata, fundou a villa de S. Vicente, em porto onde senhoream duas ilhas com duas barras: a do norte, que fortificou com uma torre a que chamam Bertioga, e a do sul com outro forte. A duas leguas de S. Vicente fundou Santos. Em S. Vicente foi onde primeiro se fez assucar na costa do Brasil, e d'onde as outras proveram suas lavoiras de canas e seus campos de vaccas.

Diz o author que os indios de S. Vicente, taes como os *tapuyas*, *carijós*, *patos*, e *goyanases*, se foram afastando para o sul (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 65).

«Os costumes dos portuguezes, moradores que então se achavam n'estas villas, vinham a ser como os dos indios, porque, sendo christãos, viviam á moda dos gentios.

«Na sensualidade era grande a sua devassidão, amancebando-se ordinariamente de portas a dentro com suas proprias escravas indias, ou fossem casados ou solteiros.» D'ahi vinha que não confessavam, nem frequentavam os sacramentos, nem jejuns, nem nada. Conclue assim o chronista:

«Vivia-se de rapto de indios, e era todo o officio assaltal-os por valentia, e por ella eram os homens estimados.»

Era este o estado das coisas, quando chegou áquella capitanía o padre Leonardo Nunes com seu companheiro; sendo todavia para notar que foram os padres recebidos em S. Vicente com grande alvoroço (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 66).

«Começaram a fabricar-lhes casas e egrejas, folgando cada um de intervir no trabalho d'ellas, trazendo a seus proprios hombros, ainda os mais graves da terra, como por devoção, as madeiras e outros materiaes.»

«Era o padre Leonardo Nunes varão descarnado de todos os affectos humanos, mortificado, pobre, humilde, prudente e paciente.» (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 68).

Este exemplo bastava para os converter. Viam o padre Leonardo, pobremente vestido, talvez descalço, esmolando nas praças, nas praias, nos campos; doutrinando aos filhos, aos escravos, na casa do pobre e do rico, do peccador, do sensual, do salteador; fazendo amizades, alcançando perdão, prégando no pulpito, dizendo missa aqui, e duas e tres leguas mais adiante, outra vez missa no mesmo dia, e doutrina e sermão, de noite, de dia, pelo relento, pela calma, e por isso chamaram-lhe os indios *Abaré Bebé—padre que vóa.*

Reformam-se, casam-se e mudam de theor de vida, como o testifica o proprio padre Anchieta com sua affirmativa.

Para o ajudar, começou este a receber noviços, que sabiam bem a lingua brasilica, ou que a podiam aprender facilmente. (*Ob.* e *loc. cit.*, n.° 70).

«Em primeiro lugar, a Pedro Corrêa e Manuel de Chaves, homens principaes, moradores da terra, de muitos annos no Brasil e muito grandes linguas.»

Apoz estes, alguns moços pequenos, europeus ou mestiços. D'entre todos estes, os que melhor provaram foram João de Valle e Gaspar Lourenço.

«O irmão Pedro Corrêa foi pondo em estylo da lingua da terra a summula da doutrina christan.»

O padre Leonardo, em companhia de um dos mais robustos irmãos, bom lingua, entrou pelo sertão, atravessou as serras, e conseguiu que os indios lhe entregassem os filhos, que trouxe para S. Vicente.

Formou então um seminario com alguns orphams, vindos de Portugal, com mestiços da terra, e com estes indios, a quem ensinou o portuguez, e a alguns mais habeis de entre elles o latim.

Para os sustentar, o irmão Diogo Jacome levantou um tôrno, onde fazia corôas e rosarios de pau. Outros irmãos aprendiam a fazer sapatos, «que vendiam a alguns dos homens ordinarios, e de que estes usam pera caminhos asperos, e pera isso punham de môlho quinze ou vinte dias *gravatás* ou *coroatás*, depois tiravam as *cascas* ou estrigas e com ellas teciam as taes alpercatas.» (*Ob.* e *loc. cit.*, n.° 72).

Outro se fez official de carpinteiro.

O irmão Matheus Nogueira, que tinha vindo do Espirito-Sancto com o padre Leonardo, usava de seu officio de ferreiro «fazendo anzoes, cunhas, facas, e o mais genero de ferramenta com que acudia grandemente ao sustento dos meninos.»

«E d'este tempo ficou introduzido trabalharem os ir-

mãos em alguns officios mechanicos e proveitosos á communidade, por rezão da grande pobreza em que então viviam.»

Esta tranquillidade não durou muito. O padre Leonardo trouxera provisão do governador geral, «em que mandava fossem restituidos os indios que os portuguezes haviam captivado contra justiça, ou em caminhos, ou em suas terras, ou d'outro qualquer modo, em especial os christãos, que tinham doutrinado e baptisado os religiosos de S. Francisco (castelhanos) pera que fossem todos postos em sua liberdade.»

O padre, ao chegar, conseguiu isso de alguns moradores, mas logo arrependidos, começaram a murmurar dos padres, a perseguil-os, tirando-lhes as esmolas, «e dizendo d'elles coisas que sua paixão lhes dictava.» Recompozeram-se as coisas, porém mal; impedindo aos padres outras amarguras.

Um homem tão entrado na edade, como envelhecido nos vicios da carne, vivia amancebado e com filhos. O padre insta com elle, aconselha-o e o admoesta, e d'ahi vem que este o aborrece; mas nem por isso o padre esmorece, e, segundo as expressões pouco sombreadas do padre Simão de Vasconcellos, até na egreja o persegue.

O peccador espera-o no meio da rua para dar-lhe com um pau, em vista do que um filho d'este mette-se de permeio. O homem arrepende-se, e quando aconteceu morrer, com mais de cem annos, sobrou-lhe a *cêra do enterro*, segundo conta o author, attribuindo o phenomeno á salvação do homem.

João Ramalho, «homem por graves crimes infame e então excommungado» é posto pelo padre Leonardo fóra da egreja, pelo que dois filhos d'este quizeram vingar a injúria ao pae, e o esperaram para isso á porta d'esta.

Ao dar com elles, ajoelha-se o padre e os homens apiadam-se e não ousam feril-o.

Resgata do poder dos *tamoyos* umas mulheres de portuguezes, que elles tinham no cévo, devendo-se este milagroso resultado ao irmão Pedro Corrêa, que era grande talento e extremado lingua, e a quem o padre Leonardo levára comsigo para esta expedição.

Fez o padre Leonardo outra viagem aos indios dos *Patos*, d'alli a cem leguas; porque «indo ter áquella paragem então inimiga, certos fidalgos castelhanos com suas familias, que navegavam pera o Rio da Prata, por meio da presença do padre Leonardo, cuja authoridade era conhecida e venerada entre aquellas gentes, que vieram a amansar-se, conseguiu d'elles deixarem livres aquelles christãos.

Voltaram os castelhanos com o padre para S. Vicente até que «houve occasião opportuna de proseguirem a sua viagem.»

Tinha o padre Leonardo convertido a capitanía de S. Vicente, quando em 1553 a foi visitar o padre Nobrega pela primeira vez. (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 79).

No anno de 1550, chegou a armada á Bahia, com o galeão chamado «o *Velho*» e outros menores com gente e soccorro para a nova cidade do Rio de Janeiro. Mariz suppõe que veiu tambem n'essa occasião D. Pedro Fernandes Sardinha, primeiro bispo do Brasil, com clerigos e «quantidade de ornamentos pera o culto de sua sé.» (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 80).

Simão de Vasconcellos diz que viu nos livros da fazenda que «o seu provimento é de 4 de dezembro de 1551; mas no entanto chegou ao Brasil em principios de 1552, e ahi morreu a 16 de junho de 1556.» Ha aqui manifesto engano de dactas.

N'aquella armada de 1550, de que era capitão Simão Gama vieram quatro padres: Affonso Braz, Salvador Rodrigues, Manuel de Paiva e Francisco Pires, mandados por

ordem do geral Ignacio de Loyola, o qual nomeára n'essa monção para vice-provincial do Brasil o padre Nobrega (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 81).

O padre Nobrega tinha para si que todo o espirito dos missionarios do Brasil se devia reduzir a dois pontos: *mortificação* e *obediencia*.

Mandou, pois, a pretexto de necessidade, vender o padre Manuel de Paiva, com pregão público pelas ruas.

O pregoeiro, que era o padre Vicente Rodrigues, continuou por alguns dias com este pregão: — «quem quer comprar este homem que é já sacerdote, e póde servir pera muitos usos?»

O governador Thomé de Sousa propôz o caso ao ouvidor Pero Borges, accrescentando: «Eu nunca vi vender sacerdote de missa, mas como vejo que os padres o fazem, não ouso condemnal-o.» Já havia quem promettesse cem cruzados e os moradores de Villa-Velha subiam no lanço, porque o queriam para capellão. Ao referir o padre Simão de Vasconcellos este caso, e o que se segue, afastou-se um pouco de Balthasar Telles, dando-lhes mais ensanchas e variando nos incidentes, como lhe pedia sua indole mais phantasiosa.

Accrescenta o chronista que depois d'esta prova, reproduzindo a de Abrahão, menos a fogueira, mandou que se deitasse de um monte ingreme, e o padre Paiva, já o ia fazendo, sem detença, quando Nobrega o susteve!

Ao padre Vicente Rodrigues mandou que entrasse de discipulo em casa de um tecelão, e com elle morasse até sair perfeito no officio.

Ao padre João de Aspilcueta Navarro, que era confessor do governador, «mandou que se fosse disciplinando pelas ruas até chegar á praça do governador, que folgaria de ver penitente tão destro (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 85).

«Havia ainda n'este tempo grande corrupção de cos-

tumes, assim na gente portugueza como nos indios. Os portuguezes, licenciosos com a vida soldadesca, vecejaram em vicios publicos, que serviam de escandalo a toda a terra. Os indios estavam ainda pertinazes no peior dos seus vicios, e com mais fôrça nos que são mais conformes á carne.»

«Com um portuguez degradado, nobre no sangue, mas infame nos vicios, e escandaloso em toda a cidade, importunou-o a ponto que o homem, perdendo a paciencia, lhe disse que em vez de lhe estar quebrando a cabeça, faria melhor em limpar-lhe o ourinol, e ir-lhe á fonte pera agua. Assim o fez o padre mui promptamente.» (*Loc. cit.*, n.º 86).

Rendeu-se o peccador, prometteu emenda, e chegou a viver como religioso, acolhendo-se á sombra dos padres.

Com outro commetteu a empreza ao padre Navarro, que era do solar dos Aspilcuetas, do reino de Navarra, e ainda aparentado dos Loyolas. Do tal peccador, aos cuidados do padre João de Aspilcueta, diz Vasconcellos: «Eram mais illustres que elle seus vicios, commettidos assim em Portugal, como no Brasil, malfeitor, arrogante, soberbo, desboccado, sem temor de Deus, nem dos homens, em cabo desalmado.»

Caíu doente, estava em uma choupana fóra da cidade. O padre offereceu-lhe os seus serviços, o que elle acceitou como coisa devida á sua pessoa. Malcriado de si e mais com as impertinencias da molestia, insultava o padre por achar que nada fazia a seu gôsto, era desastrado, etc. O padre açoita-se detraz de um Crucifixo, e elle o atalha, chora e rende-se.

Com os indios das aldeias de em tôrno da Bahia se occupava o padre Navarro, que já era grande lingua, e persuadia-lhes edificassem capellas e egrejas para receberem doutrinação, ao que se prestaram contentes, por imitarem os portuguezes.

O outro mal era que viviam sempre *vagos*, como ho-

mens que do arco tiravam o sustento; mas o padre Navarro usou da seguinte traça afim de doutrinal-os: «Ia esperal-os sobre a tarde, a tempo que vinham carregados com suas caças, dava-lhes as boas vindas, e aos que tinham tido boa dita os parabens do successo. Dizia-lhes que descançassem e ceiassem muito embora com suas familias; e quando já estavam descansados e satisfeitos, começava elle, quando já era noite fechada, a despregar a torrente da sua eloquencia, levantando a voz e prégando-lhes os mysterios da fé, andando em roda d'elles, batendo o pé, espalmando as mãos, fazendo as mesmas pausas, quebros, esgares e espanto costumados entre seus prégadores, pera mais os agradar e persuadir. Arrebatavam-se de sua grande eloquencia, etc.»

Acabou tambem com os indios, que levantassem em duas aldeias principaes duas casas, aonde se ajunctassem seus filhos e os das mais aldeias, á imitação de outro seminario que o padre Nobrega levantára juncto á cidade. (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 91).

Aprendiam, cantavam, transmittiam a doutrina e o ensino aos paes.

Por mandado dos padres rezavam o Padre-Nosso sobre os doentes, e muitos curavam! Como esta práctica supersticiosa ha muitas mais apontadas nas chronicas com visos de candura.

Diz o padre Simão de Vasconcellos que a conversão dos indigenas parecia vinculada na familia dos Aspilcuetas; pois que João de Aspilcueta era parente ou aparentado de S. Francisco Xavier (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 92).

Juncto á cidade da Bahia tinha Nobrega fundado, como já fica dicto, um seminario, onde recolhêra muita quantidade de meninos indios e mestiços naturaes da terra. De todas as partes concorriam outros em tanto número, que parecia impossivel sustental-os. Entre outros usos in-

troduzidos n'esse estabelecimento havia o de sairem os mais provectos em procissão pelas ruas, entoando em solfa as orações e mysterios da fé na lingua da terra. (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 93).

O padre Vicente Rodrigues, além de muito doente ha mais de anno, não tinha obreiros que o ajudassem. Manda-lhe o padre Nobrega, «que em virtude da *sancta obediencia*, lance fóra a molestia e vá acudir ao proximo.» Assim o fez o padre e desde esse instante que melhorou e veiu d'ahi a ficar bom.

Em 1551 veiu em soccorro da cidade de S. Salvador nova armada, egual a do anno anterior, sendo capitão d'ella Antonio de Oliveira, em quem encabeçou el-rei a alcaidaria-mór da cidade, que permaneceu nos seus descendentes até o anno em que Vasconcellos escrevia a sua *Chronica*. (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 94).

Vinha na armada quantidade de homens degradados e raparigas orphans, que a rainha D. Catharina mandou para se casarem e povoarem a terra.

N'este anno de 1551 mandou o padre Nobrega ao padre Affonso Braz que fosse á capitanía do Espirito-Sancto, fundada em 1525 por Vasco Fernandes Coutinho, fidalgo valente e dos mais nobres de Portugal. Foram-lhe concedidas, em attenção aos serviços que prestára nas Indias, cincoenta leguas por costa, correndo ao sul e a começar d'onde acabasse a dacta de Pedro de Campos, donatario de Porto-Seguro.

Fez o donatario uma armada com gente e aprestos necessarios para defensão da terra, incluidos sessenta homens nobres, criados d'el-rei, entre os quaes D. Jorge de Menezes e D. Simão de Castello-Branco. Entrando no porto, lançaram a gente á mão esquerda, juncto ao monte de Nossa Senhora, onde fundaram a villa chamada «*Velha*» sob a invocação do *Espirito-Sancto*.

Para tomar posse da doação travou guerra com os *goyanás* de uma parte, e com os *tupinaquis* da outra, e d'ahi renderam-se uns e outros, retiraram-se, e deram lhe espaço para a fundação da villa da Victória.

Diz o author que fica a villa em lugar commodo, defensavel, cercado de aguas, armada pela natureza de penedia horrivel, habitavel por arte, com arredores de terra fertil, capaz de grandes canaviaes, campos amenos, retalhados de rios e fontes, farta de mattos — delicias de cheiros, balsamos, *copaigbas*, almecegas, sassafrazes, jutahy, etc.; montes prenhes de ricas minas de pedras finas, e ao que se suppunha, tambem de oiro e prata.

Entre as arvores balsamicas que descreve o padre Simão de Vasconcellos, faz especial menção da *cabureigba*. Diz elle que a «*cabureigba* é de côr cinzenta, folhas largas á maneira de myrtho, e casca da grossura de um dedo. Esta casca, golpeada nos mezes de fevereiro ou março, em conjuncção de lua cheia, lança pelas feridas cópia de licor amarello fragrantissimo e preciosissimo, a que chamâmos *balsamo*, em tanta quantidade que corre o mundo todo: ou como sae da arvore, ou feito em obra de bolas, vasos, contas e similhantes peças cheirosas e presadas.» (*Ob.* e *loc. cit.*, n.° 96).

«É admiravel sua virtude medicinal, elle só suppre uma botica de remedios humanos — resolve, digere, conforta, por intensão callida e sêcca. Duas gotas d'elle levadas em jejum na bocca, desfaz a asthma e cruezas do ventre, e conforta as entranhas. Com elle morno, esfregado o peito, desfazem-se as oppilações frias; e esfregados a cabeça e pescoço com *panno vermelho* corrobora o cerebro e preserva de apoplexia e espasmo. Tem efficacia grande pera sarar mordeduras e feridas de animaes peçonhentos.»

É, segundo o padre, o mesmo que a *copahyba*, salvo ter esta as folhas maiores e o balsamo não tão bom.

O padre Affonso Braz e seu companheiro foram aqui bem recebidos e fizeram casa e egreja, em cuja construcção trabalhou o padre Affonso Braz de carpinteiro, officio aliás que nunca aprendêra. D'estes edificios pouco resta.

N'este anno de 1551 foi o padre Nobrega a Pernambuco, afim de ver o modo que haveria para converter aquellas almas, que eram innumeraveis.

Corre a capitanía de Pernambuco por cincoenta e uma leguas de costa desde o rio de S. Francisco até o de Iguarassú. «É terra bem assentada, com moderada compostura de montes e campinas, o torrão fertil, feraz, vigoroso, e que promette desempenhar os desejos dos que o cultivarem, por mais ambiciosos que sejam. Os campos são fecundos de cópia de gados, regados de rios, abundantes de fontes e aguas salutiferas.» (*Ob.* e *loc. cit.*, n.os 98 e 99).

Foi fundada por Duarte Coelho, chegado da India, rico de bens e de serviços.

Partida de Duarte Coelho

Tendo partido o donatario Duarte Coelho de Lisboa em março de 1530 (*Ob.* e *loc. cit.*, n.os 100 e 102), foi chegar a Pernambuco e pôr-se logo em guerra com os indios, de que saía-se sempre victorioso, matando e obrando «infinidade de barbaria, e aos que ficaram obrigou a retirada do sítio por larga distancia»; sendo-lhe de grande auxílio os indios *tabayaras*, que se pozeram da parte dos portuguezes. Tinham por chefe *Tabyra*, de quem diz o padre Simão de Vasconcellos ser «capitão de valor, esfôrço e arte», e chegou a ser o terror e assombro de nos-

sos inimigos, venceu batalhas, matou innumeraveis, e fez taes proezas em armas, que só com *Tabyra* sonhavam.» [1]

Foram estes *tabayaras* os primeiros que se pozeram da parte dos portuguezes, com *Tabyra*, seu chefe; mas não lhe foi inferior no valor e potencia o grande *Pyrajuba*, ou *braço de peixe*, que taes façanhas practicou, em favor dos portuguezes, que mereceu o habito de Christo e tença. (*Ob.* e *loc. cit.*, n.° 103).

Em 1551, governando ainda Thomé de Sousa, chegou a Olinda o padre Nobrega, tendo por companheiro o padre Antonio Peres, e sendo já governador de Pernambuco Duarte Coelho, o moço.

Foram os padres bem recebidos d'este, e dos portuguezes, e com grande alegria dos indios, que desceram logo de suas aldeias a lhes darem as boas vindas, avergados de caça, legumes, beijús, farinhas (*Ob.* e *loc. cit.*, n.° 108).

Eram graves impedimentos á doutrina e prégações dos padres os amancebados com suas proprias indias e os possuidores de escravos.

«Era pera elles o mesmo que a hora da morte ouvir fallar na liberdade dos indios ou na resolução da entrega dos christãos captivados a seu serviço d'elles.»

Não só os seculares, senão ainda os proprios sacerdotes possuidores de escravos, conceberam tal odio aos padres da Companhia, que pretenderam expulsal-os, infamal-os, ou acabal-os, se o podessem. Intrometteram-se n'isto e conciliaram as coisas homens principaes do govêrno e despidos de paixões.

Os indios de fóra pediam no entanto aos padres que fossem ás suas aldeias. «Era a multidão grande, e os obrei-

[1] Os feitos d'este guerreiro indigena inspiraram ao famoso poeta Gonçalves Dias a bella poesia que tem por titulo o nome d'este heróe, e vem impressa nos *Segundos Cantos*. Vejam-se *Cantos*, pag. 237.

ros sómente dois; e aos quaes, por pouco industriados em sua lingua d'elles, era impossivel acudir a todos. Escolheram cem dos mais habeis entre os cathecumenos, que fossem catechisal-os, e servissem de mestres aos outros.» (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 111).

Diz o chronista que um dos chefes, indignado de não ser contado no número dos *cem*, tractou de metter em cabeça aos simples indios que elle era da geração dos padres, e que aprendêra d'elles antigamente e por certa via a doutrina; que depois morreu e por mandado de Deus resuscitára para os ensinar a elles gentios. Que, pois, deixassem ir os padres que elle só bastava para o effeito. Nobrega soube d'isto e «desfez seus embustes com tão grande effeito, que foi desterrado por falso, e esteve a ponto de ser morto ás mãos do povo.»

Voltou Nobrega á Bahia e deixou *em refens* o padre Antonio Peres, bemquisto dos indios e dos portuguezes.

Deu-lhe Duarte Coelho a ermida de Nossa Senhora da Graça, que edificára com intenção de trazer para ella religiosos de Sancto Agostinho: «edificada no proprio monte, onde *hoje* vemos o collegio da Companhia.» Diz que a poder de braço, porque era homem de grande fôrça, arrasou este padre um grande terreiro, no qual por suas proprias mãos edificou casas de taipa, onde se agasalhou com extremado recolhimento.

Chegou Nobrega á Bahia em março de 1552. Era então semana sancta, e para que os interpretes ficassem livres para se occupar com as aldeias, «no dia sancto, pela manhan, dizia missa na nossa egreja da cidade, depois d'ella confessava e prégava até certas horas, e logo, a pé, com seu bordão na mão, ia á Villa-Velha dizer missa outra vez, prégar e confessar.» (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 113).

N'esta necessidade de obreiros chegou em 1552, segundo o último accôrdo de Vasconcellos, D. Pedro Fer-

nandes Sardinha, primeiro bispo do Brasil, com alguns sacerdotes, conegos e dignidades, para formar sua sé e egreja cathedral.

Sardinha estudou em Paris, sendo depois nomeado vigario geral da India e d'ahi bispo do Brasil. Era dotado de grande zêlo do serviço de Deus, e n'elle tinham posto os olhos e esperanças os moradores de sua diocese. Quiz ajudar-se dos trabalhos dos padres para desempenho de suas obrigações pastoraes. Com beneplacito de Nobrega deu provisão ao padre Antonio Peres para que visitasse aquella diocese de Pernambuco. «Este fez o officio com grande prudencia, dando remedio a muitos negocios, que parecia impossivel acabarem-se em tempos tão licenciosos.» Voltou á Bahia para dar conta ao prelado da sua commissão.

N'este meio tempo accendeu-se quasi de repente uma como peste terrivel de tosse e catarrho mortal em certas casas de indios já baptisados, mas dados ainda com público escandalo a seus antigos vicios; «porque sómente elles morriam com todos os seus filhos e familias, não tocando a peste nos bons e tementes a Deus.» Os indios acreditam que a peste vinha dos padres, resultado da agua do baptismo, pelo que os evitavam, «e o mesmo era vel-os em um caminho, que voltarem por outro.» (*Ob. e loc. cit.*, n.° 115).

«Chegaram a usar do último remedio [1], que quando ouviam que haviam de vir por um caminho, ajunctava-se toda a communidade e n'elle queimavam pimenta e sal, como para retel-os e esconjural-os não fossem por diante, segundo costumavam fazer por sitios antiguos de suas gentilidades, quando queriam afugentar maus prodigios, pestes ou animaes nocivos.»

[1] Note-se que não foi só d'esta vez que empregaram os jesuitas as prácticas supersticiosas dos proprios indigenas para os ganharem.

Os padres corriam ás casas dos doentes, curavam com agua benta; e se algum acertava de escapar, era isso attribuido áquella sancta agua. Foi um menino baptisado em artigo de morte, e logo tornou a si; viveu, e foi isto o que, segundo Vasconcellos, acabou de desenganar aquella gente. Um sacerdote, que se suppõe ter sido o padre João de Aspilcueta, corria as aldeias desciplinando-se até o sangue, prégando aos indios que a peste era castigo do céu, por comerem carne humana, «ao que elles prometteram emenda, e assim foi.»

Quando os indios e mestiços saíam do seminario, percorrendo as ruas da cidade, todos junctos e em procissão, cantando ladainhas e orações, aggregavam-lhes tambem os colonos seus filhos. Vinham então reunir-se a elles das aldeias, de cruz levantada, cantando orações na lingua da terra «com summo gôsto e alegria dos paes, que de nenhuma coisa se prezavam tanto.»

«Nenhuma outra coisa satisfaz tanto a esta gente como a doçura do canto: n'ella põem a felicidade humana.» Chegou a ser opinião de Nobrega, que a doce harmonia do canto era um dos meios por que podia converter-se a gentilidade do Brasil, e levado d'esse intento ordenou-se pozessem em solfa as orações e documentos mais necessarios á nossa fé; porque á volta da suavidade do canto entrasse em suas almas a intelligencia das coisas do céu.» (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 118).

«Nas aldeias rezavam os meninos sobre os doentes, com fé de que se curariam.»

«Chegou a ser demasiada a opinião que se tinha ácerca d'estes meninos entre os indios; porque os respeitavam como a coisa sagrada; nenhum ousava obrar coisa alguma contra a sua vontade, criam no que diziam, e cuidavam que n'elles estava posta alguma divindade, e até os caminhos enramavam por onde haviam de passar.»

Fundaram os portuguezes outros seminarios em diversas povoações, assignando-lhes renda para seu sustento. Foi esta, em parte, a maneira de converter os indigenas, e oxalá a seguissem sempre e com ánimo deliberado! (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 119).

N'este tempo aprestava o governador, por ordem régia, uma missão ao centro do Brasil, distante duzentas leguas ao sul da Bahia para explorar certas minas. Ao passo que o padre João de Aspilcueta desejava acompanhar a expedição a titulo de capellão, vinha-lhe o governador adiante do intento, fazendo-lhe egual requerimento.

Não se descobriram os imaginados haveres, luctando a expedição com as difficuldades d'aquellas primeiras entradas, sem caminhos e quasi sem rumo.

«Eram aquelles sertões, ainda virgens, intractaveis a pés de portuguezes, difficultosissimos de penetrar, sendo necessario abrir caminho á fôrça de braços, atravessar innumeras alagôas e rios, caminhar sempre a pé, e pela mór parte sempre descalços, os montes fragosissimos, as mattas espessissimas, que chegavam a impedir-lhes o dia! Entre todos estes trabalhos muitos desfalleciam, e muitos acabavam a vida...»

Trouxe comsigo o padre grande quantidade de almas, e veiu sair em Porto-Seguro, onde as assentou em aldeia. Debilitado pelos achaques e pela viagem, alli se ficou com elles o padre João de Aspilcueta Navarro, até que no anno seguinte (1553) se avistou com Nobrega.

Nicolau Orlandini, na *Chronica da Companhia*, liv. XIII, n.º 71, e Balthasar Telles no tom. I, liv. III, cap. IX, fallam d'esta missão, sem lhe assignalarem, comtudo, a dacta.

Vasconcellos a suppõe em 1552, porque sabe com certeza do encontro dos dois padres em principios de 1553.

A 2 de dezembro de 1552 falleceu o maior dos missio-

narios, o padre S. Francisco Xavier, que foi depois canonisado.

Entrâmos em 1553. Logo em janeiro partiu Nobrega da Bahia, na companhia de Thomé de Sousa, que ia visitar a costa do sul. No intuito de visitar as missões de S. Vicente levou comsigo o padre Francisco Pires, e quatro orphans de Portugal, que viviam da doutrina dos padres. Foi percorrendo as capitanías (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 124).

Nos Ilhéos impôz com o exemplo e prégações.

Em Porto-Seguro encontrou o padre João de Aspilcueta, que tinha edificado aquelle povo. Pediam com instancia os padres, e o governador logo lhes destinou lugar para casa e egreja.

Na do Espirito-Sancto achou casa e seminario, presididos pelo padre Affonso Braz, com boa criação d'aquellas tenras plantas, e ajuda dos indios e portuguezes.

Avistaram a barra do Rio, onde não entraram por constar que a gente estava de guerra e não admittia commércio com osp ortuguezes. Discorrendo para o sul, soffreram d'ahi em diante maus tempos, e o navio de Nobrega foi ao fundo: diz o chronista «que o padre não sabía nadar e que boiava em cima das aguas» os indios o salvaram e o pozeram n'uma ilhota, que alli faz o Oceano, d'onde o vieram buscar, e o levaram com muita festa a S. Vicente», onde houve *Te-Deum*, etc.

Parece, comtudo, haver manifesta contradicção entre isto e o que adiante refere o chronista, dizendo que João Ramalho, homem rico da terra, acompanhado de seus filhos, que eram muitos e de má casta—mamelucos, illegitimos e desalmados—*com arcos, frechas e gritarias, fazendo gente*, desinquietava a villa contra os padres, espalhando de alguns d'elles crimes pessimos, etc. (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 126).

Não me parece que elle se atrevesse a isso na presença

do governador, nem o chronista nos informa da parte que este tomou no negocio, sendo tão amigo dos padres, e tão cheio da sua authoridade, como quem estivera na India!

Vasconcellos ajuncta que se tomaram testimunhos e sairam culpados os accusadores dos padres, como homens de tão má vida que eram.

Segundo o chronista eram recebidos nas casas mestiços, e d'entre elles aproveitados para a Companhia ou para linguas aquelles que mostravam aptidão.

Entre estes se achou um culpado, não diz de que crime. Nobrega o condemnou «a ser enterrado vivo.» Confessou-o, commungou, dobraram os sinos, celebrou-se o officio de defuntos, disse o padre Manuel de Paiva missa de corpo presente, amortalhado o desgraçado, etc. Deitam-n'o na cova, lançam-lhe um pouco de terra, e n'este passo os padres se ajoelham, intervem, e Nobrega despede-o então da Companhia!...

«D'alli em diante se abstiveram de receber similhante gente», o que me não parece exacto, se se confronta o número dos padres vindos do reino com o que, segundo os *Casos Annuaes*, existiam nos collegios do Brasil.

Vendo Nobrega que aqui pouco fructo colhia pelo desmando em que todos viviam, e sedento do serviço dos indios, determinou-se a entrar pelo sertão, levando o irmão Antonio Rodrigues, ha pouco noviço, qne tinha *sido soldado nas partes do Paraguay*, mui versado nos costumes dos *carijós*, entre os quaes vivêra muitos annos (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 130).

Com este e alguns cathecumenos dos indios de Piratininga, entrou pelo sertão coisa de quarenta leguas, até ás aldeias de *Japyuba* e *Maniçoba*, onde fizera uma pequena egreja, dando tambem princípio a uma residencia «que continuou alguns annos com muito fruyto d'aquellas

almas, principalmente de innocentes e baptisados *in extremis.*»

Diz mais o author que a fama de Nobrega era mui conhecida pelos sertões do Paraguay, e que o chamavam *Barcaclué* (o homem sancto); que se abalaram grandes levas de *carijós* (que eram os taes *paraguayos*) a virem ás aldeias já mencionadas, por ser mais perto, visto que *tantas vezes já os tinham debalde convidado os padres.*

Metteu-se de pura inveja o diabo de permeio a este negocio. Os *tupys*, seus contrarios, os esperam no caminho, os matam e roubam. Affrontaram-n'os elles dizendo que os matassem e comessem, pois que se haviam certamente de salvar!

Affirma Vasconcellos que com estes *carijós* vieram alguns castelhanos, os quaes ao tempo do combate se metteram fugidos pelos mattos, e foram alguns ter á aldeia de *Maniçoba*, onde os acolheu o padre Antonio Peres. Outros cairam no poder dos inimigos, que os estavam cevando. A estes indios de *Parana-itá* mandou o padre Nobrega por seu embaixador o irmão Pedro Corrêa, e elles entregaram sem custo os prisioneiros (*Ob.* e *loc. cit.*, n.° 132).

Nobrega instituiu aqui a confraria do *Menino Jesus*, como já estabelecêra outra na Bahia, e achára outra no Espirito-Sancto. Por *virtude* de bullas pontificias, que para isso *houvera*, aggregou a ellas os quatro orphans portuguezes que trouxera, e dos quaes pretendia fazer dignos obreiros da vinha do Senhor, e junctamente os meninos indios que o padre Leonardo Nunes havia congregado. Aprendiam ahi uns a lingua, outros portuguez, etc. (*loc. cit.*, n.° 133).

O padre Leonardo Nunes é mandado á Bahia para trazer mais padres (*Ob.* e *loc. cit.*, n.° 134). A 13 de julho de 1553 chegáram de soccorro sete sujeitos, tendo por su-

perior o padre Luiz da Gram, que o fôra do collegio de Coimbra. Eram d'estes, sacerdotes, os padres Braz Lourenço e Ambrosio Peres, e os irmãos, João Gonçalves, Antonio Blasques, (castelhano), Gregorio Serrão e Joseph d'Anchieta [1].

Partidos de Lisboa a 8 de maio com D. Duarte da Costa, filho de D. Alvaro da Costa, que fôra embaixador de D. Manuel a Carlos v, não se sabe ao certo quando chegaram.

Mariz, no *Dialogo* v, cap. II, diz que foi em 1552. No livro de *Assentos* do collegio da Bahia, onde se escreveu por ordem chronologica e dacta por dacta os que chegavam, tambem se diz que este soccorro foi do anno de 1552; mas os *Apontamentos* d'Anchieta, aos quaes seguem Orlandini, liv. XIII, pag. 68; Paternina, pag. 23 e 43; Balthasar Telles, liv. v, cap. VI, dão o embarque a 8 de maio, e chegada a 13 de julho de 1553.

Nos registros da fazenda da Bahia consta que Duarte da Costa foi provido a 1 de março de 1553; e assim caem por terra, quanto a mim, as razões dos que sustentam que veiu em 1552, e que Thomé de Sousa governou sete annos.

Foram recebidos por dois irmãos, e um sacerdote — o padre Salvador Rodrigues e os irmãos Vicente Rodrigues e Domingos Pecorela (assim chamado por sua extrema candura), que eram sós os que havia então na Bahia (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 137).

Um mez depois morreu na casa da Bahia o padre Sal-

[1] Diz a *Synopsis* do padre Franco, que em 1553 veiu o padre Luiz da Gram, reitor que tinha sido do collegio de Coimbra, com os padres Braz Lourenço e Ambrosio Peres. Este, eloquente na lingua brasilica, porém menos humilde do que convinha a um padre, abandonou a Sociedade, illudido nas suas esperanças de volver a Portugal, e morreu em extrema miseria. Foram além d'aquelles Gregorio Serrão, João Gonçalves, Antonio Blasques (castelhanos) e Joseph d'Anchieta. Partiram a 8 de maio e chegaram á Bahia no dia 13 de julho, como acima extracto da *Chronica*, se bem que não a adopte.

vador Rodrigues, a quem Nobrega dissêra partindo: «Nosso reverendo, não morra em quanto eu não tórno!» O padre Luiz da Gram com poderes de collateral do provincial «absolveu aquella alma retida em laços de obediencia só imaginados.»

Foram mandados a Porto-Seguro, em lugar do padre João de Aspilcueta Navarro, os padres Ambrosio Peres e Gregorio Serrão, ainda debilitados de uma viagem ao sertão.

Milagres do padre João de Aspilcueta Navarro — Reinando contendas e odios entre aquelles moradores (os de Porto-Seguro) vem um incendio que tudo devora. Em outro lugar licencioso em vicios ha outro incendio. Se não são provados os milagres, são-n'o de certo os embaraços com que luctaram no comêço estas povoações, e como entre quatro palhoças ardia a discordia e folgavam os vicios dos antigos e grandes povoados!

Porto-Seguro foi dado a Pedro de Campos Tourinho, homem nobre, natural de Vianna de Lima, segundo outros da villa do Conde. Vendeu a sua fazenda, embarcou com mulher e filhos e trouxe comsigo familias conhecidas, vindo desembarcar no lugar onde aportára Cabral, e d'ahi fundou as villas de Sancta Cruz e Sancto Amaro, e teve guerra com os *tupinaquis* (*loc. cit.*, n.° 142).

Por morte de Tourinho, herdou a capitanía sua filha D. Leonor de Campos, que a vendeu por cem mil réis de juro a D. João de Alencastre, duque de Aveiro. O duque mandava todos os annos gente e mercadorias, e chegou a ter alli sete engenhos. Intestava esta capitanía, ao norte, com os Ilhéos, de que era separada pelo Rio-Grande; e ao sul com o Espirito-Sancto, de que era dividida pelo rio *Muruhy*.

O padre Leonardo Nunes demorou-se na Bahia até 8 de

novembro, e n'esse tempo voltou d'alli para S. Vicente com Vicente Rodrigues, já então sacerdote, e mais quatro irmãos, entre elles Anchieta.

Foi tormentosa a viagem. O navio em que ia Anchieta perdeu escaler, mastros, vélas, etc., e se bem que destroçado, sempre pôde entrar no porto de Caravellas, onde sairam com as coisas sagradas e padeceram fome.

Concertado o navio, foram ao Espirito-Sancto, onde, depois de alguma refeição, embarcaram o padre Affonso Braz, deixando em seu lugar o padre Braz Lourenço, e largando d'esse porto chegam a S. Vicente a 24 de dezembro de 1553.

Havia Nobrega até então governado como provincial subordinado á provincia de Portugal (*loc. cit.*, n.° 147); mas Loyola, attendendo ás grandes distancias e outros inconvenientes, faz do Brasil provincia e nomeia para ella Nobrega, com jurisdicção independente de Portugal, e por seu collateral o padre Luiz da Gram, ordenando-lhes que escolhessem alguns de mais experiencia por consultores, com voto sómente consultivo, e que os dois provinciaes, e Nobrega e Gram, fizessem profissão solemne dos quatro votos *nas mãos de qualquer ordinario d'estas partes.*

Feito provincial, a primeira coisa em que intentou o padre Nobrega foi a creação de um collegio nos campos de Piratininga, para onde já tinha feito mudar alguns indios principaes com suas aldeias, deixando o lugar dos antigos por duas razões:

Primeira porque n'aquellegar podiam mais commodamente acudir, por meio dos muitos e bons linguas que já hàvia, não só ás aldeias dos indios que já alli moravam, senão a outras muitas que estavam por aquelle sertão; segunda, porque no lugar onde estavam eram muitos, e tinham á sua conta para sustentar grande número de meninos do seminario, assim brancos como filhos de indios, «e a terra estava muito pobre, e as esmolas não

podiam abranger a tantos»; terceira, porque sendo o Brasil provincia de per si, era fôrça haver estudos e criar sujeitos em tal número que acudissem a tão diversas partes.

Deixados na villa os que pareceram necessarios para os ministerios dos portuguezes, foram mandados treze ou quatorze sujeitos (padres e irmãos) logo no princípio de janeiro de 1554 fundar o collegio de Piratininga sob a obediencia do padre Manuel de Paiva.

Estes campos, onde se fundou o maior collegio da provincia, «bem merecem o nome de *elyseos*. De toda a abundancia de coisas necessarias pera uso da vida humana, tão capazes, e ainda pera recreação e diligencia a quem os procurar. Revestem-se de flores, de cravos, de rosas, açucenas, lyrios; são ferteis de uvas, maçans, pecegos, nozes, ginjas, figos, marmellos, amoras, melões, *batancias* e quasi todas as fructas da Europa.» (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 149).

«De cearas de trigo, grandes vinhas, abundancia de gados, cavallos, carneiros, cabras, porcos mansos, montezes e aquarios (capiváras).»

«Caça infinita de animaes, aves, gallinhas, perus, perdizes, rólas: sería longo contar só as especies de todas estas coisas.» Distam obra de dez leguas do mar, e doze ou treze de S. vicente: fica-se como na segunda região do ar, depois de atravessada aquella notavel serrania, que sempre vae subindo, accumulando montes sobre montes.

«Aspero de subir, o caminho mais facil que acharam os moradores da outra parte do sertão de Piratininga para o mar (chamam-lhe os indios a este caminho *Paroná-piacaba*), com ser parte escolhida e o caminho feito por arte, é elle tal, que põe assombro aos que hãode descer ou subir.»

«O mais do espaço não é caminhar, é trepar de pés e mãos, aferrados ás raizes das arvores, e por entre quebradas taes e taes despenhadeiros, que confesso de mim

que a primeira vez que passei por aqui me tremeram as carnes olhando pera baixo.»

«A profundura dos valles é espantosa; a diversidade dos montes uns sobre outros, parece tira a esperança de chegar ao fim; quando cuidaes que chegaes ao cume de um, achaes-vos ao pé de outro não menor.»

«A subida compensa; porque «olhando de cima, pareciame que via todo o globo da terra posto debaixo de meus pés, e com notavel fermosura pela variedade de vistas do mar, da terra, dos campos, dos bosques e serranias, tudo vário e sobremaneira aprazivel.» A serrania é sempre a mesma, postoque aqui se chame *Paraná-piacá-miri*, e logo adiante *Cabarú-parangaba*.

«E, finalmente, vae subindo sempre, até chegar ao raso dos campos e á segunda região do ar, onde corre tão delgado, que parece se não podem fartar os que de novo vão a ella. A grande cópia de lagôas, fontes e rios, a fermosura dos bosques, brutescos e arvoredos, a diversidade de hervas e flôres, a variedade de animaes terrenos e voadores, as apparencias admiraveis de compostura da penedia posta em ordem desegual; a riqueza dos mineraes de ferro, cobre, chumbo e ainda oiro, prata e pedraria, etc.»

Primeira missa — Nome á provincia de S. Paulo e á sua capital

Ita aé cerá (parece que é estrondo de pedra, segundo se traduz), foi aqui, no mais patente d'estes campos, juncto a um rio e perto da vivenda dos indios, que escolheram os padres sítio para seu collegio. Disseram missa a 25 de janeiro, dia da conversão do apostolo S. Paulo, cujo nome se deu ao sítio, estendendo-se depois á villa e ao territorio todo.

Eis como Simão de Vasconcellos se expressa quanto ao viver dos irmãos n'aquelle lugar e tempo:

«Aqui se fez uma casinha de palha, com uma esteira de canas por porta, tendo quatorze passos de comprido e doze de largo, e alli moraram algum tempo bem apertados os irmãos; mas este apêrto era ajuda contra o frio, que n'aquella terra é grande com as muitas geadas. As camas eram redes que os indios costumam: os cobertores o fogo, pera o qual os irmãos commumente, acabada a licção da tarde, iam por lenha ao matto e a traziam ás costas pera passarem a noite. O vestido era muito pouco, pobre e de panno de algodão, sem calças nem sapatos. Pera mesa usaram algum tempo de folhas largas de arvores em lugar de guardanapos; mas bem se escusavam toalhas onde faltava o comer, o qual não tinham d'onde lhes viesse senão dos indios, que lhes davam alguma esmola de farinha, e ás vezes, mas raras, alguns peixinhos do rio e caça do matto.» (*Ob.* e *loc. cit.*, n.° 153).

Passaram por muito tempo grande fome e frio, e comtudo proseguiam seu estudo com fervor, lendo ás vezes a licção fóra, ao frio, com o qual se haviam melhor que com o fumo dentro de casa (*Carta annua*, do padre Joseph d'Anchieta).

Aqui se abriu a segunda classe de grammatica latina que teve o Brasil, leccionada pelo padre Joseph d'Anchieta, que o fazia com bastante trabalho pór lhe faltarem os livros. Anchieta escrevia as apostillas, uma para cada discipulo, e n'isto passava as noites, porque os dias tinha-os occupados nas obrigações do seu officio, e assim amanhecia escrevendo. Tornou-se mestre da lingua geral ou *tupy*, reduzindo-a a regras grammaticaes, e d'ella se fazia uso nos collegios da provincia (*Ob.* e *loc. cit.*, n.° 154).

Compoz um vocabulario, traduziu a doutrina e mysterios da fé, tractados, interrogatorios e avisos necessarios

para os que houvessem de confessar e instruir. Aprendeu a fazer alparcatas de cardos bravos, e inventava artes e modo que podessem ser de allívio a seus irmãos n'aquelle destêrro do mundo, e até sangrava.

Fizeram egrejas de taipa á mão e as cobriram de palha.

Dos indios que primeiro se aggregaram aos padres foram os principaes: Martim Affonso *Tebyreçá* e João *Cai Ubi;* senhor de *Jaraibatigba*, já muito velho, o qual, deixando no sertão parentes, casas e roças, veiu viver juncto aos padres, em uma pequena choupana. D'aqui volvia com grande trabalho, pela velhice, ao seu lugar em busca de mantimento; dizia o dia da volta, e em dia certo se apresentava aos padres a dar razão de si, e n'esta boa fé foi catechisado, doutrinado e baptisado, e morreu cheio de dias.

Vieram tambem os filhos dos indios criados no seminario de S. Vicente, sabendo já muitos d'elles ler, escrever e contar, e continuaram na eschola ajudando os officios, cantando com instrumentos musicos, que era o maior gôsto e incitamento que podia haver para os paes. Eram estes os mestres dos outros. No fim da licção cantavam na egreja a ladainha, e á tarde a Salvè-Rainha com outras pias orações. Os paes se emendavam, com isto, dos seus grandes vicios, taes como mulheres e vinho. «A nenhuns tinham mais contrarios a estes vicios do que seus proprios filhos; porque estes, com zêlo já christão, vigiavam os paes e os accusavam aos padres, e ajudavam a lhes quebrar as talhas de vinho em suas bebedices.»

«Começou a apoderar-se dos indios uma peste de priorizes, que matavam em tres ou quatro dias. Persuadiamse elles que a morte lhes vinha dos padres, porque não morriam assi em seus sertões.» (*Loc. cit.*, n.° 162).

Fizeram-se por isso novenas de procissões, com côro de anjos, e os meninos com cruzes ás costas, disciplinando-

se muitos d'elles até derramarem sangue. «Parecendo-lhes que o mal era fôrça de sangue, Anchieta com um canivete os sangrava, e raro foi o que depois morreu.» Diziam que a doença a dava o diabo e a saude os padres.

«Este meio de caridade que com esta gente usâmos em suas enfermidades, é uma das rezões mais forçosas que abrandam a sua natural fereza.»

Odios — Os Ramalhos suscitam novos rancores aos moradores; por isso que lhes faltavam indios para o seu trabalho. «Aos proprios indios persuadiam com argumento de mór fôrça que póde haver entre esta gente, e era lançar-lhes em rosto aos que se acolhiam á egreja, por covardes, e por não prestarem pera a guerra contra os seus inimigos.» Na aldeia de Maniçoba amotinam tudo, os persuadem que larguem os padres, homens estrangeiros e degradados por serem gente vadia; e que maior honra lhes sería sujeitarem-se a homens destros em arcos e frechas, como elles, que a uns estranhos covardes.

«Enganados da eloquencia dos mamelucos, em cujo corpo parece que fallava o diabo, assi se foram embravecendo e amotinando, que os padres tiveram por então de largar a aldeia.»

N'isto pozeram-se os indios em guerra, talvez ateada pelos mesmos mamelucos. «Vieram aquelles a pelejar com os de Piratininga; mas são afugentados, com morte de dois dos portuguezes. Voltaram á noite, desenterraram os cadaveres, julgando dos contrarios, e com maravilha acham os dos proprios *seus*.

Ponho embargos, todavia a esta volta e desentérro; porque não estão nos costumes dos indios e devem de ser tidos á conta do chronista.

O padre Leonardo Nunes, primeiro companheiro de No-

brega e fundador no espiritual da capitanía de S. Vicente, é nomeado em 1554 para ir a Roma levar ao geral, que ainda era Loyola, notícias da provincia, para o que se fez em junho de volta para alli; mas com tamanha infelicidade que o navio naufragou e elle morreu. Os serviços que prestou em S. Vicente, reformando os costumes, tornam o seu nome benemerito.

Ao mesmo tempo chega do sertão a nova das mortes de dois outros: de Pedro Corrêa e de João de Sousa, recebidos ambos pelo padre Leonardo.

«Contava-se de uma nação de gente que habitava além dos *carijós*, aos quaes chamavam *hierayáras* e os portuguezes *bilreiros*, dotada de bons costumes, de uma só mulher; de não comerem carne humana, de sujeição a uma só cabeça, e que não eram amigos de matar.» Pareciam, portanto, proprios da doutrina de Christo, e foi isso o primeiro motivo por que despacharam a essa missão o irmão Pedro Corrêa; sendo o segundo o estarem desamparados no porto dos *Patos* uns hespanhoes, que indo para o Rio da Prata, ahi naufragaram. D'alli os trouxe o padre Leonardo com suas familias a S. Vicente.» Com medo dos *tupys*, que lhes ficavam entre-meio, pediram a Nobrega mandasse aplacar estes barbaros pelo irmão Pedro Corrêa; foi o terceiro para acabar as guerras entre os *tupys* e *carijós*, com as quaes se lhes não poderia prégar e doutrinar (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 172).

Partiu Pedro Corrêa a 24 de agosto de 1554, acompanhado de dois outros irmãos — João de Sousa e Fabiano (*loc. cit.*, n.º 174).

Chegaram ao porto principal dos *tupys*, que depois se chamou *Cananéa*. Prometteram estes gentios pazes aos padres e fazer egreja; e entregaram tambem os prisioneiros que tinham, entre os quaes havia um castelhano mal ferido, razão por que ficou o irmão Fabiano para o curar e tractar.

Passa o irmão Corrêa aos *carijós*, e d'ahi aos *tupys*, de quem consegue pazes; porém, não lhe succedeu o mesmo com os *bilreiros*. Conhecendo que nada conseguia d'elles, tractou de pôr a salvo os hespanhoes, e procurou voltar aos *carijós*.

No caminho encontrou a morte que lhe estava apparelhada. Dizem uns que foi ella tramada por um castelhano a quem o padre Manuel de Chaves havia livrado da corda dos *tupys*, cedendo a um d'elles a india manceba do referido prisioneiro; e outros, com Orlandini, que este castelhano era o mesmo a quem o proprio Pedro Corrêa livrára agora das mãos dos *tupys*, e cujo serviço pagava com odio aos da Companhia (Orlandini, liv. XIV, n.° 125).

Mette o tal castelhano em cabeça aos indios que os dois irmãos vinham como espias dos *tupys*, e estes batem os pés e os arcos, e arremettem contra os padres. Primeiro cae João de Sousa, e depois o irmão Pedro Corrêa, que se poz em joelhos, sempre a prégar e a bradar até que o acabaram.

Este irmão, antes de entrar para a Companhia, gastou muitos annos da sua vida accommodando-se ao modo de viver do lugar, salteando e captivando indios por mar e por terra, «de que enriquecia a sua casa, não lhe parecendo que fazia n'isso damno áquellas creaturas, antes serviço a Deus.»

Chegando, porém, o padre Leonardo Nunes á capitanía de S. Vicente em 1554, e ouvindo Pedro Corrêa a sua doutrina, deliberou deixar o officio e o mundo, consagrando-se todo aos indios no espaço de cinco annos que lhe restou de vida.

Prégou aos *tamoyos*, aos *tupys*, *tupinaquis* e *carijós*, sendo homem de muita eloquencia na lingua brasilica. Estudou o latim com Anchieta.

O irmão João de Sousa foi dos primeiros povoadores de

S. Vicente, e dos primeiros que o padre Nobrega recebeu alli na Companhia. Era da casa de Thomé de Sousa. Ainda pertencia ao seculo e já vivia como em religião: jejuava ás quartas, sextas e sabbados. Não consentia, onde quer que estava, coisa que parecesse offensa a Deus, e por esta causa padeceu alguns desprezos e vituperios. Folgava de servir, por humildade, na cozinha e mais officios baixos.

D'estes dois escreveram:

Orlandini, liv. XIV, desde n.º 118; Maffei, liv. XVI, *Hist. Indiarum*; o padre Pedro Jarich, *Thesouro Indico*, tom. II, liv. I, cap. XXIV; o padre Pedro de Ribadeneira, *Vida de Sancto Ignacio*, liv. IV, cap. XII; o padre Spinola, *Vida da Virgem*, cap. XX; *Catalogo dos Martyres da Companhia;* Euzebio de Nieremberg. *Varões Illustres da Companhia* tom. II.

Na casa do Espirito-Sancto continuava o padre Braz Lourenço, e fez alli a devota confraria da Caridade. Os que n'ella entravam, eram obrigados a procurar com todas as fôrças desarreigar os dois vicios mais communs na terra — juramentos e murmurações. Se o fazia, ou não o tolhia, podendo, pagava multa para ajuda de casar uma orphan.

«Não teve nunca padre companheiro, nem ainda sacerdote de fóra, que o alliviasse nas obrigações exteriores do povo, ou nas interiores de sua consciencia.» Affirmava o padre Joseph d'Anchieta que, sendo elle já velho, ainda durava viva a memória das boas obras d'aquelle padre, «especialmente nas mulheres, continuando o femineo sexo a confissão e communhão cada oito e quinze dias, com notavel fama de honestidade entre todas as do Brasil.»

«Ainda no mesmo anno falleceu no collegio da Bahia aquelle irmão simplicissimo chamado Domingos Pecorela, do qual se não sabe se era mais simples ou se mais obe-

diente.» Cinco annos serviu este servo fiel á Companhia, e em todos elles se teve sempre por um escravo comprado por dinheiro pera o serviço da casa, sem mais querer, nem mais pretender que o de um escravo leal.»

«O jumentinho, de que tinha cuidado, ia com elle a todas as partes a que era preciso pera sustento da casa. —Irmão Domingos, ide á lenha pera a cozinha.—Sem mais demora, a pé, descalço, sem barrete ou sombreiro, roupeta a meia perna, lá ia ao matto com o seu jumentinho, e logo á fonte, e logo pera o que era mais preciso!»

«Quando faltava o comer, orneava o seu jumento, ia ás aldeias, entrava com os indios, que muito o estimavam, e voltava carregado com o mais precioso de seus haveres—caça, carás, inhames, farinha, bananas, batatas, etc. Acudia ao jumentinho como a irmão; tomava-lhe a carga, quando vinha carregado de mais, e assim o alliviava. (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 189).

«Puro, pobre, manso, douto, devoto, mortificado, soffredor de trabalhos e de grande zêlo.»

Perito na lingua, fazia grande fructo aos indios com aquelle seu modo chão e simples, de que elles gostavam. Foi dos primeiros que o padre Nobrega recebeu na Bahia.

Morte de João de Sousa

Adoeceu de pedra, perdeu os sentidos antes que lhe faltasse a paciencia, e expirou a 24 de dezembro de 1554. *Veniunt indocti et rapiunt regnum cœlorum*, escreveu Sancto Agostinho, citado por Simão de Vasconcellos. (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 191).

N'este anno tinha a provincia vinte seis sujeitos da Companhia: quatro na Bahia, dois em Porto-Seguro, dois em Espirito-Sancto, cinco em S. Vicente e treze em Piratininga.

No fim d'este anno partiu da Bahia o padre Luiz da Gram a avistar-se pela primeira vez com Nobrega em S. Vicente (*loc. cit.*, n.º 193).

Morte do padre João de Aspilcueta Navarro

O padre João de Aspilcueta Navarro, que entrára para a Companhia em 1544, veiu a morrer no anno de 1554, em viagem pelo sertão, e jaz sepultado na egreja velha do collegio da Bahia. Commemora e compendia o padre Simão de Vasconcellos todos os seus feitos e virtudes nos n.ºs 194 e 195 da sua *Chronica;* mas que escuso aqui repetir por se acharem resumidos, da *Chronica* do padre Balthasar Telles, em outros lugares d'esta obra.

Não tinha, entretanto, pouco que fazer o padre Nobrega com os seus indios de Piratininga. No princípio do anno apanharam estes um *tapuya* inimigo e o arrastaram comsigo para uma aldeia distante, de nome *Jaraibatigbá*, onde fizeram suas festas e comeram o prisioneiro. Nobrega, sabedor d'isto, mostrou-se irado e deu-lhes por penitencia não entrarem na egreja. Para se conciliarem o perdão do provincial, sairam pelas ruas, açoitando-se uns aos outros, e os filhos em procissão cantando a ladainha e o *miserere*.

Não se tinham passado muitos dias, quando indo á guerra, apanharam um *goyaná* de tão boas carnes, que lhes aguçou o appetite. O principal, já christão, de nome

Martim Affonso de Mello, preparou e presidiu ás solemnidades, «arrebatados todos do deleite da vingança ou da honra que cuidam ganhar.» Intervem Nobrega e os reprehende sem fructo, em vista do que alguns religiosos mais resolutos «rompem as cordas, quebram os vasos e panellas, afugentam as velhas e tomam a propria massa do sacrificio, que o é entre elles o maior aggravo.»

Tomou-se de ira o principal: bradou, assobiou, bateu o arco e o pé, convocou as suas gentes, e d'ahi, mais socegados, porém sempre anojados, porque lhes tinha escapado *o goyaná*, se foram metter em suas casas. A mulher e a sogra do principal, indias já baptisadas, o convenceram do mal que fizera, e por isso veiu lançar-se aos pés dos padres.

A 15 da maio de 1555 chega a S. Vicente o padre Luiz da Gram.

Em seguida a este topico occupa-se a *Chronica* de uns castelhanos do Rio da Prata, que foram levados pelo padre Leonardo Nunes, e de uma missão e embaixada do Paraguay, cujo principal, de nome Antonio de Leiva, era já christão; mas como me parece repetição do que já fica extractado, e não teve effeito tal jornada, basta só lembral-a.

Diz tambem o padre Simão de Vasconcellos, que o padre Luiz da Gram, como era homem de muitos espiritos, tentou logo uma entrada pelo sertão em companhia do padre Manuel de Chaves, grande lingua brasilica: que fôra mal recebido por estarem os naturaes de guerra. Voltando depois, fôra já melhor acolhido por outra aldeia, que estava de paz, e que até fizera ahi egreja, etc.; mas como parece que Simão de Vasconcellos tivera em mira exalçar os feitos do padre Luiz da Gram, tanto que em nenhum mais chronista se encontra este facto, passo tambem por alto estes successos.

O positivo é que em janeiro de 1556 acharam os dois provinciaes conveniente formar um perfeito collegio do que já havia sido principiado em Piratininga. Estavam alli no coração da gentilidade do Brasil a que podiam acudir mais de prompto; accrescendo que a terra era mais farta. Metteram mãos á obra, construindo-se as casas e egreja de taipa de pilão com não pouco suor dos estudantes, que no intervallo das licções traziam ás costas cestos de terra e potes de agua. Ao padre Affonso Braz não coube pouca glória; por isso que era o mestre assim das obras de taipa como das de carpintaria. Accommodaram-se mais as classes, e passou para o collegio os bens de raiz que possuia a casa de S. Vicente.

Ainda n'este anno de 1556 Luiz da Gram fica em S. Vicente e o padre Nobrega volta á Bahia. No Espirito-Sancto continuava o padre Braz Lourenço. Estavam de guerra por este tempo no Rio de Janeiro os *temiminós* e *tamoyos*, que se destruiam e comiam. Conseguiu o padre que o governador Vasco Fernandes Coutinho offerecesse gasalhado ao principal dos *temiminós*, que estava de peior partido. Chamava-se *Maracayáguaçú* (grande gato) [1]. Estes indios, que já de nome conheciam os padres, acolheram-se á sua sombra, mandando-se-lhes incessantemente embarcações para o seu transporte, e assim vieram todos e formou-se uma populosa aldeia (*loc. cit.*, n.° 203).

«*Maracayáguaçú*, além de perfeito christão, era homem

[1] Não é mui exacta a significação que dá o padre Simão de Vasconcellos da palavra *Maracajáguaçú;* porquanto a especie felina correspondente ao nome do indio approxima-se mais á onça na configuração e mosqueado do pêllo, e conserva entre nós seu nome indigena. Quanto ao augmentativo *assú*, ou leva por epenthese antes de si *gú*, como por euphonia usavam os indios para evitar o mal soante encontro das duas vogaes — *a a*, assim como outras vezes mudavam o *a* em *o*: ex. *Pindob-oçú* (palmeira grande).

muito prudente em coisas de paz, e em seu tracto pouco differente de qualquer bem governado portuguez.»

Á fama d'estes, desceram dos sertões grandes levas de gente, e entre ellas o afamado *Pira-kyra* (peixe verde), com grandes aldeias. (*loc. cit.*, n.° 205).

De Porto-Seguro desceram tambem muitos da nação dos *tupinaquis*, e «fizeram todos grossas povoações. E foram estas aldeias de grande adjutorio na conquista que depois intentámos na enseada do Rio de Janeiro, indo a ella em companhia do governador Mem de Sá e de seu sobrinho Estacio de Sá.»

Andava na Bahia, por esse tempo, occupado em guerra com todos os indios, o governador D. Duarte da Costa; porquanto elles, irritados das tyrannias, vexames e soberba dos portuguezes, confederam-se os *tupinambás*, numerosos, valentes e aguerridos, com os *tapuyos* do sertão. Une-os a vingança, o estímulo da honra, o amor das guerras. Roubam nos caminhos, atacam as fazendas e assolam tudo: soffrem os moradores, e, por mais expostos, os indios dos padres. Os da cidade cansados das guerras passadas, menos guerreiros pelo oiro, mais ociosos e amigos do bem-estar pelo clima, querem paz, bradam e instam por ella ao governador, ainda com condições deseguaes. (*Ob. cit.*, liv. II, n.° 1).

Resiste a taes instancias o governador, que era homem de grande ánimo, prudencia e experiencia; contribuindo tambem para que não désse ouvidos ás lástimas dos interessados seu filho, o capitão D. Alvaro da Costa.

Como as armas tinham mais alcance do que as frechas, atiravam de longe, e assim não perdiam gente e saíam os portuguezes sempre vencedores, conservando-se os indios em respeito: mas a guerra ia-se prolongando, attento o número dos inimigos. Usou então D. Duarte de manha: fingiu que tractava pazes com os *tupinambás*, e

d'ahi, não se fiando os *tapuyas* n'aquelles, com quem andavam d'antes sempre em guerra, arreceiam-se de traição e retiram-se. Vendo-se os *tupinambás* sós e mais fracos concordam em pazes com o governador (*Ob. e loc. cit.*, n.º 3).

Os que a não pediram foram vencidos, parte mortos, parte captivos, «e *eram estes muitos milhares:* e assi teve fim esta molesta; mas bem afortunada guerra no mez de maio do anno do Senhor de 1556.»

N'este comenos chega de S. Vicente á Bahia o padre Nobrega, levando por companheiros o padre Francisco Pires, e os irmãos Antonio Rodrigues, Antonio de Sousa e Fabiano de *Lucena*. Pediu e conseguiu do ánimo pio do governador que reduzisse a aldeias os indios novamente captivados, que já eram christãos, ou o quizessem ser (*loc. cit.*, n.º 4).

Fundaram-se muitas aldeias, sendo a primeira juncto ao *Rio-Vermelho*, onde residiram os padres Antonio Rodrigues, ordenado de proximo, e Leonardo do Valle, ambos peritos na lingua do Brasil. Esta gente mudou-se depois para a aldeia de S. Paulo (*loc. cit.*, n.º 5); a segunda a de S. Sebastião, em outro sítio a meia legua da cidade, que, depois unida com outras em uma só, intitulou-se de Sanct'Iago; a terceira do Espirito-Sancto, «não longe do Rio de Janeiro, que *hoje* ainda persevéra, mas não n'aquella antiga grandeza, que era de mais de mil arcos»; a quarta, finalmente, de S. João, no sítio que depois se chamou *Tapéra de Boirangaoba*. Tinham todas padres, e d'esta sorte cessou a anthropophagia com a falta de guerras e ausencia de contrarios. Tomou-se grande cuidado com os meninos, entretidos nas aulas de manhan, e á noite fazendo-os rezar ladainhas, e occupando-os com procissões e cantos.

Diz assim dos indios o padre Simão de Vasconcellos:

«É esta gente tanto mais facil em aceitar a fé do verdadeiro Deus, quanto menos empenhada está com os falsos, porque nenhum conhece ou ama, que possa roubar-lhe a affeição. Vencidos seus vicios... nenhuma repugnancia lhes fica pera coisas da fé. Assi que, vencidas as difficuldades dos votos, é muito pera louvar a Deus, vêr n'esta gente o cuidado com que os já christãos acodem a celebrar as festas e os officios divinos. São affeiçoadissimos á musica, e os que são escolhidos pera cantores da egreja, prezam-se muito do officio, e gastam os dias e as noites em aprender e ensinar a outros. São destros em todos os instrumentos musicos. Prezam-se de que andem suas egrejas bem ornadas. Será entre elles falta mui notada possuirem coisa de preço sem que repartam com a sua egreja. Nos dias de festa ornam com grande curiosidade suas egrejas, com enramados apraziveis de hervas e flôres. Será tido por sacrilegio entre elles deixar de acudir a uma d'estas festas: indias com os filhos aos peitos, cestos de comida á cabeça, e assi andam duas e cinco leguas, em jejum, porque antes da missa nada comem.»

Em Piratininga crescia o trabalho. Os indios, pelas necessidades de suas lavoiras, dividiram-se em sete distinctas povoações, e todas distantes. Deviam os padres acudir a todos, e ainda ás casas dos portuguezes; com falta de curas, e isto ás vezes em distancia de tres leguas, por maus caminhos, não raro de noite, com frio e geadas, descalços e por meio de mattos espessos, onde se faziam allumiar por archotes.

N'este tempo chegaram novas de que a frota franceza era entrada na enseada, que os indios chamavam *Nictheroy* e os portuguezes depois *Rio de Janeiro*, distante vinte e quatro leguas da costa de S. Vicente. Isto poz em perturbação toda aquella costa (*Ob.* e *loc. cit.*, n.º 13).

Na capitanía do Espirito-Sancto, d'onde partíra Vasco

Fernandes Coutinho, deixando entregue o govêrno a D. Jorge de Menezes, levantaram-se os indios, principalmente os *tupinaquis*, deram crueis assaltos nas terras, destruiram os engenhos e fazendas, mataram a D. Jorge e depois a seu successor, D. Leonardo Castello-Branco, e chegaram a pôr a villa em tal apêrto que muitos moradores a despovoaram.

Naufragio e morte de D. Pedro Fernandes Sardinha

Embarcou-se o bispo para Portugal em companhia de Antonio Cardoso de Barros, provedor-mór que fôra do estado. Ignora o author, Simão de Vasconcellos, o motivo d'esta viagem. Vão tambem outras pessoas nobres com as mulheres e filhos, e já a 2 de junho de 1556 eram partidos. Com quatorze dias de navegação, assalta-os uma tormenta, que lhes arrebata ancoras e amarras, e naufragam nos baixos de S. Francisco, lugar chamado *Porto dos Francezes*, na altura de dez graus e meio, entre o rio de S. Francisco e outro chamado *Curcuruig* (*loc. cit.*, n.º 14).

Assistem os *caetés* a este naufragio do alto das serras, d'onde descem á praia com refalsado intento, e assim os hospedam, ferem lume, dão-lhes alimentos e ao mesmo tempo avisam a seus circumvisinhos.

Despedem depois os naufragos, que seguem o caminho que os hóspedes lhes haviam indicado, mas juncto ao rio que de fôrça deviam de passar, saem chusmas de selvagens, e logo que as mulheres e crianças os enxergam, desmaiam aquellas e estes entram a gritar. Matam uns e carregam com outros. O prelado tinha atravessado o rio e assistia da outra margem a este espectaculo. Do mar saem outros á ribeira e acabam o infeliz bispo.

É tradicção mui vulgar que o sítio onde foi morto este virtuoso prelado «nunca mais viu em si fermosura ou ornato algum natural; porque, vestindo-se antes de hervas, ficou d'ahi em diante esteril, escalvado e sêcco, quaes outros montes de Gelboé, pela maldição de David.» (*Loc. cit.*, n.º 18).

Morte de Loyola

Morre Ignacio de Loyola em Roma a 31 de julho de 1556, com sessenta e cinco annos de edade e dezeseis da fundação da Companhia de Jesus.

No seguinte anno succede que Nobrega vem a padecer na Bahia longas e graves enfermidades.

No mez de junho morre D. João III, que de edade de vinte annos tomára o sceptro por mórte de D. Manuel, seu pae, e casára com D. Catharina, filha de Filippe I, rei de Castella e irman de Carlos V.

Foi este rei o primeiro a pedir em Roma de S. Ignacio e do pontifice padres da Companhia (*loc. cit.*, n.º 27); vindo para Portugal os dois padres, Francisco Xavier e Simão Rodrigues, o primeiro fundador da provincia da India, o segundo da de Portugal, como já fica relatado no resumo da *Chronica da Companhia de Jesus*, do padre Balthasar Telles.

Fez levantar sumptuosos templos, provendo a todos de sacerdotes, ornamentos e peças de custoso valor. Doou com magnificos brindes, que ainda hoje existem, as egrejas de Jerusalém e de Galliza e de outros lugares. Assegura-se, porém, que leva vantagem a todos o formoso alampadario do templo de Sanct'Iago.

Encommendou na última hora á rainha sua mulher que

désse ao neto, D. Sebastião, mestre e confessor da Companhia.

Além dos jesuitas e da Inquisição, introduziu este rei outros religiosos de S. Francisco mais observantes, taes como os da Piedade e da Arrabida. Foi, portanto, quem mais contribuiu para a decadencia e abattimento moral do reino de Portugal, e a história o marcará eternamente com o ferrete de fanatico e crendeiro, dado á carolice, e, como o classifica o sr. Alexandre Herculano, ruim de condição e inepto.

«Foi de mediocre estatura, rosto formoso, alvo, corado, negra a densa barba, olhos da côr do céu, resplandecentes e cheios de magestade; que muitos se perturbavam em sua presença, e com ser tão grande a authoridade de sua pessoa, tinha uma serenidade de aspecto tão amavel, que todos os que o viam, se lhe aproximavam.»

Morreu de apoplexia em Lisboa a 11 de junho de 1557 com cincoenta e cinco annos de edade e trinta e cinco e cinco mezes de reinado. Está, como D. Manuel, sapultado em Belem.

Francezes no Rio de Janeiro

Grandes e graves successos estavam no entanto se passando no Rio de Janeiro, onde havia aportado Villegaillon, cavalleiro de S. João, com navios para o resgate de pau-brasil, alli tão abundante, e que achando os *tamoyos* generosos, uniu-se a elles e assentaram pazes.

Já vimos que no anno de 1556 havia-se passado *Maracajáguaçú* para as terras do Espirito-Sancto, e que os *temiminós*, obrigados da cubiça dos portuguezes, viram-se na extremidade de refugiarem-se nas brenhas, d'onde os padres conseguem retirar a muitos. Passemos agora á expulsão dos francezes.

Chegada de Mem de Sá

Mem de Sá, que fôra nomeado governador por provisão de 23 de julho de 1556, cujo registro é de 1558, chega ao Brasil n'este último anno. D'aqui se collige que os governadores seus antecessores occuparam o poder por mais de tres annos, nem era possivel ajustarem-se-lhes em prazo mui breve as contas em partes tão distantes, navegações longas e aprestos demorados. N'essa provisão declarava-se que, além dos tres annos ordinarios, serviria o mais tempo que a el-rei aprouvesse. D'ahi aconteceu que Mem de Sá servisse quatorze annos.

A primeira coisa que fez este governador foi metter-se n'um cubiculo dos religiosos, passando oito dias em exercicios espirituaes, ouvindo missa e os officios divinos todos os dias, assiduo nas prégações, e confessando e commungando aos sabbados (*loc. cit.*, n.° 49).

Em saindo d'ahi, lançou bando ordenando que nenhum dos indios confederados aos portuguezes ousasse comer carne humana; que se não fizessem guerra sem causa justa, approvada por elle e por seu conselho; que se ajunctassem em povoações grandes, e fizessem casas aos padres para residirem entre elles.

Os portuguezes oppoem-se a esta ordem, ponderando que as guerras eram a sua segurança, davam-lhes trabalhadores, etc. Sem embargo d'isso, foi a ordem sendo executada. Por sua parte instigados os indios reunem-se em quatro poderosas aldeias, a de S. Paulo, a de Sanct'Iago, a de S. João e a do Espitito-Sancto, e obedecem sem que se empregue contra elles a fôrça.

Havia tambem entre estes um grande principal por ex-

tremo soberbo e arrogante, já pelo número de seus arcos, como pelo sitio asperrimo e defensavel em que vivia. Chamava-se elle *Cururupéba* (sapo bufador). Lançava grandes arrogancias contra os portuguezes e dizia que eram covardes; que não se atreviam a provar suas fôrças; que se não lhe dava de seus mandados; que havia de conservar seus antigos ritos, comer seus contrarios, e os proprios portuguezes quando lhe quizessem impedir acções tão generosas.

Mem de Sá teve isto por mau exemplo, e por mui conveniente abatter aquella soberba, e n'esse proposito faz á calada marchar tropa bem aguerrida contra suas aldeias. Esta dá de repente sobre ellas, quando dormiam os indios, que, surpresos pelo estrondo das armas e do fogo, deixam-se facilmente entrar, e são desbaratados e mortos, e d'entre os que se poderam escapar pelo escuro da noite, achava-se *Cururupéba* só e desamparado. Descoberto por gente da tropa, é tomado, algemado e acorrentado, e assim trazido á cidade e ahi mettido em dura prisão, «pera que a fama do castigo servisse de exemplo e terror aos outros.»

Vieram em 1558 queixas dos indios aldeiados de que os contrarios haviam apanhado tres dos seus, que, descuidados, pescavam em uma praia, e os comeram. O governador manda recado que entreguem os criminosos, ao que respondem elles que os portuguezes os fossem lá buscar. Eram muitos em armas, e haviam chamado em seu auxilio os do sertão, que tinham para mais de trezentas aldeias, onde habitavam ás margens do rio Paraguaçú. Parte Mem de Sá com ajuda dos mesmos aggravados, e vae com elles o padre Antonio Rodrigues. Desembarcam nas praias, rompem por entre mattos para o sertão, abrindo entrada a machado e foice, passando lagôas por todo um dia e uma noite, até que, afinal, chegam ao lugar (*loc. cit.*, n.° 55).

«Era uma eminencia cercada em contôrno de madeiros grossos, com vallas, fossos e muitos milhares de barbaros, ao som de guerra, empenados e arrogantes, que, batendo os arcos, enchendo os montes de vozerias, assobios e buzios, provocavam á guerra.»

Mem de Sá divide o seu esquadrão e accommette por dois lados: enfraquecidos e diminuidos aquelles, voltam as costas; os indios offendidos os seguem e fazem n'elles estrago lastimoso. Um dos indios auxiliares de Mem de Sá corta um braço a um morto. Sabendo d'isto o governador manda, sob pena de morte, que em tantas horas o ponham alli; e, com effeito, assim o fizeram elles com temor do castigo (*loc. cit*, n.os 56 e 57).

No dia seguinte segue os inimigos por entre brenhas, para acabar de uma vez com aquella guedelha e ronco do gentilismo da Bahia. Acharam mais de duzentas aldeias nos cabeços dos altos montes, até onde subiam trepando de pés e mãos, servindo os que iam adiante de ponto de apoio e segurança aos immediatos, e de dar entrada a todos. Caem sobre os indios, que eram tudo pavor e espanto, apesar de suas frechas sem número. Foi grande a carnificina feita n'elles, segundo affirma o chronista, dizendo que no terreiro havia tantos mortos que impediam a marcha dos vivos! Os que escaparam d'este assalto valem-se das brenhas, «com tão grande terror que se affirma matava o pae ao filho pequeno, por que não fosse descobridor, com seu chôro, da vereda por onde se escondia. Foi tão grande a mortandade que não podiam contar-se os mortos.» (*Loc. cit.*, n.º 58).

Voltaram á cidade, e «foi n'ella recebido o governador Mem de Sá como homem mandado do ceu (!) para honra, desaggravo e quietação do estado.» Foi festejado com públicas demonstrações de regosijo e acções de graças.

Passados d'ahi tres dias chega uma embarcação de Pa-

raguaçú, fazendo signal de paz, e trazem n'ella os delinquentes, que entregam, e mostram-se promptos a pazes e a viver em aldeias com os padres.

No entretanto os francezes se iam cada vez mais fortalecendo e intrincheirando no Rio, e isto desde 1556.

1559

Chega o segundo bispo, D. Pedro Leitão, a 9 de dezembro de 1559. Vieram com elle sete da Companhia, dois padres e cinco irmãos, sendo os padres João de Mello e Dicio, e os irmãos Jorge Rodrigues, Ruy Pereira, José, Crasto e Vicente Mestro. O padre Dicio, que vinha por causa de saude, voltou a Portugal. O irmão José falleceu em breve no collegio da Bahia; Crasto, Ruy Pereira e Vicente Mestre foram despedidos d'ella por faltos de zêlo.

Noticia aqui a *Chronica* ser Diogo Laynes geral, e o padre Luiz da Gram feito provincial pelos incommodos de Nobrega, ficando assim aquelle em S. Vicente e este na Bahia.

Contava a Companhia no Brasil mais quarenta sujeitos. Nobrega foi pondo em cada residencia dos indios um padre e um irmão, e por esse tempo já muitos indios podiam ser mestres de catechismo, e outros prégadores da fé, sobretudo um principal, de nome Garcia de Sá. Com a sua prégação se uniram duas aldeias, assentadas em tempo de Duarte da Costa no rio Vermelho. Mudaram-se estas para mais perto da cidade, e ahi reuniram-se com outras aldeias pequenas, e com todas se fez a de *S. Paulo*.

Á de *S. Sebastião*, com outras menos numerosas, for-

maram uma povoação juncto a Pirajá, tres leguas da cidade. Pozeram a esta o nome de *Sanct'Iago*.

Animados os *tamoyos* das boas relações e protecção dos francezes que conviviam com elles no Rio de Janeiro, mostravam-se insolentes, e discorriam e perturbavam a costa. Villegaillon, chefe dos francezes, era capitão catholico, zeloso de justiça e vingador dos aggravos que se faziam aos indios, principalmente ás mulheres (*loc. cit.*, n.º 66).

Aconteceu que pretendendo castigar quatro soldados, todos herejes, por erros commettidos, estes fugiram e são bem recebidos em S. Vicente. Achava-se entre estes João de Bolés, homem versado nas linguas latina, grega e hebrea, e sabedor das Escripturas. Entrou a fallar de imagens sanctas, bullas e indulgencias, de modo que fazia rir. Apega-se a Luiz da Gram, a quem argue por deixar os portuguezes sem a palavra de Deus para a prégar aos gentios, contra o preceito de S. Paulo, que manda começar pelos proprios (*loc. cit.*, n.ºs 66 e 67).

O povo dizia que Bolés era homem doutissimo, e que Luiz da Gram não ousava disputar com elle, e por isso o perseguia, como de facto o fazia, até que se metteu de permeio a justiça ecclesiastica e Bolés foi preso com dois companheiros moços e idiotas, e remettido ao bispo da Bahia, deixando de os acompanhar um d'elles por se ter reduzido á fé catholica.

Em dezembro de 1559 recebeu o padre Luiz da Gram a sua patente de provincial, para servir, como já fica dicto, de parceria com Nobrega.

Em Porto-Seguro funda por esse tempo o padre Francisco Pires aquella famosa capella de Nossa Senhora da Ajuda, um terço de legua d'onde *hoje* está a villa. Tracta tambem o padre Simão de Vasconcellos da fonte milagrosa que mencionei no extracto da *Chronica* do padre Balthasar Telles (*S. V.*, *loc. cit.*, n.º 70).

1560

Chegaram de soccorro, vindos do reino, dois irmãos: Antonio Gonçalves e Luiz Rodrigues.

Fez em Portugal grande echo a noticia dos francezes no Rio de Janeiro; de como alli estavam havia quatro annos: que crescia o seu poder com os *tamoyos*, e mais indios seus visinhos, accrescentados com soccorros de França; que enriqueciam-se das drogas de pau-brasil, etc. A rainha D. Catharina d'Austria, regente na menoridade de D. Sebastião, depois de ponderadas estas razões, manda uma armada ao Brasil, e ordem a Mem de Sá para que por «todos os modos lançasse fóra aquella ignominia do nome portuguez.» (*Loc. cit.*, n.º 74).

Junctou na Bahia mais navios, subindo assim a armada a dez ou onze vasos, entre elles duas naus, não fallando em barcos. Nobrega vae com elle, e entram a barra do Rio de Janeiro nos primeiros mezes do anno de 1559. Em vista d'isto, recolhem-se os francezes á fortaleza que já possuiam. Nobrega, que vinha doente e lançára sangue, partiu para seu destino, que era S. Vicente; mas d'alli mandaram por sua diligencia um bergantim artilhado, com coisas de guerra, muitos indios e os dois religiosos Fernão Luiz e Gaspar Lourenço.

Com este refôrço demandam a barra, entram, pojam em terra, e combatem a fortaleza, a que os francezes denominaram de Villegaillon, e onde soffreram muito; mas quando estavam para se voltarem ás suas embarcações, tentaram um derradeiro esfôrço e arremetteram ao cabeço principal, que olha para a barra, chamado das *Palmeiras*, onde entram, e depois ganham a casa da polvora. Perdido o ánimo aos indios e francezes, despejam o forte, despenhando-se aos

poucos das muralhas a baixo, e confiados no secreto e escuro da noite foram-se em bateis parte ás naus, parte ás brenhas. No dia seguinte «fez Mem de Sá acção de graças a Deus» e os padres da Companhia celebraram *a primeira missa* que viu aquella ilha.» (*Loc. cit.*, n.° 78).

Entre os indios primou Martim Affonso, e teve habito de Christo e tença, da qual depois gozaram alguns dos seus descendentes. A elle se attribue em maxima parte a derrota dos francezes, como era tradição no tempo de Vasconcellos, se não basta o habito de Christo para o provar.

Tomaram a artilheria dos francezes e arrazaram o forte, porém não occuparam a terra por falta de meios.

Um dos mais ricos e poderosos moradores de S. Vicente, de nome Adão Gonçalves, e que foi dos principaes motores d'esta victória, achava-se na Bahia a requerer certidão de seus serviços, quando de improviso abandona tudo e dá seus bens (de consideração na capitanía de S. Vicente) á Companhia de Jesus e entra para ella com o filho, que andava a estudar, e veiu depois a morrer ainda moço.

Foi o governador Mem de Sá do Rio a S. Vicente para ahi tomar mantimentos, e no último de março de 1560 estava em Santos.

Em quanto aqui esteve, mudou o governador para Piratininga a villa de Sancto André (a tres leguas de distancia), que estava juncto ás mattas, e por isso mui salteada dos indios do rio Parahyba. Luiz da Gram obteve do governador o ajudasse a mudar o collegio de Piratininga para S. Vicente, onde fundaram classes e estudos, e assim estiveram até que no reinado de D. Sebastião se passou o collegio para o Rio de Janeiro (*loc. cit.*, n.° 84).

O caminho de *Paranápiacaba*, entre S. Vicente e Piratininga, como terra deserta, fragosa e cheia de mattas bravas, era muito infestada dos indios das margens do

Parahyba, que alli vinham esperar os caminhantes de uma e outra parte, e por isso fez-se novo caminho.

N'este comenos levantou-se horrivel tormenta sobre todas as villas de S. Vicente, acompanhada de tremor de terra; mas parece que o furacão fez mais damno que o terremoto (*loc. cit.*, n.º 86).

Chegado o tempo de monções, quando em 25 de junho, despedido o governador do seu fiel amigo o padre Nobrega, embarca-se com o padre Luiz da Gram, e com dois irmãos, grandes linguas do Brasil, Gonçalo d'Oliveira e Gaspar Lourenço, e dá á véla em demanda da Bahia, onde chegaram todos em agosto, deixando Luiz da Gram ao padre Nobrega feito superior de S. Vicente e do Espirito-Sancto.

Logo em outubro foi Luiz da Gram visitar as aldeias, a pé, com edificação de todos que conheciam as suas poucas fôrças. No mesmo mez fundou a aldeia de Sancto Antonio, junctando alli grande número de gente que vivia inculta no lugar chamado *Erembé*.

No fim do anno (1560) passaram a Pernambuco os padres Gonçalo de Oliveira, para cuidar dos indios como bom lingua d'elles, e outro para servir de cura aos portuguezes. Foram bem recebidos em Olinda, e agasalhados em casas que o padre Antonio Peres lá deixára feitas no alto do sítio onde depois se fundou o collegio. Passados alli dois annos se tornáram á Bahia.

São as capitanías de Ilhéos e Porto-Seguro assaltadas pelos *aymorés*, a casta mais brutal e deshumana dos indigenas do Brasil, no dizer de Vasconcellos, que assim os descreve:

«Descende dos antigos *tapuyas;* porém por occasião de guerras que houve entre elles, succedeu que certos bandos menos poderosos, fugindo a seus inimigos, se recolheram ao interior do sertão, a lugares fragosos e monta-

nhas estereis, onde não podessem ser achados; e como alli viviam separados do commércio de toda a mais gente, por discurso de tempo vieram seus filhos e netos a perder a notícia da linguagem propria, e formaram outra, de que nenhuma outra nação era entendida, feia, gutural, arrancada do peito.»

Gente agigantada, robusta, forçosa, não consentem cabello senão na cabeça, todo o mais arrancam. Usam de arcos immensamente grandes; sendo de resto destrissimos frecheiros, grandes corredores, sem casas, nem aldeias, nem roças; dormem na terra, sustentam-se de fructas e caça; comem crú e andam tosquiados com navalhas de canna. Accommettem á traição e nunca a descoberto, andam aos poucos, sem lealdade de uns para outros, nem mesmo de paes para filhos (*loc. cit.*, n.º 93).

Estes *aymorés* começaram, pois, «por esse tempo a descer de suas serras, e guiados das correntes dos rios, vinham apoz ellas sair ao mar, assaltando e matando tudo, deixando desbaratadas as aldeias e fazendas de Ilhéos e Porto-Seguro (*loc. cit.*, n.º 94).

Acode Mem de Sá, aconselhado por Nobrega, e chegando aos Ilhéos, sobe á noite a serra e dá n'elles de improviso, quando dormiam, e com suas tropas «os degolam, ferem, pondo por terra todo o vivente, homens, mulheres e meninos.» (*Loc. cit.*, n.º 95).

Como eram valentes, voltam a si e armam ciladas, quando os portuguezes buscavam as praias. Mem de Sá previne-as com contra-ciladas. Tomados pelas costas, não sabendo nadar, e só tendo livre o mar, foram postos na última derrota. É Mem de Sá por isso recebido nos Ilhéos como em triumpho.

Não desmaiam ainda assim os *aymorés* e procuram as praias para desforçarem-se; mas batidos de novo, cedem por fim e pedem pazes.

Torna-se o governador á Bahia, deixando *destruidas tresentas aldeias do gentio rebelde*, refugindo outros a mais de sessenta leguas pelas brenhas a dentro (*loc. cit.*, n.º 97).

Com a entrada do novo anno de 1561 cuidou o padre Luiz da Gram da conversão dos indios, que andavam erredios pelas guerras, e no intento de os chamar e ajunctal-os em grandes povoações, mandou a elles seus obreiros, indo a isso dois a dois, escolhidos d'entre os mais eloquentes linguas do Brasil. Correspondeu a colheita ao trabalho.

A primeira povoação que d'ahi resultou foi a da ilha de Itaparica, a tres leguas da cidade, com a invocação de *Sancta Cruz*, fundada em junho d'esse anno com o gentio do rio *Paraguaçú*. Tinha a assistencia de um padre e de um irmão (o padre Antonio Peres e o irmão Manuel de Andrade).

No mesmo mez foi tambem fundada a segunda, doze leguas ao norte da cidade, em sitio fertil chamado *Tatuapara*, sob a invocação de *Jesus*. Assistiam n'ella o padre Antonio Rodrigues e o irmão Paulo Rodrigues. Chegaram em poucos dias a quatrocentos os meninos que aprendiam doutrina.

Foi a terceira a de S. Pedro, a vinte e duas leguas ao norte da cidade e mais populosa que as outras duas. Concorreram para ella as aldeias de *Çaboyg*, n'aquelle tempo numerosas, e outras mais pequenas.

A quarta, mais dez leguas adiante, era no sitio *Anhebyg*, e sob a invocação de *Sancto André*. Estavam porém de guerra com o gentio do rio Itapecurú, o que era impedimento para a sua conversão. Vae-se a elles em missão o padre Luiz da Gram e consegue pazes entre estes e os da aldeia de *Anhebyg*.

Em novembro voltou-se o provincial para o sul e funda

a quinta povoação na paragem chamada *Macamamú*, dezeseis leguas da cidade, terra fertil, abundante de rios, composta de muitos mil arcos. Poz-lhe por nome *Nossa Senhora da Assumpção*. No mesmo mez estabelece a sexta, em um sitio pouco distante, juncto a *Tinharé*, e chamado *Taporagoá* ou *S. Miguel*. Como era de costume, ficaram em cada uma d'ellas dois religiosos da Ordem.

Contando com as cinco mais antigas, faziam onze ao todo. Visitou-as a todas o padre Luiz da Gram n'esse anno, a pé, descalço e recebido com festa por todos, querendo os indios leval-o em redes. Baptisou infinitos e casou a muitos. Na aldeia do Bom-Jesus sairam com embustes. Um indio, que nunca se soube quem foi, começou a prégar-lhes de noite, que o padre os queria baptisados para os captivar. Fogem por isso espavoridos; mas os padres acodem e os pacificam.

No dia seguinte, estando todos á espera do baptismo, ouve-se um grito, que a aldeia estava em fôgo, e d'ahi todos abalam. Verificado, porém, que nada havia, voltam envergonhados.

Havendo o padre no outro dia immediato a este de celebrar matrimonios, disse para isso missa, e quando já tomadas as mãos dos contrahentes, depois do offertorio, estes e todo o povo estremecem e largam a fugir, como aves espavoridas, furando as paredes (de palha), cada qual por onde podia. Vão atraz d'elles os acolytos, deixando o celebrante só no altar, e tanto os persuadiram, que voltaram, os noivos esfarrapados e sujos (*loc. cit.*, n.º 107).

Trouxe o padre Luiz da Gram comsigo um principal—*Capinno*—ainda não de paz, ao qual persuadiu que viesse vêr a cidade. O governador deu-lhe alguns brindes, e o titulo de capitão dos seus (o primeiro de que se faz menção). Chegam de Portugal, n'este anno de 1561, o padre Francisco Viegas e um irmão italiano; sendo, po-

rém, ambos brevemente despedidos da Companhia. No entanto o padre Nobrega, posto em S. Vicente, apesar de doente, não esmorecia, e occupava-se em visitas incessantes. Depois da expulsão dos francezes andavam os *tamoyos* em continuos assaltos por mar e terra. As mulheres que aprisionavam e resistiam á lascivia d'estes barbaros, eram martyrisadas e depois mortas. Apesar de tudo, apresenta o chronista, entre outros exemplos de castidade, os de duas mestiças (*loc. cit.*, n.os 113 e 114), que, verdadeiras martyres da castidade, podem «servir de exemplo illustre, honra e corôa das mulheres naturaes do Brasil.»

Fizeram tambem um assalto nos *tamoyos* os indios que favoreciam as partes dos portuguezes, e n'elle tomaram um principal. Fizeram os portuguezes com que estes o matassem, e que depois de morto o postejassem, assassem e comessem, afim de os encarniçarem contra os inimigos.

Temendo o padre Nobrega, que tão feio crime e outras offensas attrahissem a colera divina sobre os portuguezes, escreveu de Piratininga aos padres da villa, ordenando-lhes fizessem preces ao céu, pedindo misericordia a Deus para que êsses peccadores caissem em si e conhecessem seu peccado. Assim cumpriram os padres—saindo á rua, disciplinando-se e implorando ao Senhor para que se emendassem os portuguezes e por isso suspendesse o céu o castigo (*loc. cit.*, n.º 116)!

É o chronista de parecer que as dysenterias de sangue, que por esse tempo affligiram os moradores com tanto aperto, eram indicios de castigo celeste. Diz que tambem só se curavam com sangria, que era theriaga na medicina do tempo. Isto e boatos de assalto dos indios faziam com que a gente andasse toda assombrada. Por todas estas coisas fazia o padre Nobrega procissões pelas ruas públicas,

«e ordenou que dentro em casa tivessem os *nossos* oração nocturna perenne com disciplina marcada a ampulheta, que passava a outro logo que descia toda a areia, e assim ficavam toda a noite. Durou uma quaresma o fervor d'esta devoção, não sem indicios de perdões do céu.» (*Loc. cit.*, n.º 116).

N'este anno de 1561 morreu o irmão Matheus Nogueira, coadjutor temporal, recebido na Companhia pelo padre Leonardo Nunes em 1559, na capitanía do Espirito-Sancto. Servíra na fronteira de Africa, no posto de soldado, o lugar de espia, com grande risco, livrando-se, porém, sempre de moiros e de leões.

Voltando á patria, achou a mulher prostituida, e por isso abandonou-a. Fazendo-se então levas de gente para o Brasil, alistou-se como soldado, para viver desconhecido, e veiu ao Espirito Sancto. Valente e de grandes fôrças, era sempre dos primeiros contra os inimigos que os assaltavam, e o resto do tempo passava a exercer o officio de ferreiro. Passando por aquella capitanía o padre Leonardo Nunes, foi recebido na Companhia e approvado por Nobrega e depois por Sancto Ignacio, não obstante ser viva a mulher; pois que se tinha d'ella desquitado por adulterio. Vivia exemplar em S. Vicente e em Piratininga. Era bom ferreiro, e os indios nada mais estimam que obras de ferro. Era unico, e por isso acabava com os indios quanto queria. Obedeciam-lhe como homem que tinha arte mais que humana; mandava recados para o sertão, e era pontualmente obedecido. Por sua causa encheram-se os seminarios, para aprenderem os meninos com elle. E assim tambem foi motivo para que se convertessem muitos maioraes. Morreu de excesso de penitencias, porquanto a Companhia ainda não tinha constituições, e tomava cada um aquellas que queria. Usava de umas muletas para sustentar-se de joelhos, e de um tiracollo para

ter as mãos erguidas na oração. Esteve só cinco ou seis dias de cama, e morreu a 29 de janeiro do referido anno de 1561. Foi o primeiro que na capitanía de S. Vicente morreu na cama. Jaz sepultado na egreja de S. Paulo da villa de Piratininga (*loc. cit.*, n.º 124).

1562

Não passaram as coisas «menos felízes na Bahía n'este anno do que no antecedente; porque o padre Luiz da Gram com seus obreiros não cessava momento na empreza começada.» Incançavel no seu apostolado, administrou mais de mil baptismos em tres ou quatro aldeias. Segundo o padre Simão de Vasconcellos no n.º 119 (*loc. cit.*) fez o padre o seguinte fructo nas suas missões d'este anno:

Em Sanct'Iago......................	120
Em S. João.........................	550
Em Sancto Antonio..................	400
Em S. Pedro........................	1:150
Em Itaparica.......................	108
Em S. Miguel.......................	897
Em Nossa Senhora da Assumpção.....	1:090
Em Ilhéos (em uma aldeia)..........	170
Em Sanct'Iago......................	153
Em Sancto Antonio..................	202
Em S. Paulo........................	212
Ao todo.......	5:052

Fica fóra d'esta estatistica as capitanías de S. Vicente e do Espirito-Sancto.

Póde saber-se d'estes baptismos; porque os catechistas não os faziam, e só o provincial, quando ia em correcção.

Defraudados os feiticeiros de suas honras e proveitos, pervertem com razões diabolicas os indios da aldeia de S. Pedro, a cargo do padre Antonio Rodrigues. Desampararam por isso a aldeia; mas vae atraz d'elles o padre Rodrigues, que os encontra a poucas jornadas, em número de mais de tres mil, entre homens, mulheres e meninos, carregados de suas alfaias—de cuias, de potes, de patiguás e de cabaças—famintos e cançados, por serem muitos e o sertão esteril. Voltaram e compozeram-se em suas aldeias. D'estes baptisaram-se mais de mil e quinhentos. O padre Luiz da Gram tenta depois uma missão ao rio de S. Francisco. Metteu-se com outros a caminho, e andadas muitas jornadas, experimentando graves perigos de homens e féras, voltaram cheios de fome, fracos, quebrantados e doentes.

Chegam no mez de julho á Bahia, vindos de S. Vicente, os quatro seguintes religiosos:—o padre Manuel de Paiva e os irmãos Manuel de Chaves, Gregorio Serrão e Diogo Jacome, todos versados na lingua *tupy* ou geral, dando o bispo Pedro Leitão a estes tres ordens sacras, passados tempos.

Vão a Pernambuco, como superior, o padre João de Mello, e o padre Antonio de Sá, perito na lingua do Brasil. Andava em revólta o governador com os principaes da terra, com bandos de parte a parte. Compozeram os padres isso, bem como muitas contendas de particulares, espalhando os sacramentos da penitencia e communhão, em que acharam muitos descuidos. Com esmolas fundaram a egreja de Nossa Senhora da Graça, e alli estiveram até o anno de 1567. Mostravam-se os *tamoyos* em S. Vicente mais alterosos e mais aguerridos, com o uso das armas, mais encarniçados com as prezas, mais alentados com as victórias, e mais soberbos com o auxílio dos francezes.

Reuniram os portuguezes o maior poder de que podiam

dispor e os accommettem; mas ficam vencidos e desbaratados. A esta desgraça veiu junctar-se a de que os *tupys* do sertão declaram-se inimigos, como tambem os gentios neutraes e os descontentes que haviam fugido dos portuguezes, e assim todos confederados vieram sobre a villa de Piratininga (*loc. cit.*, n.os 131 e 132).

Compadecido um d'entre os assaltantes das afflicções dos moradores da villa, e lembrado da doutrina dos padres, escapa-se, rompendo matto, e vem dar notícia do ataque. Achavam-se em Piratininga dez religiosos, dos quaes era superior o padre Vicente Rodrigues. Foi indescriptivel o susto e a confusão dos moradores.

Em vista d'este lastimoso e grande apêrto valeram-lhes os indios cathecumenos e baptisados, cujos corações, movidos em favor dos «nossos», os impelliram a virem ás occultas e por meio de mattos inextricaveis de seis ou sete aldeias, e isto de noite, com frios violentissimos, expostos á geada. Acompanhavam-n'os tambem mulheres e crianças «e vinham a bandos como trazidos pela mão de Deus.» (*Loc. cit.*, n.° 133).

Foi *Tebyreçá* (Martim Affonso no baptismo) principal de Piratininga, o que deu entre todos maiores provas de valor e lealdade.

«Fez maravilhas: recolheu-se com toda a sua gente de tres aldeias, destruindo suas casas e roças para que lhes não désse cubiça de voltar.»

Por cinco dias tardou o inimigo a apparecer, e durou a preparação do combate, e em todo esse decurso de tempo animava elle aos portuguezes e fazia prácticas aos seus, e todavia, seu irmão *Ararayg*, e seu sobrinho, eram com os inimigos, e sob o mando de *Jaguaranhó* (cão bravo).

Este sobrinho fez todo o possivel para desvial-o dos portuguezes. Respondeu o tio — que confiava em Deus e havia de vencel-o e matal-o. Dão sobre a villa com grande

estrondo de gritos, todos elles pintados, empenados, jactanciosos, tendo na retaguarda uma canalha de velhas, já com as panellas promptas. Fortificam-se os de Piratininga na egreja por ser lugar mais defensavel, e ahi recolhem as mulheres e filhos dos indios e dos portuguezes. Atacando *Jaguaranhó* a egreja pelo lado da cêrca, levou uma frechada que o estendeu morto. Desgostosos com essa lucta fratrecida e enfiados do successo, retiram-se os inimigos ao segundo dia de peleja, destruindo em sua passagem tudo quanto encontraram nos arredores. Resolvem-se os alliados a ficarem em Piratininga e a revestem de uma cêrca de taipa a modo de muralha.

Succedeu então grassar alli uma epidemia de dysenteria de sangue bastante perigosa. Entre os muitos que d'ella morreram, contou-se infelizmente o bravo e fiel *Tebyreça* (1562). Foi assistido do padre Fernão Luiz. Deram sepultura na egreja dos padres a este indio, de quem dependeu em grande parte a victória de Piratininga.

Trouxe este assalto o beneficio de quererem todos os indios convisinhos os padres da Companhia, e os de Itanhaē não só os convidaram, como lhes deram na sua villa o melhor aposento que tinham (*loc. cit.*, n.º 140).

Um indio d'essa villa, chamado *Piririgoá Ogyb* e com cento e trinta annos de edade recebe o baptismo.

Emquanto iam as coisas com este bom rosto em Piratininga e mais partes sertanejas, andava o maritimo em perpétua lida com os *tamoyos*, que vindo em suas canoas do Rio de Janeiro assaltaram a praia de *Boygnaçúgoaba* e outros sitios, levando captivos mulheres e crianças em grande quantidade. Andavam em canoas volantes de quinze e vinte remeiros por banda, mui destros no remar, e assim não havia prevenil-os ou alcançal-os (*loc. cit.*, n.º 143).

Por este tempo chegou de Portugal Vasco Fernandes Coutinho, que vendo a sua capitanía do Espirito-Sancto

desbaratada, pede soccorro a Mem de Sá: manda este navios da costa com gente, e por capitão seu filho Fernão de Sá. Chegaram á foz do rio *Quiricaré*, na altura de dezenove graus. Aqui se foi incorporar com elle a gente da terra, e assim reforçados dão nos indios e os afugentam. Voltam estes encarniçados para desaffrontar-se, põem tudo em confusão, e fogem «os nossos» para os navios, mas em tanta desordem que Fernão de Sá é morto ás frechadas, e assim como elle muita gente.

Entra o anno de 1563 da era christan, e vinte e quatro da Companhia, com uma terrivel peste, que, começando na ilha de Itaparica, caíu sobre a cidade, e foi d'ahi correndo ao norte, levando as aldeias de S. Paulo, S. João e S. Miguel. «Escassamente deixou viva a quarta parte dos moradores, calculando-se em trinta mil só na capital da Bahia.»

«Consistia esta peste em dores nas entranhas que faziam apodrecer o figado e bofes, e logo bexigas tão podres e peçonhentas, que caíam as carnes aos pedaços, cheias de bichos mal cheirosos.» Foram os padres incansaveis em acudir aos moribundos. Chegam de Portugal mais quatro operarios, o padre Quiricio Caxa, e os irmãos Balthasar Alvares, Luiz Carvalho e Sebastião de Pina. Luiz Carvalho veiu doente, e voltou sem experimentar melhoras. O padre Caxa abriu uma classe de grammatica.

Na capitanía de S. Vicente, principalmente na parte maritima, tudo eram assaltos, mortes, captiveiros, feitos pelos *tamoyos* (*Ob. cit.*, liv. III, n.º 4). Na primeira oitava da Paschoa despediram-se Nobrega e o seu companheiro Anchieta dos mais religiosos, para se virem metter entre os *tamoyos*, no intento de os abrandarem. Chegados os dois missionarios aos lugares fronteiros aos *tamoyos*, d'aqui os levou a 21 de abril (1563) em barco proprio Francisco Adorno, nobre genovez e homem rico da terra.

A 4 de maio aportaram ás principaes praias dos *tamoyos*, em distancia de vinte e seis leguas de S. Vicente, e na altura de vinte e tres graus e um quarto. Assim as descreve o padre Simão de Vasconcellos:

«Tem seu princípio vindo da villa de S. Sebastião, da última ponta da enseada, que chamam dos *Maramomis*, fronteira á ilha dos Porcos, correndo ao sul as tres enseadas seguintes: dos Portos, de Uubatyba e das Larangeiras, até entestar com o grão Cairuçú, penedias disformes, espanto dos navegantes, e pelo sertão cerro horrivel de altas serranias, incultas, impenetraveis, muros emfim eternos da natureza.» (*Loc. cit.*, n.° 6).

Sabendo os *tamoyos* que tinha desembarcado gente estranha em suas praias, acudiram logo, e ouvindo na sua propria lingua d'elles as eloquentes saudações de Joseph d'Anchieta, hospedado por *Coaquira*, abrandam-se. Vieram depois dois chefes, que deram doze indios de refens para que fossem a S. Vicente.

Armam os padres no entretanto uma egrejinha coberta de palma, e ahi dizem a 9 de maio a primeira missa, e começam a doutrinal-os. Correu fama que eram os padres chegados ás praias de *Iperoyg* com intentos de pazes, a cuja notícia acudiram muitos, uns por curiosidade, outros para estorvar os concertos.

O primeiro d'estes foi um principal de nome *Aimbiré* com dez canôas. Era amigo dos francezes, sogro de um d'elles e inimicissimo dos portuguezes, dos quaes fôra assaltado, mettido com ferropêas em uma canoa, d'onde fugíra a nado; mas sempre lembrado da injúria, procurou agora vingar-se (*loc. cit.*, n.° 10).

Chegado á aldeia onde residiam os padres, aconselhou que os matassem e lançassem mão do barco e portuguezes que alli os trouxeram. Reuniram-se depois os velhos para tractarem do accôrdo de pazes; mas ahi pronun-

cia-se *Aimbiré* contra ellas e propõe que as não aceitem sem que primeiro lhes entreguem os de S. Vicente tres dos principaes que se haviam d'elles apartado e seguiam as partes dos portuguezes. Conhecendo os padres o perigo que havia n'isto, procuram com boas razões dissuadil-os d'esse proposito. Porém o peito do barbaro *Aimbiré* ficou duro, e concluiu com arrogancia n'estas palavras: — «Pois que vós outros sois escassos de meus contrarios, que têem morto e comido os meus, e os não quereis entregar, não tenhamos pazes», e voltou-se descortezmente a outra parte.

Aqui tomou a mão o velho *Pindobuçù* (palmeira grande), principal da aldeia, muito respeitado, e mostrou-lhe sua sem-razão. Assentaram então em ir embaixador expor o negocio «ás cabeças maiores do govêrno». *Aimbiré*, confiado em si e na sua gente, propõe-se a esta embaixada, levado da damnada tenção de perturbar as coisas; mas foi tão bem recebido e agasalhado em S. Vicente, que voltou satisfeito e de paz (*loc. cit.*, n.° 12).

Libertos os padres d'este perigo, succede-lhes outro não menor; porque andando ambos na praia viram vir para o ponto onde se achavam uma canoa a toda a pressa e bem esquipada e dirigida por *Paranápucú* (mar espaçoso), tambem principal e filho do velho *Pindobuçú*, que, sabendo que tractavam na aldeia de pazes com os portuguezes por influição dos padres, acudia para impedil-as e matal-os. Chega o indio á aldeia, persegue os padres, que o evitam milagrosamente, até que, afinal, apparece *Pindobuçù*, que dissuade o filho, contando-lhe maravilhas de seus hospedes, de sua coragem, continencia, etc., e ainda para mais o convencer, ameaça-os a todos com castigos do céu, d'onde viria «mortandade de peste sobre elles», e os padres «nos lançarão (se quizerem) camaras de sangue e febres malignas com que todos morramos.» Ninguem se atrevia a fazer-lhes mal, protegidos pelo principal, como filhos.

Chegado o tempo de assentarem nas pazes, reune-se conselho, a que assistem os padres. Expõem n'elle os velhos suas queixas e allegam os padres que trazem suas cabeças para abono da sinceridade do accôrdo. Adherem a ellas primeiros que todos os da aldeia de *Itaperoyg*. Consentem n'ellas muito mais tarde os do Rio de Janeiro e de Cabo-Frio, «mais frio,» para depois as quebrarem.

No fim de dois mezes partiu o padre Nobrega, deixando em refens Anchieta, para que os indios não desconfiassem.

Fôra a partida de Nobrega motivada pelas notícias que lhe vieram de que os barbaros haviam entrado no forte de S. Vicente, e morto o capitão d'elle e a mulher, e levado a familia captiva (*loc. cit.*, n.º 17).

Via o padre Anchieta ameaçado o seu voto de castidade no meio d'esta gentilidade, e o virtuoso missionario, para escudar-se d'esse perigo, fez promessa á Virgem de compôr a vida d'Ella em verso, e como não tivesse papel, nem penna, nem tinta, «sae-se á praia e alli juncto ao brando murmurar das aguas, escrevia seus versos na areia, pera melhor retel-os na momória.» (*Loc. cit.*, n.º 22).

Paternina conta de uma ave graciosamente pintada, que com brando vôo andava em tôrno de Joseph, e emquanto elle ia compondo e escrevendo, lhe saltava, brincando, ora nas mãos, ora nos hombros, ora na cabeça.

Vasconcellos tem para si que aquella ave era o correio da Virgem, que lhe trazia despacho do que elle pedia, em galardão do seu trabalho e amor.

A concepção do poema era recurso para Anchieta fugir da concupiscencia, porque no meio de mulheres não impudicas, mas núas e innocentes, e por isso mesmo perigosas, elle só e no secesso dos mattos, via-se assediado de tão temerosos inimigos.

Cansados alguns *tamoyos* de esperar, ou levados de sua

natural inconstancia, assaltaram uma parte de S. Vicente, d'onde trouxeram portuguezes captivos para *Itaperoyg*. Tractou Anchieta do resgate d'elles, prophetisando o dia e os nomes dos homens que haviam de trazer a ferramenta e panno para isso, o que de facto realisou-se, conforme predissera o padre (*loc. cit.*, n.º 25).

A 6 de julho chegam as canoas que haviam levado o padre Nobrega a S. Vicente, espalhando falsamente que vinham fugindo por lhes ter avisado um escravô que os portuguezes os queriam matar; tanto assim, que um Domingós Braga matára um da companhia de *Aimbiré*. «Com estas mentiras ficaram triumphantes os do Rio de Janeiro» que se achavam em *Itaperoyg*, levantaram-se e intentaram levar o padre Anchieta e outros portuguezes que alli se achavam; mas não o conseguiram por lh'o impedirem *Pindobuçú* e os mais principaes da aldeia (*loc. cit.*, n.º 29).

Ainda se não tinham bem recobrado d'este apérto, quando chegaram outras dez canoas do Rio, intentando levar o padre Anchieta, ou ao menos um portuguez chamado Antonio Dias, que tinha ido resgatar a mulher e filhos, captivos em guerras passadas. Oppoz-se a isto *Pindobuçú* com vehemencia e calor, chegando até a ameaçar os indios, e d'ahi dirigiu-se ao padre e lhe disse: — «Filho Joseph pede a Deus que me dê larga vida, que do mais não tenhas medo.» Soube-se depois que o que se dizia ter sido morto, tomado de medo sem fundamento, se metteu pelos mattos, e veiu ter á aldeia no fim de um mez.

Foram então chegando os mais indios da embaixada de *Aimbiré*, e contaram como tinham feito as pazes e com que ceremonias; succedendo isto primeiro em S. Vicente, depois em Piratininga e em Itanhaẽ, não só com os *tupys* dos padres, como com os de *Mayranhaya*, que viviam todos elles entre si em pazes (*loc. cit.*, n.º 31).

Estabelecidas as pazes, retira-se d'alli aos 14 de setembro o padre Anchieta acompanhado por *Cunhambéba*, seu amigo, e chega ao collegio a 21 do mesmo mez.

Entra o anno de 1564.

Os moradores da Bahia teem fome por effeito da peste do anno antecedente e por falta de quem cultivasse as terras; mas além d'isso obravam tambem a intemperie e más influencias do ar. Nasciam as plantas viçosas e morriam mallogradas. Foram os indios das aldeias víctimas da fome, perecendo muitos d'ella (*loc. cit.*, n.° 38). Os que escapavam nas aldeias visinhas á cidade, «levados do apêrto, por causa do comer, vendiam-se a si mesmos, trocando a liberdade, uns por uma cuia de farinha, outros alugavam-se para servir toda a vida, outros vendiam os filhos, ou aos que fingiam, pera esse fim, seus.» Muitos eram senhoreados dos portuguezes, sem nenhum contracto anterior. A aldeia de Itaparica por causa da fome se muda para Sancta Cruz de *Jagoaripe*. A de Nossa Senhora da Assumpção de *Tapepitanga* e a de S. Miguel de *Tapéragoá* foram desamparadas, e espalham-se os moradores pelo matto em busca de sustento, e assim acabam-se estes aldeiamentos.

Os padres João Pereira, Adão Gonçalves, Jorge Rodrigues e outro irmão estiveram a ponto de serem mortos ás mãos dos que fugiram das aldeias de *Tapéragoá* e *Tapepitanga*, por lhes quererem aquelles impedir a fuga. De tantas aldeias, ficaram sómente cinco, que essas mesmas depois se reduziram a quatro. Não era menor embaraço o voltarem muitos indios sem mulheres, de quem não sabiam, e quererem casar e se descontentarem de o não poderem fazer.

Consultada a mesa da consciencia de Lisboa sobre aquelles pontos, resolveu:

«Que o pae podia, em direito, vender o filho em caso

de apertada necessidade, e que qualquer se podia vender a si mesmo para gozar do preço.» Consultam entre si o bispo D. Pedro Leitão, o governador Mem de Sá, o ouvidor Braz Fragoso e o provincial Luiz da Gram, e assentam que se publicasse a resolução, e os indios que estivessem fóra d'ella fossem havidos por livres (*loc. cit.*, n.º 40).

«Porém, diz Vasconcellos, como os moradores da Bahia e de toda a costa estavam feitos senhores de tão grande quantidade de indios, vendidos fóra da justiça por tios, irmãos e parentes, que não tinham direito sobre elles, determinou-se que os taes eram livres. Visto, comtudo, as grandes difficuldades que se allegavam, de se largarem os indios do serviço dos portuguezes, e porque podiam outra vez metter-se entre os gentios, com dispendio de suas almas, e não sem perigo da republica, foi permittido que ficassem em casa dos que os tinham, com as condições seguintes: Que os ditos indios, assim mal havidos, fossem avisados de sua liberdade; mas que como livres servissem áquelles que os resgataram em suas vidas, por evitar os inconvenientes que do contrário se podiam seguir; e que fugindo os taes indios os podessem os amos mandar buscar e castigar; e com condição que os amos, em reconhecimento da liberdade d'elles, lhes pagassem em cada um anno por seu serviço aquillo que justamente lhes fosse taxado, com declaração de que, continuando elles a fugir pera o gentio, sendo depois da primeira vez, perdessem a soldada de um anno, em recompensa do que os amos perderiam em buscal-os. E outrosim que os possuidores dos ditos indios não os poderiam vender, nem dar, nem trocar, nem levar fóra do Brasil; e os que os não quizessem possuir com as condições apontadas, os podessem tornar a dar aos que lh'os venderam, sem titulo de dominio que tivessem sobre elles, e estes lhes tornassem o preço.» (*Loc. cit.*, n.º 41).

«Porém, nem estas condições se guardaram, nem a resolução serviu de mais que de captivarem mais indios com capa de vendidos por si mesmos, ou por seus paes, ou parentes, porque enganavam os pobres, e quando iam a resgatar, faziam que dissessem o que queriam: sendo que (tirando poucos na fôrça da fome sobredita) raramente se achará que algum indio se vendesse a si ou a filho legitimo; nem as suas necessidades são taes que se não possam remediar sem similhante rigor de vendas, contrárias á liberdade natural, tão estimada d'elles e de todos os homens.» (*Loc. cit.*, n.º 42).

«Nem tambem a condição permettida do serviço dos indios por toda a vida, postoque por seu estipendio, deixava de ser violenta, e quasi modo de captiveiro, a não intervirem gravissimas rezões verdadeiras que a cohonestassem.»

É tambem para lastimar outro mal que sobreveiu aos desgraçados indios. «Por morte do bispo Sardinha, promulgou-se uma sentença contra os indios *caetés*, dando-os por escravos e todos os seus descendentes. Havia nas aldeias grande quantidade de *caetés;* não só estes eram havidos por captivos, mas á volta d'elles muitos que o não eram.»

Em consulta com o ouvidor resolveu o governador que fossem exceptuados da sentença os que se reduzissem á egreja.

«A limitação não foi de fruyto; porque elles, ou se não acolhiam ás egrejas, ou se o faziam, não estavam ahi seguros dos portuguezes, e, como desesperados, fugiam e morriam á fome, ou se mettiam com seus proprios inimigos e morriam a mãos violentas.»

Sendo informado o govêrno da metropole dos muitos enganos que n'esta materia se commettiam, revogou Filippe II, pela lei de 11 de novembro de 1595, todas as de

seus antecessores, mandando que sómente fossem captivos os tomados em guerra justa. A 30 de julho de 1609 é promulgada outra lei revogando as antecedentes e declarando livres todos os indios do Brasil, baptisados ou não, ainda que fossem comprados e julgados captivos por sentença, ficando nullas todas as vendas como as sentenças.

Sairam na Bahia com embargos e réplicas; mas veiu a lei de 10 de setembro de 1610 confirmal-a, e a 31 de março de 1640 appareceu outra lei ordenando que nenhum indio, ainda infiel, podesse ser captivo nem posto em escravidão por nenhum modo, causa ou titulo, nem privado de seus bens, filhos, mulheres, etc.

Acompanhando a narração de Simão de Vasconcellos, fico aqui na citação das leis promulgadas em beneficio e confirmação da liberdade dos indios, observando, comtudo, de passagem que tanto estas disposições como as que baixaram em tempos posteriores successiva e frequentemente, demonstram por isso mesmo sua inefficacia, sendo tidas por lettra morta, burladas e menosprezadas não só por aquelles cujos interêsses ellas feriam, como pelos proprios encarregados de as fazerem observar.

Reatando o fio chronologico dos acontecimentos, affirma o chronista (*loc. cit.*, n.° 45) que no anno de 1564 era crescido o número de obreiros da provincia do Brasil; «porque na Bahia eram os padres dez e os irmãos quinze; em S. Vicente e Piratininga dezoito por todos; no Espirito-Sancto dois; dois em Porto-Reguro; dois em Pernambuco e tres nos Ilhéos.»

Dota el-rei (D. Sebastião) o collegio da Bahia com uma congrua para o sustento de sessenta religiosos, sendo tirada da redizima da capitanía.

Em fevereiro d'este anno de 1564 morre na casa professa de Roma o geral Diogo Laynes, a quem se fazem pomposas exequias, e o chronista mostra-se pezaroso por

não caber-lhe tecer na sua obra o panegyrico de seu superior, e contenta-se de remetter os curiosos para os que historiaram a vida de Laynes, que foram o padre Francisco Sachino, nas *Chronicas da Companhia de Jesus*, do n.º 200 em diante, do liv. VIII; *Dos quatro geraes da Companhia*, do padre Ribadenera, e no — *Varões illustres da Companhia*, do padre Euzebio de Nieremberg.

Edificava-se este mesmo anno na capitania de Ilhéos, com grande calor, o templo para os religiosos da Companhia, residindo já ahi tres sujeitos d'ella.

«Tem seu princípio esta capitania dos Ilhéos da ilha Tindaré, onze ou doze leguas da Bahia correndo ao sul, e vae correndo d'este lugar ao mesmo rumo, cincoenta leguas por costa, até acabar no porto e rio de Sancta Cruz, tres leguas da villa de Porto-Seguro, etc.» (*Loc. cit.*, n.º 48). Nos seguintes n.ºs *usque*, o n.º 55, occupa-se o padre Simão de Vasconcellos em descrever a referida capitania.

Ouvida com satisfação pela rainha regente o feliz exito da expedição de Mem de Sá contra os francezes e *tamoyos* do Rio de Janeiro, e das pazes alcançadas do gentio d'aquellas partes pelos padres Nobrega e Anchieta, expediu o capitão Estacio de Sá com dois galeões e aprestos de guerra, para que fosse á Bahia e ahi estivesse ás ordens de seu tio, o governador geral.

Chegou Estacio de Sá á Bahia, e conheceu o governador que era da vontade da rainha que presidiasse a fortaleza de Villegaillon «e mettesse gente no Rio de Janeiro para senhorear a terra e lançar de todo fóra o francez.»

Aggregando Mem de Sá ao capitão-mór Estacio navios da costa e alguma gente militar, fez-se este ao mar, e em fevereiro d'este anno (1564) entrava a barra do Rio de Janeiro, e foi d'ahi discorrendo a costa, depois de mandar recado a Nobrega para que viesse de S. Vicente, para o aconselhar, como era do regimento que lhe dera o tio.

Soube então de um francez, que tomára, que os *tamoyos* do Rio estavam alterados, como teve occasião de verificar ser exacto, accrescendo que pouco depois soube que os de S. Vicente estavam tambem em guerra, o que explicava a demora do padre Nobrega em avistar-se com elle. Resolveu-se por isso a ir a S. Vicente, e em abril partiu para alli. N'esse interim chega Nobrega, que, arrastada sua canoa pelo vento, vê-se perdido no meio d'aquella gentilidade inimiga; mas a mesma tormenta, que impedia sua canoa de fugir d'ahi, forçou a armada de Estacio de Sá a voltar atraz, e assim encontraram-se e foi salvo o padre.

Tomando Estacio de Sá conselho do padre Nobrega, foram-se a S. Vicente refazer-se de mantimentos e embarcações de remo. Achou o capitão-mór que os indios de *Itapervyg* conservavam-se fieis ao accôrdo de pazes, em especial seu principal, *Cunhambéba*, que assentára com toda a sua gente casa fronteira aos *tupys* de S. Vicente; mas não procediam na mesma conformidade os *tamoyos* do Rio, antes hostilisavam de contínuo os d'esta costa.

Não se mostravam os da armada dispostos á empreza. Emprega o padre Nobrega rogativas e apresenta-lhes tão boas e valiosas razões, que, ajudado por Estacio de Sá, afinal resolveu-os a cumprirem as ordens de seus superiores de povoar o Rio de Janeiro (*loc. cit.*, n.ºs 60 a 64).

Com a entrada do novo anno de 1565 ficou socegado o espirito do governador Mem de Sá com as cartas do sobrinho e do padre Nobrega dando conta da marcha dos negocios a elles incumbidos. Accrescenta-se o collegio da Bahia com nova classe de latim e uma licção de theologia moral.

N'este mesmo anno houve congregação dos padres professos da Companhia, e foi n'ella eleito o sancto padre Francisco de Borja, que fôra duque de Candia; e n'essa mesma congregação escolhido procurador da India e do

Brasil o padre Ignacio de Azevedo, com o cargo de visitador da provincia do Brasil.

Em abril d'este anno succumbiu a uma febre, em Espirito-Sancto, o padre Diogo Jacome, que fizera tantos serviços á Companhia e resgatára quantidade de gentios para a fé christan (*loc. cit.*, n.os 68, 69, 70 e 71).

A 20 de janeiro era ja partida a armada de Estacio de Sá do porto de *Buriquijoca*, e a 20 de março occupava a barra do Rio de Janeiro e lançava ferro juncto ás ilhas que estão proximas a ella. Junctou todas as embarcações, aproximou-se a frota de terra e desembarcou a infanteria, que se fortificou juncto ao Pão de Assucar. Logo no dia 6 de março soffreram um assalto dos *tamoyos*, que não teve outro resultado mais do que aprisionarem um dos indios da fôrça portugueza. A 12 foram os portuguezes em dez canoas accommetter os *tamoyos*, que lhes armavam uma cilada com vinte e sete canoas, e aos quaes tiveram a fortuna de derrotar e afugentar (*loc. cit.*, n.° 78).

Apparecendo em junho tres naus francezas e innumeras canoas de indios seus alliados, Estacio de Sá não se acobardou, antes foi encontral-os e os destroçou. No mez de outubro teve mais outra escaramuça, egualmente feliz, e por último remate dos successos d'este anno poz a capitanía em bloqueio uma aldeia e desbaratou-a completamente.

Em principios de 1566 tornou-se á Bahia Anchieta, trazendo ao governador as gratas novas que vão acima resumidas. O bispo Leitão ordenou-o então de ordens sacras. A 24 de agosto chega á Bahia o padre Ignacio de Azevedo, encarregado de visitar a provincia e dispor as coisas de conformidade com as novas constituições, podendo depois tornar-se, se assim lh'o aprovesse. Levou comsigo cinco obreiros. Quanto a este número discorda o chronista do padre Balthasar Telles.

Achou assim distribuidos os jesuitas: — na Bahia trinta religiosos, com uma classe de ler, escrever e doutrina christan, duas de latim e uma de casos. Estavam-lhe annexas cinco aldeias, e em cada uma d'ellas um padre e um irmão; em Pernambuco dois; em Ilhéos tres; em Porto-Seguro dois; em Espirito-Sancto quatro, com uma classe de meninos, de ler, escrever e doutrina, e duas aldeias; em S. Vicente doze, com duas classes, uma de ler, escrever e doutrina, e outra de latim; em Piratininga seis, com algumas aldeias, e na guerra do Rio de Janeiro dois: ao todo sessenta e tres religiosos.

Em novembro d'este anno de 1566 embarcam-se o bispo D. Pedro Leitão e o visitador padre Ignacio de Azevedo na armada do governador Mem de Sá, que partiu para o Rio de Janeiro com soccorro, afim de concluir a guerra e fundar a cidade por ordem de D. Sebastião segundo o parecer do padre Joseph d'Anchieta. Levou comsigo o provincial Luiz da Gram e os padres Joseph d'Anchieta, Antonio Rodrigues, Balthasar Fernandes e Antonio da Rocha.

Por todo o decurso do anno foram varios os successos da guerra; mas sempre venturosos aos portuguezes, tanto que já os *tamoyos* desesperavam das ciladas que armavam e diziam «que até os passaros nos avisavam d'ellas.» Relata o chronista no n.º 97 (*loc. cit.*) o feito que deu lugar á instituição da *festa das canoas*, que escuso aqui recapitular; tractando d'ella mais de espaço no tomo II d'esta obra.

Aos 18 de janeiro de 1567 surge na barra do Rio de Janeiro a armada de Mem de Sá, e no dia do martyr S. Sebastião (20 de janeiro) assaltam os seus as duas principaes aldeias do inimigo. Depois de pertinaz e mui disputada peleja, foi entrada e destroçada *Uruçumiri*, fortificação mais importante dos *tamoyos*, «com lastimoso estrago, porque dos *tamoyos* não ficou um com vida. Dos francezes

morreram dois no conflicto, e cinco. que houveram ás mãos os portuguezes, foram pendurados em um pau pera escarmento dos outros.» (*Loc. cit.*, n.° 101). A segunda fortificação investida foi a do principal *Paraná-pucuy*, que foi tambem vencida e arruinada. Á vista d'estas duas victórias consecutivas desanimaram os *tamoyos*, e uns embrenharam-se pelo matto dentro, e outros pediram pazes. Tomaram os portuguezes posse d'estas enseadas e fôrças, traçando desde logo poderosas fortificações de pedra e cal. Não foi, comtudo, completo o regosijo dos vencedores, porque não tardou que tivessem de carpir a morte do esforçado Estacio de Sá, que veiu a succumbir em consequencia de uma frechada que recebêra no rosto havia um mez.

Depois d'estes acontecimentos partiram os padres Ignacio de Azevedo, Luiz da Gram, Anchieta e os mais companheiros com o bispo Leitão a encontrarem-se em S. Vicente com o padre Manuel da Nobrega. Occupa-se o chronista nos n.os 110, 111 e 112 de dar notícia dos milagres que ahi obrou o padre Joseph d'Anchieta. No mez de junho fizeram-se estes visitantes de volta ao Rio de Janeiro, succedendo na jornada um caso milagroso (*loc. cit.*, n.° 113), e que, como tempêro indispensavel das viagens dos jesuitas, escuso referil-o.

Chegados ao Rio de Janeiro, marcou-lhes o governador sitio para seu collegio, applicando «dote da renda necessaria pera sustento de até cincoenta religiosos.»

Apparece no Rio de Janeiro João de Bolés, que dera tanto que fazer, em 1559, ao padre Luiz da Gram, e que vinha agora remettido preso da Bahia. Manda-o justiçar o governador por um algoz. Pede então o padre Anchieta que se sobrestivesse na execução emquanto procurava converter o hereje. Uma vez logrado este intento, foi o pobre Bolés relaxado ao braço secular. Não era, porém, perito o algoz e fazia soffrer o paciente. O padre Anchieta, que se doia

d'este érro de officio, sem que temesse a suspensão canonica por accelerar a morte, passou a ensinar ao inexperiente carrasco como devia manobrar.

Tendo o padre Ignacio de Azevedo regularisado, no entanto, as coisas nos collegios do Rio de Janeiro, de S. Vicente e de Piratininga, volveu á Bahia, visitando de caminho os collegios e aldeias do Espirito-Sancto e Ilhéos.

D'ahi preparou-se para sua jornada a Roma; mas não a quiz fazer, apesar de lh'a facultar o geral da Ordem, sem consultar primeiro a congregação provincial, que, indo adiante de seus desejos, o nomeou, com applauso de todos, procurador geral da provincia do Brasil, e a 14 de agosto de 1568 partiu, com effeito, determinando antes ao padre Luiz da Gram que, visto instar o tempo de ir a Roma, fosse elle a Pernambuco «entabolar a residencia por tantas vezes começada e instada agora por aquelles povos.»

Em junho chega alli o padre Luiz da Gram, acompanhado do padre Diogo de Freitas e de outros religiosos, e compostas as coisas ao geito da Companhia, deixou n'essa residencia ao padre Freitas como superior e voltou ao collegio da Bahia. Abriu aquelle superior classe de ler, escrever e doutrina, e logo que chegou refôrço de Portugal, uma de latim (*loc. cit.*. n.º 123).

Continuava no entretanto no Rio de Janeiro o governador Salvador Corrêa de Sá a edificar a cidade e o padre Nobrega o collegio. «Estava, porém, já mui debilitado o vigor corporal d'este insigne obreiro; padecia graves accidentes de sangue e malencholia, que o chegavam a apertos grandes, e o quo ultimamente lhe causou sentimento maior foi ver-se em breve tempo destituido de um dos companheiros que muito o ajudava» — o padre Antonio Rodrigues, que morreu a 20 de janeiro d'este anno de 1568.

Appareceram na barra do Rio de Janeiro quatro naus francezas, que iam com *tamoyos* em busca do indio *Te-*

byreçá (Martim Affonso de Sousa), fiel e constante alliado dos portuguezes. O governador avisa-o d'isto ao mesmo tempo que manda pedir soccorro de canoas e gente a S. Vicente. Prepara-se *Tebyreçá* para receber os inimigos; mas assim que chegam, reconhece seu número e meios muito inferiores aos d'elles, e, portanto, tem-se por perdido. Quiz o destino, porém, que os francezes e *tamoyos* guardassem o ataque para o seguinte dia, e chegasse n'essa noite um refôrço que o governador lhe mandava da cidade. N'essa mesma noite, alentado com o soccorro, accommette com furia e de improviso, e no silencio e escuro da noite, o inimigo descuidado. Foi disputada a peleja, voltando o inimigo por fim as costas. «Seguiram os nossos em o seu alcance, e com pouco damno recebido fizeram uma grande matança.» (*Loc. cit.*, n.º 133).

Emquanto estavam empenhados uns e outros n'esta briga, as naus francezas, que se tinham chegado muito á terra, ficaram em sêcco com a vasante da maré, adornaram e não poderam jogar a artilheria, o que advertido pelos de terra, assestaram um falcão pedreiro que tinham, e «vomitando nos convezes virados á terra á mão tente nuvens de pedras, mataram muitos dos francezes e destroçaram alguma enxarcia miuda.» Largaram-se então d'ahi para Cabo-Frio os francezes e *tamoyos* tão resumidos, que com esta victória alcançada pelas armas portuguezas ficou o Rio de Janeiro desassombrado, e os francezes retiraram-se de envergonhados para sua patria (*loc. cit.*, n.º 134).

Chega depois d'isto o refôrço que o governador mandára pedir a S. Vicente, e não encontrando o a que vinha «tomaram ponto de honra voltar sem fazer effeito de guerra.» Mandou-os, pois, o governador reconhecer Cabo-Frio para um assalto, e sabido que achava-se alli uma nau franceza de duzentas toneladas bem artilhada, ajunctou elle a esse soccorro fôrça da cidade, e pondo-se á frente da

expedição, foi atacar a nau. Quando menos ella esperava, viu-se uma madrugada cercada de infinidade de pequenas canoas, sendo-lhe inutil o fogo da artilheria, por isso que passava por alto, emquanto os portuguezes e indios feriam a seu salvo os da nau. Tres vezes tentaram os portuguezes subir ao convez d'ella, e outras tantas foram repellidos, de todas ellas caindo ao mar o proprio governador todo armado; sendo, porém, salvo pelos indios, que se atiravam á agua para acudil-o. Descobriram então os da oxpedição que toda a bravura dos francezes era incutida pelo exemplo de seu esforçado capitão. Tentavam debalde inutilisal-o, porque as frechas encontravam na armadura de que estava revestido insuperavel resistencia. Então um dos indios, dextro atirador, perguntou se não havia lugar por onde penatrasse uma frecha, e ao indicar-se-lhe a viseira, fez tão certeira pontaria que varou o olho do capitão e o estendeu morto. Em vista d'isto, esmoreceram os da nau, de modo que os das canoas poderam n'ella penetrar e levaram tudo de rôjo. Mandou o governador dar depois á véla e entrou no Rio com a nau. «Deu sacco aos soldados, que em breve vestiram-se dos melhores pannos. A artilheria applicou pera defensa da cidade, e vêem-se hoje algumas das peças na fortaleza de Sancta Cruz.» (*Loc. cit.*, n.º 136).

O quarto e último livro da *Chronica* do padre Simão de Vasconcellos vem todo cheio com a relação da viagem do padre Ignacio de Azevedo a Roma, da satisfação com que foi alli acolhido e dos favores que liberalisou-lhe o pontifice; da sua estada com os padres que alistára para sua provincia, na quinta de Val-do-rosal, entre Caparica e Azeitão, durante cinco mezes em que aguardava monção, por grassar em Lisboa n'esse verão uma epidemia; da sua tornada em 1570 ao Brasil com os trinta e nove companheiros; e o caso com o corsario Jacques Soria, em que se

não afasta da *Chronica* do padre Balthasar Telles, que ficou atraz compilada. No n.° 112 e seguintes diz que as naus do governador Luiz de Vasconcellos, que tinham seguido no referido anno, e onde iam outros padres, viram-se constantemente açoitadas de tormentas e ventos contrarios.

No dia 18 de outubro d'este anno (1570) morre o padre Manuel da Nobrega no seu collegio do Rio de Janeiro, tendo sido antes, como diz o chronista, avisado do céu de sua derradeira hora (*Ob. cit.*, liv. IV, n.° 116). Occupa-se no mais até concluir a obra de commemorar as virtudes e feitos, não passados no Brasil, dos trinta e nove companheiros que, seguindo para alli com o padre Ignacio de Azevedo na nau Sanct'Iago, foram aprisionados e postos á morte pelo referido corsario Jacques Soria; portanto é ocioso relatal-os de novo, sem proveito algum para o meu proposito. Seguem-se por último os versos latinos do padre Joseph d'Anchieta dedicados á Sanctissima Virgem quando esteve em refens entre os *tamoyos*, e com elles fecha a *Chronica*.

FIM DO PRIMEIRO TOMO

NOTAS

NOTAS

Nota A[1]

...basta attentar nos preceitos da *Monita secreta*... pag. 14

PROLOGO

«Estas *Instrucções secretas* guardarão com zêlo e cuidado os superiores da Ordem, tendo-as sempre comsigo e unicamente communicando-as aos professos instruidos, para que conheçam quanto fructo resulta á Companhia do seu uso; porém só as hãode communicar debaixo de sigillo, como escriptas e tiradas da propria e particular experiencia que havemos adquirido; e porque alguns de nós outros já são sabedores de muitos d'estes segredos, teve cuidado logo no seu principio a Companhia que nenhum d'elles podesse passar para outra religião que não fosse a dos *cartuxos*, pela sua abstracção de vida e perpétuo silencio que guardam na observancia da sua regra, confirmada pela sé apostolica.»

«Pôr-se-ha toda a vigilancia para que estas *Instrucções*

[1] A doutrina dos jesuitas, compendiada nas *Instrucções secretas*, era guardada pelos superiores com mui zeloso sigillo, como o proprio prologo que as precedia, e vae acima transcripto, melhor o explica.

não cheguem ás mãos dos estranhos; porque as interpretarão sinistramente, emulados da nossa distincção e sabedoria; e se isto acontecer (que Deus tal não permitta), negue-se que estes sejam os pareceres ou os pensamentos da Companhia de Jesus, contestando-os com alguns dos nossos, que precisamente as deverão ignorar, confundindo-as com as *Instrucções* geraes escriptas ou com as *Ordenações* impressas.

Inquiram sempre os superiores com diligencia e cautela se estas *Instrucções* terão sido reveladas por algum de nós outros aos estranhos, e nenhum por si nem por terceira pessoa as poderão trasladar senão com expresso consentimento do provincial ou do geral. Se houver apparencias ou suspeitas de que algum de nós outros não guarda tão importante segredo da Companhia, impute-se-lhe que o tem revelado a estranho, e logo seja na fórma recommendada expulso da Companhia sem remissão.

INSTRUCÇÕES SECRETAS

CAPITULO I

De que fórma se hade portar a Companhia quando começa alguma fundação de novo

«Para fazer-se agradavel aos visinhos do lugar, convirá muito explicar o fim que a Companhia tem n'estas fundações, assignado na sua *regra*, onde se diz: que a Companhia attende com o summo gôsto á saude do proximo, e com tanta egualdade como sua propria, pelo que hãode os nossos religiosos exercitar-se nos obsequios mais humildes dos hospitaes, hãode visitar os pobres affligidos e encarcerados, e hãode ouvir as confissões com quietação e generalidade; porque á vista d'esta caridade tão desusada e tão nova os visinhos mais eminentes se admirem de nós e nos amem. Tenham todos em memória que a faculdade para exercitar os ministerios da Companhia, se hade pedir modestia e religiosidade, e que estudem muito em acariar a benevolencia de todos, mórmente dos ecclesiasticos, como tambem dos seculares, de cuja authoridade necessitâmos. Tambem é preciso, em lugares distantes aonde se hade receber as esmolas, ainda que sejam pequenas, ponderar-se a necessidade dos nossos, e logo essas esmolas se darão aos pobres, para que se edifiquem os que não conhecem a Companhia, e por este modo hajam de ser com

nosco muito mais liberaes. Deve-se muito dar a entender que todos temos o mesmo espirito, para que aprendam a ter o mesmo exterior e uniformidade de tantas pessoas, afim de edificar a todos; e os que obrarem o contrário sejam expulsos sem remissão.»

«Reservem-se os nossos de comprar bens de raiz logo ao princípio de alguma nova fundação; porém, se comprarem alguns faça-se isso em nome de alguns amigos da Campanhia, que sejam verdadeiros e de segredo, para que melhor resplandeça a nossa pobreza; e aquellas fazendas que estão contiguas aos lugares dos nossos collegios sejam estas consignadas pelo provincial aos collegios remotos, para que nunca possam os principes e magistrados ter notícia certa dos réditos da Companhia. Não se empenhem os nossos em fundar collegios senão nas cidades opulentas, porque o fim da Companhia n'esta parte é imitar a Jesus Christo Senhor Nosso, que morava em Jerusalem e outros lugares grandes, e que nos pequenos só estava como de passagem.»

«Cuidem muito em exaggerar ás viuvas, principalmente ricas, nossas necessidades; porque com estas exaggerações se lhes hãode tirar consideraveis esmolas e sommas, ainda que seja por violencia. Só os provinciaes saberão o valor dos nossos réditos; porém, quanto seja o capital do nosso thesoiro que está em Roma isso é sacramente e mysterio de que só o geral terá notícia. Preguem os nossos em toda a parte e promulguem nas conversações, que viemos a ensinar meninos e em subsidio dos povos; que tudo fazemos de graça e sem excepção de pessoa alguma, e que não servimos de gravame á republica, como as outras religiões estão servindo.

CAPITULO II

De que modo hãode adquirir e conservar os padres da Companhia a familiaridade com os principes e grandes da republica

«Todo o empenho se hade pôr em ter entrada com os principes e grandes dos reinos, e de todo o mundo, para que não haja quem se atreva levantar-se contra nós; mas antes se vejam precisados a estarem dependentes de nós outros, como a experiencia nos ensina, que os principes e grandes se affeiçoam aos ecclesiasticos quando estes dissimulam os seus factos odiosos e lh'os interpretam á melhor parte. Isto devem fazer sempre os nossos, como tambem em contrahir matrimonios com parentes por consanguinidade ou afinidade, e outros similhantes casos. Devemos induzil-os a que ponham a sua esperança em nós, e que com facilidade tiraremos estas dispensas do papa, as quaes não poderá negar explicando-lhe as razões que ha para concedel-as, e trazendo-lhe exemplos e allegando sentenças favoraveis a titulo de bem commum e maior glória a Deus, que é o alvo da Companhia.»

«O mesmo se hade fazer se o principe emprehender alguma coisa que não seja agradavel; egualmente a todos os grandes hãode ser movidos, e se investigará os animos dos mais a commoverem e acommodarem-se a não o contrariarem; porém, isto hade ser em geral e não baixando a particularidade, para que se o negocio tiver exito não se impute á Companhia; e se por acaso este modo de obrar em algum tempo for reprovado, publiquem-se instrucções contrárias e accrescente-se a authoridade de alguns padres que ignoram estas *Instrucções secretas*, para com ju-

ramento poderem affirmar que a Companhia padece calúmnia.»

«Ajudará não pouco a occupar os ánimos dos principes se os nossos com desteridade e por terceiras pessoas insinuarem que tomaram a seu cargo as embaixadas honorificas, e favoraveis para outros principes e reis, e com especialidade para o pontifice e outros supremos monarchas, e por esta occasião se poderão recommendar a si mesmos e á Companhia; mas para isso não se hãode destinar senão os que tiverem maior zêlo e os que mais estiverem versados n'estas *Instrucções*. Os comensaes dos principes, e, principalmente, os domesticos, hãode ser tractados com mais familiaridade, e obrigados por meio de algumas dadivas pequenas e officios de propriedade, para que assim, bem dispostos, instruam facilmente os nossos das inclinações dos principes, e, conseguido isto, com facilidade se accommodará á Companhia os seus genios.»

«A experiencia ha ensinado quanto a Companhia tem adquirido e augmentado por tractar de matrimonios entre os principes das casas d'Austria, França e Polonia, e ainda dos ducados soberanos; e por isso com prudencia se escolha noviços que tenham amizades e parentescos com os grandes da côrte e com os amigos dos nossos. Quanto, porém, ás mulheres dos grandes, essas com facilidade serão attrahidas á nossa direcção por suas aias mais particulares, pelo que convem que sejam fomentadas por todos os modos: e d'esta maneira teremos *porta franca* para sabermos de todas as coisas, ainda por mais *secretas* que ellas sejam.»

«Para os nossos dirigirem bem as consciencias dos grandes seguirão as sentenças dos authores que mais toleram, contra a opinião dos outros das mais religiões, ainda que fossem muito sanctos, para que, deixados estes, dependam da nossa direcção e conselho. Tambem se deve segurar

aos principes, prelados e mais pessoas grandes, e a todos os que podem fazer algum favor extraordinario á Companhia, que os farão participantes de todos os merecimentos da Companhia, dando-lhe a entender o valor de tão grande privilegio. Hãode tambem ensinar com cautela e prudencia amplissimas faculdades que a Companhia tem para absolver, ainda nos casos mais reservados e gravissimos, o que não tem outros pastores, ou sejam clerigos ou religiosos, e tambem para dispensar os jejuns, em pagar e pedir o debito conjugal nos impedimentos de matrimonio, e em outras muitas coisas; e com isso se consiguirá que todos venham recorrer a nós.»

«Tambem haverá muito cuidado em serem convidados os grandes aos sermões, ás orações, congregações e exercicios litterarios, em os quaes hãode ser honrados com versos e conclusões, escriptos e impressos, e a elles dedicados; e se convier para alguma coisa serão tambem convidados á mesa onde estão os tres que fazem o principal ceremonial, e serão saudados com ditos discretos e galantes.»

«As amizades e as dissenções entre os grandes se hãode avocar a nós para que se reconciliem; e assim poderemos vir pouco a pouco ao conhecimento das familias e dos seus segredos, e a estarem obrigados a nós uma e outra parte.»

«Se o monarcha, principe ou grande for pouco affecto á Companhia deve-se pôr todo o cuidado, ou pelos nossos ou pelos amigos d'elles, a induzil-o á amizade e familiaridade da Companhia, promettendo-lhe favores e adiantamentos, que se procurarão alcançar de seu principe ou monarcha. Abstenham-se todos de recommandar a alguma pessoa os *expulsos* da Companhia, particularmente aquelles que de sua vontade deixarem a *roupeta*; porque ainda por mais que dissimulem sempre vão com irreconciliavel *odio* á Companhia. Finalmente, de tal modo solicitem todos a conciliar os principes e grandes de qualquer lugar

que obrem por elles fielmente, ainda mesmo contra os sanguineos parentes por affinidade e seus amigos, por grandes que sejam quando a occasião se offereça.

CAPITULO III

Como se hade portar a Companhia com aquelles que teem authoridade grande na republica, ainda que não sejam ricos porém que possam de outro modo ajudar a Companhia

«Além do mais que está expendido no capitulo antecedente, que quasi todo em proporção se póde applicar aqui, hade-se buscar o favor d'estes e da sua graça para contra os nossos adversarios. Deve-se usar da sua authoridade, prudencia e conselho para adquirir grandes empregos, que hãode estar a cargo da Companhia, e que tacitamente se servirá com o segredo de seus nomes para acquisição de bens temporaes; porém isto se entende quando se póde dos taes fazer sufficiente confiança. Tambem se sirva a Companhia d'estes para refrear os homens mais vis e a plebe, contrária á nossa Companhia, aos bispos, prelados e outros ecclesiasticos superiores. Havemos sempre pedir o que nos for conveniente, attendendo á disposição ou desaffecto que nos tenham esses a quem temos de nos dirigir.»

«Em algumas partes bastará procurarmos que os prelados e parachos façam que os seus subditos reverenceiem a Companhia, e elles não possam impedir nossos ministerios em outros lugares aonde teem mais authoridade, como em Allemanha, Polonia, etc. Havemos ver se podémos introduzir o dar-se culto em os templos, para que

com o poder que os ditos parochos e principes teem possamos arrancar e applicar para nós os mosteiros e parochias, as propposituras, os patronatos, as fundações dos altares e todos os lugares proprios: isto se conseguirá facilmente aonde estão catholicos, herejes e schimaticos misturados, demonstrando a estes prelados o immenso fructo e grande merito que hade nascer de similhantes fundações e mutações, o qual não se póde esperar de sacerdotes seculares nem dos regulares de outra qualquer religião, exceptuando a Companhia, o que assim será muito louvado o seu zêlo, e que a memória de taes factos será eterna.»

«Devemos pôr todo o cuidado em que taes prelados se valham dos nossos, assim para confessar-se, como para aconselhar-se; e se elles tiverem esperança ou pretenção de maior graduação na curia romana, hãode ser ajudados pelos nossos com todo o empenho, seja pelo caminho que for. Procurem tambem os nossos com os bispos e principes, que quando fundarem collegiadas ou egrejas parochiaes que a Companhia tenha faculdade para nomear vigario que seja cura d'almas, e que o superior do lugar seja sempre o parocho, porque assim todo o regimen da egreja será nosso, e os parochianos serão totalmente subditos da Companhia, para que lhe impute alguma coisa, graça ou indulto da sé apostolica. Aonde os academicos são contra nós, ou os cidadãos catholicos, ou herejes impedirem as funcções, ahi hãode ter muito cuidado os prelados de procurar que os nossos occupem as primeiras cadeiras e pulpitos; porque conseguido isto, acontecerá no decurso do tempo que a Companhia ache occasião para expor ao público a grande necessidade que ha d'ella nas universidades e terras grandes. Tambem se hade procurar de empenhar os prelados ecclesiasticos quando se tracta da beatificação ou canonisação dos nossos, e por todos os modos diligenciar cartas d'elles, e dos principes e

grandes, com as quaes se adianta o negocio com a sé apostolica.»

«Se acontecer que os prelados e grandes vão a alguma embaixada deve-se procurar com grande diligencia e prevenir que não levem comsigo outros religiosos senão os nossos, e muito menos aquelles que com nosco teem contendas, os quaes cuidarão muito em lhe roubar os affectos, introduzil-os nas provincias ou cidades em que nós morâmos; e se estes embaixadores passarem por onde a Companhia tem collegios, sejam n'elles recebidos com honra e tractamento que permitte a nossa modestia religiosa, para que assim nos fiquem obrigados.»

CAPITULO IV

Do que se deve recommendar aos prégadores e confessores de principes e grandes da republica

«Dirigirão os nossos as consciencias dos principes e outros varões illustres de modo que se entenda que só caminham á maior glória de Deus e á segurança dos principes, para mais lhe agradarem, e não procurem logo a direcção do govérno politico externo senão pouco e insensivelmente, pelo que se lhes hade repetir muitas vezes que a distribuição dos bens e dignidades da republica pertence á justiça, e que peçam gravemente aos principes, se contra ella julgam e obram como apaixonados. Protestem a miudo e com severidade que se não querem introduzir nos negocios da republica; mas que dizem isto forçados pela razão de seu officio. Logo que esta doutrina se houver radicado bem nos ánimos, expliquem com que virtudes hãode estar adornados os que hãode ser promovidos ás dignidades

e aos officios publicos. Finalmente, serão nomeados e recommendados por nós aquelles que com ánimo sincero são amigos da Companhia: isto não se fará immediatamente pelos nossos, senão é que os principes nos obriguem a isto; e terá muita graça se os amigos e familiares forem os que se promovam.»

«Ácerca do qual se informem os nossos confessores e prégadores dos amigos que são aptos para qualquer emprêgo, principalmente d'aquelles que são generosos com a Companhia, e tenham os nomes d'estes comsigo e os insinuem aos principes a seu tempo, com destreza, tanto por si como por seus amigos. Tambem os confessores e prégadores tractem em se portarem com os principes com muita suavidade e brandura, e de nenhum modo se desavenham com elles: nas conversações particulares tirem-lhes todos os temores, exhortando-os a que vão bem fundados na esperança, fé, justiça e politica.»

«Raras vezes acceitem os nossos para seu uso particulares dons pequenos: o que hãode fazer é recommendar a necessidade commum da provincia ou collegio. Em casa tenham seu cubiculo sem muito adôrno, nem se vistam com nimia curiosidade. Acudam com promptidão a ajudar a consolar as pessoas mais enfermas do palacio, para que se julguem que só estão promptos para servir aos grandes. Tambem se morrerem alguns que tenham officios em palacio, ponham todo o cuidado em que a elles succedam os que são amigos da Companhia, e muito mais quando o regimen não for direito; pelo que, como já fica dito, não se mostrem empenhados no público senão por via de amigos fieis e poderosos, que poderão fazer frente á inveja, se acaso d'isto se originar.»

CAPITULO V

Como se hãode haver os nossos com os outros religiosos que teem nas suas egrejas as mesmas funcções que nós temos

«Este genero se hade tolerar animosamente, e entretanto se hade explicar e indicar aos principes, e áquelles que teem alguma authoridade, e que de algum modo nos são adictos buscando tempo opportuno, que a nossa Companhia tem a perfeição de todas as ordens, fóra exterior authoridade, na comida e no vestuario; e se algumas religiões excedem em alguma coisa á Companhia, resplandece a egreja de Deus com modo mais eminente. Busque-se e note-se com cuidado os defeitos dos outros religiosos, os quaes, descobertos e ditos com prudencia e ar de compaixão entre os amigos fieis, pouco a pouco se mostre que não satisfazem a estas funcções com tanta fidelidade e ministerio como nós satisfazemos.»

«Com maior cuidado se hade caminhar contra aquelles que querem abrir escholas para ensino da mocidade nos lugares aonde os nossos com tanta honra e probidade estão. Deve-se dar a entender aos principes e magistrados que se os taes não forem impedidos, servirão de grande perturbação e occasionarão sedições na republica, as quaes começarão pelos mesmos que estudam e forem devidamente instruidos.»

«Finalmente, que basta a Companhia para educar a mocidade; porém, se os outros religiosos impetrarem algumas lettras do papa ou recommendação dos cardeaes, obrem os nossos em contrário, e peçam aos principes e grandes que informem ao papa do quanto são benemeritos os da

Companhia e de sua grande sufficiencia, para que só por elles se possa pacificamente educar a mocidade, e tambem proverem, exibindo testimunhas, que darão aos magistrados, da sua boa conservação e instituto; e no entanto procurem com todo o esfôrço em affectar toda a especie de virtude e doutrina, e exercitando a mocidade nos estudos e em plausiveis jogos escholasticos na presença dos grandes, dos magistrados, e mesmo da plebe.»

CAPITULO VI

Do modo de conciliar as viuvas ricas á sua devoção

«Escolha-se para esta grande obra os mais antigos e graves padres, com tanto que sejam de compleição mais que viva e de conversação mui lhana. Sejam as viuvas visitadas por estes, e logo que mostrarem affecto á Companhia offereçam-lhe com rebuço a protecção e meritos da Companhia; e se ellas acceitarem isto e começarem a frequentar as nossas egrejas, é necessario logo provel-as de confessor, pelo qual sejam bem dirigidas, principalmente em ordem a perseverar no estado de viuvas, e louvando-lhes muito, contando-lhes que a bemaventurança será por este meio infallivel, e que este é o modo mais efficaz de evitar as penas do purgatorio.»

«Procure o confessor que se occupem em casa a estabelecer alguma capellinha ou oratorio, em o qual poderão exercitar-se em algumas meditações e exercicios espirituaes, para que assim se apartem com facilidade de conversações e visitas dos que as pertenderem para casar; e ainda quando tenham capellão não deixem os nossos de dizer-lhe missa, principalmente de fazer-lhe a tempo opportuno algumas exhortações; e tambem proverem de ter

á sua disposição com cautela o capellão, e a pouco e pouco se hãode mudar as coisas tocantes ao govêrno domestico da casa, porém attendendo sempre á pessoa, ao lugar, ao affecto e á devoção. Hãode apartar-se todos aquelles domesticos, mas com moderação, que não franquearem nem corresponderem com a Companhia, e só se hãode encommendar aquelles (se houverem de estar alguns) que dependem ou queiram depender dos nossos, e assim saberemos tudo quanto se passar em casa.»

«Todo o cuidado hade pôr o confessor que a viuva use do seu conselho em tudo e que descance, e isto se lhe dará a entendar em havendo occasião, e que é o unico fundamento do seu proveito espiritual.»

«Aconselhe-se que continue com muita especialidade o sacramento da penitencia, em o qual declare com muita liberdade os intimos pensamentos do seu ánimo e de qualquer tentação; e demais d'isto a frequencia da sagrada communhão, e ouvir missas do mesmo seu confessor, ao que será convidada com o prometter-lhe singulares deprecações n'ella; que reze cada dia a ladinha e que faça uma e muitas vezes exames de consciencia. Tambem ajudará muito para conhecer perfeitamente todas as suas inclinações dizer-lhe que faça confissão geral; e se a tiver feito com outro que a repitta, propondo-lhe além d'isto com destreza alguns que a pretendem para casar; porém, sejam aquelles de que estão certos qua a viuva os aborrece, e contem-lhe tambem os vicios e maus costumes de outros que a pretenderem, para que assim universalmente tenha aversão ás segundas bodas.»

«Faça-lhe exhortações dos bens das viuvas, das molestias do matrimonio, e com especialidade sendo repettido, e dos perigos em que se mettem: quando constar que está sem affecto ao matrimonio e affeiçoada ao estado de viuvez, então se lhe hade recommendar a vida espiritual: mas

de nenhum modo a vida religiosa, propondo-lhe e exaggerando-lhe os grandes incommodos d'esta vida, trazendo-lhe, para exemplo, a vida de uma Paula, de uma Escolastica e outras similhantes. Veja bem o confessor a que o mais breve possivel fará ella voto de castidade, ao menos pelo tempo de dois ou tres annos, para que com isto se lhe cerre a porta e se não lembre mais de segundas bodas; e n'esse tempo se lhe hade prohibir toda a conversação com differente sexo, e ainda a dos consanguineos e parentes por affinidade, e isto a titulo de maior união com Deus.»

«Os ecclesiasticos que a visitarem e ella visitar, se todos não poderem ser excluidos, sejam taes que, ou sejam admittidos por nossa recommendação, ou estejam totalmente dependentes de nós. Tanto que a viuva tiver chegado a este extremo se lhe hade pouco a pouco persuadir ás boas obras, e com especialidade a que dê esmolas, as quaes não se darão sem direcção do seu padre espiritual, e este a persuadirá que o talento não se deve dar sem discrição, e que as esmolas mal dadas são muitas vezes causa e fomento do peccado.»

CAPITULO VII

Como se hãode conservar as viuvas no estado de viuvez e por que fórma se hade dispôr dos seus bens

«Cuidem muito os confessores d'estas viuvas opulentas em as induzir continuadamente á devoção de boas obras, de modo que não passe semana em que não tirem espontaneamente de si alguma coisa superflua em honra de Christo e da Virgem, e da mais especial advogada, a qual

se dividirá pelos pobres ou se dedicará para adôrno dos témplos, até que esteja a viuva despida das delicias do Egypto. Porém, se além do commum affecto explicarem a sua liberalidade com a Companhia e a continuarem, façam-lhe logo participante de todos os meritos da Companhia e do especial privilegio do reverendissimo geral. Se houverem feito voto de castidade renovem-n'o, conforme o nosso costume, duas vezes no anno, e concedam-lhe por aquelle dia da renovação do voto uma honesta recreação com os nossos.»

«Sejam as taes viuvas visitadas a miudo e fomentadas com alegres colloquios, histórias espirituaes e ditos graciosos que requerem segundo o humor e inclinação de cada uma. Não sejam tractadas com demasiado rigor em conversação; e por que se não façam intractaveis, salvo se estiver perdida a esperança de recuperar a sua graça, ou occupada já a viuva em outra parte, no que se hade proceder com muita discrição e attendendo ao genio sempre inconstante das mulheres. Sejam tambem apartadas com sagacidade das visitas e festividades de outros templos, principalmente de outros religiosos, embutindo-lhes que todas as indulgencias das outras ordens estão consignadas á Companhia.»

«Se houverem de assistir a alguma funcção permitta-se-lhe adôrno funebre e honestidade espiritual, mas com alguma coisa mundana, para que não se persuadam que são inteiramente governadas por homem espiritual. Finalmente, se não houver perigo de inconstancia, e se conheça que são fieis á Companhia e liberaes para com ella, conceda-se-lhe tudo quanto poderem para tirarem a sensualidade, porém com moderação e sem escandalo.»

«Poderão viver com estas viuvas algumas donzellas honestas nascidas de paes ricos e nobres, as quaes pouco a pouco se costumem ao modo de viver e direcção dos nos-

sos; presida a estas alguma escolhida pelo confessor de toda a familia, e estejam todas sujeitas ás censuras e outros costumes da Companhia; e as que não quizerem accommodar-se a isto sejam enviadas a seus paes ou outras pessoas que as trouxeram, notando as discordias e genios raros, e outras causas. Não poderá haver menos cuidado em visital-as e cural-as quando estejam enfermas; e se ellas se queixarem que estão indispostas, logo no mesmo instante suspenda-se os jejuns, silicios, disciplinas e todas as penitencias corporaes; não se lhes permitta ir á egreja senão em casa, e com segredo e cautela se lhe administrarão os sacramentos. Dissimule-se-lhes tambem que entrem no jardim, mas seja em segredo, e permitta-se-lhes fallar e ter recreações secretas com aquelles que for mais do seu agrado.»

Para dispôr de todas as fazendas das viuvas que venham á Companhia se lhes hade propor a perfeição dos estados dos homens sanctos, que, deixando o mundo, paes e mães, e todas as riquezas, serviram a Deus com resignação e grande alegria de ánimo, manifestando-lhe para este effeito o que dizem as constituições e exames da Companhia ácerca da renunciação e abnegação de todas as coisas; alleguem-se-lhes exemplos de viuvas que, obrando assim, foram sanctas em breve; e isto com as esperanças de que serão canonisadas se assim perseverarem até ao fim; e tambem se lhe mostre que não faltará aos nossos authoridade para com o papa a esse effeito.»

«Tambem se lhe hade imprimir que a quererem segurar a sua consciencia hãode seguir cegamente a direcção do confessor, tanto nas coisas espirituaes como nas temporaes, e com toda a especialidade, como ministro destinado por Deus.»

«Tambem sejam instruidas, offerecendo-se occasião, que a coisa mais grata a Deus é dar esmolas a pessoas eccle-

siasticas, e principalmente aos de exemplar vida; porém isto hade ser com consenso e approvação do confessor. Zelarão com grande diligencia os nossos confessores que estas viuvas suas penitentes não visitem outros religiosos nem tenham com elles familiaridade alguma; e para o impedirem melhor procurarão em tempo opportuno louvar a Companhia como ordem que excede ás mais em grau superlativo, que é da maior authoridade para com o papa e com os principes todos, que é perfeitissima em si, porque expulsa os malevolos e incapazes, e por isso vive sem fezes e sem escoria; e que d'isto estão cheias as outras religiões, como tambem de ignorantes e inuteis, que não imaginam na sua salvação senão em encherem o ventre.»

«Proponham-lhe os confessores os excessivos gastos annuaes dos collegios e das casas professas, principalmente a casa romana, e as grandes dividas que se contrahem por este motivo. Não se esqueçam tambem dos ornamentos dos templos, vinho, cera e o mais preciso para o culto divino e sacrificio da missa, para que á vista d'estes gastos seja muito maior a liberalidade da viuva; e se esta não houver dado em vida toda a sua fazenda á Companhia, proponha-se-lhe tudo isto em tempo opportuno, principalmente quando for accommettida de alguma enfermidade grave. Diga-se-lhe tambem a necessidade dos collegios novos que se fundam na Companhia, e sejam induzidas suavemente a fazer estes gastos, com os quaes fundarão para si glória eterna; e isto mesmo se hade executar com os principes e grandes da republica, e se lhes hade persuadir que estas obras são perpétuas n'este mundo, e no outro as hade remunerar Deus com glória eterna.»

«E se alguns malevolos allegarem contra isto algum exemplo de Christo, que foi pobrissimo, e que assim devem ser tambem os companheiros de Jesus, responda-se-lhes e procure-se imprimir com severidade em todos esta respos-

ta: — *que a egreja de Deus se tem mudado em monarchia, a qual se deve defender com authoridade e potencia contra os maus e os inimigos poderosos, similhantemente áquella pequena pedra desgarrada que cresceu a um grandissimo monte, e como assim pronunciou o propheta.*»

«As viuvas que forem inclinadas a dar esmolas e a adornar os templos deve dar-se-lhe a entender de contínuo que o auge de perfeição consiste em dispenderem tudo, despedindo-se do amor ás coisas terraneas, e fazerem d'ellas possuidor a Jesus Christo e a seus companheiros; porém, porque menos se deve esperar das viuvas que encaminham seus filhos para que tomem estados em o seculo, agora passaremos a tractar o que n'esse caso se deve fazer.»

CAPITULO VIII

O que se hade fazer para que os filhos das viuvas opulentas abracem o estado de religiosos ou sejam beatos ou beatas

«Assim como as mães hãode obrar fortemente n'esta materia, assim os nossos suavemente hãode tambem obrar. Hãode ser instruidas as mães para que molestem a seus filhos, desde tenra edade, com reprehenções e castigos; quando forem crescidos, especialmente se são filhas, lhes hãode negar o ornato e galas que as d'aquella edade appetecem, desejando e a Deos rogando que aspirem ao estado religioso, promettendo-lhe um grande dote se se inclinarem a ser freiras. Expliquem-lhe muitas vezes as difficuldades communs que ha em todos os matrimonios, e algumas em particular que as mesmas mães experimentaram, doendo-se estas de não preferirem ao matrimonio o estado de celibato; finalmente, assim obrem de

contínuo, para que as filhas principalmente se vejam precisadas a escolher o estado religioso, por evitarem a vida trabalhosa que hãode passar sempre em poder de sua mãe.»

«Conversem os nossos com os filhos familiarmente, e se parecer a proposito á Companhia introduzam-n'os com opportunidade nos collegios, e expliquem-lhes aquellas coisas que lhes forem mais agradaveis de qualquer modo, como são as muitas quintas, vinhas e casas de campo aonde os nossos se recreiam, para que melhor abracem a Companhia; contem-lhe as jornadas e viagens dos nossos a paizes estrangeiros, communicando-se com todos os principes do universo, e tudo o mais quanto possa servir de atractivo á mocidade, limpeza e abundancia do refeitorio, e dos cubiculos, e branda conversação dos nossos, e facilidade da nossa regra, a qual está promettida a glória de Deus. E finalmente, a eminencia da nossa Ordem sobre todas as mais, e tambem com os que são pios se poderão misturar alguns galantes ditos.»

«Sejam admoestados quasi por revelação a abraçar a nossa religião, e depois com cautela se lhe insinue a commodidade da nossa em comparação das outras. Expliquem-lhe nas públicas exhortações, e nas práticas espirituaes particulares, que coisa tão grave seja resistir contra a divina vocação; e, finalmente, serão instruidos a fazer exercicios espirituaes, para que acabem de concluir o entrar na nossa religião.

«Procurem os nossos que estes mancebos tenham mestre addicto da Companhia, que de contínuo estejam n'ella e os exhortem; porém se tornarem atraz, instruam-se as mães que lhe tirem algumas coisas do preciso, para que elles se tornem a affeiçoar, e d'este modo evitem passar a vida em casa de suas mães, com tedio das coisas que as mães lhe tiraram, e estas lhe encareçam as difficuldades da familia.»

«Finalmente, se não poderem os nossos dispôr commodamente das vontades d'estes mancebos a que se inclinem á Companhia, serão enviados ás escholas mais remotas da Companhia, e da parte de suas mães se lhes darão poucos allivios, e da parte da Companhia se tractarão com muitos affagos e carinhos, para que assim, deixando as suas mães, voltem a nós outros seus affectos, obrigados dos beneficios que de nós recebem.»

CAPITULO IX

Do modo de augmentar as rendas dos collegios

«Nenhum collegio seja ultimado na perfeição emquanto se espera que succeda a alguma herança, fazenda ou morgado, salvo se na Companhia estiver algum irmão mais moço, ou por outras graves causas.»

«Todos hãode estudar muito em que se augmente as rendas da Companhia segundo os fieis, que são só aos superiores reservados, e ao menos hãode conspirar todos n'isto, para que a Igreja de Deos torne ao seu antigo esplendor, e para que não haja senão um só espirito em todo o clero; pelo que se hade admoestar com frequencia e a cada passo declarar que a Companhia se compõe, parte de professores pobres, fóra do que cada dia lhe dão os fieis, carecem de todas as coisas, e outra parte de padres pobres, porque subsistem de alguns bens, estaveis para os estudos e suas funcções, e por isso não servem de gravame ao povo, como servem os mendicantes.»

«Os confessores dos principes, grandes e viuvas opulentas, e de outros de quem a Companhia póde esperar alguma coisa, hãode cançar-se em ponderar com sinceri-

dade e concernente a esta materia; pois já que lhe dão o espiritual, ao menos recebam o temporal, e nunca percam occasião de o arrecadar quando lhe offereçam; e quando seja promettido e tardem, façam-lhe os nossos com prudencia uma lembrança; porém com dissimulação do affecto que temos ás riquezas, por maneira possivel.»

«E se parecer aos religiosos e prelados que alguns confessores dos principes e grandes, e outros similhantes, não teem indústria para pôr isto em práctica, logo e com cautela lhe seja tirado o ministerio, substituindo em seu lugar outro idoneo e habil, e se for preciso para satisfazer ao penitente seja desterrado para os collegios mais remotos, dizendo-lhe que a Companhia necessita da sua pessoa e talento n'aquelle collegio.»

«*Ha pouco ouvimos que umas viuvas moças morreram de morte repentina, e que por negligencia de seus confessores não deixaram coisa alguma á Companhia, tendo ellas em sua vida offerecido todas as suas joias para dois templos da Companhia; e porque elles não fizeram logo acceitação de tudo, tudo se perdeu infelizmente.*»

«Os conegos pastores, e outros ecclesiasticos opulentos, hãode ser attrahidos aos exercicios espirituaes por meio de indústrias e subtilezas, conciliando-os com a Companhia, mediante este affecto ás coisas espirituaes, e depois pouco a pouco faremos juizo da sua liberalidade.»

«Não desprezem os confessores de perguntar aos seus penitentes em tempo opportuno pelos seus amigos, familias, nomes, ascendencia e descendencia, e depois de investigarem a sua genealogia, pergunte pelo que eram, que resolução e estado tem, e se não estiverem ainda acceitos em alguma congregação das nossas, convirá persuadil-o a que faça diligencia por ser n'ella acceito; porque d'esta maneira virá a servir de utilidade á Companhia. E por

quanto não convém perguntar logo de uma vez por tudo, ordene-se-lhe, a titulo de limpar mais a consciencia ou por modo de penitencia medicinal, que se confessem todas as semanas, e sejam em taes confissões inquiridos honestamente pelo confessor, para que o que não podér inquirir logo de uma vez, o inquira em outras occasiões; e se isto assim succeder, como se intenta, ficará o penitente induzido a persistir na frequente confissão, e admittido na tal congregação, e a ter por este caminho com os nossos muita familiaridade.»

«O que se tem dito das viuvas se hade intentar tambem dos mercadores e negociantes ricos, e cidadãos casados que precisam de successão, dos quaes ainda que de algumas vezes se não colha fructo, de outras muitas se colherá com abundancia, se com prudencia exercitar a Companhia. Essas prácticas com especialidade se hãode observar com os ricos e opulentos, aos quaes os nossos visitarão a miudo, e se elles não tiverem parentes em summo grau, o vulgo não poderá murmurar.»

«Procurarão os reitores dos collegios obter notícias das casas, campos, quintas, granjas, vinhas, aldeias, e de todos os bens que possuem os da primeira nobreza, mercadores e cidadãos ricos, e podendo ser, tambem dos gravames, sensos e foros com que taes bens estão gravados; porém isto com muita cautela e por modo de confissões ou prácticas particulares; mas se o confessor houver acolhido algum penitente rico, avise logo ao reitor, para que o fomente por todos os modos. Em conclusão, o summo negocio consiste em que todos os nossos saibam convenientemente captar a benevolencia dos penitentes e dos mais com quem tractam, para o que devem dar todas as providencias os provinciaes, e que se enviem muitos dos nossos aos lugares em que habitam os ricos e nobres; e para que os provinciaes façam isto com faci-

lidade e prudencia, cuidem os reitores em os avisar com cuidado em seu devido tempo para o bom resultado:»

«Inquiram tambem se os seus contractos e possessões poderão vir á Companhia recebendo n'ella a seus filhos, e a poder ser, explorem se alguns bens conduzidos por algum pacto ou de outro algum modo podem ser concedidos ao collegio, afim de que passado algum tempo venham a recair á Companhia, ponderando-se entre os magistrados e os ricos a necessidade que a Companhia padece, e o gravame dos ritos em que está mui gravada e sobrecarregada.»

«Se acontecer que as viuvas e casadas addictas a nós outros tiverem só filhas, os nossos as dirijam com braudura ao estado de beatas ou freiras, dando-lhe algum dote; porque o demais pouco a pouco se adquirirá para á Companhia. Serão induzidos a entrarem em outras religiões, promettendo-se-lhe alguma minima coisa; porém se houver um unico filho, por todos os modos se hade attrahir para a Companhia, e se lhe hade tirar por todas as maneiras de seus paes, e se lhe hade repetir a vocação de Christo, mostrando-lhe que será para Deus sacrificio muito mais grato se o fizer que não saibam seus paes; e se depois repugnar será enviado a um noviciado remoto, avisando-se primeiro ao geral; porém se tiver filhos e filhas, primeiramente se hão de encaminhar as filhas aos mosteiros no estado de beatas, e depois trazer os filhos á Companhia, com expressa condição que hãode succeder nos bens.»

«Advirtam os confessores das viuvas e casadas opulentas que se hãode empenhar muito e com suavidade para ellas seguirem estas instituições em utilidade á Companhia, e se o não executarem assim, ponham-se outros em seu lugar, e sejam logo apartados de modo que não se communiquem com aquella familia. Sejam induzidas a isto

mesmo as viuvas e outras pessoas devotas que se desejam encaminhar á perfeição, affirmando-lhes que é este o mais efficaz meio para chegar ao seu auge, e muito melhor se entregarem á Companhia todos os seus bens, para esta os administrar e os sustentar do que necessitarem, para d'este modo se livrarem dos cuidados e fadigas e poderem com mais liberdade servir a Deus.»

«Para persuadir com efficacia a pobreza da Companhia, peçam os superiores alguns dinheiros de emprestimo ás pessoas ricas e affectas; porém dilate-se o pagamento, e com especialidade até ao tempo de grave enfermidade, na qual seja a tal pessoa frequentada; e nas visitas sejam mui persuadidos, allegando-lhes razões para que nos entregue as escripturas de taes dividas; e assim os nossos não serão conhecidos de ambiciosos, e teremos ganancia, sem que nos veja aquelle que succeder nos bens do defunto. Tambem é muito conveniente que os superiores tomem dinheiro a juro de algumas pessoas, e ponham logo o mesmo dinheiro em outra mão a maior juro, para compensar o outro; e entretanto poderá ser que os amigos que emprestaram o dinheiro, tenham misericordia de nós, e cedam no testamento o capital e juros, ou por doação entre vivos, especialmente se fizerem obras nos collegios ou se edificarem os templos.»

«Poderá a Companhia com utilidade negociar em nome de mercadores ricos addictos a nós outros; porém hade-se olhar que os lucros sejam certos: na India se hade fazer o mesmo com mais excesso, pois até agora com a ajuda de Deus tem dado a Companhia não só almas mas tambem immensidade de riquezas. Procurem os nossos terem nos lugares aonde residem um medico fiel, amigo da Companhia, o qual tracte de recommendar aos enfermos a nossa assistencia do espiritual, da factura de testamentos e de agonisal-os.»

«Os confessores sejam excessivos em visitar os enfermos, e com mais pontualidade aos que estejam em perigo de vida, para que sejam com estes exemplos lançados d'aquella politica todos os outros religiosos ecclesiasticos. Procurem os superiores que n'aquelle tempo que está precisado o confessor a apartar-se do enfermo, logo se lhe substitua outro, e tambem para que por este modo se fomentem ao enfermo os seus bons propositos; entretanto se lhe hade infundir um pouco de horror do inferno, com prudencia, e alguma coisa menos do purgatorio, dando-lhe a entender que assim como a agua apaga o fogo, a esmola destroe o peccado; e com muita especialidade quando esta se dá para alimento e subsidio das pessoas que por sua vocação professam usar caridade com o proximo, e lhe assistem nas agonias da morte, o que só fazem os da Companhia com zêlo.»

«Tambem lhe dirão que com estas esmolas se fazem os enfermos participantes dos meritos e caridade da Companhia, e satisfazem pelos seus peccados, porque a caridade alimpa a multidão dos peccados, e tambem se lhe póde pintar que a caridade é aquelle vestido de gala sem o qual nenhum é admittido á mesa celestial; e, finalmente, da Escriptura Sagrada e dos sanctos padres se allegará tudo que conduzir para este fim, considerada a capacidade do enfermo.»

«As mulheres que se queixarem dos vicios ou molestias de seus maridos se lhe hade aconselhar que em segredo lhe tirem algumas sommas de dinheiro e que as offereçam a Deus, para curar seus maridos dos peccados e alcançar a divina graça.»

CAPITULO X

Do rigor particular da disciplina explicada na Companhia

«Se algum dos nossos apartar as nossas devotas e outros amigos dos nossos templos, ou da communicação dos nossos, será irremissivelmente expulsado de qualquer condição ou estado que seja como inimigo da Companhia, totomando-se para isto outro qualquer pretexto. O mesmo se fará se algum dos nossos distrahir para outros templos religiosos as esmolas ou explicar mau affecto á Companhia no tempo que se tractar de dispôr dos bens proprios; porque isto é signal de um ánimo pouco mortificado, e convém que os professos estejam mortificados por todos os modos.»

«Os que applicarem a seus parentes, ainda que sejam muito pobres, as esmolas dadas pelos penitentes ou por outros amigos da Companhia, tambem sejam expulsos irremissivelmente; e para que não se queixem da causa não hãode ser expulsos logo; mas em primeiro lugar sejam privados de ouvir confissões, sejam mortificados e vexados com exercicios de officios mais vis, e ainda forçados a fazer aquellas coisas ás quaes tenham aversão natural; tirem-se-lhe os estudos e cargos honorificos, apertem-nos com capitulos e públicas reprehenções. Sejam privados de toda a recreação e communicação com os estranhos, cortem-lhe os vestidos e outras coisas do uso que não são absolutamente precisas, até que elles prerompam em murmuração e impaciencia; e então serão lançados fóra, como pouco mortificados e perniciosos aos outros, com o seu mau exemplo; e se for preciso dar-se

razão aos parentes por esta expulsão, ou aos prelados da egreja, póde-se-lhe dizer que não tiveram espirito da Companhia.»

«Tambem serão lançados fóra os que fizerem escrupulo de adquirir bens para a Companhia, e se lhe póde dizer que são muito afferrados á sua opinião, e se quizerem dar razão de si adiante dos provinciaes não serão ouvidos nem attendidos; mas lance-se-lhe em rosto com a regra que obriga a uma cega obediencia. Hade-se fazer muita reflexão no princípio quando são noviços, e depois de acabarem o noviciado quaes são os que professam maior affecto á Companhia, os que tem affeição ás outras ordens, aos pobres, aos parentes do modo acima dito, se irá dispondo tudo pouco a pouco, até serem lançados fóra, porque certamente os taes nunca serão uteis á Companhia.»

CAPITULO XI

Da uniformidade com que se hãode portar os nossos contra os expulsos da Companhia

«Por quanto os expulsos são sabedores ao menos de alguns segredos, e ás vezes fazem damno, é necessario por isso obvial-o por todos os modos, e assim, antes que sejam lançados da Companhia, obriguem-nos a que promettam por escripto e jurem que em nenhum tempo ou modo hãode escrever ou dizer coisa alguma contra a Companhia; entretanto os superiores escrevam e guardem em parte secreta os seus deffeitos e vicios, os quaes algumas vezes explicarão nas confissões, manifestando as suas consciencias, como é costume na Companhia, e d'estes escriptos usem os superiores se houver necessidade, communicando aos grandes e prelados em ordem a im-

pedir que obtenham officios decorosos ou dignidades ecclesiasticas.»

«Emquanto ao primeiro, escreva-se aos collegios, dando-lhes notícia dos que teem sido expulsos, exaggerando-lhes as coisas mais graves do motivo da expulsão, como pouca mortificação de ânimo, desobediencia, pouco affecto aos exercicios espirituaes e senhor do seu dictame; e além d'isto sejam todos admoestados, que por nenhuma razão se correspondam com elles, e quando d'elles se faça alguma menção pelos estranhos digam todos a uma voz e a cada passo — que a Companhia a nenhum expulsa sem mui gravissimas causas, e que imita ao mar, que lança fóra de si os cadaveres corruptos.»

«Tambem se póde insinuar com cautela as causas por que taes expulsos nos aborrecem, para que os estranhos as tenham em mui justas e razoaveis.»

«Nas domesticas exhortações se procure persuadir que os taes expulsos andam claramente inquietos e continuamente suspiram por tornar para a Companhia; e exaggerem seus infortunios d'aquelles que tiveram má morte, depois que sairam da Companhia; e isto aos varões mais graves, e a cada passo, para que estes fiquem certos e firmes no conceito de que a Companhia não procede sem justissima causa, e assim como mostra affecto e zêlo pelo bem dos estranhos, muito melhor faria com os seus proprios.»

«Além d'isto, se entre os grandes e prelados começarem os expulsos a ter algum credito ou authoridade, hãode ser logo prevenidos e atacados, explicando-lhe junctamente como o bem commum de uma religião tão celebrada, e tão util á egreja, deve ponderar no bem particular de qualquer pessoa; e se ainda isto não bastar para que os grandes e prelados percam o conceito que tiverem formado dos expulsos, convirá muito então ma-

nifestar-lhes as causas da sua expulsão, exaggerando algumas coisas, ainda que assim não seja, com tanto que se consiga o fim que se intenta contra esses expulsos.»

«Hade acautelar-se por todos os modos que os que principalmente por sua vontade deixaram a roupeta da Companhia não sejam promovidos a alguns officios publicos ou dignidades ecclesiasticas, como tambem se hade impedir o exercicio de funcções célebres da egreja, como são: confessar, prégar e imprimir livros, para que não concilie assim affecto e applauso do vulgo. Com este mesmo fim se inquira com diligencia sua vida e costumes, as companhias com que andam, as occupações e as intenções que teem e em que se exercitam; ácerca d'isto tambem se hade cuidar muito que os nossos tenham primeiro correspondencia com alguma pessoa da familia e casa que os expulsos frequentam; e logo que se saiba que estes fizeram alguma coisa não louvavel, mas digna de censura, espalhe-se entre o vulgo por pessoas de inferior ordem addictas a nós outros, e pelas casas onde elles estão bemquistos e teem entrada; e depois se irão introduzindo as mesmas coisas deffeituosas aos guardiões e prelados que os fovoreçam, insinuando-lhes que taes coisas são indicios certos de infamias futuras; mas se os taes expulsos fizerem coisas dignas de louvor, diminuam-se suas virtudes com proposições vagas e palavras ambiguas e ironicas, até que a estimação e credito que tiverem alcançado se perca; porque não convem á Companhia que os expulsos, e com especialidade os que livremente sairam, tenham honra nem credito algum, mas sim que de todo sejam opprimidos e aterrados, e que nenhum caso d'elles se faça. Os infortunios e successos sinistros que aos taes acontecerem, se hãode divulgar; porém hade ser sempre por pessoas affectas á Companhia, para que se não presuma que os nossos obram com paixão, mas entre

nós outros devem-se os taes infortunios exaggerar-se a todos, afim de que os outros se contenham.»

CAPITULO XII

Quaes se hãode conservar e quaes hãode ser attendidos na Companhia

«Hãode ser estes os mais destros operarios, convem a saber: aquelles que muito tem promovido o bem temporal e espiritual da Companhia, e estes são pela maior parte os confessores dos principes e grandes da republica, e de viuvas opulentas; os prégadores e todos aquelles que forem sabedores d'estes segredos e maximas. Os que não tem fôrças physicas, e os que são já de muita edade, hãode ser tractados segundo o bem temporal, attendendo aos bons serviços que prestaram á Companhia; e como estes sempre hãode estar permanentes nos collegios, são muito a proposito para dizerem aos superiores os deffeitos que observam nos domesticos; mas nunca serão expellidos da Companhia, para que d'elles não se murmure.»

«Demais, serão fomentados e attendidos os que excedem em engenho, nobreza ou riqueza, e com especialidade se teem amigos ou consanguineos na Companhia, e muito mais se elles teem e mostram sincero affecto á Companhia; estes podem ser enviados a Roma, e ás mais célebres universidades a examinarem e estudarem. Na provincia serão estes promovidos com particular affecto dos professores e mestres das faculdades, até que cedam os seus bens a favor da Companhia e nada se lhe negue; porém, em fazendo a cessão dos bens, serão mortificados como os mais, conservando-se sempre algum respeito, em attenção ao passado. Tambem fará o superior especial caso

d'aquelles que tenham concorrido com seus affagos para a entrada dos mancebos na Companhia, por quanto se elles não professarem conceda-se-lhes poucas indulgencias, para que não aconteça de tornar atraz o que trouxeram á Companhia, e estes, por causa dos outros, queiram sair para fóra da Campanhia.»

CAPITULO XIII

Como se hãode escolher os mancebos para serem admittidos na Companhia e do modo de se conservarem

«Com summa prudencia se hãode escolher os mancebos de bom engenho, formosos e nobres por geração, e ao menos em alguma d'estas coisas excellentes; e para que com mais facilidade sejam attrahidos ás nossas instituições hãode ser elles prevenidos com especial affecto ao tempo das escholas, e de quanto será do agrado de Deus se algum d'elles ou alguns se congregarem á instituição, e de todas as suas coisas, particularmente na Companhia de Jesus, que é seu filho. Discorram tambem, havendo occasião, pelo collegio, que muitas vezes passam o tempo em recreações, afim de que a pouco e pouco se familiarisem com os nossos; porém não seja de modo tal que a muita communicação seja a causa de menos aprêço.»

«Não se permitta que sejam castigados pelos mestres nem postos pela mesma ordem com outros discipulos, mas serão obrigados com dadivas pequenas e alguns privilegios, conforme suas edades, e serão particularmente animados com prácticas espirituaes. Deve-se dar muitas vezes a entender que lhe vem isto por inspiração divina como escolhidos para a Companhia, entretanto que frequentam as escholas.»

«Serão aterrados com ameaças de condemnação eterna se elles não obedecerem á vocação divina. Se por instancias entrarem na Companhia, demore-se a sua entrada emquanto não se mostrarem affectos; mas se derem a perceber que querem mudar-se, logo no mesmo instante seja fomentado por todos os modos para o não fazerem.»

«Admoeste-se-lhe com efficacia que a nenhum familiar seu nem a seus paes declare a sua vocação antes de estarem admittidos na Companhia, porque se vier alguma tentação de voltarem atraz ficarão bem tanto elles como a Companhia; e se esta tentação for vencida por elles terão sempre occasião de se recordarem da vocação, e então serão confessados, e muito mais se a tentação for no noviciado ou depois de terem feito os votos simples.»

«Porém, por que ha grandissima difficuldade em attrahir os filhos dos grandes e nobres senhores, do tempo em que estão com seus paes, que os induzam a que lhes succedam nos officios ou nos morgados, hade-se-lhe procurar persuadir (será melhor se for por via dos amigos dos paes) para que os ponham em outras provincias e universidades remotas, nas quaes gabem a excellencia dos professores: conseguido isto farão logo aviso aos prelados e superiores da qualidade e condição dos taes, para que os concilicm e tragam com mais facilidade e certeza ao affecto da Companhia.»

«Quando chegarem a edade mais crescida serão induzidos a fazer alguns exercicios espirituaes, pois que por este meio tem produzido muito bom successo na Allemanha e Polonia, e em outras cidades; hade-se tambem occorrer ás suas perturbações, segundo a condição e qualidade da pessoa, ajunctando-se demonstrações e particularidades do mau successo das riquezas, para que não desprezem o bem da vocação, sob pena de incorrerem em condemnação eterna. E para que os paes condescendam com mais facilidade aos

desejos de seus filhos que teem de entrar na Companhia, se lhes dê a entender a excellencia dos nossos estatutos em comparação aos das outras religiões, e que por elles se tem florescido na doutrina, inteireza e estimação entre todos, e da honra e applauso universal que se dá á Companhia desde o maior até o mais pequeno individuo; e relate-se o número dos principes e grandes que com muita quietação da Companhia de Jesus viveram e morreram e ainda hoje vivem em socêgo.»

«Mostre-se-lhe o quanto é agradavel a Deus que os mancebos se dediquem a Elle com submissão, principalmente na Companhia de Jesus, seu filho, e quão bem está ao varão levar o jugo do Senhor desde a sua adolescencia; porém, se os paes repararem na tenra edade dos seus filhos, declare-se-lhe a facilidade no nosso Instituto, que fóra da observancia dos *tres votos* não tem outra coisa de mortificação; e o que mais se deverá ponderar é que nenhuma lei nossa obriga a peccado mortal, e nem mesmo venial.»

CAPITULO XIV

Dos casos reservados de se expellir da Companhia

«Fóra dos casos ordinarios expressos nas constituições dos quaes poderá absolver o superior ou o confessor, serão tambem reservados outros muitos, como são adulterio, tocamentos impudicos de varão com femea; e demais d'isto, se algum com qualquer coisa der occasião a alguma accusação de perpetrar coisa grave contra a Companhia, de sua honra ou utilidade, são todos estes casos motivo mais que sufficiente para serem expulsos.»

«Porem, se algum se confessar de alguma d'estas coisas não será absolvido sem que primeiro prometta manifestar

fóra da confissão ao superior, por si ou por outrem, o qual será o confessor. Então fará o superior o que entender que seja mais conveniente á Companhia; e se houver esperança de que fique o delicto occulto será castigado com penitencia proporcionada á gravidade, e a não haver seja então quanto antes expulso.»

«Se algum dos nossos confessôres ouvir dizer a alguma pessoa estranha, na confissão, que commetteu com algum da Companhia alguma coisa torpe, não seja absolvida até que fóra da confissão venha declarar o nome d'aquelle com quem peccou, e havendo-o dito ainda não seja absolvida até que jure que a ninguem revelará isto sem o consentimento da Companhia.»

«Se algum dos nossos peccar carnalmente, o primeiro que manifestar seja detido na Companhia, mas o delinquente seja logo expulso; porém, d'ahi em diante o que ficar de tal modo seja mortificado e por todas as partes affligido, que rompa na impaciencia e murmuração contra os prelados, e então seja expellido. Tambem poderá a Companhia, por ser corporação mui nobre e muito precisa para a egreja descartar-se d'aquellas pessoas que parécerem menos a proposito para o exercicio do nosso Instituto, ainda mesmo que ao principio hajam cumprido com as suas obrigações; e para serem expulsos com facilidade se achará occasião, como de serem vexados de continuo nas coisas a que tiverem repugnancia, mandando-se por elles fazer; de estarem sujeitos a superiores asperos e de apartal-os das funcções honorificas. Feito isto, hãode necessariamente murmurar, e ouvida a murmuração está a causa legitimamente dada para a expulsão.»

«Hãode ser irremissivelmente desprezados os que ás claras arguirem os superiores e d'elles se queixarem aos seus companheiros, e com mais razão quando se queixarem aos estranhos; tambem os que criticarem entre os domesticos

ou entre estranhos o modo de obrar a Companhia no que respeita ao administrar e adquirir os bens temporaes, ou outro qualquer procedimento tendente a supprimir o mal affecto á Companhia.»

«Tambem hãode ser desprezados, e por todos nós abatidos, os que nas prácticas louvam e defendem os venezianos e outros similhantes a estes, por terem d'alli lançado fóra a Companhia de Jesus; e hãode ser todos estes asperamente castigados com o odio eterno, privando-os dos officios costumados, ainda que n'elles tudo façam perfeito; reprehendel-os quando commetterem culpa, ainda que leve seja, dando-se-lhes penas graves; hãode ser no público confundidos, até que se impacientem, para serem expulsos como perniciosos aos outros.»

«Se algum dos nossos alcançar bispados ou outra dignidade ecclesiastica sejam obrigados a fazer voto de que sempre hãode usar, ouvir e sentir, dizendo sempre muito bem da Companhia e do seu Instituto. Não hãode ter outro confessor senão os da Companhia, e, finalmente, que nada disporão sem consultar a Companhia e seguir os seus dictames; e os que isto não quizerem observar sejam por todos os modos perseguidos como inimigos acerrimos da Companhia.»

CAPITULO XV

Como se hade tractar as freiras e beatas

«Tenham grande cuidado os confessores e prégadores em não offenderem as freiras nem dar motivo ou occasião de serem tentadas contra a sua vocação, mas sim ao contrário, louvando-as muito para ganharem o affecto das superioras; perguntem-lhe repettidas vezes e procurem ouvil-as de confissão os seus sentimentos. Se experimenta-

rem que são agradecidas e conhecerem que podem aproveitar á Companhia, não se descuidem de as visitar, principalmente as abbadessas e priorezas ricas e nobres, para que ellas nos tenham por homens muito doutos e espirituaes, e nos inculquem a seus parentes e amigas; e por meio de notícia dos primeiros mosteiros e seus fundadores pouco a pouco poderá a Companhia vir no conhecimento e amizade de toda a cidade ou villa aonde os taes mosteiros estiverem collocados.»

«Por outra parte se hade prohibir com toda e fôrça ás nossas devotas que frequentem os mosteiros das freiras para que não aconteça agradarem-se mais d'aquella vida, e fique sssim a Companhia privada da espectativa de todos os bens que as taes devotas possuirem. Induzam-n'as os nossos confessores a que façam voto de castidade com obediencia nas mãos dos seus confessores; mostre-se-lhe que este modo de vida é conforme ao costume da primitiva egreja, como resplandecente e edificação do proximo e fructo das almas; e demais d'isso, sejam incitadas que façam beneficios da sua substancia a Christo em seus companheiros, a exemplo d'aquellas viuvas do Evangelho.»

«Finalmente, deve-se dar a entender tudo aquillo que prejudica a vida claustral. Expliquem-lhe estas instrucções debaixo de sigilo natural, afim de que não aconteça chegar aos ouvidos dos outros religiosos de differentes ordens da nossa.

CAPITULO XVI

Do modo por que havemos mostrar em público que desprezâmos as riquezas

«Para que os seculares não notem em nós outros nimio affecto ás riquezas, convirá muito renunciar algumas vezes as esmolas de pouco valor que se offerecerem á Com-

panhia, ainda mesmo por aquelles que nos são affectos; convem, pois, acceitar as minimas esmolas para que tambem nos não notem de avarentos, vendo que só acceitâmos e admittimos as de maior monta. Hade-se negar sepulturas ás pessoas vis em nossos templos, ainda que ellas tenham sido affectas á Companhia, para que não pareça que andâmos á caça de riquezas e dos beneficios que dos mortos temos recebido.»

«Com as viuvas e outras pessoas que derem muitas coisas á Companhia se hade tractar com muita resolução e acrimonia, em certo modo, mais do que com nós outros, para que não pareça que os favorecemos attendendo aos bens temporaes que nos tem dado. Tambem convem executar o mesmo com os que estão na Companhia; porém hade ser depois que fizerem cessão á Companbia de seus bens. Se for conveniente serão lançados fóra, porém com circumspecção, para que ao menos deixem parte do que haviam dado á Companhia, ou quando morrerem deixem bom legado em seu testamento para a Companhia.»

CAPITULO XVII

Dos meios com que os nossos podem augmentar muito a Companhia

«Emquanto aos primeiros, entrem todos os nossos a sentir sempre uma coisa, ainda que de pequeno momento, e ao menos assim publiquem d'este modo, ainda que andem as coisas d'este mundo turbadissimas: sempre a Companhia de necessidade se hade augmentar e lançar maiores raizes.»

«Procurem todos a induzir com a doutrina e exemplos que excedam aos outros religiosos e mais pastores, e mui principalmente aquelles que são do clero, afim de que o

vulgo clame que só nós outros fazemos tudo a bem do público. Tambem se manifeste que não se precisa de muita sciencia nos pastores, porque é bastante que saibam cumprir com decencia o seu officio para que possam vir a ser ajudados da Companhia, a qual já para esse fim tem recommendado grandes estudos.»

«Os reis e principes soberanos hãode ser fomentados e imbuidos na seguinte doutrina: — Que a fé catholica no presente estado não se póde manter sem alguma coisa de politica; porém, para isto é necessario grande direcção, e por essa razão os nossos serão sempre agradaveis aos grandes e chamados aos intimos conselhos.»

«Tambem se póde fomentar com gazetas e exquisitas novidades, e não importará pouco que com grande cautela e segredo se suscitem algumas dissensões entre os principes e grandes, ainda que sejam com egual perda; porém, a conhecer-se alguma apparencia de quererem reconciliar-se, logo e logo attenda a Companhia a compol-os, para que não aconteça que outros primeiro do que nós sejam os mediadores.»

«Hade-se imprimir por todos os modos, e com especialidade entre o vulgo e entre os grandes, a opinião da fundação da Companhia de Jesus por singular Providencia Divina, segundo a prophecia do abbade Joaquim, para que a egreja opprimida seja pela Companhia alliviada; e em havendo conseguido isto, os magnatas e grandes logo se lhes hade seguir que os jesuitas deviam occupar os bispados, canonicatos e beneficios, porque só assim se concederia a reforma mais exacta do clero, que em outro tempo vivia com seus bispos debaixo de certa regra, e caminhava seguramente ao maior grau de perfeição.»

«Finalmonte, hãode aspirar os nossos a possuir abbadias e mais prelazias: não será mui difficil obterem todas as que vagarem, attendendo á negligencia dos que as oc-

cupam; porque na verdade grande bem resultaria á egreja catholica se a Companhia tivesse todos os bispados, e muito melhor se occupassem a cadeira apostolica, e assim ficaria o papa senhor temporal dos bens de todos; mas comtudo deve-se com muita prudencia augmentar por todos os modos, pois sendo assim não haverá dúvida que serão os seculos de oiro, a paz permanente e universal, e consequentemente a divina benção acompanhará a egreja catholica romana.»

«Porém, se não podèr chegar a isto, porque forçoso poderá acontecer que se origine escandalos, deve-se advertir muito e muito este estado politico, e os nossos promoverão aos principes algumas guerras pesadas, mas com prudente cautela e pericia politica, para que depois de alguma perda ou desaire seja por elles solicitada a Companhia para que intervenha na pública reconciliação, como authora, inventora e promotora do bem commum, e para que seja remunerada e compensada com os principaes beneficios ecclesiasticos e com as primordiaes dignidades.»

Finalmente, adquirida a graça e authoridade dos monarchas e principes soberanos, no que muito deve a Companhia pôr todo o seu zêlo, empenho e vigilancia, tema a Companhia de Jesus os que a não amam e a não respeitam.»

Esta *Monita*, verdadeiro catechismo secreto dos jesuitas, foi traduzida do manuscripto latino encontrado no espolio do padre Brothier, último bibliothecario que tiveram os jesuitas de Paris antes da revolução, e é em tudo conforme á edicção de 1661, feita por Paderborn, como tambem ao manuscripto authentico que se acha em Bruxellas, no archivo do supremo tribunal da Belgica, e que tem o seguinte titulo: *Secreta monita* ou *Advis secrets de la Société de Jésus.*

É este o historico de simillhante manuscripto authentico, a que falta uma folha, e é catalogado com o número 730.

Quando em 1773 foi suprimida a Ordem, possuia ella nos Paizes-Baixos, entre outras importantes propriedades, um collegio em Ruremonde (provincia do Luxemburgo hollandez). Nomeou o govêrno uma commissão para syndicar da liquidação dos bens da Companhia, sendo incumbido o conselheiro Zuytgens de proceder com especialidade ao inventario do referido collegio. Suspeitando, porém, a commissão que elle, por condescendencia para com os reverendos padres, fazia vista grossa á sonegação de certos documentos, ordenou peremptoriamente que lhe fossem remettidos todos os papeis alli existentes, e foi assim que pôde salvar-se o manuscripto precioso da *Monita secreta.* Encontra-se a prova documentada de tudo isto nos archivos de Bruxellas, no—*Protocollo das deliberações da commissão estabelecida para os negocios attinentes á suppressão da sociedade dos jesuitas nos Paizes-Baixos.*

Como os patronos da Companhia poderão talvez negar a authenticidade d'este documento, que é sua fôrça e os meios

reprovadissimos e até criminosos de que vale-se para engrandecer-se e firmar seu poderio, apresento em seguida alguns extractos das doutrinas perigosas e prejudicialissimas ensinadas, sustentadas e publicadas com a approvação dos superiores e geraes da Companhia de Jesus; e creio que depois d'isto não haverá quem vacille em acreditar que a *Monita* publicada é a lei — o Alkorão d'esses sarracenos, que se esforçam por invalidar a civilisação e fazel-a retrogradar para os tempos do obscurantismo dos Philippes II e dos papas Hildebrandos.

Vejamos se os seguintes extractos dos maiores doutores da Ordem, se abonam ou differem da *Monita secreta*. Eil-os:

Da amphibologia, da falsidade e da mentira

«São permittidas as amphibologias, quando se quer servir uma justa causa.»

(LESSIUS.)

«De modo que, como o vocabulo latino *gallus* póde significar *gallo* (ave), ou um *francez*, se me perguntarem n'essa lingua se matei um *francez*, ainda que o tenha feito, responderei que *não*, tomando a palavra por *gallo*. Assim tambem, o verbo *esse* em latim — significa *estar* ou *comer;* portanto se me perguntarem se Tito está em casa, responderei que *não*, embora o esteja realmente, entendendo a pergunta como se se tractasse de indagar se elle *come*.»

(SANCHEZ e CARDENAS.)

«É a gente obrigada a restituir o dinheiro que se recebeu para practicar uma acção má? Cumpre distinguir. Se se não executa a acção para a qual recebeu-se paga, é fôrça restituir o dinheiro; mas se foi ella practicada por outro, não é licito restituil-a. *Si non fecit hoc malum, tenetur restituere; secus, si fecit.*»

(Molina, citado por Escobar, *tr.* III, *ex.* 2.º)

«Não se commette *falsidade*, quando, para substituir-se um documento de herança ou de nobreza que se perdeu, arranja-se um similhante a elle.»

(Manuel Sá, da Sociedade de Jesus.)

«Não obrigam as promessas, quando ao fazel-as não se tem tal intenção. Só o juramento ou um contracto é que póde trazer comsigo tal obrigação; de modo que, quando se diz simplesmente: *heide o fazer*, entende-se que o agente o fará, se não mudar de vontade; porque não se quer por isso privar-se de sua liberdade.»

(Manuel Sá, *idem.*)

«Todas as vezes que virdes que, respondendo de conformidade á intenção de quem vos interroga, vos advirá d'ahi mal, que podeis evitar por meio do artificio de que

já fallámos, ser-vos-ha permittido servir-vos outras tantas vezes em vossas palavras de secretas restricções mentaes.»

(Extracto do *Manual da congregação da bemaventurada Virgem Maria*, para uso dos meninos que estudam nos collegios da Companhia de Jesus.)

«Digo, pois, que não ha intrinsicamente mal em usar de equivoco, ainda mesmo tendo jurado, porque d'ahi segue que não ha perjurio.»

(Liv. III, cap. IX, an. I da obra da *Virtude da religião*, do padre SUAREZ, da Sociedade de Jesus.)

«Póde jurar-se que se não fez uma coisa, ainda que se a tenha effectivamente feito, entendendo em si mesmo que se a não fizera em determinado dia, ou antes de nascer, ou subentendendo qualquer outra circumstancia egual a esta, sem que as palavras de que venha a servirem-se tenham sentido que o possa fazer descobrir. E isto é mui commodo em muitas conjuncturas *e sempre mui justo*, quando é necessario ou util para a saude, a honra e o bem.»

(Obras moraes do rev. padre Sanchez. —*Oper. mor.*, pag. 2, III. g. VI, n.º 13.)

Quizera que me dissessem os reverendos padres a quem é que em rigor enganam, se ao proximo, ou á sua consciencia e a *Deus?!*

Da delação

«Todos os membros da Companhia de Jesus devem estar preparados para manifestar-se reciprocamente; mas com o amor e a caridade que este serviço fraterno exige, e não por qualquer sentimento apaixonado. Portanto, aquelle que houver manifestado os defeitos ou faltas de seus irmãos ao superior, como a um pae, *ut patri* (porque uma sociedade religiosa é uma grande familia), mostrará em suas palavras, na sua narração, até em sua intenção que o amor e a caridade o inspiram.»

(*Inst. S. J.*, tom. II; *Summar. Const.* r. 9 et 10; *Congreg. decretum* XXXII, § I et 6; tom. II, pag. 71; tom. I, pag. 557 et 578.)

Da prevaricação

«Se um juiz recebeu dinheiro para proferir uma sentença injusta, *é provavel* que póde reter este dinheiro. É este o parecer de cincoenta e oito doutores jesuitas.»

Sobre esta questão: «Em que occasiões póde um religioso deixar seu habito sem incorrer em pena de excommunhão?» respondem elles: «Quando o despe momenta-

neamente para practicar alguma ratonice, ou para ir incognito a lugares de deboche, devendo retomal-o logo depois. *Si habitum linitat ut furetur occulté, vel fornicetur.*»

(*Praxis ex societatis Jesus* scholâ, tr. VII, ex. 6.°, n.° 106.)

«Póde um padre que recebeu dinheiro para dizer uma missa recebel-o de novo para a mesma missa? Sim, applicando a parte do sacrificio que lhe pertence, como sacerdote, ao que lhe paga em segundo lugar; comtanto que não haja recebido para uma missa inteira, mas tão sómente para uma parte, como para um terço de missa.»

(FILIUTIUS, citado por Pascal, carta sexta.)

Da obediencia

«Onde não houver peccado, devo fazer a vontade de meu superior e não a minha.»

(*Della vita e dell'Instituto di S. Inatio, fondatore della Compagnia di Jesú del P. Danielo Bartoli, della medesina Compagnia.*)

«A decima terceira regra (da arthodoxia) determina que seja o sujeito inteiramente unido no accôrdo com a egreja catholica. Se ella declara negra uma coisa que nos parece branca, devemos dizer que é negra. Porque con-

vem crer sem nenhuma dúvida que Nosso Senhor Jesus Christo e a egreja arthodoxa, sua esposa, teem o mesmo espirito que nos governa e dirige na via da salvação; e que não foi um Deus differente que deu autr'ora os preceitos do *Decalago*, e que hoje institue e dirige a hierarchia da egreja.»

(*Inst. S. J.*, tom. II, *Exercit. spirit. Regulæ aliquot servandæ, ut cum orthodoxa ecclesia vére scentiamus*, pag. 429, 430.)

«Se o Sancto Padre me ordenasse de metter-me em um barco, sem mastro, sem véla, sem remos e sem mantimentos, e de assim atravessar o mar, iria não sómente sem murmurar como com alegria.»

(*Ignatii vita*, fl. 184.)

Da rebellião

«A rebeldia de um *sacerdote* contra o monarcha não é um crime de lesa-magestade; porque o *sacerdote* não é subdito do rei, mas sim do Papa, que póde suspender a fôrça mesmo temporal dos reis e desligar seus vassallos de toda a obediencia.»

(*Aphorismos* de MANUEL SÁ.)

«Diz Simanca, em um livro impresso em Antuerpia no anno de 1573, que os hereges devem de ser privados de

toda a jurisdição e dominio, sem que lhes obedeçam seus vassallos, comprehendendo esta regra tanto os reis como quaesquer outras authoridades.»

O capitulo II do livro do bispo de Senlis tracta «do direito de reduzir pelas armas, punir e depôr os reis que governam mal: *nequiter dominantes.*» Vê-se d'aqui que é com o unico fim de afastarem do throno os reis protestantes; porque «os hereges são gente de uma raça peior do que os pagãos ou mahometanos;» que «É um acto de justiça, até de piedade, da parte dos reis christãos, declararem guerra a um rei herege, e o mesmo acontece quanto aos subditos que se insurgem contra elle.»

Lê-se na pagina 646 do mesmo livro:

«Não só é permittido aos vassallos tomarem armas contra um rei herege, como louvavel fazerem-n'o, e é isso mesmo o que lhes ordena seu dever de christãos.»

Do roubo e da banca-rota

«Não é um roubo tirar uma coisa pequenina e ás occultas de seu marido ou de seu pae.»

«Não é mal feito tirar uma coisa que nos não pertence, uma vez que o dono não se servia d'ella, e assim tambem a gente não é obrigada a restituir-lh'a.»

(*Aphorismos dos confessores.*—Colonia, 1500.—MANUEL SÁ, da Companhia de Jesus.)

«Não é peccado tomar alguem ás occultas aquillo que

que elle daria se lh'o pedissem, embora não queira que lh'o tirem sorrateiramente: não é fôrça restituil-o.»

(*Idem*, *ibidem*)

«Uma mulher póde jogar e para isso tirar dinheiro do marido.»

(Escobar, cap. *do furto*, tr. i, n.º 13.)

«Podem os criados tirar ás occultas os bens a seus amos como compensação, a pretexto da modicidade de seus salarios, e por isso tambem dispensam restituir-lh'os.»

(*Tractado da Penitencia* do padre Valèze Regnald.)

«Deus não reprova o roubo senão quando é tido por mau, e não quando é conhecido por bom.»

(O rev. padre Antonio Casnedi.)

«Não é peccado mortal, nem se é obrigado a restituir o que se tirou em pequenas parcellas, ainda que a somma total d'essas ratonices suba a muito.»

(*Theologia moral* do jesuita Thomaz Tomburin, impressa em Lyão — 1659.)

«Inquiris se sois obrigado á restituição no caso em que tereis ajudado alguem a practicar um roubo com mais pre-

steza e facilidade. A isso respondo negativamente e com plausibilidade ainda mesmo quando tiverdes segurado a escada para que o ladrão cometta o roubo, ou em obediencia a nosso amo, que assim vol-o ordenasse e houvesseis prestado vossos serviços levando uma caixa por elle roubada, tomando isso como um serviço.»

(*A regra do confessor*, do padre Trachala, publicada em Bamberg — 1759.)

«Quando vê-se um ladrão resolvido e prestes a roubar uma pessoa pobre, póde-se para desvial-o d'ahi, indicar-lhe em particular outra que seja rica, para roubal-a em vez da pobre.»

(O padre VASQUES, citado pelo padre Castro Palao, tom. I, n.º 12, pag. 6.)

«Aquelle que quebra póde com consciencia tranquilla reter de seus haveres quanto baste para manter com honra sua familia. *Ne indecore vivat.* Sustento affirmativamente com Lessius, que o póde ainda que os houvesse adquirido por meio de injustiças e delictos conhecidos por todos: *Ex injustitia notorio delicto;* se bem que n'este caso não é licito reter tanto como no primeiro figurado.»

De luxuria

«*Sunt varia legis naturæ præcepta ita obscura, ut vix possint a viris fidelibus et doctis percipi, tale est præce-*

ptum prohibens simplicem fornicationem cum adhibita prudenti cautione pro honesta educatione prolis si nascatur... Idem dic... de pollutione, præsertim quando est necessaria ad sanitatem, vel etiam ad vitam conservandam, ac de similibus aliis quæ communi doctorum consensu jure naturæ prohibita sunt.»

(Charli, 1782, q. 3, art. 2.º)

«*Potest et fœmina quæque, et mas, pro turpi corporis usu pretium accipere et petere; et qui promisit, tenetur solvere.*»

«*Copulari ante benedictionem, aut nullum, aut leve peccatum est (etsi quidam mortale esse putant) quin etiam expedit, si multum illa differatur.*»

(Emmanuel Sá — *Verbo debitum conjugale*, p. 80.)

«*Taberna p. l., tom.* I, *g.* 3 *dicit, puellam non peccare, si ob evidens periculum mortis vel ingentis infamiæ, non adhibeat omnia omnino media ad depellendum stupratorem; v. g. si hunc, cum posset, non occidat, si non inclamet viciniam, sed mere patiatur coitum, tamen secluso omni periculo consensus; et licet hanc propositionem editis libris teneant authores plures quam* 50, *quos refert vind. Tabernæ... tamen non expedit eam publice proponere aut defendere, quia apta est causare abusus, præsertim apud rudes.*»

(Lacroix, tom I, p. 314.)

«*Licet autem Joann. Sanchez cit...* ABSOLUTE *scribat,*

illum qui suæ concubinæ dedit mutuos centum aureos, quos, si eam dimittat, non sit recuperaturus, haud teneri eam dimittere, esto versetur in proximo periculo relabendi in peccatum cum illa, si non dimittat. Attamen Palaus, loc. cit., n.° 15, ABSOLUTE *rejicit eam resolutionem, casu quo diu durabit illa cohabitatio cum gravi tentatione; et Oviedus, loc. cit., n.°* 162, *loquens de illo qui timet se sæpe consummaturum peccatum cum concubina, admittit eam doctrinam solum respectu hominis qui habet tantum necessaria ad parce vivendum, non autem respectu mediocriter divitis.*»

(Georgius Gobatus — 1700 — *Oper. mor.*)

«*Verum angustias omnes effugisset Susanna, si vi et metu infamiæ, imo mortis, compulsa permisisset adulteris, suam explere libidinem, non consentiendo vel cooperando, sed permittendo, et negative se habendo. Neque enim tenebatur ad conservandam castitatem, clamando sese diffamare et in mortis periculum conjicere; cum integritas corporis minus bonum sit quam fama vel vita (Jacobus Tirinus).*

«*Mortaliter non peccant mulieres, quæ præbent conspiciendas adolescentibus, a quibus se credunt turpiter concupiscendas, si hoc faciant aliqua necessitate, aut utilitate, aut ne se privent sua libertate, vel jure exeundi domo, vel standi ad ostium, vel fenestram domus.*»

(Simon de Lessan.)

«*Cui obligationi subjectus sit qui defloravit virginem?*«

«*R. Qui corrupit volentem virginem et consentientem*,

præter obligationem pœnitendi, nullam aliam incurrit: quia puella habet jus usum sui corporis valide concedendi, quin possint absolute impedire parentes, nisi eatenus quatenus tenentur cavere, ne per proles suas offendatur Deus. [1]»

(FRANCISCO XAVERIUS, *Fegeli* — 1750 — part. 4.ª, cap. VIII, pag. 397, n.º 127.)

Do duello, da cilada e do assassinio

«É permittido matar em defeza propria ou de outrem, e segundo alguns doutores, até mesmo em defeza de sua fortuna.»

(*Aphorismos* do padre MANUEL SÁ.)

«Se um adulto, embora *sacerdote* e conhecedor do perigo, introduz-se em casa da mulher adultera, é surprehendido pelo marido, mata-o em defeza de sua vida ou de seus membros, não me parece que incorra em irregularidade.»

(*Theologia moral* do padre Henriquez, tom. I, liv. IV.)

«Os filhos christãos e catholicos podem accusar seus paes do crime de heresia, ainda que saibam que d'ahi prove-

[1] Recusa-se a penna a traduzir as obscenidades e torpezas aconselhadas n'esta materia; e por isso transcrevo estas citações no latim dos reverendos padres.

nha a elles seus paes o serem queimados e ***postos á morte***, como ensina Tolet... e não sómente poderão recusar-lhes alimentos no caso de que elles procurem desvial-os da fé catholica, mas até ***poderão matal-os com justiça***, observando a *moderação* de uma justa defeza se seus paes os quizerem constranger por meio da violencia a abandonar a fé.»

(*Tractado sobre os preceitos do Decalogo*, ESTEVAM FAGUNDEZ. Lyão — 1640.)

O jesuita Bonacina isempta a mãe «que deseja a morte das filhas se as não póde casar á sua vontade d'ella, por causa da feialdade e da pobreza d'estas.»

«É permittido matar á traição um proscripto.»

(*Theologia moral* de ANTONIO ESCOBAR, tom. IV, pag. 278.)

«É tambem permittido matar aquelles que nos perdem juncto aos principes e ás personagens de distincção.»

(*Idem, ibidem*, pag. 284.)

«Se algum é tão estupido que julga, sem poder vencer-se, que o desejo de commetter um homicidio não é peccado, não pecca só porque o deseja commetter.»

(*Curso de theologia* do jesuita JACQUES PLATELIUS. Douay — 1680.)

«É permittido desejar a morte do proximo pelo summo bem, embora temporal, de uma communidade ou da egreja, porque o bem commum é preferivel ao bem de uma pessoa particular.»

(João de Cardenas.)

Sustentaram a doutrina do tyrannicidio os vinte e dois seguintes jesuitas: Marianna, Delrio, Gregoire de Valence, Tolet, Emmanuel Sá, Bonarcius, Azor, Hissius, Eudemon-Jean, Keller, Serrarius, Jean de Salas, Suarez, Lorin, Lessius, Tannez, Becan, Jean de Lugo, Antoine Escobar, Paul Comitolus, Gretzer e Busembaum.

«Não são os assassinos indignos de gosar do privilegio das egrejas (o beneficio do asylo)? Sim, pela bulla de Gregorio XIV. Mas entendemos pelo termo — assassinos — aquelles que receberam dinheiro para matar alguem traiçoeiramente. De modo que aquelles que matam sem receber paga alguma, mas unicamente em obsequio a amigos, não são chamados assassinos.»

(Citado por Pascal na sexta carta.)

«Aquelle que recebeu uma bofetada não póde ter a intenção de vingar-se, mas póde muito bem ter a de evitar a infamia, e para isso repellir no mesmo instante essa injúria servindo-se ainda para isso da espada: *etiam cum gladio.*»

(Lessius, citado por Pascal na carta sexta.)

«Se vosso inimigo achar-se disposto a prejudicar-vos,

não deveis desejar sua morte por impulso de rancor, mas podel-o-heis fazer para evitar vosso damno.»

(ESCOBAR, tr. v, ex. 5.º. n.º 145.)

«Um beneficiado póde, sem peccado mortal, desejar a morte d'aquelle que recebe uma tença de seu beneficio; e um filho a do proprio pae, e regosijar-se quando ella venha a succeder, comtanto que não seja senão pelo bem que ella produz, e não por odio pessoal.»

(GASPAR HURTADO, citado por Diana.)

«É sobremodo louvavel que um homem bata-se em duello para salvar a vida, a honra ou seu Deus... e tambem que se possa matar ás occultas seu inimigo. E depois, em casos taes, não se deve usar da via do duello se se póde matar o adversario sem que o venham a saber, e assim sair-se a gente do embrechado limpamente; porque por este meio evitar-se-ha a um tempo expôr a vida em um combate e participar do peccado que nosso inimigo commetteria por meio do duello.»

(*Theologia moral* de SANCHEZ.)

«Póde-se tambem matar as testimunhas falsas suscitadas contra nós.»

(REGINALDUS.)

«Póde matar-se aquelle que deu uma bofetada, postoque

fuja, comtanto que se evite fazel-o por odio ou vingança, e que por esse meio não se dê occasião a muitos assassinios nocivos ao estado.»

(HENRIQUEZ)

«E até se póde, para esquivar-se de uma bofetada, matar aquelle que a quer dar, se não ha outro meio de evital-a.»

(HENRIQUEZ.)

«É concedido a um homem de honra matar a quem lhe quer dar uma bofetada ou uma cacetada?... Acho provavel, quando não ha outro meio de evital-a; porque sem isso a honra dos innocentes estaria constantemente exposta á malicia dos insolentes.»

(AZOR, FILIUTIUS, HEREAU, HURTADO, DE MENDOZA, BECAN, FLAHAUD, LECOURT, ESCOBAR e LESSIUS.)

«É permittido matar a quem vos diga — mentistes! — se não ha outro meio de reprimil-o.»

(BALBELLE, citado por Escobar.)

«Se procuraes arruinar minha reputação com calúmnias assoalhadas ante pessoas de bem, e que não haja meio de evital-as senão matando-vos, posso eu fazel-o? Sim, segundo authores modernos, que affirmam que ainda mesmo que o crime que publicaes seja verdadeiro, comtanto que

seja occulto de modo que se o não possa ser descoberto por via da justiça.»

(LESSIUS.)

«Póde atacar-se e tirar a honra de muitas maneiras, e em que a defeza parece mui justa, tanto como se tentassem dar-vos uma cacetada, ou uma bofetada, ou affrontar-vos de palavras ou de signaes: *sive per signa.*

(LESSIUS.)

«É permittido matar por dinheiro, sendo a somma fixada em seis ou sete ducados, e que recebendo-a abale o cumplice com a quantia.»

(MOLINA.)

«Não se póde lançar em conta de peccado o facto de um homem matar a quem lhe quer tirar uma coisa do valor de um escudo, ou ainda menos: *unitus aurei vel minoris ad huc valoris.*»

(MOLINA.)

«É permittido aos ecclesiasticos e aos religiosos matarem, ainda não só para defenderem sua vida, como tambem sua fortuna ou a de sua communidade.»

(TANNERUS.)

«É permittido a um ecclesiastico ou a um religioso ma-

tar um calumniador que ameace publicar crimes e escandalos de sua communidade, ou d'elle proprio ecclesiastico, quando não houver outro meio para obstal-o senão matando-o com presteza; porque n'este caso, como seria permittido a este tal religioso matar aquelle que lhe quizesse tirar a vida, é por egual permittido a elle matar a quem lhe quer tirar a honra ou a de sua communidade, sem que n'isto haja differença entre elle e qualquer secular.»

(O rev. padre LAMY.)

N. B. — Acham-se estas citações colleccionadas no processo organisado pelo parlamento de França, em conformidade de seus accordams de 31 de agosto e de 3 de setembro de 1761, e é d'ahi que os trasladei.

Nota B

...quando navios portuguezes faziam viagens de longo curso... pag. 28.

D'esta piedade e devoção dos marujos portuguezes, quando navegavam em companhia de missionarios, em viagem de longo curso, ficou a todos aquelles e aos nossos uma conhecida e particular quizilia aos homens que vestem samarra e batina. Frade ou padre a bordo são causas para todos de mau agoiro. A proposito d'isto lembra-me uma anedocta que por mais de uma vez ouvi ao nosso Gon-

çalves Dias referir do nosso primeiro bispo Leitão:—*vox populi*, eil-a como a sei:

Escandalisado este devoto e excellente prelado, depois martyr, com o vocabulario meio hespanhol, e arrepellado da marinhagem, cabal para pôr em debandada toda uma procissão de *Corpus-Christi* com S. Jorge, o homem de ferro, os escudeiros e os illustrissimos vereadores da camara municipal, entrou em práctica com o commandante da nau, aconselhando-o a mudar de systema e trocar essas expressões pelos nomes dos sanctos de sua invocação. Como! pois o nome de Deus em occasião de perigo não valeria muito mais do que o do inimigo do genero humano? E aquelle famoso San'Telmo, além de portuguez, não seria dado para refrigerio, amparo e salvação dos marujos?! Que lhe custava muito a experiencia quando no termo de tudo isso ganhava a salvação de sua alma?... Com estas e outras ponderações causticava o bom prelado a cabeça d'aquelle marinheiro.

Para se ver livre de tantas importunações prometteu o capitão de adscrever-se ás pias admoestações do bispo. D'ahi em diante os hypocritas dos marujos, que tinham percebido volta no ánimo do commandante, nada mais fizeram com gôsto. Era tudo uma lentidão nas manobras, uma mandriice na faina capaz de enfurecer um sancto, quanto mais um homem de mar rude e colerico!

—Ala as escotas, etc.

Repettia a companha a ordem, mas engasgavam-se com riso, e nunca se alavam os braços ao joanete! O capitão mordia-se, escumava e arrepellava a barba, mas calava-se. O bispo, esse, vangloriava-se na sua humildade do effeito da prégação.

Um dia, porém, ao passar a linha, navegavam os nossos mareantes quasi em calmaria podre; todas as vélas frouxas e a baterem, e a nau á matroca, ou pouco me-

nos; mas eis senão quando lá no horisonte lobriga-se uma nuvemsinha de mau agoiro. O commandante subiu ao convez, onde se achava o reverendissimo embebido em extases. Deu logo com os olhos na nuvem e no bispo. Franziu os sobr'olhos; porém, lembrando-se da promessa, brada:

—Ferra o latino, com todos os sanctos da côrte do céu!

—Ferra o latino, repettiu a maruja, levantando-se dos seus lugares com todo o vagar e esfregando os olhos.

N'isto aproxima-se a nuvem com incrivel rapidez. Um tufão apanha as vélas, e o navio adorna e mette a borda na agua.

—Amaina, com mil di..., grita o capitão furioso. Ferra a véla grande, com mil bombas! Mau raio os parta, seus filhos de uma... á faina e tudo arreiem, com milhão de milhões de diabos!

Animados com taes exhortações fazem os marinheiros depressa a manobra, o navio dá a pôpa ao vento e navega em arvore sécca e fóra de perigo.

—Filho, diz-lhe o bispo ainda esbaforido com o effeito do tufão, seja tudo pelo amor de Deus!

—Não me venha vossa reverendissima com as alicantinas que já me deitaram a perder toda a gente. Façam agora d'elles padres ou frades, o que bem quizerem; porém, marujos não hãode ser em dias da sua vida. Mau raio o parta! Onde se viu padre marujo ou marujo feito sancto?... Olhae, canalha, proseguiu o capitão fóra das estribeiras, quem tiver o desafôro de me dizer a bordo—*Amen* ou *Domínus-vobiscum*, ou coisa assim, vae direitinho para o cesto da gavia por seis horas, por que fique mais perto do céu. O tal senhor San'Telmo, se queria ser sancto ás direitas, devia vir no princípio e não fim da trevoada, e avisar a gente para prevenir-se.

—Filho, replica-lhe o bispo, bem vejo que isto não podia ser um paraizo...

— Isto é um inferno! Senhor bispo, fique vossa reverendissima n'isto, e esta ralé são uns excommungados que nem os demos os podem soffrer; mas deixe-me vossa reverendissima com elles, que os mando a todos para as profundas do inferno quando não me andem assim direitinhos.

E o bispo chegou a S. Salvador da Bahia na companhia d'aquelle heretico porém optimo capitão.

Nota C

...tinham os anjos cortado e apparelhado para este milagre. Pag. 29.

No liv. III, cap. VIII, n.º 4, da *Chronica da Companhia de Jesus* de Balthasar Telles lê-se referido do seguinte modo o milagre da cabeça de peixe:

«Vendo o padre que não podia com palavras persuadir a que deixasse aquella sua imaginada devoção, com uma certeza prophetica do que havia de succeder (similhante em parte ao que succedeu a Christo Senhor Nosso quando mandou a Pedro tirar o peixe para pagar aos ministros que arrecadavam o tributo), disse ao governador que mandasse lançar uma linha no mar, e que conforme ao que tirassem veria qual era a vontade divina n'aquelle particular. Lança-se a sedella com grande alvoroço dos presentes, que estavam esperando o lanço d'esta pescaria; senão quando, coisa maravilhosa! vêem todos que vinha presa no anzol uma cabeça de peixe sem o mais corpo, que os anjos, sem dúvida, alli tinham cortada e apparelhada pera cumprimento da doutrina e verdade do padre.»

«Foi em todos o espanto egual á novidade, e o governador, movido com tão evidente signal e confirmado no que o padre Nobrega lhe tinha dito, não querendo perder occasião de quebrar o agoiro com tão milagrosa iguaria, mandou cozer a mesma cabeça, comeu-a alegremente e repartiu d'ella por todos, com grande gôsto seu e espanto dos presentes. Grande foi a opinião que por esta causa e outras similhantes cobrou o governador da sanctidade do padre Manuel da Nobrega.»

Nota D

...appenso aqui em nota. Pag. 33.

REDUCÇÕES E REDUCTORES

Capitulo IV do II volume

DOS

BANDEIRANTES

pelo senhor conselheiro

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

«A situação e a influencia dos jesuitas na America foi por muito tempo assumpto de largas controversias, que o interêsse e a paixão frequentemente inspiraram. Em grande parte se acham hoje obliteradas ou esquecidas as allegações contradictorias d'essa epocha. Util é entretanto não arredar inteiramente os olhos de taes memorias. Bem que as razões da contumaz porfia não de todo se apagassem, antes pareça que por vezes reverdecem, a história imparcial póde com frieza e serenidade volver os olhos ao passado, de que mais de um seculo a separa.»

«Injustissimo fôra negar que as missões, ou grandes aldeiamentos dos jesuitas, em verdade constituiram, principalmente na sua origem, um dos mais assignalados serviços á colonisação e civilisação da America do Sul. Nenhuma causa se glorifica e engrandece detrahindo e apoucando meritos reaes, e as mais justas são exactamente as que menos precisam e usam recorrer a expedientes que o bom senso e a moral egualmente condemnam. N'aquella vasta e difficilima colonisação, como em outras muitas coisas, a Companhia, digamol-o com desassombro, foi instrumento de progresso. Um dos segredos da sua fôrça era, e é, adquirir e preparar homens eminentes em tudo e para tudo. As missões americanas contaram não poucos, universalmente conhecidos e apreciados.»

«Não menos injustas, porém, são as apologias exclusivas que attribuem todas as excellencias e todas as virtudes ao systema seguido pelos padres n'aquellas missões. Esse systema estava bem longe de realisar o ideal que nos agora desmedidamente encarecem affeiçoando-o á moderna.»

«Para bem averiguar e analysar tal systema sería pouco um livro. Procuremos apenas aqui resumir alguns traços principaes, quanto caiba n'um capitulo accidental, e quanto seja sufficiente para explicar a scena que na sequencia d'esta narrativa teremos de apresentar aos leitores.»

«As sérias perturbações, muita vez resultantes das doutrinas e prácticas da Companhia, os effeitos, a miude terriveis, da sua antiga influencia nas côrtes e nos povos, andam já remotos, e a distancia tem induzido muitos escriptores, aliás de boa fé, a uma benignidade de que os sectarios, mais ou menos ostensivos, logo se prevalecem como de outros tantos insuspeitos testimunhos. Basta, porém, aproximar aos panegyristas os impugnadores para ver como estes ultimos se apoiam mais geralmente em factos demonstrados e em documentos de perfeita authen-

ticidade. Nem os fundamentos da defeza, communmmente citados, podem ter o necessario caracter de rectidão, quando repettidos exemplos estão certificando como os precautos chronistas da Sociedade, segundo já notaveis authoridades evidenciaram, não raro desfiguravam os successos contemporaneos, guardando estas relações para serem publicadas, como foram, a tempo em que já não existissem os que as haviam presenciado, propagando-se por este modo falsas noções authorisadas só por falsissimos annaes.»

«Mais alto do que tudo quanto se haja escripto, ou possa escrever, em desfavor da Companhia, depoem as suas luctas contra todos os que não conseguia avassallar. Assim a vimos alliada inevitavel de todos os poderes, ainda os mais infestos á humanidade, quando em casa se lhes insinuava e elles a serviam; sua inimiga declarada, suscitando-lhes por todas as maneiras inimisades, malquerenças, estorvos e perigos, quando não os achava doceis ás imperiosas e insaciaveis exigencias. D'aqui a astuta flexibilidade com que sabia introduzir-se encolhendo-se para se fazer pequena e humilde, e a arrogante soberba com que se erguia ameaçadora tanto que segurava o pé. D'aqui as suas odiosas diffamações e violentas disputas com as congregações, com os antigos parlamentos, com as academias, com as universidades, com as ordens religiosas, com os prelados, com os soberanos, com os proprios pontifices. D'aqui as insidias multiformes, as ardilezas continuadas, os principios contradictorios, o casuismo subtil, a doblez constante, a acção dissolvente, as maximas perniciosas.»

«A mais concludente e mais irrefragavel sentença da sua condemnação está justamente n'essas maximas, perpetuadas nos livros dos seus principaes doutores; em Bellarmino, em Turriano, em Gregorio de Valencia, em

Soares, em Molina, em Ribadaneira, em Keler, Vasques, Creswel, Lessio, Gretzero, Azor e tantos mais: no famoso *Amphitheatro da honra*, no *Manuale sodalitatis*, nos *Axiomas* de João de Sallas, nás obras de Sanches, n'um catalogo interminavel de escriptos onde se encontra estímulo ou desculpa para toda a rebeldia, para todo o relaxamento, para todas as fraquezas, para todos os attentados.»

«Este sim, que será sempre libello inconfutado e decisivo, não imputavel a prevenção ou antagonismo!»

«A organisação da Companhia, mais politica do que religiosa, a educação com que predispunha os seus membros absorvendo de todo o individuo na corporação, dava-lhe aos cabeças irresistivel persistencia de acção, infinita diversidade de recursos e fôrça incomparavel. Foi-lhe a generalidade da rudeza e ignorancia maravilhoso auxílio. Os seus propositos eram immutaveis como a divisa que adoptára: *sit ut sit aud non sit*. Rodeavam-n'a interêsses comparativamente ephemeros e com frequencia inconciliaveis. O d'ella, permanente e indivizivel, olhando ao longe e superior ás ordinarias restricções da vida humana, ou mutuamente os contrapunha, ou absolutamente os sujeitava. Á execução de um pensamento uniforme e dominante subordinava com prodigioso tacto de apparente inconstancia os instrumentos mais disparatados. Isso tem por vezes illudido observadores superficiaes. Era o seu segrêdo: unidade no conceber, variedade no conseguir. É d'ella o preceito, subversivo de toda a moral, e desgraçadamente invocado ainda por muitos ambiciosos sem alma: «que os fins justificam os meios!»

«Em taes circumstancias, e com taes elementos, fez-se-lhe em breve a ousadia infrene e illimitada a ambição.»

«Acordaram tarde os ciumes das corôas. Assoberbava-as, e fazia-as já tremer a mysteriosa potencia medrada á sua

sombra. Para abalar e desarreigar o colosso foi precisa uma conjuração de reis!»

«Se as tendencias sempre invasoras da Sociedade de Jesus, como ella mesma se chamava, tão audazmente chegou a manifestar-se na Europa ante os olhos dos poderes supremos, claro é que mais desafogadas e soltas se desenvolveriam em colonias apartadas, fóra d'esta poderosa e já desconfiada vigilancia, tendo apenas por fiscal uma authoridade delegada e incompleta, que diversas influencias facilmente podiam submetter ou abrogar.»

«Assim effectivamente succedeu. Podêmos severamente julgar a politica nefasta da Companhia sem recusar o merecido tributo de admiração ao espirito, ao valor, á perseverança e abnegação de não poucos dos seus missionarios. Se a cobiça desmarcada se tornou o movel d'aquella, o desprendimento de todo o pessoalismo era a virtude ordinaria d'estes e a consequencia da sua disciplina.»

«Foram, pois, as missões dos jesuitas util catechese, esfôrço heroico, desbravamento fecundo: com o tempo degeneraram muitas d'ellas em meros centros commerciaes, de que a Sociedade auferia o melhor nos lucros e sobre as quaes exercia pleno dominio e soberania a bem dizer independente, com enorme damno das outras populações, e usurpação notoria dos direitos nacionaes.»

«Entre as missões jesuiticas da America, as de Hespanha e Portugal tinham caracteres differentes. Conheciam bem os padres a indole diversa dos dois povos, e segundo o seu costume por esta se moldavam.»

«Nas provincias brasilicas davam-se por defensores da liberdade dos indios, como incansaveis apostolos de benevolencia e misericordia; e tanto de si o repettiram e apregoaram, que homens doutos e sinceros, com excessiva ingenuidade, o vieram depois a reproduzir. A ostentosa mansidão, que tem contra si provas irrespondiveis, occul-

tava uma especulação rendosa. Os tumultos do Pará, do Maranhão, e outras provincias, contra os padres exprimiam o descontentamento dos concorrentes á exploração colonial, por elles essencialmente lesados.»

«Lesados eram com effeito os colonos e povoadores, porque, apropriando-se os padres dos indios, eram os fazendeiros obrigados com muito maior dispendio a importar braços de Africa para cultivar as terras, o que naturalmente lhes encarecia os productos, de modo que não havia poderem competir com os dos estabelecimentos dos jesuitas. Certo é que a avidez brutal de muitos d'estes fazendeiros, tão deshumanos como inhabeis, secundára poderosamente as usuaes cavillações dos padres, authorisando-lhes a especiosa indignação, e facilitando-lhes o obterem para si todos os beneficios das bullas alcançadas em Roma, e de um regime legislativo, que a bem dizer lhes entregava a população nativa, ficando para os pobres gentios esse regime, que suppunha protegel-os, ordinariamente lettra morta. Certo é que deploraveis erros e vicios tornaram plausiveis os clamores. Mas nem por isso se hade desconhecer que a tarda brandura da Companhia só despertou quando n'isso lhe ia um immenso interêsse inteiramente mundano.»

«Nos principios da colonisação o padre Nobrega escrevia ao governador Thomé de Sousa: «em mentes o gentio não for senhoreado por guerra e sujeito *como fazem os castelhanos nas terras que conquistam*, não se faz nada com elles.» O padre Ruy Pereira notava pelo mesmo tempo: «ajudou grandemente a esta conversão (dos indios) caír o governador na conta, e assentar que *sem temor não se póde fazer fruyto.*» Pouco depois memorava o padre Anchieta: «sobre estes indios já temos sabido *que por temor se hãode converter mais que por amor.*» O padre Vieira comparava-os na sua opulenta phrase ás estatuas de murta

«que nos jardins facilmente se talham á tesoira, mas como as deixem algum tempo á vontade, logo volvem ao natural tortuoso e agreste.»

«Tal conceito provinha exactamente dos mais activos e meritorios missionarios. Concordavam então na necessidade do rigor, e a elle incitavam os primeiros chefes e capitães europeus.»

«As exhortações e apparatos em favor dos indios começaram só quando os aldeiamentos interiores entraram a fructificar, e os padres, cerceando as rendas ao estado, como os governadores ulteriormente representaram, se fizeram administradores de engenhos e monopolios. Nas provincias do sul, onde era mais rara, ou mais difficilmente chegava a escravatura africana, o odio á Companhia crescia naturalmente em violencia. Os resolutos paulistas, costumados a decidirem por si suas contendas, várias vezes forçaram as casas dos jesuitas a condescendencias e pactos que bem claro manifestavam o antagonismo de interêsses entre elles e os povos. N'estas extremidades os padres, tirando partido ainda dos seus privilegios, consentiam n'uma como sublocação dos indios, e quando, apesar de tudo, a actividade dos seculares os affrontava, induziam estes gentios a faltarem aos contractos effectuados, promptos a acudir por elles em nome da humanidade sempre que os locatarios irritados tentavam compellir os fraudadores a satisfazer ás clausulas pactuadas. D'estes repettidos subterfugios nasciam mil complicações, que todas redundavam em maior vexame dos pobres nativos, com todas aquellas cruezas e crimes que ao sertanista Leonel Garcia anteriormente ouvimos contar.»

«Os fazendeiros ponderavam: para que hemos de procurar braços caros, ou sujeitar-nos aos inconvenientes dos contractos, que taes como são muitas vezes se não conseguem sem lucta, quando á mão podêmos haver esses

braços comparativamente de graça? Esta a origem do barbaro uso dos *descimentos* e *amarrações*, que não eram senão numerosas expedições ou bandeiras, feitas em commum, para ir caçar e escravisar indios bravos aos sertões, aonde não chegava a jurisdicção das missões ou dos collegios.»

«As rixas, as invejas, as ruins paixões que muitas vezes tornavam impossivel o exercicio da authoridade, e por toda a parte campeavam sem freio e sem tino, tinham sido tambem em grande parte semente lançada á terra pelos padres com a sua frequente e ousada intervenção no tocante ao poder temporal, e com os enredos e motins que armavam para expugnar qualquer authoridade que lhes quizesse pôr cobro aos desregramentos. Muitas e muitas informações officiaes plenamente o attestam.[1] Tentára o govêrno esclarecido e firme do marquez de Pombal sanar estes inveterados males restaurando o imperio e respeito da lei, assim antes como depois da expulsão dos jesuitas. Desgraçadamente a infecção vinha de longe, e havia-se entranhado profundamente. Se uma salutar severidade logrou parcial e temporariamente, como em Goyaz, restabelecer a boa ordem e conter os discolos, este grande beneficio nem foi geral nem persistente. Não coube no tempo extirpar a gangrena que em muitos chegára ao coração.

«A apregoada liberdade dos indios nos aldeiamentos dos jesuitas pareceria irrisão a homens cujo espirito sinceramente se houvesse illuminado. Por isso não convinha á tradicional precaução dos padres esclarecer os conversos. Que a mais zelosa catechese exercida sobre homens tomados no estado selvagem não conseguisse d'elles senão

[1] Entre infinidade de outras a carta de D. Diogo de Menezes, governador da Bahia, ao rei Filippe de Castella.

amansal-os, podia ter explicação e desculpa. Mas que os filhos, os netos e descendentes dos primeiros neophitos, nascidos, criados e educados sob a tutela dos padres, e com elles os proprios mestiços, que muita vez participavam de sangue europeu, conservassem tanto de boçaes, e nunca passassem d'aquella meia barbarie essencialmente favoravel á sujeição passiva, singularidade é que bem demonstra um plano e premeditação.»

«Sobre facto, de si tão concludente, passa de leve o minucioso Southey com haver-se obstinadamente empenhado em defender os jesuitas, preoccupado provavelmente com a idéa de que se o contrário fizesse o dariam de suspeito por ser protestante, não advertindo que o dever do historiador é não se mover de nenhum cuidado de si, mas unicamente escutar o que lhe dicta a consciencia ante o que os documentos lhe authenticam.»

«Esta, porém, é com effeito uma das mais graves provas contra o preconisado systema. Das artes mechanicas ensinavam os padres aos indios, aos *seus* indios, como elles com muita propriedade lhes chamavam, tudo o que aos estabelecimentos da Companhia era necessario, e não só das artes mechanicas senão tambem de mais altos misteres. Conseguiram assim fazer d'elles tecelões, pedreiros, canteiros, marceneiros, carpinteiros, oleiros, alfaiates, e até esculptores e pintores. Não faltava, portanto, a estes cathecumenos intelligencia susceptivel de todos os desenvolvimentos. Por que sería, pois, que em tudo o que n'outras espheras lhes podia allumiar a razão os deixavam como em perpétua infancia? Ainda mais: por que lhes não generalisavam a lingua portugueza ou hespanhola, segundo o paiz a que nominalmente pertenciam, antes preferiam aprender elles os dialectos barbaros, não já para as primeiras conversões, o que sería indispensavel, mas para uso permanente e commum, o que muito menos se ex-

plica? E não era tambem incapacidade dos indios para fallarem idioma diverso do seu, pois que, além do *tupy*, ou lingua geral, vulgar por todo o sertão, as diversas tribus e nações facilmente se familiarisavam com os termos que ouviam ou precisavam empregar quando se achavam em contacto com gente civilisada.»

«N'aquella constante práctica transluzia evidentemente o proposito de segregar os seus tutelados de quaesquer relações que podessem communicar-lhes idéas diversas das que exclusivamente lhes incutiam. Escravidão em verdade era esta, e a maior de todas, e a mais profunda e completa, porque em trevas encarcerava o entendimento, e até os impulsos da vontade supprimia.»

«Teve sempre a Companhia o segrêdo e o methodo de quebrantar o espirito e o ánimo aos seus educandos, por modo que todos na mão lhe ficassem. Que melhor o não lograria com gente rude e simples como era aquella!»

«A escravidão imposta pelos moradores tinha contra si a franqueza da violencia; a que os padres exerciam, fortemente cimentada no obscurantismo, offerecia á vista menos asperezas. Sendo estes, como eram, muito superiores áquelles em saber, instrucção e engenho, cuidavam do que nem aos outros occorria; isto é, de burnir decentemente as apparencias. Esta a exacta differença.»

«Dois modos empregava a Companhia para segurar os seus captivos, bem melhor do que se os trouxesse acorrentados: o terror das superstições, e uma calculada indulgencia com os vicios das hordas selvaticas em tão ardente clima!»

«Larga existencia tinham tido as missões sem nunca produzirem verdadeiros christãos. Phenomeno era com effeito. Nos primeiros seculos da egreja a doutrinação dos seus ministros havia rapidamente modificado as tribus dos vandalos e dos frankos, não menos barbaras que os gua-

ranis ou os bugres. D'onde procedia a renitencia d'estes? Com assombro se reconheceu que a prolongada catechese apenas implantára algumas prácticas externas do culto, não sem mescla da anterior idolatria, facilmente tolerada. Em vez da moral evangelica, tão comprehensivel por singela e natural, uma serie de lendas complicadas, em que só figuravam sanctos da Companhia, milagres da Companhia, e ostentosas demonstrações da omnipotencia da Companhia, tudo destramente affeiçoado ás grosseiras crendices e rudimental imaginação de taes povos. Quaesquer bemaventurados, que não tivessem tido a fortuna de ser membros da Sociedade, embora canonisados pelos pontifices, eram sem ceremonia expropriados do seu lugar no paraizo, em razão das rivalidades com os missionarios carmelitas e as outras ordens.»

«Pelo lado propriamente religioso os padres pouco mais tinham feito do que substituir-se aos feiticeiros das tribus, e a sua influencia era tanto maior quanto para isso os avantajavam singularmente os recursos da intelligencia e da cultura.»

«Quando o poder secular conseguiu, emfim, entrar nas missões, foi lá encontrar os multiplicados mechanismos do armazem de visualidades melhor provido. As imagens dos sanctos, com olhos, linguas e braços movediços, sem contar outros artificios, eram articuladas e preparadas como para todos os effeitos das phantasmagorias scenicas.»

«A chimica e a physica, sciencias cultivadas sempre com singular esmero pela Companhia, cooperavam tambem para arreigar no espirito credulo da pobre gente, não as verdades amoraveis e consoladoras do christianismo, senão a crença no poder sobrenatural dos seus directores. Dupla e sacrilega fraude, que fazia servir as mais nobres conquistas da razão á perpetuidade do êrro, e os mais venerandos symbolos da fé ao sophisma d'ella!»

«Aos olhos dos rudes neophytos os padres tomavam o lugar dos seus payás e pajés, ou feiticeiros e adivinhos, de quem tremiam como de outros tantos delegados favorecidos de uma divindade tremenda. O charlatanismo vulgar d'aquelles impostores boçaes ficava a perder de vista ao pé das artes de homens cultos. Isso facilitava as conversões, mais determinadas pelo receio do que nascidas da persuasão. Em realidade não se fazia senão mudar de superstições, ou antes do objecto da superstição. Nos proprios vocabularios da lingua brasilica se conservam significativos indicios d'esta assimilação, feita no espirito dos naturaes entre os padres da Companhia e os nigromantes indigenas. Aquelles padres eram designados com o nome de *payábunas*.»

«A famosa *Relacion historial*, do padre Juan Patricio Hernandes, é um dos monumentos mais singulares da extravagancia de invenções com que n'aquellas paragens procurava a Companhia seduzir a credulidade. A sua origem não póde ser confutada. Forjaram, escreveram, imprimiram, publicaram e authorisaram jesuitas este grosseiro tecido de fabulas, que jesuitas mesmo foram obrigados a confessar por fabulas, taes eram e a tanto haviam chegado. O padre Charlevoix, traduzindo a obra trinta annos depois de impressa e divulgada, omittiu e dissimulou todas as circumstancias que lhe pareceram mais difficeis de digerir na Europa culta. E estava-se ainda em meios do seculo XVIII!»

«Que demonstração haverá mais clara e expressiva do que este pio subterfugio?»

«Poderia aquelle ser efficaz ardil para albanar as difficuldades, manter a influencia e segurar o dominio; mas verdadeira conquista religiosa, desenvolvimento civilisador, seguramente não era. Não era, pois que as gerações successivas, como aliás fôra natural, se não iam gradual-

mente distinguindo e ennobrecendo pela proporcional instrucção e mais clara intelligencia das maximas salutares da egreja.»

«D'ahi proveiu que, ao fim de tantos annos de absoluta e exclusiva sujeição á Companhia, os seus aldeiamentos só apresentavam uma população que trocára a fereza selvatica pelo embrutecimento da incommunicabilidade, e a energia nativa pelos pavores pueris, população sem faculdades de iniciativa, sem sentimentos de fraternidade, sem idéa de patria, vendada pelo erro, derrancada pela ignorancia, comprimida pelo artificio, enfastiada da uniformidade, e por isso mais saudosa de licença, incapaz em summa de viver por si, e por isso inhabil para dar futuros cidadãos.»

«Por este methodo obteem-se com effeito instrumentos, mas não se fazem christãos nem homens!»

«Os indios da Companhia serviam para ella, e para mais ninguem, porque mais ninguem podia empregar similhantes meios de os submetter. Dês que lhes abrissem a estufa em que os criava e recatava esta ciosa vigilancia, ou se dispersavam ás primeiras auras bravias, ou succumbiam á inopinada mudança de regime. Não podia deixar de ser. Bem o previam seguramente os atilados padres, e duplicado era o beneficio que d'ahi lhes provinha: não deixavam fôrças vivas que outros utilisassem, e preparavam poderoso argumento em seu favor com a infallivel e inevitavel ruina das missões que tinham feito florescer.»

«O systema da Companhia sería, pois, excellente para os seus interêsses: para os da religião e das nações a quem dizia servir, affoitamente se póde asseverar que não. Pesada escravidão era tambem, e escravidão que só aos seus augmentos aproveitava. Condemnava-a a humanidade, sem que alguma commum utilidade a desculpasse:

Era uma absorpção egoista, que sophismas não podem absolver, pois que a especiosa allegação de desenvolverem assim os padres o commércio, proporcionando a todos vantagens que sem elles não gosariam, é insustentavel perante a mais perfunctoria analyse. Em vez de desenvolverem o commércio, oppunham-lhe monopolios que o suffocavam, e á sombra de exorbitantes privilegiós prejudicavam o estado, privando-o a um tempo de rendas copiosas e dos mais necessarios elementos de actividade.»

«E nem o rigor physico faltava para reprimir nos indios das missões o que a pressão moral acaso lhes deixára por mondar. Em todas ellas, tanto que o influxo firmava o senhorio, se levantava o inevitavel *tronco*, onde qualquer symptoma de indocilidade, a titulo de penitencia, recebia prompta e severa correcção.»

«D'esta maneira se fez com o correr dos tempos pernicioso abuso o que fôra no introito auxiliar fecundo!»

«O Brazil herdou dos jesuitas muitos e formosos edificios, ainda hoje os melhores e os principaes do imperio, na construcção dos quaes empregou a Companhia grande parte dos enormes cabedaes por tal fórma adquiridos e accumulados. Verdade é esta que tambem se não deve esquecer, e por esse lado util se hade considerar a acção da potentissima Sociedade. Similhante compensação, porém, com ser importante, nem remotamente equivale aos lucros cessantes nem aos damnos emergentes d'essa mesma acção essencialmente usurpadora e parasita.»

«Um homem de genio, Sebastião José de Carvalho e Mello, adivinhou em toda a sua extensão os males que alli estava fazendo e ia adiantando a Companhia, e travou-se em temerosa lucta com ella. Era de alma excepcionalmente temperada o concebel-o e ousal-o!»

«O Regulamento de 3 de maio de 1757, conhecido com o nome de directorio dos indios, verdadeiro codigo de

emancipação, foi um dos actos mais importantes e dos feitos mais graves n'esta porfiada contenda. Por elle se retirava aos padres a absoluta disposição dos indigenas, e se faziam estes verdadeiramente membros da communidade nacional.»

«Muitos commettimentos do grande ministro teem sido excessivamente louvados, emquanto este apenas se menciona. Pois nenhum merecia maior apreço e admiração. Transluz em todo elle uma largueza de intuitos, e um espirito de humanidade, e um sentimento de justiça, e uma benevola philosophia, que muito e muito se adiantam ao seu seculo, e tanto honram o homem que assim o concebeu como o paiz em que foi promulgado.»

«Quando em Portugal se não qualificar de superfluo tudo o que interessa devéras a sua honra e bom nome; quando as paixões miserrimas, que tantas coisas confundem e desfiguram, nos não empoeirarem o horisonte; quando a politiquice dos politiqueiros permittir que tractemos seriamente do que é serio; quando, emfim, com os documentos na mão, pensarmos em revindicar, perante os concilios illustrados da Europa, o lugar de que a alheia vaidade e a nossa propria incuria injustamente nos trazem esbulhados, será este codigo um dos muitos titulos, e um dos mais valiosos, com que poderemos e deveremos apresentar-nos a instruir e evidenciar o nosso direito de primazia em assumpto que outros hoje sem razão se desvanecem de ter iniciado.»

«Desgraçadamente as suas justas e beneficas provisões foram a bem dizer annulladas; em parte pela dissolução dos costumes; em parte pelo estado de apathia em que os habitantes dos aldeiamentos foram encontrados; em parte porque os encarregados da sua execução mal podiam entendel-o e medir-lhe o alcance; em parte, finalmente, pela resistencia dos padres.»

«Esta resistencia, então dissimulada, annos antes havia-se abertamente manifestado em sublevação armada contra as ordens e as tropas das duas côrtes de Madrid e Lisboa; e começando a abrir os olhos aos governos peninsulares, viera de certo a influir gravemente na resolução de expulsar a Companhia dos dominios de ambas as coróas.»

«O tractado de limites de 1750 levára em 1752 aos territorios das missões hespanholas os commissarios das duas nações, encarregados de traçar a linha divisoria da fronteira americana. Os commissarios não poderam então passar das nascentes do Rio-Negro, porque se lhes oppozeram os indios, instigados pelos jesuitas em nome de um phantasma de rei indigena, por nome Nicolau, que subitamente se apresentou declarando-se senhor do paiz. Entidade era esta perfeitamente desconhecida até alli, em tudo destoante dos costumes gentios, pura creação dos padres para soar ao longe a quem ignorasse os usos d'aquellas terras, e testa de ferro inventada para servir de pretexto e disfarce á ousada rebellião, proporcionando-lhe evasivas em caso de mallôgro.»

«Não iam os commissarios prevenidos, e tiveram de retroceder. Os dois governos indignados enviaram instrucções terminantes e marcharam fôrças militares para debellar de vez os insurgentes. Em principios de 1756, depois de vencidas largas fadigas e infinitas difficuldades, reuniram-se uns tres mil homens portuguezes e hespanhoes nas cabeceiras do Rio- Negro, os primeiros ás ordens de Gomes Freire de Andrada, depois conde de Bobadella, varão em tudo insigne, heroe do poema do Uruguay; os segundos sob o commando de D. José de Andonaegui, governador de Buenos-Ayres. Das cabeceiras do Rio-Negro marchou o pequeno exercito combinado ao rumo do noroeste, por sertões mal trilhados, contra os povos desobe-

dientes. No terreno que medeia entre os ribeirões Vacahy-guassú e Cacique-y sairam os indios reunidos das missões visinhas a tomar o passo a estas fôrças, em som de guerra e em número quatro vezes superior. Os padres tinham-se feito capitães e generaes, espingardeiros e artilheiros, manobristas, estrategicos e tacticos, disciplinando, dirigindo, instruindo os neophytos no uso das armas, municiando as peças, provendo, emfim, como se o breviario se lhes tornára em compendio bellico, tanto a Companhia costumava precaver-se com homens para tudo, ou tanto o interêsse da corporação incitava esses homens.»

«Feriram-se diversos recontros, até serem afinal derrotados os indios, conservando-se ainda o padrão do memoravel desbarate.»

«Nada menos foi preciso para n'aquelle ponto se chegarem a cumprir as clausulas do tractado!»

«Perdêra a Companhia o pleito; mas nem por isso esmoreceu. A fixação dos limites, determinando o direito e posse das duas potencias sobre os territorios que ella de facto dominava, annullava-lhe legalmente a soberania práctica e suscitava os mais graves estorvos á execução dos seus évidentes plános. Convinha-lhe sobretudo o ignoto e o vago nos vastos terrenos onde ia reunindo uma população educada por ella e que só via pelos seus olhos. Com este centro já poderoso, e em breve talvez inexpugnavel, com a rede habilmente emmalhada pela America, bem podia vir perto o dia em que os seus padres, mais devéras senhores que os senhores nominaes, arrojassem fóra a máscara por escusada, e expoliando quem tão cegamente os patrocinára, podessem impunemente desafiar as iras tardias dos incautos desapossados. Para corroborar e justificar o feito não lhes faltariam argumentos.»

«Fôra ainda prematuro o ensaio das armas, e a Companhia, com a sua usual e costumada pericia, torceu o ca-

minho e o ataque. Transferiu para as proprias côrtes o principal campo da lucta, emquanto por todos os modos continuava a promover as difficuldades locaes, aproveitando as muitas que já offerecia a natureza e o solo. Pozeram-se em campo os seus adeptos e secretos agentes, e começaram a estimular os ciumes e desconfiança das duas nações contra o tractado. Em Hespanha pintavam-n'o inteiramente favoravel a Portugal; em Portugal descreviam-n'o exclusivamente proficuo á Hespanha. É decrepito e vulgar o estratagema, de ordinario, porém, bem succedido, como tudo o que mais falla á paixão que ao bom senso. Picou-se o amor proprio e a rivalidade dos que podiam dar informação competente: entraram a discretear, segundo o costume, os que absolutamente ignoravam a materia; intervieram os sinceramente transviados por capciosas insinuações; exaltaram-se os patriotismos interesseiros e postiços, como geralmente succede n'estas occasiões. Tudo isto iam utilisando para soprar mais e mais a discordia uns zelos officiosos cuja procedencia bem se póde inferir.»

«A poucos passos ningem se entendia. Era o que os jesuitas queriam.»

«Conseguiam, entretanto, elles em Madrid, com differentes pretextos na apparencia estranhos ao assumpto, fazer substituir, nas provincias que mais lhes importavam, as authoridades que os haviam combatido por outras da sua parcialidade. Na laboriosa prosecução dos respectivos trabalhos os commissarios achavam as aldeias das missões constantemente desamparadas, em virtude da mais clara premeditação. Originaram-se d'estes factos novas complicações, allegações, demoras e impossibilidades, que serviram para desacreditar o pacto effectuado e augmentar as mútuas indisposições.»

«Tal se tornou por fim a confusão, tantos foram os enredos, contradicções e clamores, multiplicaràm-se de arte

os obstaculos á demarcação, que as duas corôas, apesar da sua boa fé e empenho em cumprir o estipulado, cansadas, enfadadas, vieram a perder toda a esperança de accôrdo que podesse conciliar os descontentes. D'ahi procedeu a ulterior e funesta resolução de cancellar o tractado, repondo tudo no estado anterior.»

«Assim triumphavam na Peninsula os jesuitas vencidos no Uruguay, e estes assignalados exitos da sua politica, em lance tão arriscado e tão renhido certame com os podêres supremos, naturalmente os alentára em novas, se bem que mais cautelosas, desobediencias, facções e repulsas.»

«Não era, porém, o futuro marquez de Pombal homem que se acobardasse ou desistisse do que emprehendia. A revólta das missões e o turbulento litigio que se lhe seguíra tinham-lhe feito conhecer o podêr immenso dos jesuitas na America, e dado occasião o estudar os segredos e importancia da sua vasta influencia na Europa. Aquellas vigorosas tentativas do ministro em favor do estado, sendo em detrimento d'elles, tinham-n'os movido a declararem-se-lhe em opposição formal e desesperada, costumados como estavam a derribar todos os podêres adversos, conhecedores da propria fôrça e certos de vencer, na fórma ordinaria, com os muitos recursos e variados meios de que dispunham. Na successão d'esta pessoal contenda viu-se ainda de mais perto o trama e o precipicio; e o proprio soberano chegou a conhecer que duello de morte era aquelle em que ou um ou outro dos adversarios forçosamente havia de succumbir. Ou a jactancia da Companhia, animada por longos sorrisos da fortuna, lhe fez presumir que faltaria a Sebastião José de Carvalho o ánimo e a possibilidade de descarregar qualquer golpe decisivo, ou contava desfazer-se do antagonista ainda a tempo. Se previsse que tão cedo lhe faltaria a arena e a victória, de certo se houvera composto sejeitando-se, até ver desfeita a procella.»

«Postoque o curato de almas, exclusivamente exercido pelos jesuitas nos seus aldeiamentos, fosse contrário á regra expressa do seu proprio instituto: — *interdicimur etiam suscipere curas parochiales animarum*, os padres da Companhia, com damno e descredito do clero regular, bem como das demais ordens a quem sempre hostilisavam, reluctaram quanto poderam em entregar as parochias a outros ecclesiasticos, e quando já não tiveram mais recurso empenharam os muitos meios que para isso ainda lhes sobravam, em semear a desunião e a sizania entre aquelles mal domesticados rebanhos e os seus novos pastores.»

«A cubiça e desregramento dos fazendeiros, especialmente em algumas provincias, concorreram tambem com estas causas, deve-se dizer, para exacerbar as turbações e a ruina d'aquelles estabelecimentos.»

«Nos designios da Companhia direcção espiritual e jurisdicção temporal haviam-se feito synonimos; por isso não admira que empregasse eguaes esforços em favor de uma e outra, e a miude as confundisse. A lucta n'este último ponto era antiga e dactava da provisão de 12 de setembro de 1663, que muito positivamente retirára aos seus padres essa jurisdicção, apesar das diligencias e prestigio de Vieira. Tendo sempre conseguido illudir, frustrar ou fazer revogar todas as determinações régias passadas n'este sentido, cuidavam estes do mesmo modo baldar os novos e successivos actos do govêrno da metropole.»

«Uma das manifestações em que mais significativamente se patenteou o espirito e intuitos da Companhia de Jesus foi a guerra que do pulpito moveu contra as companhias commerciaes, que o ministro por este tempo fundava e protegia afim de desenvolver a natural riqueza do paiz. Um jesuita, o padre Ballester, para afastar os povos de concorrerem a estas uteis associações e emprezas, vocife-

rava:—que todos os que entrassem n'essas companhias não estariam com a de Christo!»

«Grave imprudencia era esta, sobretudo addicionada á que a Sociedade tinha commettido, como vimos, em querer sustentar com a fôrça a jurisdicção disputada, e em mostrar os resultados practicos do seu dominio. A revôlta das missões revelára um começo de exercito e um começo da marinha em via de organisação nas provincias que bem se podiam já chamar jesuiticas. Sebastião José de Carvalho, além d'isso, tinha em seu irmão, o official da armada Francisco Xavier de Mendonça, commissario principal da demarcação de limites, e governador do Gram-Pará e Maranhão, antigos centros de repettidas agitações, um zeloso informador e firme auxiliar que bem sabía aquilatar o que tudo isto valia, e não deixava aos agentes da Companhia occasião e lezer de apertarem a urdidura.»

«As continuadas inquietações que por todos os modos e de todos os lados a cada passo renasciam e se multiplicavam, decidiram, emfim, o audaz ministro; e removidos os ultimos escrupulos e hesitações del-rei surgiu inopinadamente o famoso alvará de 3 de setembro de 1759, que expulsava os membros da Sociedade de Jesus de todo o reino e senhorios de Portugal, exemplo que seguiram consecutivamente a França, a Hespanha e a Russia, até ser decretada em Roma a suppressão da Ordem.»

«A execução d'este alvará no Brasil, ainda descontando as exaggerações dos interessados, póde ser reprehendida de excessivamente violenta, postoque os odios com mão larga semeados pêlos padres da Companhia tivessem grande parte na dureza e rigor com que effectivamente os tractaram, e a experiencia do passado aconselhasse precauções energicas. As consequencias, porém, d'essa expulsão foram eminentemente favoraveis e proveitosas aos povos.

Bastava a desamortisação dòs immensos terrenos que elles exclusivamente usufruiam e immobilisavam.»

«Em 27 de março de 1767 partíra de Madrid a ordem de expulsar tambem os jesuitas das possessões da corôa catholica, e esta ordem fôra executada com estreita severidade e apparato militar, egual consequencia das resistencias anteriores.»

«Os defensores da Companhia censuraram asperamente aquelle apparato, extasiando-se ao mesmo tempo ante a evangelica mansidão com que os padres se sujeitaram á sua sorte, quando se lhes acautelaram os meios de procedér de outro modo. Tão ingenuo enthusiasmo commenta sufficientemente a justiça e imparcialidade das lástimas e estranhezas. O exemplo, não muito distante, da sublevação das missões do Uruguay estava claramente indicando o que sería esta submissão sem aquelle malquistado apparato, antes justa e opportuna previdencia.»

«Não é novo, como se vê, o ardil de ridiculisar o desenvolvimento da fôrça quando esse desenvolvimento previne e estorva as sedições.»

«Sentiram duplicadamante os jesuitas este segundo desastre. Sentiram-n'o porque lhes levava a última esperança de restaurar o seu podêr na America, e porque lhes vinha d'onde menos o esperavam. Sabido é como os membros da Companhia não teem nação. Pertencem á Ordem *perinde ac cadaver*. Como se não tiveram vida, muito mais como se não tiveram berço. Mas da Hespanha lhes viera sempre a maior protecção, e as mesmas concessões e privilegios que nas provincias portuguezas do Brasil lhes tinham dado tão grande preeminencia, influencia e riqueza, das mãos dos Filippes os haviam obtido. Isto naturalmente os inclinava a Castella quanto podiam sem se desviarem do proprio interêsse, não contando que nos territorios d'esta potencia tinham os seus mais consideraveis e poderosos es-

tabelecimentos, tão poderosos e consideraveis que da parte d'elles se constituiu a que hoje se chama republica paraguaya. Natural era, pois, que sobretudo lhes doesse esta para o seu futuro verdadeira catastrophe, e não podessem d'alli desviar os olhos. Eram aquelles os seus fortissimos reductos. D'esses recintos poderiam novamente ameaçar e reconquistar os antigos dominios por todo o continente americano. Imagine-se, portanto, com que pezar os veriam sair-lhes das mãos!»

«As missões hespanholas, vulgarmente designadas com o nome bem caracteristico e apropriado de *reducções*, estavam então sendo regidas por administradores especiaes no tocante ao temporal, e no espiritual por frades das ordens mendicantes, ou clerigos seculares na falta d'estes. Em geral entendiam-se todos mal uns com os outros. Para os indios era um mundo novo e estranho, que as exclusivas idéas em que tinham sido educados lhes fazia parecer monstruoso e sacrilego.»

«A Companhia, proscripta mas não extincta, nada d'isto ignorava nem o perdia de vista. Um grande número de jesuitas expulsos da America refugiára-se em Faenza e Ravena. Os mysteriosos cabeças da Instituição procuravam pacientemente, clansdestinamente, pouco a pouco e passo a passo recompor as malhas violentamente rôtas. Mudára a Ordem supprimida o nome e as apparencias; a sua constituição, porém, continuava inalteravel, sem esmorecerem os obreiros no lavor obstinado. Immensas tinham sido as perdas materiaes, mas a influencia não succumbíra de todo. Fizera-se unicamente mais cautelosa e dissimulada. Não podia apparecer á luz; minava o solo. Não podia mostrar a roupeta; variava o trajo.»

«Dispersára a tempestade os membros ostensivos e conhecidos da Companhia; mas os filiados, os adeptos leigos, os dependentes que sabía ter seguros por mil fios invisi-

veis, esses ficaram onde estavam, instrumentos doceis, por necessidade obedientes á potencia occulta.»

«A alma da Companhia sobrevivêra ao corpo mutilado!»

«D'aquelles secretos instrumentos se servia ella, apesar da suspicaz e prevenida vigilancia dos governos, para trazer vigiados os estabelecimentos que não deixára de considerar seus.»



INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS N'ESTE TOMO

ERRATA

PAGINAS	LINHAS	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
9	19	coração	o coração
10	24	criterios	criterio
13	22	proprietatarios	proprietarios
15	29	sypathias	sympathias
23	24	respeitam	respeita
63	17	*tamogos*	*tamoyos*
70	17	presevrasse	preservasse
72	24	intoleravais	intoleraveis
81 nota	última	*R*, *in fins*	*B*, *in fine*
91	31	d'este	d'aquelle
102	4	é foi	e foi
109	27	n'aquellegar	n'aquelle lugar
110	23	vicente	Vicente
114	15	que	a que
123	28	*Boirangaoba*	*Boirangoaba*
128	18	guerra	guerras
153	27	Porto-Beguro	Porto-Seguro
154	18	ouvida	ouvido
223	13	os trasladei	as trasladei
225	31	fim da trevoada	nofimdatrovoada

OBRAS

DO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL

Locubrações — 1 tomo.
Pantheon Maranhense — 4 tomos, á venda o 1.º tomo.

NO PRELO

Segundo e terceiro tomos do **Pantheon Maranhense.**
Segundo e último tomo dos **Apontamentos para a História dos Jesuitas no Brasil.**



LISBOA
TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO
31 RUA DA CRUZ DE PAU 31



